

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

DM
FERR/LP.1

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

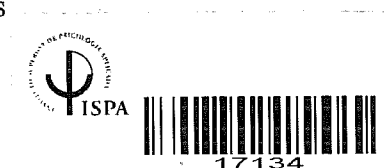
Parentalidade e Problemas de Comportamento

Liliana Paula Namora da Costa Ferreira
N.º 11305

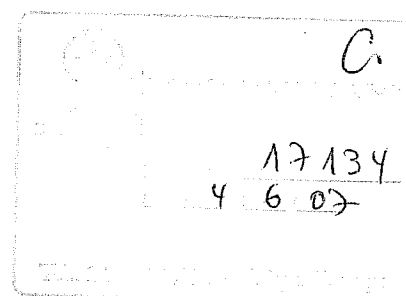
ORIENTADOR: Professor Doutor António Pires

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Professor Doutor António Pires

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



2005



Agradecimentos

Ao apoio e orientação do Professor Doutor António Pires, que me ajudou mesmo quando já não tinha tempo e dever de o fazer

À Associação Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Mafra (APERCIM), onde me foi permitido fazer a recolha da amostra para este estudo e a minha «casa» de trabalho,

Aos utentes que contribuíram para o mesmo, dando-me o seu tempo e disponibilidade,

A todos que me incentivaram fazer este projecto,
que me apoiaram quando necessitava,
que me animaram nas alturas mais difíceis
e que ajudaram a terminar, fazendo o papel de editores e revisores desta obra.

Obrigada...



Resumo

A maioria dos estudos realizados sobre Problemas de Comportamento em crianças com idade escolar apresenta a parentalidade como um dos factores de risco para o desenvolvimento destes problemas. No entanto poucos foram os estudos que incidiram sobre os pais destas crianças; assim, o objecto do nosso estudo foi tentar compreender os pais destas crianças, as suas características e preocupações.

Foram realizadas catorze entrevistas semi-estruturadas a mães de crianças com problemas de comportamento encaminhadas pelos professores para a consulta de Avaliação Psicológica num Projecto de Intervenção Comunitária de Escola Inclusiva. Foi-nos possível enquadrar doze destas crianças no quadro de Perturbação de Oposição (DSM – IV). As crianças apresentam uma idade média de 8 anos tinham idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, de ambos os sexos. As mães apresentam uma idade média de 36 anos, com idades compreendidas entre 25 e os 48 anos. Oito destes casais encontram-se divorciados ou separados, entre os quais quatro já constituíram novas famílias, encontrando-se as restantes casadas.

Estas entrevistas foram depois transcritas e analisadas com base na Grounded Theory, construindo-se uma teoria dinâmica.

Concluimos que estas mães apresentam características do quadro de personalidade dependente (DSM – IV), que em conjunto com a ausência da figura paterna da dinâmica familiar, contribuem para a formação de uma relação de dependência com os filhos, que não lhes permite impor as regras de conduta. As crianças acabam por ser imaturas, com dificuldades em lidar com a frustração, descontrolando-se emocional e comportamentalmente como resposta a este tipo de relação.

Palavras-chave: Problemas de Comportamento; Crianças; Parentalidade

Abstract

In the majority of the studies on Behaviour Problems in school-age children, parenthood is nominated as a risk factor to the development of these problems. In spite of the existence of these studies very few were made about these parent's characteristics and their worries; therefore our goal was to study this specific context inferring new information on these parents' characteristics and worries.

It was made a set of fourteen semi-structured interviews on target mothers of children who were sent by teachers to a Psychology Evaluation within the Inclusive School Community Project (Projecto Comunitário de Escola Inclusiva). Twelve of these children had all the characteristics of Oppositional Behaviour, according to the DSM – IV. Their ages were between six and ten years old, of both genders. The mothers have an average of 36 years old, with ages between 25 and 48 years old. Eight of these couples are divorced or separated; of these eight, four have form new families.

The interviews were transcribed and analysed based on the Grounded Theory Method to construct a dynamic theory.

It was concluded that these mothers have some of the characteristics of a Dependent Personality (DSM – IV) which along with the absence of the father figure from the family dynamics contribute to form a dependence relationship with their child, which does not allow them to impose rules of conduct. As a result of this kind of relationship the child becomes immature, with difficulties to deal with frustration, leading to emotional and behavioural outbursts.

Key Words: Behaviour Problems; Children; Parenthood

Índice

I - Introdução	p 1
II - Enquadramento Teórico	p 3
II. 1. Parentalidade	p 3
II. 2. Problemas de Comportamento	p 5
II. 3. Problemas de Comportamento e Dificuldades de Aprendizagem	p 9
II. 4. Factores de Risco	p 15
II. 5. Parentalidade e Problemas de Comportamento	p 24
III - Formulação do Problema	p 32
IV - Método	p 35
IV. 1. Participantes	p 35
IV. 2. Procedimento	p 36
IV. 3. Análise dos Dados	p 36
V - Resultados	p 38
VI - Discussão	p 45
VII - Referências Bibliográficas	p 49
Anexos	p 60

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos I		p.	61
Anexo A -	Listagem das Categorias		p. 62
Anexo B -	Memorandos		p. 76
Anexos II		p.	147
Anexo C -	Entrevistas		p. 148
	Entrevista 1		p. 149
	Entrevista 2		p. 162
	Entrevista 3		p. 173
	Entrevista 4		p. 195
	Entrevista 5		p. 226
	Entrevista 6		p. 246
	Entrevista 7		p. 259
	Entrevista 8		p. 271
	Entrevista 9		p. 289
	Entrevista 10		p. 304
	Entrevista 11		p. 321
	Entrevista 12		p. 333
	Entrevista 13		p. 348
	Entrevista 14		p. 361

I - Introdução

A literatura em geral distingue «*Problemas de Comportamento*» em «Problemas de Exteriorização de Comportamentos» e «Problemas de Interiorização de Comportamentos». Estes têm início cedo na infância e podem prolongar-se até à adolescência. Existem numerosos estudos efectuados com crianças com problemas escolares mas estudos sobre os pais destas crianças são poucos, em especial em Portugal; aliada à falta de informação sobre este tema, junta-se a nossa realidade social e escolar, onde aumentam o número de problemas de comportamento, perturbando a aprendizagem destas crianças e das suas colegas, bem como o normal funcionamento das aulas.

Por definição, desenvolvimento é caracterizado por mudanças no comportamento. Quer seja a fase do nascimento, das primeiras palavras, dos primeiros passos ou da entrada para a escola, novas etapas vão surgindo e exigindo posturas diferentes aos pais; a nível familiar, o desenvolvimento das crianças traz também a necessidade de sucessivas adaptações. Com a idade escolar, por volta dos seis anos, as crianças já são capazes de exprimir as suas vontades e intenções verbalmente; são mais activas e pró-sociais. Também é uma fase de mudança para as crianças, sendo-lhes imposto maior disciplina e concentração do que anteriormente lhes era pedido. Surgem ou acentuam-se problemas que são expressados a nível de comportamentos, quer na sala de aula quer fora desta.

Dada a influência do papel dos pais nos resultados de uma intervenção psicológica realizada com as suas crianças, quisemos conhecer melhor os seus sentimentos perante as dificuldades sentidas pelos filhos. O cumprimento deste objectivo poderá permitir aos profissionais da Saúde e da Educação uma intervenção mais eficaz no contacto e apoio às crianças e suas famílias, bem como o delineamento de projectos de intervenção primária e secundária para esta problemática. Ao longo dos anos, em especial nas últimas décadas, o papel dos

pais tem estado em constante mudança, enquanto lhes são feitas cada vez mais exigências, ao tentar conjugar vida profissional, social e familiar. Estas sucessivas mudanças acarretam repercussões na dinâmica familiar, que necessitam de ser geridas, pondo em cheque o papel de cada um, inclusive o dos filhos. Torna-se necessário repensar e actualizar os papéis de cada um.

A necessidade de investigação neste domínio é cada vez maior. Os estudos efectuados sobre esta temática são reduzidos, embora existam vários que contemplam principalmente as idades mais baixas, entre os dois e os cinco anos. Também existem estudos com adolescentes, que apelam a uma retrospectiva sobre os comportamentos, mostrando a continuação destes distúrbios, tal como apontam os resultados de alguns estudos longitudinais. Fica de fora uma faixa etária muito importante, a dos 6 aos 12 anos. Para algumas crianças, é com esta idade que fazem o primeiro contacto com a sala de aula e a disciplina inerente, uma vez que não frequentaram o jardim-de-infância; tomam também mais contacto com os seus pares. Quanto a estudos sobre a população portuguesa, deparámo-nos com o cenário acima descrito: dos poucos efectuados, a maioria não incide sobre pais de crianças do Ensino Básico. Pais e professores questionam-se sobre o comportamento destas crianças, encontrando-se por vezes sem resposta para dar a estes problemas. É nosso objectivo compreender os pais destas crianças: como pensam, o que sentem, como gerem estes problemas..., dando-nos a oportunidade desenvolver estratégias para ajudar pais e crianças a ultrapassar as suas dificuldades. Surgem então várias perguntas sobre estes pais: como são estes pais? Como é que lidam com os problemas escolares dos seus filhos? Que pensam sobre isso? Como reagem? Como gerem? O que os preocupa? Há algo em comum entre eles?

II – Enquadramento Teórico

II. 1. Parentalidade

O desenvolvimento de uma criança está dependente do ambiente que a rodeia e das respostas que dele obtém. Assim sendo, os pais, geralmente os prestadores de cuidados, são uma parte importante da vida da criança na medida em que também vão responder às suas solicitações permitindo-lhe o seu desenvolvimento. Rutter (1989, in Pires, 1990) define «comportamento parental» pelo conjunto de cuidados fornecidos à criança. São incluídos nestes cuidados um ambiente adequado ao seu desenvolvimento e as respostas dadas à criança no que diz respeito às interacções sociais, às suas necessidades aos seus pedidos e aos comportamentos disruptivos. Podemos então dizer que as respostas dadas pelos pais à criança fazem parte desta panóplia de comportamentos, respostas estas que têm de ser sucessivamente adaptadas de modo a adequarem-se ao crescimento da criança, na resolução dos seus problemas, na reacção perante as situações adversas e de stress e, conseqüentemente no uso da disciplina. De acordo com o autor acima citado, o comportamento parental vai influenciar fortemente o desenvolvimento equilibrado da criança, i.e., as estratégias utilizadas como meios de coping e as respostas dadas às necessidades das crianças vão afectar o seu desenvolvimento harmonioso. Para isso, as respostas dadas têm de ser adequadas às solicitações presentes das crianças, que têm em conta as suas necessidades e o seu desenvolvimento (Skinner, in Pires, 1990).

Contudo, sempre que surgem factores disruptivos que interferem nas dinâmicas familiares, tais como situações e contextos de risco, o papel parental pode ser afectado e alterando toda a dinâmica familiar. O desequilíbrio transitório que se cria quando o pai não compreende os sinais da criança faz emergir a situação de risco; esse desequilíbrio obriga o comportamento parental a ser

alterado afim de se poder adaptar à nova situação dando lugar à homeostase. É difícil prever os comportamentos parentais perante situações de risco, uma vez que o comportamento depende de factores tão variados quanto a personalidade (da criança e dos pais), o contexto situacional ou a dinâmica familiar (Belsky, 1981), para apontar apenas alguns.

Sendo de enorme importância o papel dos pais no funcionamento e desenvolvimento psicossocial da criança, queremos aprofundar como é sentida e gerida pelos pais uma situação considerada de risco e potencialmente disruptiva para toda a dinâmica familiar.

II. 2. Problemas de Comportamento

O ambiente onde estamos pede-nos constantemente respostas adaptativas de modo a que haja um equilíbrio dinâmico, i.e., em permanente mudança; parte destas respostas surgem na forma de comportamentos. Ao longo do nosso desenvolvimento os comportamentos vão mudando e algo que era ajustado em determinada época da nossa vida pode deixar de o ser posteriormente. De acordo com Novak (1996), o comportamento de uma criança é considerado problemático quando este (ou a sua personalidade) não vai ao encontro das expectativas dos pais.

O comportamento constitui uma das medidas do ajustamento psicossocial, o que implica que se podem considerar como respostas «desajustadas» as que são atípicas para qualquer idade e sexo, como por exemplo, os problemas em dormir ou os choros frequentes são comportamentos que são considerados difíceis em crianças muito pequenas (Novak, 1996); embora estes tenham tendência a diminuir com a idade, nem sempre isso acontece, o que nos obriga a levar em consideração a continuidade destes distúrbios ao longo do tempo (Shaw, Gilliom, Ingolfsby & Nagin, 2003). Com a entrada para a escola, os problemas passam a ser definidos em termos de Problemas de Comportamentos de Internalização e de Externalização. *“Estudos sobre a continuidade e a descontinuidade dos problemas de comportamento deve considerar a natureza dinâmica do comportamento infantil* (Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli & Walsh, 1998). Segundo Olson, Bates, Sandy e Lanthier (2000) as problemáticas mais comuns e persistentes a nível de comportamentos desajustados na infância são a impulsividade e a agressividade, acarretando consequências sérias não só para as próprias crianças como também para os seus pais e professores, entre outros.

Para um comportamento ser considerado psicopatológico, ele tem de se inserir nos critérios usados para se fazer um diagnóstico. Marinheiro e Lopes (1999) consideram 5 critérios de avaliação de Distúrbios de Comportamento:

adequação à idade, número de problemas, tipo de problemas, duração e severidade. Isto significa, como já foi referido, que alguns dos sintomas adequados numa idade podem não o ser se estiverem presentes noutra idade, como por exemplo as alterações de humor presentes numa criança de 8 anos não são supostamente tão frequentes como numa de 18 meses. Também é preciso considerar se o comportamento é transitório (uma reacção a algum acontecimento) ou se se trata de algo mais permanente, isto porque para um comportamento ser considerado psicopatológico é necessário que este seja mais reiterado, intenso e que traga maior instabilidade à criança e família. Este último critério é importante pois nem todas as famílias privilegiam o mesmo tipo de comportamentos. Quanto mais grave for, mais tempo durar e maior for o número de comportamentos problemáticos, maior a probabilidade de se tratar de um Problema de Comportamento. Quando analisamos a literatura em geral, encontramos dois grandes grupos que reúnem os Problemas de Comportamento em dois tipos: os de *Expressão Interiorizada* e os de *Expressão Exteriorizada* (Fonseca et al., 2000). Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli e Walsh, (1998) definem Problemas de Comportamento de Internalização e de Externalização com base na literatura geral. Assim, os problemas de externalização incluem problemas com a atenção, hiperactividade, impulsividade, comportamento desafiante ou de oposição e problemas de conduta, enquanto que os de internalização consistem em ansiedade, humor deprimido, entre outros. Embora a estabilidade destes problemas tenha sido estabelecida, através de vários estudos com amostras de várias idades (desde 3 anos até aos 17 anos), ainda não foi estabelecido os marcos que assinalam, durante os primeiros anos de vida, a existência de problemas de comportamento posteriores. Assim, na primeira categoria incluem-se sintomas que reflectem um auto-controlo excessivo, enquanto que na segunda os sintomas apresentados traduzem um baixo auto-controlo. Os estudos longitudinais que acompanham o desenvolvimento infantil calculam que cerca de metade das crianças envolvidas nos estudos demonstram a continuidade dos problemas até à adolescência. Segundo Brehaut, Miller, Raina & McGrail (2003) os rapazes têm maior tendência a serem diagnosticados com

problemas de Comportamento do que as raparigas, bem como as idades mais comuns são as que se situam entre os 5 e os 14 anos.

Dentro das duas grandes categorias da psicopatologia, a pesquisa tem incidido principalmente sobre problemas de exteriorização de comportamentos, uma vez que sintomas como a ansiedade e a depressão chamam menos a atenção, excepto na sua forma extrema; por outro lado, os problemas de externalização são definíveis por comportamentos observáveis e concretos enquanto que os de internalização necessitam de métodos de mensuração mais fiáveis, o que se torna mais complicado em idades muito jovens. Os problemas de comportamento podem ser identificados durante os primeiros anos de vida e de acordo com Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli e Walsh (1998) embora exista uma estabilidade nos problemas de comportamento precoces, há possibilidades de mudanças positivas o que também é importante para o desenvolvimento de programas eficazes de intervenção primária e secundária. Os esforços de prevenção terciária não têm sido eficazes de uma forma consistente, em especial para crianças com problemas que provêm de ambientes de baixo nível económico. Um passo importante é a identificação dos factores de correlação entre as dificuldades emocionais e de comportamento na infância e o ambiente.

O comportamento é um factor dinâmico, o que associado à falta de clareza na conceptualização, torna por vezes complicada a construção de medidas fidedignas que permitam a sua avaliação. Têm sido utilizados dois métodos de recolha e análise de dados para classificar e estudar os Problemas de Comportamento, os métodos qualitativos e os quantitativos. No primeiro inserem-se os estudos realizados quer com pais, quer com professores, utilizando questionários que medem os distúrbios, i.e., atribuem um valor numa escala. Um dos questionários mais utilizados é o CBCL 4/18 – Child Behavior Checklist para crianças dos 4 aos 18 anos – de Achenbach (1991), com vários estudos em diferentes países e culturas. São utilizados dois tipos de taxonomias classificativas em psicopatologia infantil, a categórica e a dimensional, sendo representadas pelo DSM – IV pela escala desenvolvida por Achenbach, respectivamente; esta última

assenta nos resultados recolhidos para identificar e despistar problemas de comportamento, ao passo que o DSM – IV constitui um sistema de diagnóstico. O CBCL 4/18 disponibiliza um resultado global, bem como os resultados de oito sub-escalas, permitindo constituir um perfil das crianças e das áreas em que o seu comportamento é ajustado ou desajustado. Na sua adaptação para a versão Portuguesa é designado por Inventário do Comportamento da Criança para Pais (ICCP). Também a Escala Revista de Conners para Pais é outro dos instrumentos muito utilizados (Oswald, Cohen, Best, Jenson & Lyons, 2001).

Quanto a estudos qualitativos a maioria deles são feitos com base em análise de entrevistas a mães (prestadores de cuidados) e professores, tendo em conta que são os estes os adultos que mais tempo passam com as crianças. De acordo com Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira e Cardoso (1994) “(...) *a técnica do questionário é de longe a mais utilizada.*” (p.55). De acordo com o estudo de Herjanic e Reich (1997) mães e crianças geralmente concordam no que diz respeito à severidade do problema, quando este é concreto e observável, tornando a entrevista um método fiável de recolher informação. Embora tenha sido bastante utilizado, alguns investigadores apontem limitações a este método (Sawyer, Streiner & Bghurst, 1998), tais como os comportamentos das crianças ocorrerem em contextos diferentes (escola e casa) o conhecimento que os pais já possuem sobre os seus filhos possa vir a influenciar a sua opinião sobre os problemas actuais ou ainda que a angústia sentida pelos pais devido aos problemas das suas crianças poder influenciar ou mesmo distorcer os seus relatos. Contudo, estes autores consideram que este efeito é pouco significativo. “*Os resultados sugerem que a angústia materna e paterna têm apenas um pequeno efeito nos relatos dados pelas mães e pais sobre os problemas emocionais e comportamentais das suas crianças*” (Sawyer, Streiner e Bghurst, 1998)

II. 3. Problemas de Comportamento e Dificuldades de Aprendizagem

A relação entre problemas de aprendizagem e problemas de comportamento é de influência mútua e andam muitas vezes associados (Trout, Nordness, Pierce & Epstein, 2003). Os estudantes com distúrbios emocionais experienciam grandes problemas a nível escolar (em áreas como a leitura e a escrita) e maiores dificuldades em prosseguir os estudos.

Bohnert, Crnic e Lim (2003) relacionam «competência *emocional*» com a presença de comportamentos agressivos; crianças com sintomas de agressividade exibem diferentes padrões no expressar de emoções, em particular no que diz respeito à raiva. Ao longo da escolaridade básica as crianças vão desenvolvendo a sua capacidade de identificar estados emocionais, identificar emoções e pensar sobre as mesmas, as suas causas e consequências. Segundo estes autores, a literatura em geral aponta para o facto de que as crianças que níveis altos de agressividade têm maior dificuldade em identificar e compreender as suas emoções do que as crianças com baixos níveis de comportamentos agressivos. O verbalizar acerca de emoções negativas pode servir como função reguladora, implicando que as crianças consideradas mais agressivas verbalizariam menos os sentimentos de raiva do que as outras crianças. As primeiras têm também menor sensibilidade para reconhecer as causas de uma emoção e assim reflectirão menos e aprenderão menos com as suas experiências.

As crianças com problemas de externalização de comportamentos apoiam-se frequentemente numa única pista concreta do que em várias pistas afim de compreenderem as emoções, sugerindo uma compreensão emocional menos sofisticada. O estudo destes autores (Bohnert, Crnic & Lim, 2003) sugere que existem deficits nos vários componentes da competência emocional de crianças cujas mães os classificam como tendo problemas de exteriorização de

comportamentos; estas crianças exibem expressões faciais de raiva mais frequentes e mais intensas, com menor capacidade de regulação. Assim, as dificuldades em modular expressões de raiva podem ser um bom previsor da agressividade.

De acordo com Eber, Sugai, Smith e Scott (2002) estudantes que exibem problemas emocionais ou de comportamento graves representam uma percentagem pequena do número total de estudantes; contudo, eles requerem uma grande quantidade de tempo, recursos e especialistas. Eles podem ser também um elemento muito destabilizador nas escolas. Os alunos com problemas emocionais e/ou de comportamento constituem um desafio significativo pois interrompem frequentemente o trabalho na sala e impedem a aprendizagem em geral. Para Trout, Nordness, Pierce e Epstein (2003) há uma relação recíproca entre problemas académicos e problemas de comportamento que acabam por ter impacto nos resultados académicos, quer a curto-prazo, quer a longo prazo.

A maioria dos estudos até agora efectuados foca-se principalmente nos comportamentos inadequados das crianças, deixando pouco espaço para a preocupação com as necessidades destes alunos no que diz respeito, por exemplo, às suas aprendizagens. De acordo com a literatura pesquisada (Furlong & Morrison, 2000; Mcevoy & Welker, 2000; Sutherland, Wehby & Yoder, 2002; Wehby, Lane & Falk, 2003), estudantes com problemas emocionais e de comportamento têm deficits académicos, comportamentais, problemas de agressividade e dificuldades de relacionamento com os colegas. Apresentam também dificuldades na sala de aulas, interrompendo as tarefas e afectando os seus resultados, bem como o comportamento dos professores que, por exemplo, lhes dão tarefas mais fáceis e menos instruções, criando-se um ciclo de reforço negativo, característico das interações professor-aluno na sala de aula; os seus deficits académicos podem ser exacerbados pela falta de instruções efectivas, o que se deve em parte ao seu comportamento na sala. Outra questão colocada por Sutherland, Wehby e Yoder (2002) é a preparação específica para estes alunos: a maioria dos professores cansa-se depressa destes alunos (burnout), ou falta-lhes

experiência para lidar com estes problemas. Apesar de muitos educadores se dedicarem às necessidades académicas e comportamentais destes estudantes, é uma tarefa frustrante devido à sua incapacidade de estabelecer programas opcionais efectivos de suporte.

Mas o panorama não é assim tão linear; é preciso ter em conta também que muitos alunos que têm dificuldades académicas não têm problemas de comportamentos e muitos alunos com sucesso académico persistem com problemas de comportamento. Quanto a isto, as pesquisas sugerem que a conduta anti-social de um indivíduo se deve, em parte, a maus resultados académicos e é igualmente provável que para muitos alunos, resultados académicos pobres sejam o resultado dos seus comportamentos disruptivos. Insucesso académico e comportamento anti-social existem numa relação recíproca, em contextos específicos cujas condições em casa e na escola podem ajudar a prever; estes dois factores reforçam-se mutuamente no contexto de práticas escolares ineficazes. É igualmente importante o «contágio» que alguns alunos sofrem, em termos de comportamentos problemáticos; estamos a referir-nos à influência exercida pelos pares, que será discutida e analisada no próximo capítulo.

De acordo com Mcevoy e Welker (2000) vários insucessos escolares dão poucas oportunidades ao estudante de receber reforço positivo; da perspectiva destes a escola torna-se um local aversivo, o que aumenta os comportamentos negativos, a rebelião, a não-cooperação e a vontade de fugir de um sítio tão pouco acolhedor. Este ciclo resulta frequentemente em insucesso escolar, desistências e envolvimento em grupos de delinquentes. As escolas optam muitas vezes por castigar estes alunos através da suspensão ou expulsão como meio de controlo embora não existam muitos dados que comprovem a eficácia desta prática, podendo mesmo exacerbar as dificuldades de interacção entre adultos e estudantes necessárias para gerir comportamentos e objectivos escolares. A utilização de métodos escolares coercivos pode reforçar os comportamentos de fuga ou outros comportamentos disfuncionais. Assim, se queremos mudar padrões de comportamentos disfuncionais é preciso encontrar modos de manter os alunos nas

escolas. Um dos exemplos são os programas de resolução de conflitos que podem ajudar os alunos a resolver pequenos conflitos (não há dados sobre se ajudam a resolver grandes disputas, como problemas entre gangs); estes enfatizam e ensinam, em geral, aos indivíduos ferramentas/capacidades para negociar desentendimentos entre duas partes que têm igual poder. A maioria dos programas que se focam nos comportamentos inadequados falha, de acordo com Wehby, Lane e Falk (2003) devido a quatro razões: (a) os problemas de comportamento impedem os professores de implementar medidas de aprendizagem de grande qualidade para este tipo de alunos, ou seja, o tempo é dispendido na gestão dos comportamentos e não na atenção dada às suas aprendizagens; (b) estes alunos influenciam o comportamento dos professores, essencialmente moldando-os no sentido de darem menos instruções, i.e., alunos com comportamentos de não-cooperação para com as instruções dadas pelos professores acabam por incutir nestes um comportamento de evitamento perante estes alunos; (c) há uma falta de preparação nesta área académica devido há inexistência de programas de treino para lidar com estes alunos, uma vez que a maioria dos professores aprende a centrar-se na administração de comportamentos anti-sociais dando menor ênfase à implementação de estratégias educacionais eficazes e (d) a pesquisa limitada nesta área académica contribuiu para a ausência de um conhecimento empírico válido que sirva de guia para futuras pesquisas e preparação de professores, embora os primeiros estudos tenham conduzido a melhorias em áreas como o desenvolvimento de capacidades de compreensão de leitura, de soletrar e de resolução de problemas.

Como tal, a maioria dos programas foi desenhado para enfatizar as intervenções e técnicas que poderiam diminuir as dificuldades profissionais, ao invés de se investir numa atmosfera mais propícia para dar aulas, tornando-se o controlo sobre os comportamentos a principal linha de intervenção para colmatar estes deficits. No entanto, para compreender as razões do insucesso escolar destes alunos é preciso olhar também para as características das salas de aula onde estão integrados. Faltam frequentemente alguns componentes básicos para incentivar as aprendizagens como, por exemplo, a falta de elogios ou o excesso de

recrimações, uma vez que as interações mais consistentes entre estes alunos e professores tendem a ocorrer durante o mau comportamento da criança. É importante enfatizar o uso de procedimentos adequados para dar instruções que encorajem o desempenho académico nestes alunos o que, por seu turno, pode diminuir os comportamentos de desafio desta população que parecem afectar a competência do professor para transmitir conhecimentos.

O estudo de Nelson, Martella e Marchand-Martella (2002) debruça-se sobre a implementação de um programa de intervenção comportamental e de sistemas positivos para alcançar mudanças de comportamento socialmente importantes. As práticas e processos desta abordagem enfatizam a análise dos ambientes onde os problemas de comportamento ocorrem, o desenvolvimento de intervenções que têm em conta a manutenção dos comportamentos, a selecção de intervenções que considerem a gama de resultados sociais e académicos desejados e a aceitabilidade de procedimentos e resultados pelo aluno, pela família e pela comunidade. O projecto referido tentou implementar um programa compreensivo destinado a problemas de comportamento, de modo a abranger toda a escola uma vez que o tipo de crianças que participam é muito variado, diferindo nos níveis de especificidade, intensidade, etc. Foram escolhidas e combinadas 4 tipos de intervenções afim de cobrir todas as necessidades sentidas: (a) um programa disciplinar para organizar a escola e produzir um sentimento de unidade para controlar os problemas de comportamento; (b) um tutor individual para os alunos com dificuldades na leitura, uma vez que estas podem tornar a escola frustrante e despoletar problemas de comportamento; (c) resolução de conflitos para ensinar aos alunos abordagens para lidar com os problemas sem que estes resultem numa escalada de conflitos e (d) um programa para famílias com base em vídeos dirigidos para pais que sentiam dificuldades em gerir o comportamento dos seus filhos. De entre os resultados obtidos, destaca-se o aumento dos sucessos académicos, pelo que se supõe que a melhoria no comportamento dos alunos e a diminuição de interrupções permite uma maior concentração nos estudos. Outro dos factores onde se notaram melhorias foi nas competências sociais destes alunos, reduzindo as diferenças entre alunos com problemas e alunos sem problemas.

Outro programa de intervenção estudado (Eber, Sugai, Smith & Scott 2002) foi o programa “*Wraparound*” para crianças com problemas emocionais e para as suas famílias, que assenta numa filosofia centrada nas forças da família, criando um único plano para atingir os objectivos escolhidos em concordância com a família, envolvendo todos os serviços e estratégias necessárias para os atingir e alcançar as necessidades dos estudantes e famílias. Este programa envolve a criança, os membros da família, professores e comunidade, definindo necessidades e providenciando serviços, trabalhando em conjunto para solucionar os problemas. Trata-se de um processo que faz parte de um sistema compreensivo de comportamentos positivos na escola

As limitações encontradas na maioria dos programas de prevenção são a sua curta duração, a falta de especificidade em relação aos factores de risco, a ausência de coordenação com a comunidade, a falta de avaliação em especial quanto aos efeitos a longo-termo e o facto de se apoiarem em opiniões dos professores sobre as mudanças dos alunos em vez de medidas concretas de comportamento. Os programas que têm maior taxa de sucesso são os que avaliam os progressos em alcançar os objectivos académicos e sociais. A escola tem que ter um espaço que se dedique a isso, o que em termos económicos se torna muito dispendioso e difícil de atingir.

II. 4. Factores de Risco

Como já vimos, as pesquisas no desenvolvimento da psicopatologia em crianças indicam que os problemas de comportamento precoces (e estáveis) prevêm problemas psicopatológicos posteriores (Fergusson, Lynskey & Horwood, 1996). Estes podem ser potencializados por alguns factores de risco descritos na literatura e que apontam para características das crianças, dos pais e do ambiente. Para Hinshaw (2002) os factores de risco não actuam sozinhos acabando por se interrelacionarem; a maioria das pesquisas indica que o problema pode estar associado a múltiplos factores que actuam de modo acumulativo. O estudo dos factores de risco não serve apenas como uma tentativa para identificar precocemente os problemas e realizar uma intervenção primária, mas permite também identificar os processos que aumentam ou medeiam a relação entre estes e os problemas posteriores. Por conveniência, dividimos em duas partes os factores de risco, onde a primeira diz respeito aos factores associados às crianças e uma outra parte que estão associados aos pais, onde incluímos os ambientais.

Como características das crianças, um dos factores de risco apontados é a resistência ao controlo (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Kagan, Reznick, & Snidman, 1987; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Murray & Koshanska, 2002) definida como a não obediência às directrizes dos pais para parar ou mudar um comportamento. Os resultados dos estudos indicam que crianças que são resistentes ao controlo sentem-se mais atraídas por recompensas, percebendo menos os sentimentos dos outros (menor empatia), o que torna difícil a compreensão de regras e condutas, levando ao desenvolvimento de problemas de externalização. Crianças que são medrosas e inibidas, mais controláveis pelos adultos, tendem a desenvolver sintomas de internalização, sendo menos prováveis ao longo do tempo, de exibir problemas sintomas de externalização; tendem também a ser mais cautelosas, vigilantes e fisiologicamente ansiosas na presença de novos estímulos e correm maiores riscos

de terem posteriores fobias e ansiedades. Descrições semelhantes têm sido aplicadas a crianças classificadas como tendo personalidades sobre controladas. No que se relaciona com o auto-controlo, crianças que mostram níveis substancialmente altos ou baixos de controlo provavelmente experienciam mais problemas de comportamento, enquanto que crianças com níveis moderados de controlo funcionariam de modo mais adaptado. Assim, baixos níveis de auto-controlo são frequentemente associados a problemas de externalização de comportamentos, tais como agressão, inatenção e hiperactividade.

Novak (1996) define temperamento como um padrão consistente de comportamentos num indivíduo; este padrão é baseado na reactividade, adaptabilidade, nível de actividade e humor predominante numa pessoa. O temperamento difícil da criança (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Keenan & Shaw, 1997; Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli, & Walsh, 1998; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003) pode ser um dos sinais de problemas posteriores, em especial a sua interacção com os factores de risco ambientais (embora ainda não esteja totalmente provado). Por temperamento, referimo-nos a um conjunto de traços de comportamento de origem biológica, de onde se salientam a irritabilidade, a impulsividade e a inibição. Este tipo de temperamento vai solicitar respostas negativas por parte dos pais, criando uma interacção negativa entre estes e as suas crianças. O mesmo se diz dos comportamentos de desafio e de agressão.

Quanto aos problemas de adaptação, as crianças inadaptadas são mais impulsivas e têm mais problemas em manter a atenção, têm também mais tendência para interromper as actividades das outras crianças, quer nas aulas quer nos espaço de recreio. Como resultado, as outras crianças ficam irritadas e zangadas, rejeitando-as socialmente. Ao serem rejeitadas, as crianças agressivas ficam mais sensíveis à zanga, têm menos ferramentas para mediar a angústia dos colegas, torna-se mais fácil entrar em escalada de conflitos criando um padrão de relações interpessoais violentas com os colegas. As crianças com dificuldade em

gerir emoções negativas podem ter dificuldades em gerir o seu próprio comportamento, tornando-se mais agressivas e disruptivas.

Há imensos estudos sobre a rejeição pelos pares e a agressividade cujos resultados indicam que estes são bons preditores de problemas de comportamento posteriores e que estes padrões podem ser detectados de forma segura por altura da 3.^a classe. As crianças rejeitadas pelos seus pares (Keiley, Bates, Dodge, & Pettit, 2000; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Miller-Johnson, Coie, Maumary-Gremaud & Bierman, 2002) parecem sofrer mais de Problemas de Interiorização de Comportamentos do que as outras que não o são, de acordo com os professores. Os professores, mais do que as mães parecem estar mais atentos aos sintomas de Problemas de Interiorização de Comportamentos que advêm das relações entre pares. As crianças que sofrem rejeições cedo têm maiores níveis de sintomas de internalização e de externalização que as não rejeitadas. Existe alguma evidência de que crianças que foram negligenciadas pelos colegas desenvolvem mais sintomas de internalização. Em termos de relação entre problemas de pares e co-ocorrência de Problemas de Internalização e de Externalização de Comportamentos, o grupo que tem co-ocorrência evidencia piores relações com os pares e em conversas banais com os pares, mostram elevados níveis de agressão e isolamento; crianças com co-ocorrência de Problemas de Internalização e de Externalização de Comportamentos, tinham maiores taxas de rejeição de pares que os grupos normais e os de Internalização pura, mas equivalentes aos do grupo de externalização pura. Parece razoável assumir que quanto mais agressiva uma criança é e/ou mais agressivos os seus pares são, mais negativas as relações vão ser. Podemos esperar que crianças que se associam a pares disruptivos se sintam mais sós que as crianças que se associam a outras menos desviantes, daí que as primeiras também se possam sentir mais deprimidas.

Podemos pressupor que o comportamento agressivo e a impulsividade podem ser fortes preditores da rejeição pelos pares bem como antecedentes de problemas posteriores; as crianças rejeitadas estão em maior risco do que as que

são agressivas mas não são rejeitadas, devido ao factor da impulsividade. Também é possível que crianças com baixas capacidades, hiperactivas e agressivas que foram rejeitadas fiquem mais vulneráveis a experiências negativas que moldem as suas atitudes perante a sociedade, aumentando os seus comportamentos desadequados. Podem também ser captadas mais facilmente por grupos que promovam este tipo de comportamentos. As crianças agressivas que são rejeitadas são mais reactivas emocionalmente e têm maior labilidade quando comparadas com crianças que não são rejeitadas. A rejeição das crianças em conjunto com a agressividade pode estar associada a um estilo mais emocionalmente reactivo, não controlado, com deficits de atenção e baixos níveis de competência social.

Também há que ter em conta o efeito contágio. Mrug, Hoza e Bukowski (2004) falam noutra variável relacionada com a agressividade infantil e o desenvolvimento posterior de problemas de comportamento, que é a associação de crianças com problemas de comportamento a pares com comportamentos desviantes, mais agressivos que os próprios. Quanto à influência do grupo de amigos, algumas crianças não têm amigos mútuos mas podem ser influenciadas pelos pares de quem gostam ou que gostam deles. As pesquisas sugerem que as características negativas dos pares influenciam os problemas de externalização de comportamentos e os resultados indicam que as crianças que identificam mais amigos agressivos mostram mais comportamentos de externalização e reportam posteriormente mais sintomas de depressão 18 meses depois (contudo isto só para rapazes); a explicação para isto seria a de que podiam não se sentir sós porque passavam todo o tempo livre com os seus pares, mas sentir-se-iam deprimidas porque as relações com os seus pares seriam conflituosas ou de carácter punitivo, embora seja necessária mais pesquisa. Por outro lado, as características dos amigos que escolhem a criança como amiga não parece influenciar o comportamento desta; o facto de se ser gostado por crianças mais agressivas não se relaciona (em geral) com problemas de comportamentos posteriores de externalização e internalização.

Mas porque é que as crianças escolhem determinados amigos e não outros? As pesquisas mostram que a semelhança entre crianças desempenha um papel importante na atracção e escolha de amigos. Parece razoável assumir que a imitação dos comportamentos disruptivos dos amigos contribuem para os Distúrbios de Comportamento. Os resultados deste estudo sugerem que o escolher associar-se com pares com comportamentos mais disruptivos é um bom previsor de futuro ajustamento/adaptação; por outro lado, o facto de se ser apreciado pelos pares não parece ter impacto nos futuros problemas da criança, com excepção de que para os rapazes pode levar a sentimentos de depressão. Ao escolher certos pares, as crianças passam mais tempo com eles, admiram e imitam o seu comportamento, permitindo-lhes moldar o seu comportamento através de reforço.

Da revisão efectuada em estudos (Keenan & Shaw, 1997; Keiley, Bates, Dodge & Pettit, 2000; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003) que se debruçam sobre a diferença do género no desenvolvimento de problemas de comportamento, conclui-se que em geral os rapazes desenvolvem dificuldades de externalização mais vezes que raparigas. Embora pouco se saiba sobre os problemas de externalização nas raparigas (Hinshaw, 2002), as raparigas são menos estáveis no que diz respeito a padrões de Problemas de Comportamentos. Ser-se rapariga é um risco para contrair Problemas de Internalização de Comportamento, o que pode ser explicado, segundo alguns autores, devido à aceitação social de comportamentos ansiosos ou dependentes; os pais tendem a encorajar este género de comportamentos (vergonha, isolamento) em vez de comportamentos de exteriorização, tais como brigas, quando com os rapazes acontece o contrário. Vários estudos mostram a co-ocorrência de Problemas de Internalização e de Externalização de Comportamentos têm mais tendência a existir nas raparigas. Os comportamentos de externalização dos rapazes aumentam ou permanecem desde o jardim-de-infância até ao sétimo ano, enquanto que as trajectórias das raparigas podem começar antes, mas decrescem com o tempo.

Quanto aos factores atribuídos aos pais, temos as características sócio-económicas, o stress parental e a parentalidade. No que diz respeito ao factor sócio-económico, a maioria dos estudos (Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Mills & Rubin, 1990; Nagin & Tremblay, 2001; Nigg, Quamma, Greenberg, & Kusche, 1999; Shaw, Gillion, Ingoldsby & Nagin, 2003) tem-no referido como um dos factores de risco para o desenvolvimento deste tipo de problemáticas; é necessário ter em conta que estas famílias enfrentam vários desafios, tais como uma menor educação por parte dos pais, menores recursos para prover às necessidades das crianças, casas e bairros mais degradados, escolas com maiores taxas de insucesso e de problemas comportamentais, entre outros. Crianças de meios sócio-económicos mais baixos têm mais tendência a ter Problemas de Externalização de Comportamentos que crianças de níveis mais altos; estas crianças foram avaliadas pelas mães e professores como sendo mais externalizantes do que as de um estrato sócio-económico mais alto. Crianças de baixos estatutos sócio-económicos eram vistas, quer pelas mães quer pelos professores como tendo níveis iniciais mais altos de problemas de exteriorização de comportamentos de do que crianças com estatutos sócio-económicos mais altos. A literatura sugere que crianças em pobreza estão em maior risco de psicopatologia. Estudos confirmam (Lahey, Loeber, Burke & Rathoutz, 2002; Nagin & Tremblay, 2001) que os problemas de comportamento tendem a melhorar ao longo do tempo se as crianças pertencerem a famílias de estratos sócio-económicos mais altos e com mães que não deram à luz em idades muito novas. Este estudo acrescenta que estes dois factores predizem melhores resultados nas crianças clinicamente referidas. Em conclusão, rapazes com problemas de comportamento na infância têm maior probabilidade de melhorar se tiverem problemas de comportamento menos graves, maiores níveis de inteligência verbal e fluente e pais bem-educados que não são anti-sociais. Isto não implica que a mudança destes factores pode influir na mudança dos resultados; não se pode dizer que ajudar as mães a obter um maior nível de educação, que as ajuda a subir de nível económico vai ter um benefício nos

resultados das suas crianças. Isto porque é possível que os resultados se devam a um conjunto de características que podem mudar de família para família.

Quanto ao stress parental, de acordo com os estudos efectuados (Fox, Dunlap & Cushing, 2002; Keiley, Bates, Dodge & Pettit, 2000; Mills & Rubin, 1990) a acumulação de acontecimentos negativos no dia-a-dia dos pais vai fazer com que estes reajam aos comportamentos problemáticos escolhendo estratégias mais assertivas e mais baseadas no poder. Isto porque quanto maior for o stress e quanto menores forem os recursos protectores disponíveis, mais vulneráveis os pais ficam às emoções negativas ou angustiados face aos comportamentos. Os problemas de comportamento das crianças vão aumentar os níveis de stress da família, afectando a sua capacidade como pais, colocando a família em risco de ser ostracizada, segregada e afastada da comunidade; os pais ficam relutantes em levar as suas crianças para acontecimentos na comunidade (casas dos vizinhos, igrejas, lojas, ...) podendo a família sentir um impacto negativo, trazendo angústia às interacções familiares e ao seu modo de vida. Porque o stress é um dos grandes previsores para o desenrolar de depressão e ansiedade, e anda muitas vezes associado a baixos estatutos sócio-económicos, podemos esperar que os níveis de problemas de comportamento de internalização sejam mais altos em crianças oriundas de baixos estratos sócio-económicos.

Muito superficialmente, por parentalidade entende-se os comportamentos usados pelos pais para promover a educação e a adaptação da criança ao meio onde está inserida. Através da revisão de literatura efectuada (Barber, Olsen & Shagle, 1994; Beyers, Bates, Pettit & Dodge, 2003; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Fox, Dunlap & Cushing, 2002; Granic & Lamey, 2002; Keiley, Howe, Dodge, Bates, & Pettit, 2001; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003; Mcevoy & Welker 2000; Shaw, Gilliom, Ingoldsby & Nagin, 2003) podemos afirmar que tem desempenhado um “(...) *papel substancial na socialização, e mais especificamente, no desenvolvimento de problemas de comportamento*” (Beyers, Bates, Pettit & Dodge, 2003, p. 35). Como factor de risco, algumas das características dos pais são apontadas como possíveis

determinantes para a ocorrência de Problemas de Comportamento em crianças. São elas as seguintes:

- a) uso frequente de disciplina dura e coerciva (ex. bater); disciplina física dura tem estado ligada a numerosos desenvolvimentos negativos tais com o Problemas de Internalização e de Externalização de Comportamentos (e.g., Keiley, Howe, Dodge, Bates, & Pettit, 2001).
- b) poucos reforços positivos para os comportamentos apropriados.
- c) ser inconsistente na criação de regras; (Granik & Lamey, 2002). Vários estudos afirmam que a permissividade é um padrão característico para os problemas de exteriorização; os resultados mostram que quer nas díades mãe-filho cujas crianças têm problemas de comportamento, quer nas que sofrem apenas de distúrbios de externalização, as mães tendem a adoptar o comportamento permissivo.
- d) monitorização pouco frequente ou pobre da criança (Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001; Wamboldt & Wamboldt, 2000). Resultados indicam que baixos níveis de disciplina e de monitorização parental são importantes no aparecimento e no desenvolvimento de distúrbios de externalização.
- e) pouca habilidade/capacidade da família para resolver problemas, em particular confrontos. O aumento da pressão em mães de crianças com Problemas de Comportamento no sentido de controlar as suas crianças não obedientes pode levá-las a mudar subitamente e retaliar com a sua hostilidade; esta pode ser percebida pela criança como imprevista, e com o tempo, experiências repetidas causadoras de ansiedade podem levar ao desenvolvimento de problemas sérios de internalização que são concomitantes com os de externalização.
- f) dificuldade em expressar emoções e falta de envolvimento na relação com a criança (Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002). Aspectos como a falta de calor e de resposta parental, a rejeição, problemas em impor limites e problemas de interacção estão relacionados com os comportamentos problemáticos das crianças e estes podem ser exacerbados em caso de depressão maternal, discórdias familiares e stress.

g) Os recursos psicológicos insuficientes por parte dos pais. Sintomas depressivos presentes nos pais são também indicados para explicar os comportamentos problemáticos infantis: sugerem que a negatividade aumenta a tendência para ser ásperos e rejeitantes. Este tipo de atitudes aumenta os comportamentos problemáticos por parte das crianças, uma vez que necessitam de chamar a atenção dos pais, gerando uma maior negatividade por parte destes. Problemas pessoais como abuso de substâncias, depressão ou problemas matrimoniais também interferem com parentalidade eficaz. Os autores Granic e Lamey (2002) levantam a hipótese destas mães serem clinicamente ansiosas.

h) Crenças parentais. Mills e Rubin (1990) sugerem que as crenças parentais sobre o comportamento dos filhos servem de guia para as suas respostas nas interações com as crianças e que a qualidade das mesmas desempenha um papel importante para o futuro do comportamento dessas crianças, quer este seja de aquisição de competências sociais ou de comportamentos problemáticos.

O facto de se ser pai muito cedo é também apontado como factor de risco por alguns autores (Nagin & Tremblay, 2001; Shaw, 2003). Factores como padrões de interacção nas famílias, conflitos parentais, características do bairro e clima escolar (Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Mcevoy e Welker, 2000) são previsores importantes de comportamentos sociais e académicos nos jovens. Como já dissemos, factores isolados não são explicativos por si só para o surgimento de distúrbios de comportamento. Nem todas as crianças são afectadas da mesma maneira pelas condições ambientais e sociais: as pesquisas emergentes sobre os factores que protegem a crianças, chamados protectores ou de resiliência, indicam que muitas crianças criadas em condições difíceis e provenientes de espaços em desvantagem conseguem ter sucesso académico e social e acabam por se mostrar posteriormente bem adaptadas.

II. 5. Parentalidade e Problemas de Comportamento

O trabalho em clínica infantil inclui sempre os pais; como tal, um dos aspectos mais importantes a ter em conta neste contexto é a dinâmica familiar que, num mundo em permanente mudança, levanta constantemente novas questões. As constantes exigências feitas pelo trabalho, pela sociedade em geral ou mesmo pela escola, impõem uma pressão sobre os pais que nem sempre é fácil de resolver. De acordo com Novak (1996) o bombardeamento constante de informação sobre como ser-se pai e como agir para com os filhos não só aumenta essa pressão como também pode desencadear nos pais sentimentos de ineficácia e insuficiência, sendo difícil conciliar pensamento com sentimento e com acção; na maioria das vezes, a informação é contraditória ou não é adequada às necessidades dos pais. A compreensão das suas preocupações leva-nos à criação de respostas que podem contribuir para um desenvolvimento mais saudável e harmonioso, melhorando as relações entre pais e filhos. Conhecer as suas preocupações pode também ajudar-nos a desdramatizar situações ou a realizar uma detecção precoce de futuros problemas. A literatura descreve as interacções pais-filhos como um dos factores centrais implicados no desenvolvimento da psicopatologia infantil (Fox, Dunlap & Cushing, 2002; Nigg, Quamma, Greenberg, & Kusche, 1999). A família possui o conhecimento necessário sobre as rotinas e actividades da criança, sobre o seu modo e capacidade de comunicar, relações e acontecimentos críticos que podem despoletar os problemas de comportamento; graças a isso, podem contribuir para guiarem os profissionais no caminho da identificação das rotinas, actividades e ambientes que estão ligadas ao problema de comportamento.

De acordo com Belsky (cit. Pires, 2001) há vários factores que parecem influenciar o comportamento dos pais, como a sua história pessoal, as características da criança e o contexto social (stress, redes de apoio).

A autonomia e regulação de comportamentos são dois pontos fundamentais no papel das relações de suporte na família, bem como no desenvolvimento da criança. Estes factores fazem parte daquilo que os investigadores chamam de «estilos e comportamentos parentais» (Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Granic & Lamey, 2002; Mayes, 1995; Pettit, Bates & Dodge, 1997; Pettit, Laird, Dodge, Bates, Criss, 2001; Shaw, Gillion, Ingoldsky & Nagin, 2003). Através da revisão de literatura podemos distinguir 3 estilos parentais: Autoritário, Autoritativo e Coercivo. O estilo parental autoritário é caracterizado por ser pouco afectuoso com um nível de exigência muito grande e escassa autonomia. Quanto ao autoritativo, este é mais afectuoso e aceite, promovendo autonomia mas com algumas linhas de comportamento bem definidas; é considerado como sendo de suporte, abrangendo aspectos como reforços positivos, afectos positivos e disciplina (Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002) e tem sido considerado como um factor protector na promoção da adaptação escolar das crianças. O estilo autoritário é considerado mais duro e associado a resultados pobres no que diz respeito à escola. O estilo restritivo (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Granic e Lamey, 2002; Shaw, Gillion, Ingoldsky & Nagin, 2003) envolve comportamentos cuja intenção é parar ou punir a criança, não envolvendo necessariamente uma disciplina dura, como bater. Nas interações pais-filhos de carácter coercivo há dois padrões microsociais de interacção, em que o primeiro envolve os pais com uma resposta de recuo e de apaziguamento da criança com comportamento não obediente, numa tentativa de diminuir a fúria da criança. Os limites impostos tendem a diminuir após um contínuo de interações semelhantes, e respondem muitas vezes de maneira positiva ou neutral. O segundo padrão coercivo refere-se à hostilidade mútua, onde os membros entram numa escalada de hostilidade; no estilo de parentalidade coerciva gera-se um ciclo onde pai e criança tentam controlar-se mutuamente, escalando o nível de hostilidade. Práticas ineficazes de educação e comportamento anti-social de crianças estão reciprocamente relacionadas. Assim, acabam por ser moldados comportamentos aversivos dentro da dinâmica familiar: as crianças aprendem a utilizar comportamentos coercivos para atingir os seus

objectivos, não sendo valorizadas nos seus comportamentos positivos. Mayes (1995) propõe 4 estilos comportamentais, baseados no grau de exigência e o grau de reacção parental: autoritário/autocrático, indulgente/permissivo, securizante/recíproco e indiferente/negligente. De acordo com este autor, o estilo parental autoritário/autocrático e o estilo parental indiferente/ negligente (caracterizado por não satisfazer as necessidades da criança) trazem risco de desenvolvimento para as crianças e para o estabelecimento de relações entre pais e filhos; nestes contextos, as crianças tendem a reagir mis agressivamente em diferentes situações, podendo também originar uma perturbação da vinculação (Egeland & Sroufe, in Mayes, 1995).

Quanto aos comportamentos parentais, distinguimos 2: o controlo e a monitorização. Há que distinguir entre o exercício de controlo psicológico e o de controlo comportamental por parte dos pais; do controlo psicológico fazem parte os padrões que ocorrem na família e que têm um efeito de impedimento no desenvolvimento ou autonomia da criança, enquanto que o controlo comportamental é definido por deficiência na regulação do comportamento, mais concretamente, por excessiva autonomia. O exercício de controlo psicológico pode estar relacionado com a necessidade dos pais de protegerem o seu poder paternal, utilizando a manipulação emocional e psicológica; estudos mostram a sua associação a uma maior ansiedade nas crianças, conduzindo a problemas de internalização, pois estas não possuem confiança em si próprias (no seu valor e identidade) nem foram encorajadas a desenvolver autonomia, estando mais dependentes dos pais e tendo maior tendência a isolar-se como mecanismo protector face às pressões das interações sociais; quanto ao controlo comportamental, este associa-se a problemas de exteriorização, uma vez que um ambiente que não providencia regras e limites, onde a monitorização é pobre, os jovens testam os seus limites recorrendo à acção. A monitorização está relacionada com um tipo de parentalidade mais orientadora e preventiva, antecipando e seguindo o comportamento da criança.

Uma das estratégias disciplinadoras utilizadas pelos pais é o uso de punições físicas, como o bater (Lansford, Deater-Deckard, Dodge, Bates & Pettit, 2004). Se o castigo físico for administrado num contexto em que a relação é afectuosa e actua como uma ajuda na responsabilização para a criança, a mensagem que passa é recebida de forma eficaz por esta; caso a relação não seja calorosa, a mensagem recebida é a de que os pais perderam o controlo. Crianças que experimentam punições duras, que sofrem castigos físicos, têm maior tendência para mostrar ambos os tipos de problemas do que as crianças que não são fisicamente punidas; os dados também indicam que as crianças cujo comportamento é mais desafiante têm maior tendência a serem tratadas severamente pelos pais. A literatura aponta para a existência de diferenças na maneira como os pais escolhem as estratégias para aplicar nos filhos, consoante estes sejam rapazes ou raparigas (Keenan & Shaw, 1997), reagindo ao mesmo comportamento, com intervenções e estratégias diferentes: utilizam estratégias mais socializadoras com raparigas, com antecipação das consequências dos seus actos, de modo a terem um comportamento mais controlado, enquanto que nos rapazes incentivam a acção em detrimento da reflexão.

Segundo Mcevoy e Welker (2000), pais com capacidades pobres e pouco apropriadas para criar e socializar as suas crianças tendem a educar crianças que são socialmente pobres, e muitas vezes hostis nas suas interacções com os outros. Por não possuírem capacidades sociais, estas crianças experienciam rejeição social e insucesso. São rejeitadas pelos adultos e pelos seus pares, o que as leva a tomar comportamentos aversivos em detrimento de sucessos académicos. A rejeição e o fracasso minam a sua ligação social à escola e o seu compromisso com o sucesso académico. Contudo, apesar de práticas de educação ineptas poderem colocar em movimento uma cascata de resultados desafortunados, é perigoso concluir que pais com pobres capacidades são abusivos ou que não se preocupam com o bem-estar das suas crianças. Estes pais acreditam muitas vezes que as práticas coercivas são necessárias para proteger as suas crianças; frequentemente o seu modelo de parentalidade é copiado do usado pelos seus prestadores de cuidados.

O desenvolvimento humano tem lugar no contexto das teias de relações sociais e o curso de vida de um indivíduo é moldado pelos cursos de vida dos outros. Uma das relações mais íntima e influenciadora é a que ocorre entre pai e filho. Têm sido feitas algumas pesquisas pela comunidade científica (Capaldi et al, 2003; Conger, Neppl, Kim & Scaramella, 2003; Dubow, Huesmann & Boxer, 2003; Hops, Davis, Leve & Sheeber, 2003; Thornberry, Freeman-Gallant, Lizotte, Krohn & Smith, 2003) com base na transmissão intergeracional de comportamentos, fundamentando provérbios populares como «filho de peixe sabe nadar», «quem sai aos seus não degenera» ou «tal pai, tal filho»; existe ainda menos informação sobre os processos causais que possam justificar qualquer nível observado de continuidade intergeracional. A hipótese da continuidade sugere que a maioria das crianças agressivas numa geração tende a ter as crianças mais agressivas da geração seguinte e a base para esta continuidade pode advir de várias fontes, desde a genética até à social ou à ambiental. Esta hipótese é extremamente difícil de testar pois os comportamentos agressivos tem de ser estabelecidos durante a infância e a adolescência das duas gerações.

De acordo com a revisão feita por Shaw (2003) as relações entre parentalidade e comportamento infantil são consistentes ao longo de toda a literatura que documenta as ligações entre a parentalidade e os distúrbios de comportamento nas crianças. O conhecimento potencial dos estudos que acompanham gerações é enorme, quer para aumentar a nossa compreensão da continuidade e descontinuidade dos comportamentos, quer para o planeamento de intervenções e programas de prevenção.

Os resultados da maioria dos estudos efectuados indicam que as práticas parentais de jovens pais com os seus filhos podem ser previstas pelas que eles experimentaram enquanto filhos. Conger, Neppl, Kim e Scaramella (2003) afirmam que parte da explicação para os comportamentos dos pais pode assentar nas suas experiências como crianças. *“Revisões de literatura anteriores indicam que há evidências substanciais para a continuidade intergeracional de comportamentos parentais, em especial os abusivos, ou os estilos parentais hostis*

(...).” Para Dubow, Huesmann e Boxer (2003) a possibilidade de uma mediação recíproca entre parentalidade e agressão dentro e através das gerações é real. Uma conclusão plausível que se pode tirar é a de que comportamentos de parentalidade e agressividade parecem ter influências recíprocas nos dois. Dentro das gerações, a agressividade nos jovens é muitas vezes seguida por uma parentalidade promotora de agressão, o que por sua vez parece contribuir para a agressividade nos seus filhos. Os efeitos negativos de parentalidade rígida e inconsistente têm sido largamente documentados. Parentalidade e comportamento agressivo podem ser ligados através de 3 gerações.

Os modelos teóricos correntes sobre desenvolvimento de comportamentos agressivos na criança incluem factores fora da relação pais-crianças. Um dos principais assuntos em investigação é a identificação dos factores contextuais e individuais específicos que reforçam a nossa capacidade para prever e potencialmente modificar, o aparecimento e manutenção de comportamentos agressivos ao longo do tempo e das gerações. No estudo de Dubow, Huesmann e Boxer (2003) foi examinado o papel mediador dos factores de processamento de informação sócio-cognitivos na manutenção da agressão; uma quantidade considerável de provas sugerem que as variáveis sócio-cognitivas que suportam a agressividade, tal como maneiras agressivas (guiões) de resolver conflitos sociais. Conger *et al.* (2003) realizou um estudo que reforçou a evidência da transmissão intergeracional, provavelmente através de aprendizagem social, o que é consistente com outros estudos que demonstram que os comportamentos parentais de uma geração têm uma influência directa e significativa numa variedade de comportamentos sociais e relações das crianças durante a adolescência e a maioridade, na próxima geração. Do ponto de vista da aprendizagem social, espera-se que as crianças adquiram uma abordagem aos métodos parentais através das muitas interações com os seus próprios pais, o que conduz a uma ligação directa entre os modos de educar as crianças entre primeira geração e a segunda. Os processos que envolvam aprendizagem por observação e treino directo podem também ser responsáveis pelas associações entre parentalidade e agressividade na criança, encontradas neste estudo.

O estudo de Capaldi *et al* (2003) mediu o conceito de práticas parentais através da análise das relações entre pais e filhos (a maneira como se relacionam descrita quer pelos próprios, quer pelos observadores), a disciplina (coerência ou inconsistência das práticas disciplinares) e a monitorização efectuada pelos pais (supervisão das actividades e comportamentos dos filhos), concluindo que variações na raiva parental, hostilidade, envolvimento e suporte emocional, desempenham um papel chave no desenvolvimento de comportamentos nas relações sociais. A transmissão intergeracional de estilos parentais é influenciada por factores como o género e os factores sócio-económicos. É específica no género, sendo mais evidente esta continuidade nos pais do que nas mães (Thornberry, Freeman-Gallant, Lizotte, Krohn & Smith, 2003); o comportamento anti-social desempenha um papel mais importante no modelo para os pais e o estilo parental um papel mais poderoso no modelo para as mães. Problemas económicos também parecem afectar mais o modelo maternal, talvez porque são habitualmente as mães as primeiras prestadores de cuidados da criança e como tal a pobreza ou as dificuldades financeiras têm um impacto maior na sua relação com as crianças do que a relação dos pais, que não participam no envolvimento diário com as crianças.

Em resumo, a parentalidade na primeira geração afecta directamente a competência do indivíduo numa das ligações mais importantes, a ligação entre pai e filho, colocando a criança em risco para o desenvolvimento de comportamento anti-social devido a práticas parentais pobres. Os estudos sugerem também que a continuidade intergeracional de comportamentos anti-sociais é grande quando há grandes dificuldades sócio-económicas, em particular quando os desafios incluem questões que ultrapassam o estatuto sócio-económico (Shaw, 2003). As vidas parecem realmente estar ligadas deste modo e os factores de risco, como o económico e a parentalidade estão claramente entre os elos que avançam o nosso conhecimento sobre a continuidade comportamental. Contudo a transmissão de comportamentos anti-sociais que pode ser interrompida através de programas de intervenção que melhorem as práticas parentais. A nível social, isto implica o enfoque em famílias que possuem grandes desvantagens sócio-económicas e

factores de risco adicionais, tais como serem pais muito cedo. São também recomendadas intervenções que tenham como alvo a parentalidade ou os factores que afectam a qualidade da mesma

Antes de terminar este tema, é preciso levantar a questão da fiabilidade das conclusões. Uma vez que quase todos os estudos realizados foram feitos com base em relatos retrospectivos, confiando nos pais para contar durante os seus anos adultos como foram tratados pelos seus próprios pais enquanto foram crianças, surgem-nos questões sobre as limitações dos estudos pois os relatos retrospectivos são propensos a erros de memória e distorções baseados nas circunstâncias de vida actuais e disposições pessoais; além disso, uma vez que assentam em auto-relatos e não se obtêm observações directas do estilo de parentalidade. Usando um método de pesquisa prospectivo e longitudinal, observações das interacções familiares e relatos de vários participantes/informadores sobre o comportamento agressivo, encontramos evidências significativas para a transmissão intergeracional de estilo de parentalidade e através desse mecanismo, a continuidade de comportamentos agressivos de uma geração para as crianças da próxima. Para sumarizar, a evidência empírica de transmissão intergeracional da agressividade é forte quando os dados envolvem relatos retrospectivos das experiências com a família de origem. Estes resultados não são fiáveis devido aos problemas com a obtenção de dados.

III – Formulação do Problema

Os Problemas de Comportamento são cada vez mais notados social e clinicamente; muitas crianças exibem comportamentos que são desafiantes para os adultos que com elas lidam, comportamentos estes que ficam além dos limites do desenvolvimento comportamental (ex. birras prolongadas), que persistem ao longo do tempo e que não respondem às intervenções parentais ou educacionais adequadas. Os estudos indicam que as crianças mais novas com Problemas de Comportamento graves têm maior probabilidade de continuar a manifestar comportamentos de desafio bem como de persistirem a ter problemas durante os anos académicos, o que nos obriga a ter em consideração a sua continuidade ao longo do tempo *“Estudos sobre a continuidade e a descontinuidade dos problemas de comportamento deve considerar a natureza dinâmica do comportamento infantil”* (Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli & Walsh, 1998).

Para um comportamento ser considerado psicopatológico, ele tem de se inserir nos critérios usados para se fazer um diagnóstico. Marinheiro e Lopes (1999) consideram 5 critérios de avaliação de Problemas de Comportamento: adequação à idade, número de problemas, tipo de problemas, duração e severidade. Quanto mais grave for, mais tempo durar e maior for o número de comportamentos problemáticos, maior a probabilidade de se tratar de uma Perturbação de Comportamento. A literatura em geral (Achembach, 1991; Fonseca et al., 2000; Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovanelli & Walsh, 1998) considera a existência de dois grandes grupos dentro dos Problemas de Comportamento, os Problemas de Exteriorização de Comportamentos mais ligados à acção como impulsividade e desatenção e Problemas de Interiorização de Comportamentos mais ligado à interiorização, como ansiedade e humor depressivo. As medidas utilizadas para aferir os Problemas de Comportamento

são geralmente as quantitativas, como os questionários, e as qualitativas, como os relatos feitos pelos pais e professores ou por observação directa.

A revisão de literatura indica-nos a existência de factores de risco presentes na criança, nos pais e no ambiente que contribuem para o desenvolvimento destes Problemas; a sua presença só por si não implica que no futuro a criança venha a desenvolver problemas psicopatológicos, mas a co-ocorrência de mais do que um factor e a sua conjugação prevê quase sempre o surgimento de tais problemas. Nas crianças, características como o temperamento difícil (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli, & Walsh, 1998; Keenan & Shaw, 1997; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003), a resistência ao controlo (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Murray & Koshanska, 2002) e a rejeição pelos pares (Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Miller-Johnson, Coie, Maumary-Gremaud & Bierman, 2002; Keiley, Bates, Dodge, & Pettit, 2000) são, de acordo com a literatura existente, os factores a ter em especial atenção. Também as diferenças de género (Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Keiley, Bates, Dodge & Pettit, 2000; Keenan & Shaw, 1997) influenciam no tipo de problemas que se desenvolve, se de Exteriorização, se de Interiorização.

No que diz respeito aos pais, são vários os factores apontados. Autores como Shaw, Gilliom, Ingoldsby e Nagin (2003), Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge e Pettit (2003), Nagin e Tremblay (2001), Nigg, Quamma, Greenberg e Kusche (1999) e Mills e Rubin (1990) referem baixos níveis sócio-económicos como muito importantes para o desenvolvimento de Problemas de Comportamento. A parentalidade é outro dos factores referidos (Beyers, Bates, Pettit & Dodge, 2003; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Shaw, Gilliom, Ingoldsby & Nagin, 2003; Fox, Dunlap & Cushing, 2002; Keiley, Howe, Dodge, Bates, & Pettit, 2001; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003; Barber, Olsen & Shagle, 1994; Granic & Lamey, 2002). Keiley, Howe, Dodge, Bates e Pettit (2001) referem o uso frequente de disciplina física dura e coerciva (ex. bater) como

estando ligada a Problemas de Internalização e de Externalização de Comportamentos. Granic e Lamey (2002) mencionam a inconsistência na criação de regras e em especial a permissividade, como sendo um padrão característico para os Problemas de exteriorização.

Os autores Pettit, Laird, Dodge, Bates e Criss (2001) e Wamboldt e Wamboldt (2000) apresentam estudos cujos resultados indicam que baixos níveis de disciplina e de monitorização parental são importantes no aparecimento e no desenvolvimento de Problemas de Externalização. Insuficiência de recursos psicológicos por parte dos pais é também indicada para explicar os comportamentos problemáticos infantis (Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Granic & Lamey, 2002).

Existem numerosos estudos efectuados com crianças com Problemas de Comportamento mas estudos sobre os pais destas crianças são poucos, em especial em Portugal; aliada à falta de informação sobre este tema, junta-se a nossa realidade social e escolar, onde aumentam o número de Problemas de Comportamento, perturbando a aprendizagem destas crianças e dos seus colegas, bem como o normal funcionamento das aulas. Dada a influência do papel dos pais nos resultados de uma intervenção psicológica realizada com as suas crianças, quisemos conhecer melhor os seus sentimentos e comportamentos perante as dificuldades sentidas pelos filhos. É nosso objectivo compreender os pais destas crianças: como pensam, o que sentem, como gerem estes problemas..., dando-nos a oportunidade de desenvolver estratégias para ajudar pais e crianças a ultrapassar as suas dificuldades. Surgem então várias perguntas sobre estes pais: como são estes pais? Como é que lidam com os problemas escolares dos seus filhos? Que pensam sobre isso? Como reagem? Como gerem? O que os preocupa? Há algo em comum entre eles?

IV – Método

IV. 1. Participantes

Neste estudo foram incluídas as mães de todas as crianças sinalizadas pelas escolas do Concelho como tendo Problemas de Comportamento; foram realizadas catorze entrevistas, que representam todas as crianças com Problemas de Comportamento enviadas para a consulta de Avaliação Psicológica, perfazendo um total de 30% de todos os pedidos feitos num período de um ano lectivo, pelos 4 agrupamentos escolares que o Centro apoia (32 escolas). Estas crianças frequentam a escolaridade básica do 1.º Ciclo, têm em média 8 anos (idades compreendidas entre 6 e os 10 anos), de ambos os sexos; quatro destas crianças sofreram retenções; seis destas crianças estão em apoio psicológico nesta Instituição. Através dos dados da nossa avaliação, foi-nos possível enquadrar doze destas crianças no quadro de Perturbação de oposição, de acordo com o DSM – IV; duas destas crianças não possuem os critérios suficientes para preencher o mesmo diagnóstico.

As mães apresentam uma idade média de 36 anos, com idades compreendidas entre 25 e os 48 anos e acompanham as crianças à consulta de Avaliação Psicológica de um centro comunitário que atende as crianças das escolas do Concelho no «Projecto Comunitário Escola Inclusiva (PCEI)», pertencente à Instituição «Associação Para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Mafra – APERCIM». Uma destas entrevistas foi realizada com a avó paterna, que é quem acompanha sempre a criança aos apoios nesta Instituição. Uma destas mães encontra-se desempregada, cinco são domésticas, encontrando-se as restantes empregadas. Quanto aos pais, três estão desempregados, estando os outros empregados. Oito destes casais encontram-se divorciados ou separados, entre os quais quatro já constituíram novas famílias, encontrando-se as restantes

casadas. Uma das mães está grávida. Quanto a irmãos, apenas três destas crianças não têm irmãos e das restantes, seis são os mais novos da família.

IV. 2. Procedimento

A Instituição APERCIM, no âmbito do projecto PCEI, trabalha em parceria com as escolas do Concelho, providenciando um serviço de Avaliações Psicológicas. As crianças são enviadas pelo professor, com uma avaliação deste onde constam as dificuldades sentidas (áreas avaliadas: leitura/escrita, matemática, desenho, autonomia e comportamento).

Nas Avaliações Psicológicas realizadas no Projecto, é feita uma entrevista inicial semi-estruturada às mães, tendo sido esta gravada e transcrita, com a devida autorização. As perguntas realizadas foram feitas de acordo com o desenrolar das entrevistas, dando-se liberdade para desenvolver o tema conforme podiam, tendo-se usualmente iniciado a entrevista com uma pergunta sobre qual a queixa dos pais e dos professores em relação à criança.

Foram utilizadas todas as fontes de informação disponíveis para melhor compreender o nosso objecto de estudo. Assim, recolhemos informação junto dos professores da criança, de conversas informais com as mães no decorrer das avaliações, bem como o recurso às fichas das crianças que eram apoiadas na Instituição, quer por nós, quer pelos outros técnicos da equipa. As entrevistas foram sendo transcritas e analisadas consoante foram sendo feitas; daí partia-se para novas perguntas, relevantes para abordar na próxima entrevista. Foi assegurado o anonimato dos sujeitos participantes no estudo, bem como a total confidencialidade dos dados recolhidos e sua exclusiva utilização no contexto da investigação.

IV. 3. Análise de Dados

De acordo com o método da “Grounded Theory”, fizemos a análise das entrevistas, destacando os incidentes que procurávamos perceber e nomear. Estes incidentes são codificados ao mesmo tempo que se vão elaborando memorandos. A codificação consiste na tarefa de atribuir conceitos gerais aos incidentes relacionados; estas categorias vão sendo constantemente comparadas entre si dando origem a inter-relações, de forma a construir a teoria. Conforme fomos avançando neste processo, foram diminuindo o número de novas categorias, com repetição de categorias anteriormente criadas, ficando mais ricas até à sua plenitude, ou seja, até não existirem mais ideias para acrescentar à definição dessas categorias e às relações estabelecidas. Através do processo de codificação e de comparação constante, foi possível chegar uma categoria central, donde surgem as relações com as restantes, bem como entre si, o que nos permitiu construir um modelo teórico explicativo.

V - Resultados

Ausência de Triangulação

O que mais se destacou nestas entrevistas foi a **Ausência de Triangulação** na dinâmica familiar (fig. 1). Embora as entrevistas tenham sido feitas apenas às mães, seria de esperar que os pais fossem por vezes mencionados; contudo isso raramente acontece o que nos leva a pensar sobre a ausência paterna no discurso, que é a provável tradução de uma também Ausência da Relação.

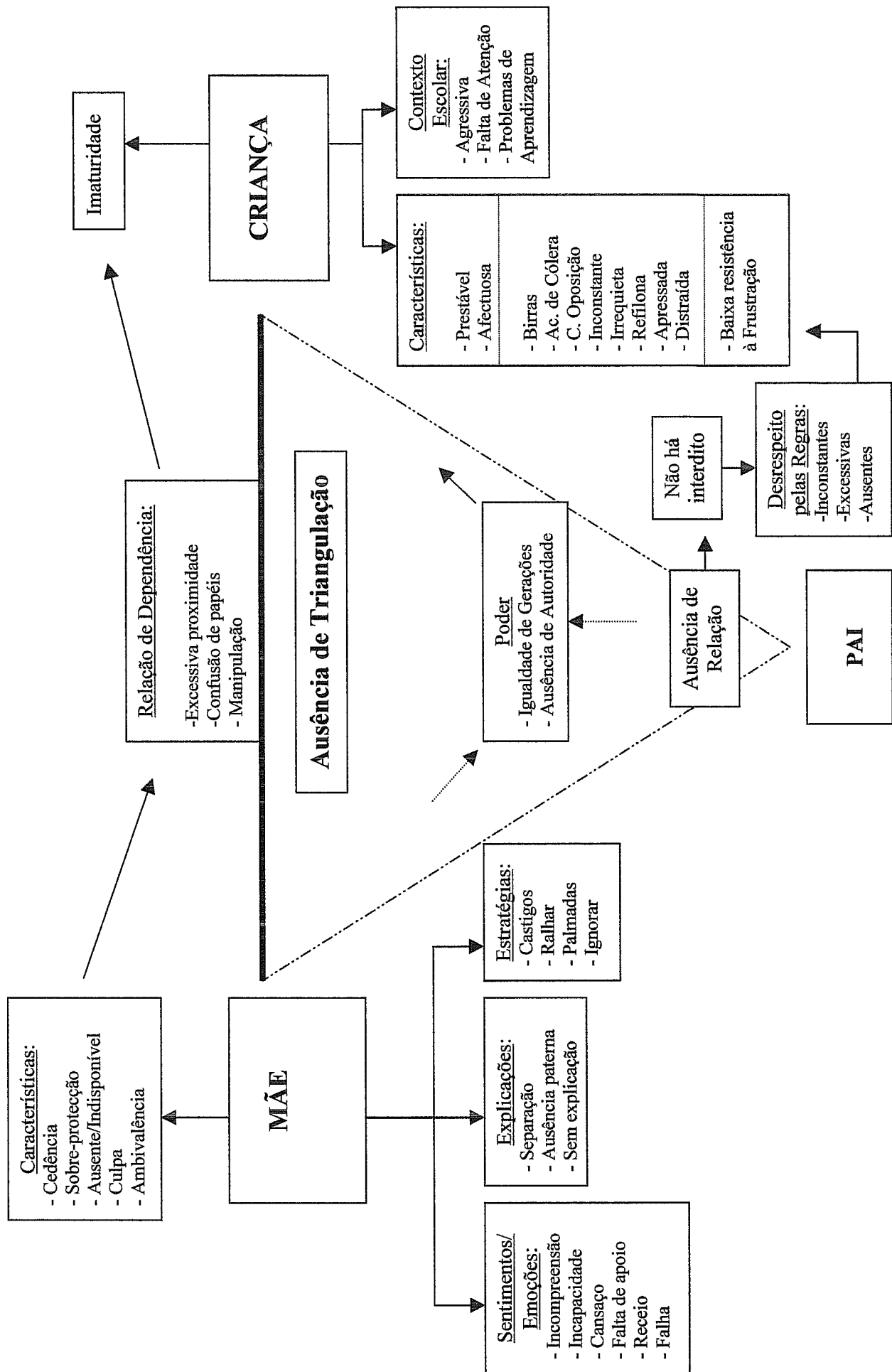
A Preocupação Materna Primária (1956, in Winnicott, 2000) traduz-se por uma sensibilidade intensificada da mãe para com as necessidades do bebé durante a gravidez e após o nascimento (primeiros tempos de vida). Esta condição temporária parece, nestes casos, prolongar-se no tempo dando lugar a uma Relação de Dependência. A relação entre mãe e criança (os dois elementos presentes) prima então pela exclusividade, uma vez que não existe mais ninguém para disputar a atenção e o amor; esta relação não é afectada pela presença do pai ou de irmãos.

Poder

A não existência de um rival leva a criança a assumir um poder que não é o seu, o poder sobre os adultos e em especial sobre a mãe («A mãe faz o que eu quero»). A ausência de autoridade definida, pois esta tanto pertence à mãe como à criança, acaba muitas vezes por levar a que a criança seja a detentora do poder na dinâmica familiar («Todos fazem o que eu quero»). Assim a criança e os adultos situam-se ao mesmo nível; isto actua não só a nível da família nuclear como da família alargada e com outros adultos, existindo uma igualdade de gerações.

Ausência de Relação

Sendo a figura paterna quem normalmente dita e impõe as regras bem como os interditos, a ausência deste, quer seja física (divórcio, separação) ou emocional (não participação na vida da criança) faz acrescer ao papel da mãe a necessidade de as impor, tendo de desempenhar os dois papéis parentais.



O Desrespeito pelas regras impostas pelo adulto nestas crianças pode dever-se a uma inconstância na maneira como estas são colocadas (deixando a criança insegura quanto ao seu comportamento e ao que se espera de si), uma ausência de regras (deixando a criança à vontade para fazer o que quer) ou ainda um excesso de regras (que faz com esta se revolte, chamando a atenção através do seu comportamento).

Relação de Dependência

A Ausência de Triangulação contribui para a formação de uma Relação de Dependência que funciona tanto para a mãe como para a criança; não só a criança ainda está demasiado dependente da mãe para explorar o seu meio, como a mãe fica demasiado dependente da criança para conduzir a sua vida. Forma-se uma excessiva proximidade entre mãe e criança, havendo uma confusão de papéis e inversão dos mesmos. Torna-se uma relação «promíscua», em que a mãe não se consegue distanciar o suficiente para educar, para utilizar o seu poder parental na imposição de regras e limites. Isto faz com haja manipulação entre ambos na tentativa de obter ganhos próprios; assim acabam por ter em parte o que desejam, sem perder totalmente sem que percam totalmente o afecto um do outro. A dinâmica familiar é alterada, uma vez que há confusão de papéis. As mães sentem-se sozinhas, desempenhando ambos os papéis e sentindo falta de apoio, quer seja do marido, do pai das crianças, da família ou da comunidade (serviços de saúde, serviços escolares, ...).

Características da Mãe:

Estão muito presentes na mãe o sentimento de culpa em relação ao problema da criança e a ambivalência em relação a esta culpa (se dela, se da criança, se de outros), que lhes provoca um peso enorme, do qual sentem necessidade de se aliviarem através da sobre-protecção e cedência perante os caprichos da criança; não têm solidez suficiente para recusar os pedidos da criança ou para imporem a sua vontade até ao fim, com medo de perder o amor da

criança; não há espaço para a criança dizer «já não gosto de ti» pois estas mães levam a sério a afirmação, não a encarando como um desabafo temporário. Para estas mães o papel parental acaba por ocupar um papel central nas suas vidas. No entanto têm grandes dificuldades em desempenhá-lo pois não conseguem estabelecer regras e limites; tentam dar tudo à criança, não conseguindo gerir a satisfação emocional desta, uma vez que esta exige sempre mais. Como tal, muitas vezes tornam-se ausentes ou indisponíveis para as solicitações da criança, pois sentem que já não conseguem dar mais nada.

Sentimentos e Emoções

Além da falta de apoio, outros sentimentos e emoções são despertados nestas mães: incompreensão perante os comportamentos, não percebendo o porquê de tal acontecer; à primeira não conseguem arranjar um motivo ou explicação sobre o porquê de tais comportamentos; incapacidade para lidar com os problemas que as crianças trazem, não sabendo bem como resolvê-los; cansaço perante a situação e a repetição dos comportamentos, sem encontrarem nenhuma solução para o problema. Quanto aos seus receios, prendem-se com o presente e com o futuro, i.e., com o presente no sentido de compreender o que se passa agora com a criança, qual a razão destes comportamentos, será que ela está a tentar transmitir alguma coisa, como se chegou aqui,... quanto ao futuro a preocupação está relacionada com o como será esse futuro, que comportamentos irão ter, que exigências irão ter e como irão as mães lidar com isso.

As dificuldades que sentem em lidar com o comportamento da criança, transmite-lhes uma sensação de falha no seu papel como mães. Esta falha gera-lhes receios sobre o futuro destas crianças; outra maneira de aliviar a culpa é tentando minimizar ou desdramatizar os seus comportamentos, comparando-os a outras crianças ou a si próprias enquanto crianças. Algumas mães acabam por se desculpabilizar, colocando a culpa inteiramente na criança.

Explicações

No que diz respeito à razão para estes comportamentos, são poucas as mães que conseguem apresentar causas explicativas para os mesmos; muitas referem a ausência paterna, quer por separação ou divórcio, quer por não participação na família, como motivo para a revolta que as crianças sentem. Algumas sentem culpa pelos problemas da criança, como se estes fossem por causa de algo que elas (não) fizeram; no entanto não conseguem compreender qual a verdadeira natureza do problema da criança, ficando sem explicações para os acontecimentos.

Estratégias

As estratégias que as mães mais utilizam para lidar com as situações de mau comportamentos são em geral o ralhar, que raramente surte efeito, os castigos e as palmadas. Estas últimas acabam por não ser muito utilizadas pelas mães, que preferem pô-los de castigo. No que diz respeito a estes, embora sejam os mais utilizados, nem sempre resultam; as mães referem que algumas crianças não os respeitam (nem a elas) e terminam eles próprios com o castigo, outras são inconstantes na forma como atribuem os castigos e outras ainda contrariam as suas próprias ordens, desrespeitando-se e desvalorizando o seu poder perante as crianças. Também é utilizado o «ignorar» os comportamentos, em especial aqueles que consideram que são utilizados para chamar a atenção.

Imaturidade

A Ausência de Triangulação que faz com que se estabeleça uma relação de dependência entre mãe e criança e acarreta como consequência na criança uma Imaturidade emocional. Nestas idades, já deviam ter desistido da relação triangular e investido na escola, sublimando os interesses; o que significa que ainda não atingiram essa fase (não conseguem investir na escola) pois são demasiado imaturas. A idealização das figuras parentais que surge como forma de distanciamento para evitar a proximidade em excesso não aparece. Sendo estas crianças demasiado imaturas, demonstram também pouca capacidade de resistir à frustração, para aceitar que nem sempre se pode ganhar e nem sempre se pode ser

o primeiro; muitas vezes é preciso adiar a satisfação imediata – resistir à frustração e compatibilizarmo-nos com o outro.

Características das Crianças

A baixa resistência à frustração e a grande imaturidade emocional nestas crianças traduzem-se na exteriorização de comportamentos tais como acessos de cólera, birras e comportamentos de oposição para com os adultos (mães e/ou professores). Cada vez que se estabelece uma nova relação, a criança transfere o seu modo de relacionamento para com o adulto; tenta novamente utilizar as estratégias que resultam com a mãe para nivelar o poder e estabelecer a igualdade entre gerações, o que acontece se o adulto tiver o mesmo tipo de relação para com a criança. O comportamento desafiante e/ou de oposição tenta repetir-se em cada nova relação, tal como feito com a mãe.

As crianças que fizeram parte da nossa amostra são caracterizadas pelas mães como sendo inconstantes (têm fases de agitação e agressividade que alternam com outras fases em que estão mais calmas), irrequietas (agitadas, cheias de energia, não parando quietas), refilonas (respondem às mães), apressadas (em especial para fazer os trabalhos da escola, afim de se despacharem mais depressa) e distraídas (na escola e nos trabalhos de casa).

Mas também têm características positivas, como por exemplo serem afectuosas (dão beijos, abraços,...) e prestáveis (põem a mesa, arrumam o quarto, ajudam a fazer a cama), embora estes acabem por ser referidos menos vezes, pois são os maus comportamentos que mais afectam a dinâmica da díade.

Contexto Escolar

No contexto escolar, a agressividade está presente em particular no recreio, que é um espaço mais desorganizado e com menor vigilância e intervenção do adulto. A imaturidade emocional destas crianças não as deixa socializar de modo adequado com os seus pares, pois a baixa resistência à frustração faz com que não consigam pôr de lado os seus desejos e caprichos, não consigam ceder, querendo ser sempre os primeiros. A resposta mais rápida para

estas crianças e a mais utilizada por elas é agressividade, que se repete sempre que nova frustração se lhes apresenta, quer seja com os pares, quer seja com os adultos; é como se não tivessem um filtro que lhes permitisse distinguir os contextos onde estão inseridos e o modo de se comportarem perante os outros. A agressividade pode resultar como uma resposta da criança para evitar a fusão com o outro a que pode levar a relação.

Dentro da sala de aula, os seus comportamentos são mais contidos, caso não haja a transferência relacional que existe com a mãe; no entanto, na maioria são crianças desatentas, que se distraem facilmente, o que traz por vezes problemas de aprendizagem.

VI - Discussão

A categoria principal emergente deste processo foi a Ausência de Triangulação entre a família nuclear. As relações estabelecidas são influenciadas pela Ausência de Triangulação entre o núcleo familiar, existindo uma Relação de Dependência entre as mães das crianças que participaram neste estudo e os seus filhos, relação na qual os pais não participam; esta é caracterizada por uma excessiva proximidade, o que leva a uma confusão de papéis na dinâmica familiar; é também utilizada a manipulação, quer pela criança quer pelas próprias mães. Esta relação acarreta para as mães um sentimento de culpa, e ambivalência que depois se reflecte na maneira como lidam com os seus filhos, quer pela cedência perante as exigências das crianças, quer pela sobre-proteção dos seus filhos; estas exigências relacionais feitas pela criança fazem com que por vezes se mostrem ausentes ou indisponíveis para as suas solicitações, não lhes respondendo do modo que a criança necessita por sentirem que não têm ou não podem dar mais. As mães sentem incompreensão perante os problemas dos filhos, incapacidade de lidar com estes, cansaço pela situação, falta de apoio e suporte social; sentem também receio pelo futuro destas crianças e que falharam como mães. Muitas vezes não conseguem encontrar explicações para estes comportamentos e quando o conseguem elegem principalmente a separação do casal e a ausência paterna. Como estratégias para lidar com estes comportamentos, surgem os castigos, o ralhar, as palmadas e o ignorar.

A ausência de triangulação traz também alterações na balança do poder estabelecendo uma igualdade entre gerações e uma ausência de autoridade. A ausência da figura paterna da relação familiar faz com que não haja interdito e como tal há um desrespeito pelas regras; estas podem ser inconstantes, excessivas ou inexistentes. Este desrespeito pelas regras, em conjunto com a imaturidade provoca nas crianças uma baixa resistência à frustração. Quanto à relação de dependência estabelecida entre mãe e criança, provoca nestas últimas imaturidade emocional e comportamental, que se traduz depois em birras, acessos de cólera e

comportamentos de oposição. As mães apontam também outras características para descrever as crianças, tais como inconstantes, inquietas, refilonas, apressadas e distraídas. Como positivo, são apontadas características como prestáveis e afectuosas. No Contexto Escolar isto reflecte-se numa agressividade, em especial nos recreios e em falta de atenção e problemas de aprendizagem, na sala de aula.

Quando comparamos os nossos resultados com os obtidos noutros estudos, encontramos concordância com alguns dos factores apontados como sendo de risco nas crianças, como o temperamento difícil (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Keenan, Shaw, Deliquadri, Giovannelli, & Walsh, 1998; Keenan & Shaw, 1997; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003) e a resistência ao controlo (Bates, Pettit, Dodge & Ridge, 1998; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit, 2003; Murray & Koshanska, 2002). Quanto aos factores de risco dos pais, também foram encontrados alguns que estão presentes na revisão de literatura, tais como a inconsistência na criação de regras e em especial a permissividade, que de acordo com Granic e Lamey (2002) é um padrão característico para os Problemas de Exteriorização de Comportamento. Como refere Novak (1996), muitos pais evitam usar a disciplina porque passam pouco tempo com os seus filhos, o que pode levar à desregulação do comportamento da criança e resultar numa baixa resistência à frustração; a criança necessita de rotinas e de consistência de regras o que pode ajudar a inculcar-lhes disciplina.

Outro dos factores referidos nos estudos é a parentalidade (Beyers, Bates, Pettit & Dodge, 2003; Criss, Pettit, Bates, Dodge & Lapp, 2002; Shaw, Gilliom, Ingoldsby & Nagin, 2003; Fox, Dunlap & Cushing, 2002; Keiley, Howe, Dodge, Bates, & Pettit, 2001; Keiley, Lofthouse, Bates, Dodge & Pettit 2003; Barber, Olsen & Shagle, 1994; Granic & Lamey, 2002), onde centramos o nosso estudo. Aqui tentamos aprofundar para melhor compreender. E assim surge-nos um tipo de relação estabelecida nesta díade, decorrente das características de personalidade destas mães, que de acordo com o DSM – IV apresentaram alguns

sintomas que se inserem no quadro de Personalidade Dependente, como angústia de separação, necessidade de colocar nos outros a responsabilidade, medo de perder suporte ou aprovação e necessidade de manter uma ligação estreita, formando relacionamentos distorcidos ou de excessiva proximidade. São também relações onde existe uma ambivalência constante entre a vontade de impor regras e a cedência perante as mesmas. A incapacidade de controlar as crianças provoca-lhes sentimentos de culpa e incapacidade, utilizando como desculpabilização a ausência da figura paterna da relação triangular, desresponsabilizando-se assim da situação. A relação entre o casal é muita vez inexistente, mesmo quando partilham o mesmo espaço; é muito frequente a ruptura do casal e o abandono da família por parte do companheiro e pai, pelo que é muito importante o suporte social, não só por parte do pai das crianças como também da rede social que rodeia estas famílias. Há uma necessidade de partilha na família de responsabilidades, de angústias e receios.

Um aspecto novo que surge nesta investigação é a ausência da figura paterna da tríade. Nestes casos em que o pai está ausente fisicamente da relação, é fácil que daí resulte a relação de proximidade, uma vez que não há outras figuras para disputarem a atenção. Mas, e nos casos em que o marido está presente, onde há mais irmãos, porque é que estes não participam na relação ou não os deixam participar? Fica então a pergunta de que imagens de pai têm estas mães, o que esperam do companheiro, de marido e de pai (seu pai e pai da criança); que respostas encontram na criança que não encontram no marido? O próximo passo numa continuação desta investigação é o de tentar compreender que imagem têm estas mulheres da figura paternal, do seu pai e do pai dos seus filhos, do papel que querem que o homem desempenhe como marido e como pai.

Um dos objectivos desta investigação é poder contribuir não só para a compreensão da dinâmica destas famílias como também poder ter aplicação prática no delineamento de planos de intervenção que possam permitir a prevenção de Problemas de Comportamento. Estes são abordados de forma mais eficaz quando as crianças são novas, através de intervenções precoces dirigidas à

família. A prevenção primária é importante nestes casos para não correremos o risco do desenvolvimento de adolescentes problemáticos e futuros indivíduos com problemas de integração na sociedade. A intervenção pode ser feita a dois níveis: individual – nos pais e na criança – ou na família. A intervenção privilegiada seria uma que teria início nos primeiros anos de vida da criança, pois estes são óptimos para utilizar abordagens que modelem e promovam a mudança de comportamentos. Estes anos são críticos no desenvolvimento da comunicação, da interacção social e da linguagem e permite-lhes aprender desde cedo a interagir com sucesso nas diversas circunstâncias sociais; de modo semelhante, as famílias precisam de adquirir confiança e competência no suporte da criança nestes ambientes. Os serviços de saúde têm um grande potencial para reduzir os problemas de comportamento das crianças, aumentando as competências e capacidades das famílias para resolver futuros problemas. A perspectiva de que a criança pertence à comunidade ajuda as famílias a manter um estilo de vida equilibrado; muitas vezes, as famílias de crianças com problemas de comportamento são segregadas e sentem-se isoladas.

De acordo com Fox, Dunlap e Cushing (2002) é preciso desenvolver uma sociedade entre a família da criança com Problemas de Comportamento e os profissionais que fazem a intervenção, que se estende para além da focalização na mudança dos comportamentos indesejados. Esta pode necessitar de ajuda para aceder a informações e recursos; os profissionais fornecem também suporte e compreensão à família que se sente frustrada e que sofre de stress.

Terminamos com um pensamento suscitado pelo artigo dos autores Mcevoy & Welker (2000), que referem que vivemos em tempos complexos onde os factores que causam stress nas crianças e nos adultos parecem ser cada vez mais complicados em cada geração, e que depositam a esperança nos objectivos comuns e na crença de que o futuro irá ser melhor.

VII - Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behaviour Checklist/4-18 and 1991 Profile*. Burlington, V T: University of Vermont, Department of Psychiatry
- American Psychiatric Association (1996). *DSM – IV – Manual de Diagnóstico e estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barber, B. K., Olsen, J. E. & Shagle, J. E. (1994). Associations Between Parental Psychological and Behavioral Control and Youth Internalized and Externalized Behaviours. *Child Development*, 65, 1120-1136.
- Bates, J. E., Pettit, G. S., Dodge, K. A., Ridge, B. (1998). Interaction of temperamental Resistance to Control and Restrictive Parenting in the Development of Externalizing Behaviour. *Developmental Psychology*, 5, (11), 982 – 995.
- Belsky, J. (1981). The determinants of parenting: a process model. *Child development*, 55, 83-89.
- Beyers, J. M., Bates, J. E., Pettit, G. S. & Dodge, K. A. (2003). Neighbourhood Structure, Parenting Processes, and the Development of Youth's Externalizing Behaviours: A Multilevel Analysis. *American Journal of Community Psychology*, 31, (1/2), 35 – 53.
- Bohnert, A. M., Crnic, K. A. & Lim, K. G. (2003). Emotional competence and aggressive behavior in school-age children – 1. Retrived from *Journal of Abnormal Child Psychology*, October, 21, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_1_31/ai_97891764

- Brehaut, J. C., Miller, A., Raina, P. & McGrail, K. M. (2003). Childhood behavior disorders and injuries among children and youth: a population-based study. *Pediatrics*, retrieved November 16, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0950/is_2_111/ai_97873288
- Capaldi, D. M., Pears, K. C., Patterson, G. R. & Owen, L. D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: a prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 2, (31), 127–142.
- Conduct Problems Prevention Research Group (2002). Predictor variables associated with positive fast track outcomes at the end of third grade – Statistical data included. In *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 19, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_1_30/ai_84341831
- Conger, R. D., Neppl, T., Kim, K. J & Scaramella, L. (2003). Angry and aggressive behavior across three generations: a prospective, longitudinal study of parents and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_31/ai_100484206
- Corbin, J. & Strauss, A. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. California: FAGE Publications Inc.
- Criss, M. M., Pettit, G. S., Bates, J. E., Dodge, K. A. & Lapp, A. L. (2002). Family Adversity, Positive Peer Relationships, and Children's Externalizing Behavior: A Longitudinal Perspective on Risk and Resilience. *Child Development*, 73, (4), 1220 – 1237.

Dubow, E. F., Huesmann, R. R. & Boxer, P. (2003). Theoretical and methodological considerations in cross-generational research on parenting and child aggressive behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_31/ai_100484209

Eber, L., Sugai, G., Smith, C. R. & Scott, T. M. (2002). Wraparound and positive behavioral interventions and supports in the schools. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*. Retrieved July 21, 2004, from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_3_10/ai_90924935

Fergusson, D. M., Lynskey, M. T. & Horwood, L. J. (1996). Factors associated with continuity and changes in disruptive behavior patterns between childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology* Retrieved January 9, 2005, from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_n5_v24/ai_19060102

Fonseca, A. C., Rebelo, J. A., Ferreira, A. G., Formosinho, M. D., Pires, C. L & Gregório, M. H. (2000). A relação entre Comportamento Anti-Social e Problemas Emocionais em Crianças e Adolescentes: Dados de um estudo transversal e longitudinal. *Psychologica*, 24, 213-218.

Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. & Cardoso, F. (1994). Um inventário de competências sociais e de problemas de comportamento em crianças e adolescentes – o *Child Behavior Checklist* de Achenbach (CBCL). *Psychologica*, 12, 55 – 78.

Fox, L., Dunlap, G. & Cushing, L. (2002). Early intervention, positive behavior support, and transition to school. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*. Retrieved July 21, 2004 from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_3_10/ai_90924933

Friman, P. C., Handwerk, M. L., Smith, G. L., Larzelere, R. E., Lucas, C. P. & Shaffer, D. M. (2000). External Validity of Conduct and Oppositional Defiant Disorders Determined by the NIMH Diagnostic Interview Schedule for Children. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved October 24, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_3_28/ai_63910745

Furlong, M. & Morrison, G. (2000). The school in school violence: definitions and facts. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*. Retrieved July, 21, 2004, from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_2_8/ai_62804295

Granic, I & Lamey, A.V. (2002). Combining dynamic systems and multivariate analyses to compare the mother – child interactions of externalizing subtypes – Statistical data included. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 19, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_3_30/ai_86874933/pg_1

Herjanic, B. & Reich, W. (1997). Development of a structured psychiatric interview for children: agreement between child and parent on individual symptoms. *Journal of Abnormal Child Psychology*, Retrived November 8, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_n1_v25/ai_19365529

Heubeck, B. G. (2000). Cross-Cultural Generalizability of CBCL Syndromes Across Three Continents: From the USA and Holland to Australia [1]. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved May 31, 2004 from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/cf_0/PI/search.jhtml?key=Achenbach&page=2&magR=all+magazines

Hinshaw, S. P. (2002). Process, mechanism, and explanation related to externalizing behaviour in developmental psychopathology. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved May, 5, 2004 from the World Wide Web:

http://articles.findarticles.com/p/articles/mi_m0902_5_30/ai_93317369

Hops, H., Davis, B., Leve, C. & Sheeber, L. (2003). Cross-generational transmission of aggressive parent behavior: a prospective, mediational examination. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004, from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_31/ai_100484207

Keenan, K. & Shaw, D. (1997). Developmental and Social Influences on Young Girls' Early Problem Behavior. *Psychologica Bulletin*, 1, (121), 95 – 113.

Keenan, K., Shaw, D. Deliquadri, E. Giovannelli, J. & Walsh, B. (1998). Evidence for the continuity of early problem behaviors: application of a developmental model. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_6_26/ai_53870346

Keiley, M. K., Bates, J. E., Dodge, K. A. & Pettit, G. S. (2000). A cross-domain growth analysis: externalizing and intrnalizing behaviors during 8 years of childhood. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 19, 2004, from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_28/ai_64456314

- Keiley, M. K., Lofthouse, N., Bates, J. E., Dodge, K. A. & Pettit, G. S. (2003). Differential risks of covarying and pure components in mother and teacher reports of externalizing and internalizing behaviour across ages 5 to 14. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved November 09, 2003 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/cf_0/PI/search.jhtml?type=all&magR=m2250&key=%22behavior+problems%22+and+%22school-age%22
- Lahey, B. B., Goodman, S. H., Waldman, I.D., Bird, H., Canino, G., Jensen, P., Regier, D., Leaf, P. J., Gordon, R. & Applegate, B. (1999). Relation of Age of Onset to the Type and Severity of Child and Adolescent Conduct Problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved May 5, 2004 from the World Wide Web: http://articles.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_4_27/ai_60596077
- Lahey, B. B., Loeber, R., Burke, J. & Rathouz, P.J. (2002). Adolescent outcomes of childhood conduct disorder among clinic-referred boys: predictors of improvement. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved March 21, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/cf_0/m0902/4_30/89146370/p22/article.jhtml?term=%22behavior+problems%22+and+%22schoolage%22%2B%22externalizing%22
- Lansford, J. E., Deater-Deckard, K., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S. (2004). Ethnic differences in the link between physical discipline and later adolescent externalizing behaviours. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 4, (45), 801 – 812.
- Liu, X., Kurita, H., Guo, C., Miyake, Y., Ze, J. & Cao, J. (1999). Prevalence and risk factors of behavioural and emotional problems among Chinese children aged 6 through 11 years. *Journal of the American Academy*

- of Child and Adolescent Psychiatry*. Retrieved July 12, 2004 from the World Wide Web:
http://www.findarticles.com/cf_0/PI/search.jhtml?key=%22behavior+problems%22+and+%22school-age%22%2B%22externalizing%22&page=9&type=all&magR=all+magazines
- Mattison, R. E & Spitznagel, E. L. (1999). Long-term stability of Child Behavior Checklist profile types in a child psychiatric clinic population. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. Retrieved March 21, 2004 from the World Wide Web:
http://www.findarticles.com/cf_0/PI/search.jhtml?key=Achenbach&page=3&magR=all+magazines
- Marinheiro, A. L. & Lopes, J. A. (1999). Avaliação de Problemas de Comportamento em Idade Pré-Escolar. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 91-108.
- Mathiesen, K. S. & Sanson, A. (2000). Dimensions of Early Childhood Behavior Problems: Stability and Predictors of Change from 18 to 30 Months. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved March 21, 2004 from the World Wide Web :
http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_1_28/ai_61969747
- Mayes, L. (1995). In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting* (pp 101-125). Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Mezzacappa, E., Kindlon, D. & Earls, F. (1999). Relations of Age to Cognitive and Motivational Elements of Impulse Control in Boys With and Without Externalizing Behaviour Problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27 (6): 473-483.

- Miller-Johnson, S., Coie, J. D., Maumary-Gremaud, A. & Bierman, K. (2002). Peer Rejection and aggression and early starter models of conduct disorder – Statistical Data Included. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 19, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_3_30/ai_86874929
- Mills, R. S. & Rubin, K. H. (1990). Parental Beliefs about Problematic Social Behaviours in Early Childhood. *Child Development*, 61: 138-151.
- Mrug, S., Hoza, B. & Bukowski, W.M. (2004). Choosing or being chosen by aggressive-disruptive peers: do they contribute to children's externalizing and internalizing problems?. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_1_32/ai_113346306
- Murray, K. T & Kochanska, G. (2002). Effortful control: factor structure and relation to externalizing and internalizing behaviours. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 13, 2004 from the World Wide Web: www.findarticles.com/cf_0/m0902/mag.jhtml
- Nagin, D. S. & Tremblay, R. E. (2001). Parental and early childhood predictors of persistent physical aggression in boys from kindergarten to high school. *Archives of General Psychiatry*, 58, 389-394.
- Nelson, J. R., Martella, R. M & Marchand-Martella, N. (2002). Maximizing student learning: the effects of a comprehensive school – based program for preventing problem behaviours. *Journal of Emotional and Behavioural Disorders*. Retrieved May 31, 2004 from the World Wide Web: www.findarticles.com/cf_0/mOFCB/mag.jhtml

Nigg, J. T., Quamma, J. P., Greenberg, M. T & Kusche, C. A. (1999). A Two year longitudinal study of neuropsychological and cognitive performance in relation to behavioral problems and competencies in elementary school children. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_1_27/ai_54422555

Novak, L. L. (1996). Childhood behavior problems – includes patient information sheets. *American Family Physician*. Retrived November 8, 2004, from the world Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m3225/is_n1_v53/ai_17874527

Olson, S. L., Bates, J. E., Sandy, J. M. & Lanthier, R. (2000). Early Developmental Precursors of Externalizing Behaviour in Middle Childhood and Adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved May 31, 2004 from the World Wide Web: http://articles.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_28/ai_64456311

Oswald, D. P., Cohen, R. C., Best, A. M, Jenson, C. E & Lyons, J. S. (2001). Child Strenghts and the Level of Care for Children with Emotional and Behavioral Disorders – Statistical Data Included. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*. Retrieved December 14, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_3_9/ai_77865937

Pettit, G. S., Bates, J. E & Dodge, K. A. (1997) Supportive Parenting, Ecological Context, and Children's Adjustment: A Seven – Year Longitudinal Study. *Child Development* (5), vol. 68, 908 – 923.

Pettit, G.S., Laird, R.D, Dodge, K.A., Bates, J.E., Criss, M.M. (2001). Antecedents and Behaviour-Problem Outcomes of Parental Monitoring and

Psychological Control in Early Adolescence. In *Child Development*, 2, 72, 583 – 598.

Pires, A. (2001). Introdução à Grounded Theory. *Crianças (e Pais) em Risco*. Lisboa: ISPA

Reschly, D. J. (1996). Identification and Assessment of Students with Disabilities. *The Future of Children – Special Education for Students with Disabilities*, vol. 6, n.1. 40-50.

Sawyer, M.G., Streiner, D.L & Bghurst, P. (1998). The influence of distress on mothers' and fathers' reports of childhood emotional and behavioral problems. In *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web:

http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_6_26/ai_53870343

Shaw, D. (2003). Advancing our understanding of intergenerational continuity in antisocial behavior. In *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved November 10, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902

Shaw, D.S., Gillion, M., Ingoldsby, E.M & Nagin, D.S. (2003). Trajectories Leading to School-Age Conduct Problems. *Developmental Psychological* 2, vol.39, 189 – 200.

Strauss, A. & Corbin, J. (1994). Grounded Theory Methodology: An Overview. In N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 273 – 285). Califórnia: Sage Publications.

Sutherland, K.S., Wehby, J.H. & Yoder, P.J. (2002). Examination of the relationship between teacher praise and opportunities for students with EBD to respond to academic requests - emotional and behavioral disorders. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*. Retrieved July 21, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_1_10/ai_83790822/pg_2

Thornberry, T.P., Freeman-Gallant, A., Lizotte, A.J., Krohn, M.D. & Smith C. A. (2003). Linked lives: the intergenerational transmission of antisocial behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*. Retrieved July 24, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0902/is_2_31/ai_100484208

Trout, A.L., Nordness, P.D., Pierce, C.D. & Epstein, M.H. (2003). Research on the academic status of children with emotional and behavioral disorders: a review of the literature from 1961 to 2000. Retrieved from *Journal of Abnormal Child Psychology*, October 21, 2004 from the World Wide Web: http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0FCB/is_4_11/ai_112020273/pg_1

Wamboldt, M. Z. & Wamboldt, F. S. (2000). "Role of the Family in the Onset and Outcome of Childhood Disorders: Selected Research Findings. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 39 (10):1212-1219.

Wehby, J.H., Lane, K.L. & Falk, K.B. (2003). Academic instruction for students with emotional and behavioural disorders. *Journal of Emotional and Behavioural Disorders*. Retrieved May 31, 2004 from the World Wide Web: www.findarticles.com/cf_0/m0FCB/mag.jhtml.

ANEXOS

ANEXOS

I

Anexo A

Listagem das Categorias

Listagem das Categorias

1. **Abandono paterno** (3; 1, 2, 3, 17)
2. **Aborto espontâneo** (6; 3)
3. **Abusar** (8; 1, 2, 7, 11) (9; 14)
4. **Abuso Infantil** (11; 1, 2, 4, 5, 7, 11, 14, 19)
5. **Acalmar** (4; 5) (5; 2, 17) (8; 4) (13; 12)
6. **Aceitação** (4; 6, 7, 8, 15, 19) (10; 2, 3) (12; 6, 8)
7. **Acessos de cólera** (3; 13, 17) (4; 7, 8) (5; 4, 5, 9) (6; 1) (8; 2) (9; 17, 19)
(13; 11) (14; 5)
8. **Acidente** (9; 4)
9. **Acidente de viação** (3; 1, 6, 7) (9; 25)
10. **Acreditar** (11; 5, 19)
11. **Actividades** (1; 6) (4; 1, 4, 12, 13, 15, 19) (6; 10) (7; 9) (9; 17) (10; 7, 8)
(12; 12) (13; 8) (14; 7)
12. **Adaptação** (3; 7) (4; 23)
13. **Afectuoso** (1; 9) (2; 4) (4; 10, 11, 22, 23) (5; 4, 10) (6; 2) (8; 4) (9; 4, 9)
(11; 7) (14; 5, 7)
14. **Aagitado** (3; 3, 6, 15) (4; 25) (8; 2, 15) (9; 18) (10; 1, 2, 3)
15. **Agressivo** (2; 1) (3; 15, 17) (4; 1, 5, 7) (6; 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12) (7; 1)
(8; 15) (9; 12, 15, 24) (10; 1, 2, 3, 7, 8, 11, 14) (11; 9) (12; 1, 2, 3) (13; 2) (14;
2, 3)
16. **Ajuda** (8; 11, 12, 14, 15, 16)
17. **Alcoolismo** (9; 8)
18. **Alerta** (4; 23, 24, 28)
19. **Ama** (6; 6) (8; 6) (10; 11)
20. **Ambiente familiar** (5; 8) (6; 6) (8; 2, 4, 7, 11, 13, 14, 16) (9; 20, 21, 24)
(11; 3) (14; 3)
21. **Ambivalente** (2; 4) (7; 10) (8; 8)
22. **Ameaçar** (2; 3, 5) (4; 14) (5; 4, 6, 14, 16, 17, 18) (6; 2) (11; 20) (14; 5)

- 23. Antecipação** (4; 28)
- 24. Ansiosa (mãe)** (12; 14)
- 25. Ansioso** (9; 9) (12; 4)
- 26. Apoio** (3; 9) (8; 11,13) (9; 11) (13; 12)
- 27. Apressada (mãe)** (3; 10) (9; 14)
- 28. Apressado** (2; 5, 8) (4; 20) (5; 3) (11; 11) (12; 13) (14; 6)
- 29. Arrependimento** (2; 8) (8; 8)
- 30. Arrumado** (10; 2, 10)
- 31. Asseio** (4; 16) (9; 19) (11; 10, 11, 15) (13; 4)
- 32. ATL** (2; 3) (3; 7, 13) (4; 1, 2, 7, 11, 12, 16, 19, 24) (6; 7, 12) (9; 1, 2, 4, 15, 22) (10; 2, 4, 8) (11; 10) (12; 11)
- 33. Atraso na fala** (7; 6) (13; 6)
- 34. Ausência materna** (3; 3) (4; 22) (12; 1)
- 35. Ausência paterna** (2; 1, 2, 4) (3; 2, 11, 16) (4; 24) (7; 9) (8; 4, 5) (9; 3)
- 36. Auto-agressão** (10; 1) (14; 5)
- 37. Auto-estima** (14; 9)
- 38. Autônomo** (2; 8) (3; 17) (4; 2, 17) (5; 2) (6; 7) (7; 7) (9; 13, 18, 23) (10; 2, 10) (14; 10)
- 39. Autoridade** (5; 1, 5, 15) (12; 6) (13; 1)
- 40. Avó** (6; 2) (9; 12) (10; 10) (11; 18) (12; 7) (13; 5) (14; 3)
- 41. Barulho** (4; 8, 10) (5; 18)
- 42. Bengala** (4; 11)
- 43. Birras** (2; 2) (4; 2, 6, 8, 19, 22, 29) (5; 2, 9, 10, 13, 14, 15, 17) (6; 1, 2) (7; 4) (8; 1, 3, 10) (13; 11) (14; 5)
- 44. Boa adaptação** (1; 6)
- 45. Bom comportamento** (4; 1, 7) (5; 17) (6; 6) (8; 1, 4, 13) (9; 18, 19) (10; 4) (11; 7)
- 46. Bons filhos** (3; 5)
- 47. Brincar** (1; 5, 7, 9) (5; 13, 16, 19) (6; 10) (7; 4, 5, 8) (9; 22) (10; 2) (11; 3) (12; 6, 11) (13; 8) (14; 6, 7, 11)
- 48. Bronco-pneumonia** (3; 6)

- 49. Caligrafia** (4; 2) (10; 1)
- 50. Calma (mãe)** (8; 3, 7, 10, 11, 14, 15) (9; 14)
- 51. Calmo** (1; 4, 8) (2; 1, 4) (3; 13) (4; 1) (6; 1) (7; 6) (8; 2) (9; 24) (10; 1, 10) (12; 1, 2, 3, 6) (13; 12) (14; 2, 5)
- 52. Cansaço (mãe)** (3; 2, 5, 10, 15) (4; 18, 23) (5; 2, 13, 17) (7; 7) (9; 10) (12; 6)
- 53. Cansado** (4; 18) (5; 13, 17) (11; 2)
- 54. Cansativo** (1; 7)
- 55. Capacidades** (1; 9) (2; 4, 8) (4; 2, 9, 13, 20) (5; 3, 8, 9, 19) (7; 1, 3, 4, 5, 7, 11) (12; 8) (14; 9)
- 56. Castigos** (2; 5, 8) (4; 1, 4, 6, 7, 9, 10, 19, 20, 23, 27) (5; 3, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18) (6; 5, 8) (7; 6) (8; 1, 3, 7, 10, 11, 13) (9; 12, 17, 18, 19, 21, 23) (10; 1, 3, 9, 15) (11; 8) (12; 12) (13; 3, 7) (14; 5)
- 57. Causa** (1; 8, 9, 10) (2; 1, 2, 4, 5) (3; 1) (4; 22, 24) (6; 5) (7; 4) (8; 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 16) (10; 3, 4, 5, 7, 8, 11, 12) (11; 7, 12) (12; 1, 4) (14; 2, 3, 4, 5, 9)
- 58. Cedência** (2; 7, 8, 10) (4; 6, 14, 15, 22, 23) (5; 2, 13) (6; 5) (7; 6) (8; 1, 2, 4, 8, 12, 13, 15, 16) (9; 4, 14, 18, 20, 21) (11; 4, 6, 7) (13; 1, 7)
- 59. Chatear** (1; 2, 5, 12) (5; 1, 2, 10, 11, 15, 16) (6; 2, 6) (9; 2) (11; 4, 18) (13; 1, 3, 7)
- 60. Chocada** (11; 2)
- 61. Chorar** (1; 10) (2; 2, 7, 8) (3; 7, 12) (4; 6, 7, 8, 15) (5; 1, 2, 5, 7, 9, 13, 17) (6; 1, 2, 11) (7; 10) (8; 3, 4) (9; 6, 10) (10; 13) (11; 1, 9, 11) (12; 1, 7) (13; 4, 7, 11) (14; 5, 7)
- 62. Chorar (mãe)** (9; 6, 10) (11; 1) (13; 3) (14; 3)
- 63. Ciúmes** (2; 10) (4; 11) (10; 11, 13) (11; 12)
- 64. Cobrar** (4; 29)
- 65. Cólera** (5; 4)
- 66. Comparação** (1; 1, 7, 9, 10) (2; 10) (3; 2, 3, 6, 11, 12, 15) (4; 16, 17, 22, 26) (5; 4, 7, 8, 11, 12, 13, 16, 17) (6; 3, 4) (7; 3, 4, 5, 6, 11) (8; 1, 9) (9; 2, 3, 16, 18, 24, 25) (10; 2, 3, 7, 8, 11, 12) (12; 2) (13; 3) (14; 3, 5)

- 67. **Compensar** (2; 2) (8; 9) (9; 3, 24)
- 68. **Complicado** (1; 7) (3; 3, 5, 21) (4; 18) (9; 10, 12) (10; 7)
- 69. **Compreensão** (3; 2) (4; 19)
- 70. **Comum** (8; 14) (9; 16)
- 71. **Conduta de oposição** (1, 5) (2; 1, 2, 3, 5, 8, 9) (3; 12) (4; 2, 5) (5; 2, 7, 10, 13, 15) (6; 2, 3, 4, 5, 8, 9) (7; 1, 3, 4, 6) (8; 3, 15, 16) (9; 15, 16) (10; 2) (11; 11, 15, 18) (12; 5, 6, 8, 12) (13; 1, 3, 7) (14; 5, 10)
- 72. **Confiança** (8; 2, 3)
- 73. **Conflito** (1; 8) (4; 5, 10) (10; 5)
- 74. **Confronto** (3; 14) (10; 9) (14; 2, 4)
- 75. **Confusa** (9; 12) (10; 6)
- 76. **Consciência** (2; 4) (8; 1, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 15, 16) (9; 14) (11; 1)
- 77. **Consequências** (4; 19, 27)
- 78. **Contexto** (1; 4) (4; 5, 18, 23) (5; 1, 5, 10, 17, 18) (8; 3, 16) (9; 15, 17) (10; 1, 2, 14, 16) (11; 7, 9, 18) (12; 1, 2, 8) (13; 11)
- 79. **Controlar** (4; 7, 15, 17, 27) (7; 2, 4, 8) (9; 2, 16, 17, 21) (10; 2)
- 80. **Correcção** (2; 2)
- 81. **Culpa** (1; 8, 10) (2; 7, 8) (5; 1, 4, 5, 6, 10, 14, 17) (6; 7) (7; 8, 10) (8; 1, 7, 8, 9, 11, 14) (9; 5, 23) (10; 4) (11; 6, 7) (14; 2, 11)
- 82. **Culpabilização** (3; 3)
- 83. **Cumprir** (4; 3) (9; 11, 24)
- 84. **Decisão** (9; 8)
- 85. **Delegação** (3; 14, 18)
- 86. **Demora** (2; 4) (3; 1, 17) (6; 7)
- 87. **Dependência** (8; 5)
- 88. **Depressão** (4; 22) (14; 9)
- 89. **Desabafar** (3; 9)
- 90. **Desarrumado** (5; 16) (7; 9)
- 91. **Desavenças conjugais** (3; 1, 9, 10) (7; 4) (8; 4, 9, 14) (10; 5, 6)
- 92. **Desconhecimento** (11; 1, 5)
- 93. **Descontrole** (3; 20) (4; 10) (6; 1) (8; 3, 8, 10)

- 94. Desculpabilização** (3; 7) (6; 6) (8; 4) (10; 1) (13; 2)
- 95. Desejo** (2; 4, 5, 8, 9) (3; 13) (4; 21) (7; 11) (8; 16) (9; 11) (12; 13) (13; 12)
- 96. Desenvolvimento normal** (1; 2) (3; 6)
- 97. Desenvolvimento precoce** (1; 2)
- 98. Desespero** (11; 4)
- 99. Desgastante** (4; 18)
- 100. Desgosto** (9; 8, 9)
- 101. Desinteresse** (1; 8) (2; 7) (4; 9) (5; 3) (7; 7, 11) (9; 23)
- 102. Desistir** (4; 24) (9; 2, 16)
- 103. Desmotivado** (4; 9, 10) (9; 23) (13; 9, 10)
- 104. Desobediência** (4; 28)
- 105. Desorganização** (4; 14) (9; 21, 22, 23) (10; 1, 5, 6) (13; 11)
- 106. Desrespeito** (5; 14) (13; 7)
- 107. Destabilizar** (1; 12) (9; 24) (10; 4, 5)
- 108. Desvalorização** (3; 12)
- 109. Dialogo** (4; 28)
- 110. Difícil** (2; 4) (3; 4) (5; 8, 16) (6; 1) (7; 1, 4) (8; 1) (9; 2, 3) (11; 3, 4, 6, 8, 20) (12; 4) (13; 1, 4, 7)
- 111. Dificuldades de adaptação** (3; 7) (6; 6) (7; 1, 2, 3) (10; 2, 4) (12; 7) (13; 9)
- 112. Dificuldades alimentação** (4; 2) (6; 3) (7; 7) (10; 15) (11; 15) (12; 4) (13; 4) (14; 11)
- 113. Dificuldades concentração** (4; 25)
- 114. Dificuldades escolares** (1; 8) (2; 1, 6, 7) (3; 2) (4; 9) (5; 3, 18, 19) (7; 1, 4, 5, 7, 8) (9; 1) (10; 1, 6, 14, 15) (11; 8, 9, 15) (12; 1, 4, 8, 13) (14; 1, 9, 10)
- 115. Dificuldades fala** (13; 6)
- 116. Dificuldades financeiras** (3; 21) (6; 7) (9; 6, 10) (10; 9) (13; 1)
- 117. Diferente** (5; 16)
- 118. Dinheiro** (4; 26)
- 119. Dislexia** (1; 8) (3; 1) (5; 19)
- 120. Disponibilidade** (1; 6)

- 121. **Distinção** (2; 4)
- 122. **Distraído** (1; 2, 8) (2; 3, 5, 6, 7, 8) (3; 1) (4; 8, 16, 20) (5; 9, 18) (9; 22)
(10; 2) (12; 8)
- 123. **Divórcio** (3; 10)
- 124. **Doenças** (1; 5, 10) (3; 6) (5; 6) (6; 3, 4) (8; 1, 8, 11, 12) (10; 13, 14) (12;
3, 4, 13) (13; 1, 2, 3, 4) (14; 7, 11)
- 125. **Doente** (9; 12)
- 126. **Doida** (9; 11)
- 127. **Doido** (6; 2, 4)
- 128. **Dormir** (1; 5) (4; 5) (5; 7, 17) (6; 8, 9) (7; 6) (9; 13) (11; 12, 13) (12; 4,
5, 10, 12) (13; 4, 5, 8) (14; 8)
- 129. **Dramatizar** (4; 24, 28)
- 130. **Educação** (8; 1, 2, 5, 6, 9, 10, 15) (9; 12, 21)
- 131. **Elogio** (1; 12) (5; 2) (7; 1, 4, 5, 7, 11) (9; 19)
- 132. **Encoprese** (4; 16) (11; 2, 4, 11, 17) (13; 1)
- 133. **Enganar** (9; 5, 6, 9)
- 134. **Enurese** (1; 2) (4; 16) (11; 17)
- 135. **Envolvimento** (4; 24)
- 136. **Esconder** (9; 4, 5, 6, 7, 14, 24) (11; 1, 4, 20)
- 137. **Esforço** (4; 21)
- 138. **Esquecer** (9; 5)
- 139. **Esquecido** (2; 3, 8) (4; 4)
- 140. **Estabilidade** (4; 5, 6) (5; 7) (8; 2, 15, 16)
- 141. **Estragar** (7; 6) (13; 2)
- 142. **Estratégias** (4; 10, 12, 18, 19, 22) (9; 18)
- 143. **Estupidez** (5; 4, 6, 7, 8, 11, 12, 14) (9; 4)
- 144. **Excitado** (4; 1)
- 145. **Experimentação** (4; 10, 18) (9; 22)
- 146. **Explicar** (9; 4)
- 147. **Falecimento** (6; 3, 7) (14; 3, 4)
- 148. **Falhar** (6; 1)

- 149. **Falta de apoio** (3; 15) (4; 24) (8; 11)
- 150. **Falta de comunicação** (2; 8, 9); (3; 12, 13)
- 151. **Falta de concentração** (1; 4) (5; 18) (10; 5)
- 152. **Falta de paciência** (5; 12)
- 153. **Feliz** (9; 8, 9, 10, 12) (11; 13)
- 154. **Finanças** (8; 2)
- 155. **Firmeza** (2; 7) (4; 2, 6, 7, 14, 17, 19) (5; 2, 3, 7, 10, 17) (7; 2, 4, 10) (8; 2, 7, 8, 14, 15, 16) (9; 16, 17, 18, 21, 24) (10; 2, 3, 7, 9, 11, 15) (11; 8, 15) (12; 6) (13; 3, 7) (14; 5, 6)
- 156. **Frustrações** (4; 22)
- 157. **Fuga** (4; 24) (6; 2) (11; 10, 19, 20) (13; 2, 5)
- 158. **Furioso** (2; 7)
- 159. **Futuro** (4; 1)
- 160. **Gravidez** (9; 4, 8, 11, 12, 25) (10; 11) (11; 13)
- 161. **Gravidez ansiosa** (1; 1) (6; 3) (8; 9) (10; 10) (12; 2) (13; 6) (14; 3, 4)
- 162. **Gravidez normal** (1; 1) (3; 5, 6)
- 163. **Gravidez tardia** (7; 2)
- 164. **Gravidez vigiada** (1; 1)
- 165. **Gritar** (4; 5, 7, 22) (5; 3, 5, 6, 9) (6; 8, 11) (8; 3, 7, 8) (9; 12, 17, 18) (10; 11) (12; 4) (13; 5)
- 166. **Idade** (3; 11)
- 167. **Ignorância** (3; 4, 11) (10; 9)
- 168. **Ignorar** (4; 2, 6, 8) (5; 10, 17) (6; 6) (8; 7, 8) (13; 11, 12)
- 169. **Igualdade de Gerações** (1; 3, 5, 7, 10) (3; 4, 5) (4; 5) (5; 1, 4, 8, 10, 11, 14, 17) (6; 3, 5, 8, 9, 10) (7; 3, 5, 11) (8; 3, 15) (9; 16, 17) (12; 1, 2, 6, 9) (13; 2, 3, 11)
- 170. **Imaturo** (11; 7)
- 171. **Imigrante** (1; 1)
- 172. **Implicativo** (6; 6, 7)
- 173. **Impulsivo** (4; 14) (5; 7, 11) (6; 6) (9; 4, 15)
- 174. **Inadaptação** (3; 7)

- 175. **Incapacidade** (3; 11) (7; 4, 8) (8; 11, 13, 15) (9; 19, 20) (10; 9)
- 176. **Incompreensão** (2; 1) (3; 8, 11, 12) (5; 4) (6; 5) (7; 10) (8; 3, 7) (9; 13, 18) (11; 7, 9, 12) (12; 2, 3) (13; 10)
- 177. **Inconstância familiar** (3; 4, 5, 16) (7; 6) (8; 12)
- 178. **Inconstante** (1; 4) (2; 4) (3; 4, 13, 15, 17, 18) (4; 1, 2, 5, 11, 14, 18, 22, 23, 25) (5; 4, 5, 15, 16, 18) (6; 1, 10, 11) (8; 1, 4) (9; 22, 23) (10; 1, 5, 16) (12; 8) (13; 2, 5, 10, 11, 12)
- 179. **Inculpabilização** (3; 3)
- 180. **Indisponibilidade** (3; 2) (5; 4) (8; 5, 6) (10; 11)
- 181. **Inexperiência** (10; 3, 10)
- 182. **Infantil** (10; 12)
- 183. **Informação** (4; 18)
- 184. **Ingrato** (6; 5)
- 185. **Inseguro** (8; 6) (11; 17)
- 186. **Insistente** (4; 16) (5; 1, 7, 11, 13) (6; 6) (8; 8) (11; 7, 8) (12; 6)
- 187. **Insistir** (9; 3)
- 188. **Instabilidade** (8; 5)
- 189. **Insucesso escolar** (2; 1, 6, 9) (8; 11)
- 190. **Insuficiente** (2; 6)
- 191. **Interesse** (4; 25)
- 192. **Interessado** (4; 30)
- 193. **Interesse materno** (1; 8) (4; 3, 10, 13, 25, 27) (9; 18, 24) (11; 4) (12; 8)
- 194. **Internamento** (3; 6) (11; 3) (13; 4)
- 195. **Intervenção paterna** (4; 2)
- 196. **Irrequieto** (1; 2, 3, 4, 5, 8) (2; 5) (4; 17, 18, 19) (5; 9) (6; 1, 3) (8; 1, 4) (11; 4, 17) (12; 3, 4) (13; 3, 12) (14; 7)
- 197. **Irritada** (8; 7, 8, 9)
- 198. **Jardim-de-infância** (1; 9, 10) (2; 4) (6; 1, 2, 6) (7; 1, 5, 7) (8; 5, 6) (10; 7, 11) (12; 2, 6, 7) (13; 9) (14; 3)
- 199. **Lento** (10; 15)
- 200. **Lidar** (4; 11, 18, 20, 22) (8; 10)

- 201. **Mal-comportado** (2; 8) (4; 7, 9, 18, 20, 24) (5; 1, 10, 13) (6; 11) (8; 7, 11, 12, 13) (9; 18) (10; 1, 4, 5, 14) (12; 1, 6, 12)
- 202. **Mal-educado** (4; 18, 24) (5; 1, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 16) (8; 1, 3, 7, 12, 13, 16) (10; 5) (11; 9)
- 203. **Malandrice** (4; 4)
- 204. **Mandão** (3; 2) (4; 4, 6, 23) (8; 7, 15)
- 205. **Manipulação adulto** (2; 5) (3; 2, 5, 10, 11, 12, 14) (4; 7, 14, 18, 26, 29) (5; 1, 3, 4, 11, 16, 17) (6; 8) (7; 4, 5, 10) (8; 4) (14; 5, 11)
- 206. **Manipulação criança** (2; 5) (3; 3, 5) (4; 2, 6, 7, 8, 14, 22, 29, 30) (5; 1, 2, 5, 15, 16, 17) (6; 2, 6) (7; 10) (8; 3, 7, 8) (9; 18) (10; 15) (11; 10, 11, 15) (12; 7, 11) (14, 1, 5)
- 207. **Martírio** (3; 8) (7; 1, 2)
- 208. **Mau** (6; 3, 4, 5, 7, 11) (9, 15) (12; 6, 9) (13; 3)
- 209. **Medicação** (8; 10, 13, 14, 16) (9; 12) (11; 6) (12; 1)
- 210. **Medo** (3; 12, 13, 15, 17) (4; 27) (5; 17) (6; 3) (9; 8) (10; 10) (11; 2, 4, 5, 12, 17) (12; 4, 5) (13; 5) (14; 7)
- 211. **Melhoria** (1; 11) (4; 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 21, 22, 23) (5; 11) (8; 3, 12, 13, 14) (9; 1, 4, 12, 13, 15, 18, 21) (11; 7, 8, 14, 16) (12; 1, 2, 6, 8) (14; 10)
- 212. **Mentira** (4; 7, 13, 17) (7; 8) (11; 5, 19) (13; 10)
- 213. **Método de trabalho** (4; 3, 4, 9, 10)
- 214. **Mimos** (1; 8, 9) (2; 2, 10) (10; 8, 11, 12)
- 215. **Minimização** (4; 24)
- 216. **Motivado** (1; 11)
- 217. **Motivar** (4; 10) (8; 11) (10; 1)
- 218. **Mudança comportamento** (3; 17) (5; 1, 12) (9; 12, 23) (10; 5, 8) (11; 9, 17)
- 219. **Mudança paterna** (4; 24)
- 220. **Muito trabalho** (3; 3)
- 221. **Não agressivo** (4; 1)
- 222. **Necessidade de atenção** (2; 9) (3; 9)

- 223. **Necessidade de trabalhar** (3; 3) (9; 10, 11)
- 224. **Necessidades** (4; 11)
- 225. **Nervosa** (3; 9) (8; 8) (9; 4, 19, 25) (11; 2)
- 226. **Nervoso** (9; 1, 5, 17, 24) (11; 2, 18) (12; 1, 2, 4, 6) (14; 5)
- 227. **Normal** (4; 21)
- 228. **Nova família** (3; 1, 11) (9; 3)
- 229. **Obediente** (2; 8) (10; 1) (13; 5) (14; 10)
- 230. **Obrigação** (3; 11)
- 231. **Obrigar** (9; 3) (10; 2, 6, 15)
- 232. **Ocupação** (4; 12)
- 233. **Ódio** (9; 6, 7)
- 234. **Órgãos Judiciais** (11; 1, 2, 3, 4, 14, 17, 19)
- 235. **Organização** (4; 13)
- 236. **Pagar** (8; 1)
- 237. **Palavrões** (12; 6) (14; 2)
- 238. **Palmada** (5; 6, 10, 14, 17, 18) (6; 2) (8; 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12) (9; 14, 15, 16, 20, 21) (11; 20) (12; 1, 6) (13; 1, 3, 12) (14; 5)
- 239. **Participativo** (1; 6) (4; 3, 13) (8; 11)
- 240. **Parto difícil** (6; 3)
- 241. **Parto normal** (3; 6) (12; 3) (14; 3)
- 242. **Parto provocado** (6; 3) (13; 6)
- 243. **Pedopsiquiatra** (4; 12, 24) (9; 12) (11; 3, 6)
- 244. **Pena** (2; 8) (8; 1, 11)
- 245. **Percepção** (1; 8) (3; 11) (9; 4, 5, 6)
- 246. **Percurso Escolar** (3; 6)
- 247. **Permissiva** (3; 4) (4; 6) (8; 1, 3)
- 248. **Poder** (1; 5, 7) (2; 2) (4; 3, 6, 26) (5; 5, 10, 14) (6; 1, 8)
- 249. **Pontualidade** (4; 21)
- 250. **Pouco tempo** (3; 2)
- 251. **Preguiçoso** (1; 2) (2; 1, 3, 4, 6, 7) (5; 8, 19) (6; 9) (9; 14) (13; 10) (14; 1, 9, 10)

- 252. Prematuro** (2;1) (8; 8)
- 253. Preocupação** (2; 2, 9)
- 254. Prestativo** (2; 8) (3; 3, 4, 17) (4; 15, 25, 26) (5; 2, 15) (7; 9) (8; 4) (9; 19) (13; 11) (14; 10)
- 255. Problemas** (3; 14, 20)
- 256. Proibir** (4; 28) (11; 5)
- 257. Prolongado** (3; 2)
- 258. Promessas** (3; 14) (4; 7, 28, 29) (9; 11, 19)
- 259. Protecção** (8; 6) (9; 2, 3, 8) (11; 7)
- 260. Provocador** (4; 8)
- 261. Psicólogo** (2; 4) (3; 11) (6; 1) (7; 1, 6) (9; 7) (10; 3, 5, 7, 8, 9, 11) (11; 4) (13; 1, 12)
- 262. Qualidades** (1; 12) (2; 4, 5) (3; 5) (4; 22)
- 263. Quedas** (5; 13) (6; 1, 4, 12) (9; 18) (10; 11, 12, 13) (13; 6, 7) (14; 7)
- 264. Queixa** (11; 1, 2, 3, 17)
- 265. Questionamento** (3; 5, 17) (4; 18) (10; 8)
- 266. Ralhar** (1; 12) (2; 2) (4; 29) (5; 4, 15) (6; 5) (7; 6) (8; 3, 16) (9; 2, 4, 14, 19, 21, 24) (10; 3) (11; 3, 4) (13; 1, 3, 12) (14; 2, 3, 5, 7, 8, 11)
- 267. Rebelde** (3; 1, 6)
- 268. Receio** (3; 5, 20) (4; 1, 28) (9; 9, 25) (11; 20)
- 269. Refilão** (2; 2, 5, 10) (3; 4) (5; 1, 2, 4, 9, 10, 14, 16) (6; 1, 3) (8; 7, 12) (9; 18) (10; 10, 15) (12; 6)
- 270. Reforço Positivo** (2; 4) (4; 3, 15)
- 271. Regras** (2; 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9) (4; 5, 6, 12, 14, 15, 21) (5; 10) (6; 6) (7; 3, 5) (8; 1, 8, 12, 13, 14, 15) (9; 16) (10; 2, 3, 4, 7, 8, 10) (12; 2) (14; 3)
- 272. Reguila** (1; 1, 3) (3; 1, 6) (13; 4)
- 273. Relação com outros** (4; 10)
- 274. Relação fraterna** (2; 10) (3; 2, 6) (4; 5, 10, 11, 13, 22) (9; 4, 10) (11; 12) (13; 2) (14; 6)

- 275. Relação materna** (1; 9) (2; 2) (4; 15, 24, 25) (6; 7) (7; 2) (8; 2, 5) (9; 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 22) (10; 8, 9, 12) (11; 7, 8, 11, 12) (12; 5, 8, 11) (14; 2, 6, 7, 11)
- 276. Relação paterna** (1; 6) (11; 5, 18, 19)
- 277. Relacionamento entre pares** (1; 6, 9, 10) (2; 2, 3) (4; 4, 10, 21) (5; 16) (6; 2, 6, 7, 11, 12) (7; 2, 9) (9; 1) (10; 11) (12; 1, 2, 12) (13; 8) (14; 2, 6)
- 278. Relacionamento familiar** (5; 4)
- 279. Rendimento escolar** (4; 3)
- 280. Repreensão** (2; 8) (5; 11) (6; 2) (8; 3) (9; 16, 17) (12; 6)
- 281. Reservado** (2; 5, 8, 9) (4; 21) (6; 7) (13; 10)
- 282. Respeito** (5; 3, 4, 10, 2, 14, 17) (6; 3) (7; 4, 6) (13; 7)
- 283. Responsabilidade** (1; 9) (4; 3, 19, 26) (8; 13) (9; 2, 17) (11; 9, 13, 14)
- 284. Retribuição** (3; 10)
- 285. Revelar** (9; 7)
- 286. Revolta (mãe)** (9; 10)
- 287. Revoltada** (2; 1, 2, 6) (8; 1) (9; 3, 5) (10; 4)
- 288. Rotina** (1; 5, 7, 8) (3; 4, 9, 10, 15) (4; 1, 15, 16) (5; 11) (6; 7, 8, 9) (7; 3, 7) (9; 10) (10; 2, 15) (11; 15) (12; 1, 10, 11) (13; 7) (14; 6)
- 289. Rotular** (4; 18) (8; 14) (9; 7, 10)
- 290. Separação** (2; 1, 4) (3; 1) (6; 8) (7; 4) (9; 7, 8) (11; 5)
- 291. Sequência de problemas** (3; 8, 17)
- 292. Sofrimento** (3; 1, 2, 7, 10, 13) (9; 2, 3, 10) (11; 3, 6, 12, 20)
- 293. Sozinho** (9; 13) (10; 2, 11) (12; 5) (14; 7)
- 294. Stressada** (3; 4, 5) (8; 2, 4, 10, 12, 15)
- 295. Sucesso escolar** (2; 6) (4; 3, 9)
- 296. Surpreendidos** (3; 10)
- 297. Tabaco** (4; 29)
- 298. Técnicos** (4; 23) (10; 7, 8, 9, 10, 12) (11; 2, 17)
- 299. Teimoso** (2; 1, 8) (5; 3) (7; 11) (9; 15, 16) (11; 18) (13; 1)
- 300. Testar** (8; 2) (14; 5)
- 301. Trabalho** (3; 10)

- 302. Trabalhos de casa** (1; 2, 5, 7, 11) (2; 3, 7) (4; 2, 15, 18, 21) (5; 7, 9) (6; 9) (7; 6, 8) (10; 15) (11; 10, 14, 15) (12; 8, 11) (13; 7, 10) (14; 6, 9)
- 303. Tratamentos hospitalares** (3; 8)
- 304. Triste** (2; 6) (4; 7) (9; 1) (11; 4, 7, 19) (14; 2, 5)
- 305. Tristeza** (2; 4) (14; 4)
- 306. Turma** (1; 8, 11, 12) (4; 4, 8) (5; 3, 12) (6; 12) (10; 4)
- 307. Ultrapassar** (9; 11)
- 308. Vergonha** (5; 7) (8; 3) (9; 2, 7, 19) (11; 4)
- 309. Vitimização** (11; 6, 10)
- 310. Vingativo** (6; 4, 5) (11; 16) (12; 1, 2)
- 311. Violência doméstica** (9; 5, 6, 7, 14, 15, 24)
- 312. Zangado** (4; 10) (5; 3, 16) (6; 9) (9; 1, 5, 14) (14; 6, 10, 11)

Anexo B

Memorandos

Memorandos das categorias

1. Abandono paterno (3; 1,2, 3, 17)

Na entrevista 3 a mãe refere o abandono do pai como um acontecimento traumático que pode ser um dos factores que originou os problemas da criança (e do seu irmão). O pai não abandonou só a mulher mas também os filhos, substituindo a família por uma nova (mulher e filho). Embora a mãe refira que o pai nunca tenha sido um pai presente durante o casamento (ela fazia de pai e de mãe), há uma culpabilização do pai pela sua ausência da vida dos filhos, bem como pelo abandono do casamento numa das alturas em que a mãe mais necessitava de apoio, ou seja, enquanto se encontrava a recuperar do acidente de viação sofrido

2. Aborto espontâneo (6; 3)

A mãe da entrevista 6 sofreu um aborto espontâneo na gravidez anterior à desta criança; a gravidez seguinte foi passada cheia de receios pela vida da criança, fazendo uma projecção de morte sobre a criança por nascer.

3. Abusar (8; 1, 2, 7, 11) (9; 14)

As mães das crianças das entrevistas 8 e 9 referem que estas «abusam» em várias situações, i.e., que conforme a mãe vai cedendo, a criança ganha poder sobre esta e repete os maus comportamentos, por vezes piorando-os. Há consciência de que a criança os vai fazendo porque a vão deixando e de que está a ultrapassar os limites que a mãe considera que não devia ultrapassar. No entanto nem sempre as mães tomam qualquer atitude em relação a este tipo de abuso de poder da criança.

4. Abuso Infantil (11; 1, 2, 4, 5, 7, 11, 14, 19)

Suspeita-se de que a criança da entrevista 11 tenha sido vítima de abuso infantil, pelo que foi efectuada queixa pelo hospital que examinou a criança numa ocasião onde demonstrava sinais de abuso. A mãe refere que durante as investigações, foi apurado que a queixa estava provada e o processo segue nesta altura em tribunal.

5. Acalmar (4; 5) (5; 2, 17) (8; 4) (13; 12)

As crianças demonstram maneiras diferentes de se acalmarem; na entrevista 4 a mãe refere que a consegue acalmar em casa, enquanto que na entrevista 5 a criança acalma quando o adulto cede ou quando o comportamento é ignorado, como acontece também com a criança da entrevista 13. Na entrevista 8 são as palmadas têm efeito calmante, i.e., fazem com que a criança cesse com os seus maus comportamentos.

6. Aceitação (4; 6, 7, 8, 15, 19) (10; 2, 3) (12; 6, 8)

As mães, nas entrevistas 4 e 12 referem que as suas crianças já aceitam melhor quando lhes são impostas regras, não lhes permitindo fazer aquilo que querem; já conseguem obedecer melhor. Também a mãe da criança da entrevista 10 refere que na maioria das vezes a criança aceita os castigos e as ordens da mãe, embora por vezes finja não a ouvir.

7. Acessos de cólera (3; 13, 17) (4; 7, 8) (5; 4, 5, 9) (6; 1) (8; 2) (9; 17, 19) (13; 11) (14; 5)

É comum à maioria das crianças desta amostra terem acessos de cólera quando contrariadas nos seus desejos, o que demonstra uma baixa resistência à frustração. Estes acessos traduzem-se por um descontrolo no comportamento que inclui atirar com objectos, bater com portas e gritos; a sua baixa resistência à frustração é traduzida pela passagem ao acto. Estes comportamentos são típicos de crianças mais novas e não são supostos existirem nestas idades, em especial com tanta frequência. São crianças imaturas para a idade, o que pode advir da maneira como as mães as tratam, «abebezando-as», não os deixando tornar-se autónomas.

9. Acidente de viação (3; 1, 6, 7) (9; 25)

O acidente de viação sofrido pela família da entrevista 3, com excepção do pai, é visto como muito traumatizante por parte da mãe, ainda não estando as suas repercussões ultrapassadas; é aliás apontado como mais uma das causas de destabilização da criança e da família. Ao longo período de convalescença da mãe seguiu-se a separação, para a qual poderá ter contribuído o para a separação do casal. A família da criança da entrevista 9 também sofreu um acidente de viação mas sem consequências físicas de maior.

11. Actividades (1; 6, 7) (4; 1, 4, 12, 13, 15, 19) (6; 10) (7; 9) (9; 17) (10; 7, 8) (12; 12) (13; 8) (14; 7)

A grande maioria das crianças estão envolvidas em actividades extra-curriculares na escola, como natação, ginástica ou música, e/ou fora da escola tais como, catequese, futebol ou escuteiros, entre outras, que lhes ocupa alguma parte do tempo livre, em especial a criança da entrevista 4. De acordo com as mães das crianças das entrevistas 4 e 10 são boas maneiras de «gastar a energia extra» que estas crianças parecem possuir. A criança da entrevista 4, de acordo com a mãe,

necessita de acção constante afim de permanecer ocupado, embora tenda a ter problemas de comportamento em cada nova actividade iniciada; por exemplo, uma das actividades em que a criança está envolvida e onde existiram problemas, foi na catequese. Os problemas aqui foram nos primeiros tempos de frequência, tendo sido resolvidos com uma conversa entre a mãe e a catequista, onde ela lhe explicou a natureza do problema do Manuel e como lidar com ele. Quanto à criança da entrevista 10 frequentou o Kickboxing, mas teve de sair porque o ATL não gostou da actividade, achando que esta era uma das causas da agressividade da criança; embora a criança da entrevista 9 pratique Karaté e esteja no mesmo ATL que a criança da entrevista 10, não tendo contudo sido obrigada a desistir da actividade.

Contudo, o gasto de energia nestas actividades parece não ser suficiente para evitar a agitação sentida no dia-a-dia; não será também promotora da mesma, uma vez que há mais crianças que fazem actividades e não têm distúrbios de comportamento. Embora seja benéfico a frequência de actividades desportivas organizadas, que envolvam regras e promovam o relacionamento entre pares, tal como o futebol, parecem não ser o suficiente para estas crianças diminuírem os maus-comportamentos.

12. Adaptação (3; 7) (4; 23)

Para a mãe da criança na entrevista 4 é importante estar sempre com atenção aos comportamentos da criança, para evitar os problemas e adaptar-se constantemente; uma vez que a criança está sempre a utilizar novas estratégias, a mãe vê-se obrigada a procurar novas respostas numa tentativa de diminuir os maus comportamentos

13. Afectuoso (1; 9) (2; 4) (4; 10, 11, 22, 23) (5; 4, 10) (6; 2) (8; 4) (9; 4, 9) (11; 7) (14; 5, 7)

Por afectuoso entendemos os comportamentos de beijar, abraçar e a utilização de palavras como "*meigo*". É uma palavra utilizada pela maioria das mães para descrever positivamente a sua criança; embora algumas mães o mencionem apenas uma vez ou outra ao longo de toda a entrevista, quase como um contraponto às «queixas» feitas, "*ele também consegue ser meiguinho*". Sendo os comportamentos negativos tão evidentes e tão perturbadores da dinâmica familiar, as mães encontram-se focalizadas principalmente nestes comportamentos, que atenuam os positivos.

14. Agitado (3; 3, 6, 15) (4; 25) (8; 2, 15) (9; 18) (10; 1, 2, 3)

Uma das palavras utilizadas para descrever as crianças das entrevistas 3, 4, 8, 9 e 10 é "*agitada*"; embora as mães não descrevam muito mais sobre o que consiste essa agitação, ela é sentida desde que a criança é pequena; os contextos onde é sentida variam de criança para criança, ou talvez o que varie seja o grau de percepção que as mães têm dessas mesma agitação, na medida em que as incomoda e até onde a toleram. Mães com menor tolerância à agitação motora dos seus filhos sentem mais essa agitação.

15. Agressivo (2;1) (3; 15, 17) (4; 1, 5, 7) (6; 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12) (7; 1) (8; 15) (9; 12, 15, 24) (10; 1, 2, 3, 7, 8, 11, 14) (11; 9) (12; 1, 2, 3) (13; 2) (14; 2, 3)

Com excepção da entrevista 1, todas as mães descrevem as crianças como sendo agressivas em algumas ocasiões, embora nem sempre o sejam (inconstantes). As ocasiões de maior agressividade ocorrem na escola, em particular nos recreios, onde entram em confronto físico (bater) com os seus pares; uma possível explicação é o facto deste espaço ser mais desorganizado (menos contenção, menos limites, menos regras) e onde há menor vigilância do adulto. Outra

possível explicação é que a imaturidade emocional destas crianças não as deixe socializar de modo adequado com os pares uma vez que têm baixa tolerância à frustração.

Em casa essa agressividade não se traduz tanto em bater mas sim em acessos de cólera, onde a agressividade é agida através dos objectos que rodeiam a criança, embora provavelmente seja dirigida à mãe. Uma das mães (entrevista 3) afirma que a criança atira objectos para o chão porque não lhe pode bater; no entanto, uma das crianças acaba por agredir não só os seus pares como também os adultos significativos, como acontece na entrevista 6, em que a mãe refere constantemente que a sua criança é muito agressiva, batendo nos colegas e na própria família; agride a mãe (com socos), em especial durante a gravidez (agressividade dirigida também ao irmão por nascer), o irmão e o avô materno (pontapés). Há uma inversão de papéis nesta família em que é a criança que bate nos adultos e não o contrário. Uma hipótese explicativa para este poder que a criança tem sobre a família pode estar relacionada com uma possível sobreprotecção inicial, uma vez que durante a gravidez a mãe teve receio de ter um aborto espontâneo, como tinha acontecido com a gravidez anterior. A criança da entrevista 10 é agressiva, de acordo com a mãe, apenas no recreio da escola; contudo ao longo da entrevista ela acaba por dizer que no ATL as coisas também não correm muito bem..

16. Ajuda (8; 11, 12, 14, 15, 16)

A mãe da criança da entrevista 8 acha que primeiro temos de nos tratar para depois podermos ajudar os outros, i.e., primeiro os pais/mães têm de se acalmar para depois conseguirem impor regras nos filhos, donde se conclui (como ela acaba por afirmar) que os problemas e os comportamentos dos pais têm influência nos comportamentos dos filhos. Isto significa que as crianças podem ser, em parte, a imagem dos pais, como fala a teoria geracional de transmissão de comportamentos; também os pais têm dificuldade em gerir a frustração, sendo

precipitados nas respostas que dão. O que pode ajudá-los a conterem-se, no caso desta mãe, é o tratamento farmacológico, nomeadamente a ingestão de calmantes que a ajudem a racionalizar e a estabilizar.

19. Ama (6; 6) (8; 6) (10; 11)

As crianças das entrevistas 3, 6 e 10 estiveram numa ama, antes da entrada para o Jardim-de-infância, tendo surgido apenas problemas com a última, que não se dava bem com os seus pares; quanto à criança da entrevista 8, esta foi educada pelos familiares mas a mãe acha que as amas não ajudam ao desenvolvimento correcta da criança (são um modo de ganhar dinheiro, batem mais...).

20. Ambiente familiar (5; 8) (6;6) (8; 2; 4, 7, 11, 13, 14, 16) (9; 20, 21, 24) (11; 3) (14; 3)

Para a mãe da entrevista 8 o ambiente familiar influencia muito o comportamento da criança; se este for mais agitado, a criança será também mais agitada, se este for calmo, então a criança será também mais calma, logo poderá ser uma das causas para os comportamentos da criança. Na entrevista 9 a mãe também refere que o ambiente gerado pela criança em casa está mais complicado, tendo dificuldades em lidar com os maus comportamentos; outro dos problemas nessa família é a questão da educação e da concordância entre os cônjuges quanto à melhor maneira de lidar com a criança, concordância esta que nem sempre acontece. O ambiente familiar da criança da entrevista 11 foi posto em causa aquando da queixa de abuso efectuada afim de se determinar se seria necessário o afastamento da família; a mãe refere que ele tem um bom ambiente familiar, comprovando perante os órgãos judiciais e evitando o internamento da criança. Na entrevista 14 o ambiente em casa da criança passou por fases difíceis com o falecimento dos avós maternos, tendo a criança que desempenhar o papel de

cuidador da mãe com 4 anos; esta mãe aparenta todos os sinais de depressão, o que influencia o comportamento da criança, que pode ser classificado como desajustado (a sua expressão emocional frequentemente não condiz com a sua expressão verbal); é como se a criança tivesse encarregue de cuidar da mãe e «animá-la».

21. Ambivalente (2; 4) (7; 10) (8; 8)

A mãe da criança da entrevista 2 mostra-se ambivalente quanto às capacidades cognitivas que ela possui; faz um movimento oscilante constante entre o ter capacidades (“*é preguiçoso*”) e o não ter (“*não consegue*”). A recusa das dificuldades prende-se com a negação da culpa que possa eventualmente ter pela falha da criança; a culpabilidade sentida por esta mãe em relação ao casamento fracassado e ao outro filho (vítima de doença crónica devido a prematuridade e complicações no parto) já é grande, pelo que acrescentar mais um fracasso «a criança tem dificuldades cognitivas por culpa sua, por problemas na gravidez e no parto» é demasiado pesado. Assim, é mais fácil pensar que o problema da criança deve-se a características da personalidade que podem ser mudadas, que ela pode trabalhar, do que ser ela a responsável por mais um conjunto de problemas.

Quanto à mãe da criança na entrevista 8, a ambivalência também é patente no seu discurso, alternado entre as afirmações de culpa e as de inocência fundamentada através das opiniões especializadas dos técnicos que trabalham com a criança.

22. Ameaçar (2; 3, 5) (4; 14) (5; 4, 6, 14, 16, 17, 18) (6; 2) (11; 20) (14; 5)

A maioria das mães destas crianças (ou dos adultos significativos) ameaçam bater ou castigar as crianças sem depois o concretizarem; podemos colocar a hipótese de que estas mães têm uma relação de proximidade excessiva com estas crianças, não sendo capazes de se distanciar de modo a impor as regras e consequentes

castigos por não as cumprir. A simples ameaça sem concretização não é sentida pela criança como punição, logo a criança não compreende e não interioriza que não pode ter determinados comportamentos, utilizando sempre que possível as estratégias (no caso destas crianças o mau comportamento, as birras, os acessos de cólera) que lhes permitem vencer o confronto com as mães e realizarem os seus desejos.

Também os professores utilizam essa estratégia, como acontece por exemplo na entrevista 2, onde ir ao recreio (mais em particular a não ir) é usada como ameaça para a criança concluir os trabalhos, o que esta acaba por manipular, uma vez que termina as tarefas pedidas à última da hora, sem atenção aos resultados; ao negociar-se constantemente com a criança está-se a ceder perante os seus caprichos, não lhe dando hipótese de experimentar a frustração e o adiamento do prazer, o que faz também com que se prolongue a sua imaturidade.

26. Apoio (3; 9) (8; 11, 13) (9; 11) (13; 12)

As mães das entrevistas 3 e 9 encontraram apoio fora da família, nomeadamente em amigas e colegas de trabalho, para as ajudar a ultrapassar as situações difíceis pelas quais passaram. A mãe da criança da entrevista 13 refere que ela própria também necessita de apoio, pois toda a situação familiar é muito complicada para ela.

27. Apressada (mãe) (3; 10) (9; 14)

As mães das crianças das entrevistas 3 e 9, são elas próprias apressadas, não podendo (ou querendo) dispor de algum tempo para acompanhar a criança nas suas tarefas; assim, acabam por fazer as tarefas pelas crianças, retirando-lhes autonomia ou infantilizando-os (vestindo-os, dando-lhes de comer,...) segundo elas para se “*despacharem mais depressa*” ou para “*não se chatearem*” com elas.

Não conseguem modificar estes comportamentos através de outras estratégias, como por exemplo, levantando-se mais cedo de modo a dar mais tempo à criança, supervisionando e sendo firmes com ela.

28. Apressado (2; 5, 8) (4; 20) (5; 3) (11; 11) (12; 13) (14; 6)

Algumas destas crianças são descritas como apressadas; esta é uma das justificações apresentadas pelas mães nas entrevistas 2, 5 e 14 para a criança fazer as coisas mal, quer as da escola, quer as da casa. As crianças utilizam isso quando não querem fazer o que lhes pedem. Pode trata-se de desinteresse, por ser uma altura com menos estímulos para a criança ou poderá ser uma maneira de ser ela a controlar o que faz e como retaliação por fazer o que não quer (conduta de oposição). Quanto à da entrevista 4, embora seja apressada, não tem dificuldades escolares. Esta pressa também pode ser vista como uma agitação interior da criança que faz com que esta não consiga relaxar e fazer as coisas devagar.

29. Arrependimento (2; 8) (8; 8)

Nas entrevistas 2 e 8 as mães ficam arrependidas por terem gritado ou batido pois entendem que são elas próprias as responsáveis pelos maus comportamentos das crianças, quando lhes permitiram ultrapassar os limites inicialmente impostos. Todas as crianças testam os limites impostos pelos adultos; contudo muitas crianças sabem distinguir quando é para parar e nem todos os adultos cedem perante as várias tentativas. No entanto, algumas destas mães têm consciência de que deixam a criança chegar demasiado longe, sabendo que é errado permitir isso pois é uma das causas para os actuais problemas que têm, arrependendo-se de na altura não terem sido mais firmes.

31. Asseio (4; 16) (9, 19) (11; 10, 11, 15) (13; 4)

As crianças das entrevistas 4, 11 e 13 têm encoprese e a questão do asseio acaba por ser importante para as mães das duas primeiras; quanto à mãe da criança da entrevista 13 parece não se sentir muito incomodada com tal, desculpando como sendo uma doença. Além do mais, as duas primeiras dependentes das mães para se limparem, não tendo maturidade suficiente para o fazerem (ou as mães não os deixam autonomizar-se nessa tarefa).

32. ATL (2; 3) (3; 7, 13) (4; 1, 2, 7, 11, 12, 16, 19, 24) (6; 7, 12) (9; 1, 2, 4, 15, 22) (10; 2, 4, 8) (11; 10) (12; 11)

O ATL é um espaço importante para a criança, uma vez que ela passa aí grande parte do seu tempo, desde o fim da escola até que os pais a venham buscar, incluindo férias. Grande parte das crianças das entrevistas não teve dificuldades de adaptação aquando da entrada para o ATL; contudo as crianças das entrevistas 4, 6 e 10 tiveram dificuldades no presente ano lectivo, o que se pode dever a mudanças internas na Instituição aonde frequentam o ATL. O desequilíbrio num dos contextos, como aconteceu no caso da criança da entrevista 4, faz com que todos os outros contextos frequentados pela criança sejam afectados. Embora a criança da entrevista 9 não tenha problemas de comportamento com adultos no ATL, este ano lectivo está com problemas no relacionamento entre pares no ATL.

34. Ausência materna (3; 3) (4; 22) (12; 1)

Nas entrevistas 3, 4 e 12 é referido pelas mães a falta de tempo e disponibilidade para dar atenção à criança, durante um determinado período de tempo, quer esta indisponibilidade tenha ocorrido por motivos de doença, quer de trabalho; isto é apontado como uma das possíveis causas explicativas para os maus

comportamentos das crianças. No caso da entrevista 3 foi um internamento hospitalar, primeiro da criança em pequena, por motivos de doença e depois da mãe por acidente de viação, que a obrigou a deixar a criança ao cargo da avó; no caso da entrevista 4 foi uma depressão que a mãe teve, durante cerca de dois anos (quando a criança tinha 4 anos) que fez com que não tivesse disponibilidade para estar com a criança, tentando depois recuperar o tempo perdido.

35. Ausência paterna (2; 1, 2, 4); (3; 2, 11, 16) (4; 24) (7; 9) (8; 4, 5) (9; 3)

As mães das entrevistas 2, 3, 7, 8 e 9 referem com muita frequência a ausência do pai como um dos factores que poderia ser responsável pelos problemas actuais da criança. Sendo as primeiras divorciadas, queixam-se de que o pai da criança não lhes dá a devida atenção nem visita com a devida frequência. É uma também uma tentativa de inculpação do outro, que abandonou a família, deixando-as sozinhas para lidar com estas crianças. Embora a maioria dos casais separados tenham constituído novas famílias, ou tenham novos companheiros, a estes não lhes é permitido «entrar» na relação, ainda que muitos desempenhem o papel de pais, como é o caso da criança da entrevista 9; frequentemente, o papel de pai é desempenhado de modo incerto, pois estas mães não os deixam intervir em situações de castigos. As crianças ficam então com dois pais masculinos em «part-time», um presente mas que não manda e um ausente que não liga. Na entrevista 8 a mãe refere que os primeiros 4 anos foram passados com alguma ausência da parte do pai, embora não sejam divorciados. Poucas são as mães que referem o pai (ou companheiro) durante a entrevista, mesmo quando são casados. A figura paterna é ausente mesmo quando existe em casa, na família. Esta ausência pode dever-se a um afastamento dos problemas das crianças da parte do pai (não atribuem importância, não se querem envolver, não estão totalmente a par do que se passa na vida dos seus filhos) ou por parte da mãe, i.e., a própria mãe não deixa espaço suficiente para a intervenção do pai, afastando-o da relação, tornando a relação com a criança quase exclusiva, ou tomando a si

responsabilidade dos problemas de comportamento da criança e consequentemente resolução, por pensar que estes são culpa sua. Com o pai fora da relação não há espaço para a triangulação, logo não há quem faça as «leis» e crie as regras, pois estas mães estão demasiado próximas da criança para o conseguirem fazer.

38. Autónomo (2; 8) (3; 17) (4; 2, 17) (5; 2) (6; 7) (7; 7) (9; 13, 18, 23) (10; 2, 10) (14; 10)

A maioria das crianças das entrevistas são autónomas em certas tarefas, como por exemplo, vestir-se, fazer a cama, fazer o pequeno-almoço, demonstrando ocasionalmente saber desempenhá-las. Contudo nem sempre o fazem e nem sempre as deixam fazer. Uma vez que estas crianças são imaturas emocionalmente e comportamentalmente para a sua idade, o serem tratadas como crianças mais pequenas pode ser uma tentativa de infantilização por parte do adulto, o que também retira à criança obrigação de desempenhar certas tarefas.

39. Autoridade (5; 1, 5, 15) (12; 6) (13; 1)

As crianças das entrevistas 5 e 12 quando repreendidas, respondem frequentemente que os adultos não mandam nelas, desafiando-os. Não lhes reconhecem poder sobre elas.

40. Avó (6; 2) (9; 12) (10; 10) (11; 18) (12; 7) (13; 5) (14; 3)

A criança da entrevista 6 passa muito tempo na avó tendo ficado com esta durante o seu crescimento. No caso das crianças 8, 9 e 10, estas também passam algum tempo com as suas avós. A relação da criança da entrevista 11 com a avó paterna

deteriorou-se muito com a queixa efectuada de abuso contra a ex-companheira do pai, uma vez que a avó não acredita na criança, pelo que esta deixou de a visitar com tanta frequência. A criança da entrevista 14 foi criada com a avó até esta falecer, o que foi um trauma para a família. Na entrevista 13 a criança realizou várias tentativas de fuga para junto da avó. Parece que muitas destas avós agem como mães substitutivas.

43. Birras (2; 2) (4; 2, 6, 8, 19, 22, 29) (5; 2, 9, 10, 13, 14, 15, 17) (6; 1, 2) (7; 4) (8; 1, 3, 10) (13; 11) (14; 5)

Praticamente todas as crianças têm frequentemente birras quando são contrariadas, quer em casa, quer na rua. Utilizam o chorar e as «birras» como manipulação para tentarem fazer o que querem ou quando são contrariadas nos seus desejos. Estes comportamentos são infantis para a sua idade, tal como os acessos de cólera. Podem ser resultante de descontrolo emocional, o que mostra imaturidade emocional para a idade, bem como a ausência de mecanismos reguladores do comportamento. Estas crianças demonstram pouca capacidade de resistir à frustração, são demasiado imaturas emocionalmente, conseguindo pôr de lado os seus desejos e caprichos.

45. Bom comportamento (4; 1, 7) (5; 17) (6; 6) (8; 1, 4, 13) (9; 18, 19) (10; 4) (11; 7)

A grande maioria das mães das crianças destas entrevistas também refere que as crianças têm ocasiões em que se portam bem. Contudo referem muito mais os maus comportamentos, talvez por estes causarem maior tumulto na vida quotidiana da família e serem mais incómodos para as mães.

47. Brincar (1; 5, 7, 9) (5; 13, 16, 19) (6; 10) (7; 4, 5, 8) (9; 22) (10; 2) (11; 3) (12; 6, 11) (13; 8) (14; 6, 7, 11)

A criança da entrevista 14 raramente brinca com os colegas, apenas no espaço de recreio (embora por vezes tenha problemas de agressividade), pois a mãe não a deixa estar com os colegas fora do espaço da escola. De resto todas as outras crianças têm amigos com quem brincar.

49. Caligrafia (4; 2) (10; 1)

Apesar de não ter presentemente dificuldades a português, a criança da entrevista 4 tem uma má caligrafia habitualmente, embora tenha capacidades para a fazer bem, pois quando é obrigada tem uma boa caligrafia. Pode ser uma forma de chamar a atenção da mãe para esta estar perto dele durante os trabalhos de casa ou poderá ser oposição perante o que lhe é pedido, uma vez que esta criança não tem nenhuma incapacidade a nível cognitivo ou motor. Quanto à criança da entrevista 10, as suas dificuldades com o português reflectem-se também na caligrafia.

51. Calmo (1; 4, 8) (2; 1, 4) (3; 13) (4; 1) (6; 1) (7; 6) (8; 2) (9; 24) (10; 1, 10) (12; 1, 2, 3, 6) (13; 12) (14; 2, 5)

A maioria das crianças destas entrevistas têm períodos calmos, menos agitados, embora não o sejam muito referidos pelas mães; estes períodos alternam com outros de maior agitação, demonstrando uma grande inconstância a nível do comportamento. Estas características mais positivas da criança são sempre menos referenciadas, i.e., com menor insistência como se não fossem tão importantes (porque nessas alturas os pais têm maior descanso) ou como se fosse um contraponto à lista de aspectos negativos que estão a apresentar: “*ele é assim mas também tem períodos de maior calma*”. Na entrevista 8 a mãe acha que a criança

acalma se os pais forem pessoas calmas. A criança da entrevista 14 era um bebé calmo, apesar de ao tornar-se mais crescido ser cada vez menos calmo.

52. Cansaço (mãe) (3; 2, 5, 10, 15) (4; 18, 23) (5; 2, 13, 17) (7; 7) (9; 10) (12; 6)

Em quase metade destas entrevistas as mães falam sobre o cansaço que o comportamento das crianças traz para a dinâmica familiar. Na entrevista 3 é todo um conjunto de situações, talvez (segundo a mãe) explicativo da situação – a separação, o comportamento dos filhos, o insucesso escolar – que acarreta este cansaço. Também a mãe da entrevista 4 refere cansaço, mas por uma razão diferente; este está relacionado com o facto de ter de estar constantemente alerta para com os comportamentos do filho e o ter de decidir se há-de revelar os problemas deste a cada novo contexto que ele frequenta. Na entrevista 5 o cansaço deve-se ao comportamento da criança, que não vai ao encontro do desejado pela família. No caso da mãe da criança da entrevista 9 o também sentia cansaço após a separação, uma vez que tinha de trabalhar em dois sítios diferentes afim de poder sustentar a família.

55. Capacidades (1; 9) (2; 4, 8) (4; 2, 9, 13, 20) (5; 3, 8, 9, 19) (7; 1, 3, 4, 5, 7, 11) (12; 8) (14; 9)

As mães das crianças das entrevistas 2, 4, 5 e 7 falam sobre as capacidades escolares das suas crianças, i.e., as mães pensam que elas têm o que é necessário para ter sucesso escolar e não ficarem retidas. No entanto há uma certa ambivalência no que diz respeito à mãe da entrevista 3 quanto às capacidades da sua criança; ela não parece ter a certeza se as dificuldades se relacionam com problemas intrínsecos da própria criança ou se têm a ver com preguiça, i.e., se ela não tem capacidades ou se não quer esforçar-se. A segunda hipótese é menos culpabilizante para a mãe uma vez que se deve a uma característica dela que pode

ser trabalhada, enquanto que na primeira hipótese podem estar implicados factores inerentes ao parto (nomeadamente complicações peri-natais) que podem levar a mãe a assumir uma certa culpabilidade pelas dificuldades do seu filho. Na entrevista 7 também há alguma ambivalência em relação à capacidade da criança; a mãe passa a entrevista toda a dizer que ele é «esperto» mas que na escola tem muitas dificuldades.

56. Castigos (2; 5, 8) (4; 1, 4, 6, 7, 9, 10, 19, 20, 23, 27) (5; 3, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18) (6; 5, 8) (7; 6) (8; 1, 3, 7, 10, 11, 13) (9; 12, 17, 18, 19, 21, 23) (10; 1, 3, 9, 15) (11; 8) (12; 12) (13; 3, 7) (14; 5)

Os castigos são utilizados pelos adultos que lidam com a criança para quando esta se porta mal e não cumpre com as regras estabelecidas ou que os pais pensam que estão estabelecidas; utilizam castigos como não poder brincar ou ficar algum tempo no quarto. Contudo, nem todas as mães conseguem fazer cumprir os castigos; algumas cedem e a criança acaba por não os cumprir na totalidade. Assim estes deixam de fazer efeito e são as mães que cedem, não a criança, ficando o poder do lado da criança, quando este deveria pertencer ao adulto. Não só as mães não conseguem impor as regras como também depois não conseguem fazer cumprir os castigos; há uma permissividade por parte destas demasiado grande. A mãe na entrevista 4, tal como a professora desta criança, já compreendeu a necessidade de firmeza na utilização desta estratégia, empregando-a com frequência, como reforço negativo para controlar a criança. Na entrevista 5 também são referidos constantemente os castigos como estratégia dissuasora. Na 8 a reacção da mãe é inconstante, tanto podendo bater como castigar como não fazer nada.

Muitas mães não conseguem fazer com que os filhos cumpram os castigos e referem-no como se estes tivessem tanto poder como elas «*ponho-o de castigo mas ele não liga*»: estas crianças apresentam tanto poder como os pais, uma vez que eles põem e dispõem destas formas de controlo de comportamentos.

57. Causa (1; 8, 9, 10) (2; 1, 2, 4, 5) (3; 1) (4; 22, 24) (6; 5) (7; 4) (8; 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 16) (10; 3, 4, 5, 7, 8, 11, 12) (11; 7, 12) (12; 1, 4) (14; 2, 3, 4, 5, 9)

As causas apontadas pelas mães para os problemas das suas crianças são variadas. Na entrevista 2 a mãe aponta a separação e ausência do pai como possível razão para estas dificuldades. Também na entrevista 3 a ausência do pai é uma das possíveis causas apontadas, em conjunto com uma série de outros acontecimentos «dramáticos» (acidente de viação, recuperação) pela causa dos problemas da criança e da respectiva família, uma vez que o filho mais velho também tem insucesso escolar. Na entrevista 5, a criança é «igual» à mãe, que representa para a família paterna tudo que há de mau. Quanto à mãe da criança da entrevista 6 acha que a sua criança se comporta mal porque quer chamar a atenção e porque não sabe dar valor aquilo que tem, i. e., os pais dão-lhe tudo o que ela quer a nível material (Playstation, Gameboy) e como tal ela devia de se sentir agradecida e comportar-se bem. Na entrevista 8 as causas apontadas pela mãe são a educação que as crianças recebem, bem como o ambiente familiar que as rodeia, i.e., o comportamento dos pais (se discutem, se estão sempre a correr, se estão mais calmos...). Quanto à sua própria criança, ela aponta o stress e a agitação sentidos pelos pais à instabilidade emocional das crianças. Na entrevista 10 a mãe justifica os problemas da criança através de várias razões: uma em que se deve aos problemas que existem actualmente na relação conjugal, outra onde pensa que a criança utiliza os seus pares para se «vingar» do irmão, uma vez que não lhe responde quando o outro lhe bate; outra ainda com a pouca atenção que lhe foi dada durante a doença do seu irmão mais novo; outro dos argumentos para justificar os maus-comportamentos da criança é a sua reacção à novidade, que cessa assim que se torna familiar com a pessoas e estas impõem as suas regras. Quanto à própria criança, ela justifica-se com o seu colega para a causa dos maus-comportamentos. Quanto ao seu comportamento infantil, a mãe acha que tem a

ver com o não querer crescer para não perder os mimos que tem recebido dos pais; pode também estar relacionado com a competição como irmão mais novo pela atenção dos pais. A mãe da criança da entrevista 12 acha que o facto de ter saído do emprego para dar mais atenção à criança e acompanhá-la mais, implicou uma mudança de comportamento para melhor, o que quer dizer que os maus comportamentos se podiam dever à falta de disponibilidade da família de impor regras e limites ou podiam ser uma chamada de atenção por parte da criança. Na entrevista 14, a mãe levanta a questão de os problemas de agressividade que a criança tem poderem estar relacionados com o falecimento e funeral da avó; quanto ao facto da criança ser nervosa, a mãe relaciona com ela própria, pois também é muito nervosa.

58. Cedência (2; 7, 8, 10) (4; 6, 14, 15, 22, 23) (5; 2, 13) (6; 5) (7; 6) (8; 1, 2, 4, 8, 12, 13, 15, 16) (9; 4, 14, 18, 20, 21) (11; 4, 6, 7) (13; 1, 7)

As mães das entrevistas 2, 4, 5, 7, 8 e 9 acabam por ceder perante as exigências que as suas crianças lhes fazem. As razões para o fazer podem ser numerosas: porque sentem culpa pelos problemas da criança, porque na dinâmica familiar o poder encontra-se maioritariamente do lado da criança, porque a criança consegue manipula-las de modo a que a deixem fazer o que querem... No caso da criança da entrevista 9 isso acontece também com o actual marido da mãe, que muitas vezes cede por pena da criança, outras vezes cede por pedido da mãe. Não são capazes de impor regras nem de impor castigos. Podemos admitir a hipótese de muitas destas mães terem uma personalidade dependente que têm medo de se impor porque faz com que percam o objecto que lhes dá suporte.

59. Chatear (1; 2, 5, 12) (5; 1, 2, 10, 11, 15, 16) (6; 2, 6) (9; 2) (11; 4, 18) (13; 1, 3, 7)

Nas entrevistas 1, 5 e 6 as crianças são descritas como «chatas», que passam a vida a chatear o adulto, incomodando-o, sendo insistentes. Também a mãe da criança da entrevista 9 diz que o «chateia» para ele ter mais cuidado com as coisas dele. No caso da criança da entrevista 11, a mãe refere que fica chateada com ele por causa da encoprese. Quanto à criança, esta fica chateada quando não acreditam nele, no que diz respeito às queixas de abuso.

62. Chorar (mãe) (9; 6, 10) (11; 1) (13; 3) (14; 3)

Na entrevista 11, a mãe da criança chorou bastante quando soube da confirmação legal da queixa de abuso infantil realizada pelo hospital, contra a ex-companheira do pai da criança. Na entrevista 14 a mãe refere que chorou muito durante a gravidez devido ao falecimento do seu pai.

66. Comparação (1; 1, 7, 9, 10) (2; 10) (3; 2, 3, 6, 11, 12, 15) (4; 16, 17, 22, 26) (5; 4, 7, 8, 11, 12, 13, 16, 17) (6; 3, 4) (7; 3, 4, 5, 6, 11) (8; 1, 9) (9; 2, 3, 16, 18, 24, 25) (10; 2, 3, 7, 8, 11, 12) (12; 2) (13; 3) (14; 3, 5)

É frequente, quando há irmãos, as mães fazerem comparações entre estes; é o que acontece nas entrevistas 2, 3, 4, 6, 7 e 9. Na entrevista 3 há uma constante comparação entre a criança e o filho mais velho; a mãe parece achar que a criança não sofrera tanto quanto o seu irmão mais velho uma vez que é muito nova para ter consciência total dos problemas todos; será uma tentativa de desculpabilização: uma vez que ela é mais nova, não terá consciência dos problemas, logo não deveria de ter problemas? Também na entrevista 4 há uma comparação com o irmão mais velho. A criança da entrevista 6 é comparada com o irmão, como igual (em termos de problemas de alimentação), embora tenha quase mais 6 anos que esta. Quanto às entrevistas 5 e 8, não há irmãos com quem comparar, portanto, na entrevista 5, a criança é constantemente comparada à mãe,

tendo «herdado» todos os aspectos negativos desta. A mãe é-lhe constantemente referenciada pela família paterna como tudo o que há de negativo nela. As crianças das entrevistas 8 e 14 são comparadas aos colegas da mesma idade, embora a da entrevista 8 seja considerada pela mãe como mais imatura do que as da mesma idade. Na entrevista da criança 9, a mãe compara a situação actual da criança com a do seu filho, estando em ambientes familiares diferentes e tendo noção disso; refere que embora a situação da criança seja melhor que a do filho mais velho, isso não a impede de reconhecer que os protege a ambos. Embora a criança da entrevista 10 também tenha um irmão (mais novo) com o qual a mãe compara, bem como com as crianças da sua idade, na maioria das vezes a mãe compara consigo própria enquanto criança. Na entrevista 14 a criança também é comparada com a mãe, sendo ambas nervosas.

67. Compensar (2; 2) (8; 9) (9; 3, 24)

Na entrevista 2, a mãe refere que tentou compensar os filhos da ausência do pai, uma vez que após a separação estes deixaram de ter contacto com ele; esta tentativa de desempenhar os dois papéis parentais também está presente na entrevista 3, em que a mãe refere que teve de fazer ambos os papéis, uma vez que o pai nunca manifestou interesse em participar na vida dos filhos. Quanto à entrevista 8, a mãe tentou compensar a criança pelas dificuldades do início de vida, pois o parto foi prematuro e a criança aparentava ser muito frágil; esta mãe pensa que é ela própria a culpada dos problemas iniciais e actuais da criança, apontando durante toda a entrevista a culpa para si, fazendo referências frequentes a isso. O compensar os filhos dos problemas que têm sugere que estas mães sentem culpa pela problemática das crianças e como tal têm que expiar a sua culpa. Tomam a cargo a educação e a resolução total dos problemas da criança. Na entrevista 9 a mãe da criança acaba por compensá-la do ambiente familiar anterior, querendo agora que não lhes falte nada, não só a esta criança como também ao irmão, já adulto.

68. Complicado (1; 7)(3; 3, 5, 21) (4; 18) (9; 10, 12) (10;7)

As mães das entrevistas 3 e 4 descrevem toda a situação da problemática da criança como muito complicada; a mãe da entrevista 4 refere-se também ao que sente em relação à exposição dos problemas da criança a terceiros. A mãe da criança da entrevista 9 estava, na altura da entrevista, a passar por uma fase muito complicada, com os comportamentos do filho, a gravidez e a doença do sogro, que se encontrava acamado. Na entrevista 10 a mãe teve dificuldades em entender-se com o ATL devido às actividades que a criança praticava, com as quais o ATL não concordava.

70. Comum (8; 14) (9; 16)

A mãe da criança da entrevista 8 pensa que os problemas que tem com a sua criança são comuns a outras mães e como tal sente-se à vontade para falar sobre eles, o que já não acontece com o pai da criança, que critica a mãe por esta contar. Também a mãe da criança da entrevista 9 pensa que é comum as crianças serem teimosas e terem problemas de comportamentos. Pelo menos esta mães não se sentem isoladas em relação aos problemas dos seus filhos.

71. Conduta de oposição (1, 5) (2; 1, 2, 3, 5, 8, 9) (3; 12) (4; 2, 5) (5; 2, 7, 10, 13, 15) (6; 2, 3, 4, 5, 8, 9) (7;1, 3, 4, 6) (8; 3, 15, 16) (9; 15, 16) (10; 2) (11; 11, 15, 18) (12; 5, 6, 8, 12) (13; 1, 3, 7) (14; 5, 10)

A maioria das crianças apresenta frequentemente conduta de oposição, em especial para com a mãe. Quando lhes é pedido/exigido que a criança obedeça a algo que a mãe lhe pede esta recusa-se a fazê-lo quer explicitamente, afirmando-o,

quer usando subterfúgios para não cumprir. Este comportamento de oposição não acontece em todas as relações que a criança estabelece, mas aparenta existir quando a balança do poder pesa mais do lado da criança do que do lado da mãe. As crianças das entrevistas apresentam comportamento de oposição perante a mãe, tal como a da entrevista 5 faz para com a avó (figura feminina de referência). As mães referem que são «desobedientes», «não querem fazer»,... A recusa destas crianças em obedecer e cumprir as regras passa por uma falta de capacidade para distinguirem entre os seus desejos e os dos outros, i.e., a sua imaturidade emocional não lhes permite fazer a distinção entre o que querem e o que é suposto adiarem para poderem cumprir os desejos de outro. Não têm noção de que têm de cumprir certas regras e como tal opõem-se quando o têm de fazer; a repetição destes comportamentos (em especial numa idade em que já não deveriam acontecer) tem a ver com uma repetição de comportamentos que lhes permitiram em situações idênticas terem sucesso nas suas pretensões. Assim, as mães acabam por ceder aos seus caprichos, não se impondo, ou não conseguindo impor-se.

72. Confiança (8; 2, 3)

A mãe da criança da entrevista 8 refere os comportamentos da criança pioram à medida que ganha confiança com os adultos, e que isso também serve para «envergonhar» a mãe, i. e., para disputar o poder com ela (discute com ela, recusa-se a obedecer, manda na mãe). A criança vai testando os adultos à medida que os vai conhecendo e exigindo sempre mais dos próprios adultos.

73. Conflito (1; 8) (4; 5, 10) (10; 5)

Uma situação clara de luta pelo poder que normalmente ocorre entre estas crianças e os adultos que com elas lidam é a que aconteceu no caso da criança da entrevista 4; a relação desta criança com o professor do ano lectivo passado teve

como base uma luta constante, igualizando papéis. O professor foi desafiado repetidamente durante o ano lectivo, não tendo conseguido impor-se. O mesmo já não aconteceu este ano, sendo a professora mais firme na relação estabelecida com a criança, tendo esta reconhecido e aceite as regras impostas. Isso traduziu-se também na melhoria do rendimento escolar da criança.

76. Consciência (2; 4) (8; 1, 3, 4, 5, 9, 11, 12, 15, 16) (9; 14) (11; 1)

As mães nas entrevistas 3, 8 e 9 têm consciência de que os comportamentos das suas crianças estão errados e que elas têm de os mudar, embora não façam nada de concreto para isso. Na entrevista 11, a mãe refere que só agora toma consciência do que o filho deve ter sofrido imenso durante o período em que convivia com a ex-companheira do pai, e dos abusos que esta praticava.

78. Contexto (1; 4) (4; 5, 18, 23) (5; 1, 5, 10, 17, 18) (8; 3, 16) (9; 15, 17) (10; 1, 2, 14, 16) (11; 7, 9, 18) (12; 1, 2, 8) (13; 11)

Sendo as crianças do nosso estudo agitadas, quanto maior for a rotina e a previsibilidade nas suas vidas melhor vai ser o seu comportamento. A instabilidade num desses contextos traz instabilidade à vida da criança, traduzindo-se depois nos sintomas de agressividade, acessos de cólera, birras, etc. As crianças das entrevistas 4 e 5 apresentam comportamentos diferentes consoante o contexto onde se encontram. Enquanto que as das entrevistas 4 e 8 comportavam-se pior na rua do que em casa, conseguindo acalmar no ambiente familiar, a criança da entrevista 5 comporta-se melhor perante estranhos do que em casa. Enquanto que a primeira com público há um descontrolo maior, na segunda passa-se precisamente o contrário. Na entrevista 9 a mãe refere que os problemas são sentidos em casa e na escola, não no ATL. Na entrevista 10 a

criança tem maus comportamentos no recreio, não se passando o mesmo nem em casa nem na sala de aula, não tendo a mãe queixas sobre esta em casa. Sendo o recreio um espaço menos contido, com menor supervisão há a possibilidade de haver menor restrição no relacionamento entre pares, dando origem mais facilmente a brigas. Na entrevista 11, a criança porta-se bem quando vai para casa da tia materna, mudando completamente o comportamento na presença da mãe. Também os episódios de encoprese e enurese variam consoante a criança esteja na escola ou de férias. Na entrevista 12, a mãe refere que ele em casa é diferente. Quanto À criança da entrevista 13 a mãe refere que ele tem problemas de comportamento independentemente do contexto.

79. Controlar (4; 7, 15, 17, 27) (7; 2, 4, 8) (9; 2, 16, 17, 21) (10; 2)

As mães das crianças das entrevistas 4, 7, 9 e 10 exercem uma relação de controlo sobre a criança. A mãe da criança da entrevista 4 necessita de estar sempre perto da criança para poder controlar o seu comportamento; a relação entre os dois é no entanto de demasiada proximidade, o que esta mãe acaba por promover, não deixando a criança desenvolver a autonomia necessária para regular o seu comportamento. A criança da entrevista 9 passou ultimamente a ser mais controlada pela mãe, em especial no que diz respeito à escola e ao material escolar. No caso da mãe da entrevista 10, esta permite ao filho ficar em casa sozinho, pelo que tenta controlar o seu comportamento através do telefone.

81. Culpa (1; 8, 10) (2; 7, 8) (5; 1, 4, 5, 6, 10, 14, 17) (6; 7) (7; 8, 10) (8; 1, 7, 8, 9, 11, 14) (9; 5, 23) (10; 4) (11; 6, 7) (14; 2, 11)

A questão da «culpa» pelos maus comportamentos destas crianças pode ter causas variadas, tal como são variadas as causas que as próprias mães apontam. Algumas mães apontam a culpa à própria criança, como é o caso da mãe da criança da

entrevista 2 em que parte da culpa das dificuldades da criança na própria criança e na sua preguiça. Noutros casos a culpa é atribuída a terceiros; na entrevista 5 a culpa é atribuída à influência da mãe da criança, separada do pai, que representa tudo o que há de negativo na criança. A mãe da criança da entrevista 6 culpa em parte a demora dos serviços em arranjar resposta, nomeadamente apoio psicológico, para os problemas da criança. Quanto à mãe da criança da entrevista 10, esta culpa o actual coordenador do ATL pelos problemas de comportamento da sua criança, uma vez que com o anterior coordenador não havia queixas sobre o comportamento da criança. Na entrevista 14, a mãe culpa os colegas da criança pelo seu comportamento: ele diz palavrões por imitação dos colegas; reconhece também culpa por a criança não ser capaz de desempenhar certas tarefas que já devia saber desempenhar sozinha.

Por fim, algumas mães sentem culpa e atribuem a si próprias as razões dos maus comportamentos. A mãe da criança da entrevista 8 sente culpa, por a castigar quando esta se porta mal e tal como sente culpada pelos problemas da filha, também evita castigá-la. Na entrevista 9 a mãe estava a ser culpabilizada pela situação familiar anterior de violência doméstica e por se ter separado do pai. A mãe da criança da entrevista 11 sente culpa por castigá-la e por não a deixar fazer tudo o que quer, pois acha que ele já sofreu muito.

83. Cumprir (4; 3) (9; 11, 24)

A criança 4 na escola cumpre sempre as tarefas a que se propõe, demonstrando ter responsabilidade. Tanto o filho mais velho como a actual sogra da mãe da criança da entrevista 9 cumprem as promessas que fazem, o que nem sempre acontece com as mães em geral.

86. Demora (2; 4) (3; 1, 17) (6; 7)

Algumas mães (entrevista 2 e 6) referem a demora que tiveram em conseguir ajuda de técnicos especializados (nomeadamente um psicólogo) para as suas crianças. A mãe da criança da entrevista 2, embora já lhe tivessem dito que a criança devia ser avaliada por um psicólogo só agora é que a mãe conseguiu consulta (mas não refere que esforços fez para conseguir consultas antes). A mãe da criança da entrevista 6 deixa implícito que os problemas da criança talvez já estivessem resolvidos se tivessem tido consultas mais cedo, culpando em parte terceiros pelos problemas da sua criança; aliás, ela acaba por culpar tudo e todos (serviços de saúde, criança, ...) excepto ela própria.

88. Depressão (4; 22) (14; 9)

A mãe da criança da entrevista 4 teve uma depressão há cerca de 4 anos, pelo que acha que esta pode ser uma das causas para os maus comportamentos da criança e para as dificuldades que sente em lidar com esses comportamentos, uma vez que nessa altura não teria disponibilidade para lidar com as exigências que a criança fazia. O poder que a criança ganhou nessa altura manipulando na maioria das vezes para conseguir o que pretendia, entrou em choque com a mãe quando esta ficou capaz de retomar a educação da criança.

Embora a mãe da criança da entrevista 14 não afirme que tenha tido uma depressão, ela dá-nos vários sinais de que tal exista, provavelmente relacionada com as mortes das figuras paternas. Também a mãe da criança 13 apresenta sinais de depressão pós-parto, acentuando esta ideia não só pela sua apatia em relação ao filho como também pelo pedido de ajuda que faz durante a entrevista.

90. Desarrumado (5; 16) (7; 9)

As crianças das entrevistas 5, 7 e 9 são desarrumadas de acordo com as mães porque, por exemplo, não recolhem os brinquedos ou não arrumam a mala. As

mães optam por soluções extremas, chamando-lhes a atenção ou arrumando elas próprias. Não ensinam a criança a arrumar e não ficam a vigiar se tal acontece. Esta desarrumação pode também ser um reflexo da desorganização interior, também sentida no ambiente familiar.

91. Desavenças conjugais (3; 1, 9, 10) (7; 4) (8; 4, 9, 14) (10; 5, 6)

A mãe da entrevista 3 refere que o período antes da separação foi muito complicado, com desavenças conjugais devido a diferentes estilos de vida (entre ela e o pai da criança). Embora tenha sido o marido a abandonar a casa e a pedir a separação, de acordo com a mãe o divórcio foi concedido de comum acordo, embora o processo esteja a ser difícil (devido a problemas de partilha de bens) e demorado. As relações entre o ex-casal não têm sido boas. Na entrevista 8 também houve desavenças conjugais durante a gravidez e mesmo agora, o que a mãe considere normal em todos os casais. Na entrevista 10 a mãe refere que existem actualmente dificuldades na relação conjugal, embora sinta uma certa ambivalência em apontar isso como causa, tentando banalizar estas mesmas dificuldades como sendo comuns entre os casais actuais.

93. Descontrolo (3; 20) (4; 10) (6; 1) (8; 3, 8, 10)

Na entrevista 8 a mãe refere que explode muito facilmente e perde o controlo com facilidade, quando a criança se porta mal e noutras situações do dia-a-dia. Por vezes, a mãe da criança descontrola-se perante os comportamentos desta, reagindo impulsivamente, acabando por ceder devido à manipulação da criança e a um sentimento de culpabilização para com esta. A criança parece ser uma «cópia» da mãe, uma vez que ambas se descontrolam, sendo inconstantes. Em questões comportamentais, também se influenciam: a criança reflecte a agitação ou a calma da mãe.

94. Desculpabilização (3; 7) (6;6) (8; 4) (10; 1) (13; 2)

A mãe da criança da entrevista 6 acha que não tem culpa dos problemas da criança, e que isto lhe é dito inclusiva pelas outras pessoas; ela acaba por culpar toda a gente excepto ela própria. Na entrevista 8 a mãe desculpabiliza-se por não castigar com o facto de que a criança parece não aguentar os castigos, embora afirme depois que sabe que não é bem assim. Quanto às mães das crianças das entrevistas 10 e 13, estas desculpabilizam os comportamentos da criança, respectivamente a agressividade e a fuga, no recreio da escola dizendo que uma vez que não está presente, os comportamentos tanto podem ter origem na criança, como nos seus pares, ou que estes comportamentos surgem como resposta às atitudes dos seus pares.

95. Desejo (2; 4, 5, 8, 9) (3; 13) (4; 21) (7; 11) (8; 16) (9; 11) (12; 13) (13; 12)

O desejo da mãe da entrevista 2 é que a criança fosse «diferente», que melhorasse, i.e., que conseguisse ultrapassar as suas dificuldades na escola. Na entrevista 9 a mãe da criança refere como desejos em relação a sua situação familiar anterior, o querer que o marido mudasse o comportamento e deixasse de lhe bater, bem como de beber. Nas entrevistas 4 e 12 as mães das crianças gostava que elas fossem mais compreensivas, de modo a aceitar melhor aquilo que se lhe diz. A mãe da criança da entrevista 13 gostava que esta fosse mais compreensiva e menos irrequieta.

100. Desgosto (9; 8, 9)

Quando engravidou recentemente, a mãe da criança da entrevista 9 teve receio que os filhos se zangassem com ela devido a isso, tendo um grande desgosto se os filhos (neste caso o filho mais velho) não lhe voltassem a falar. A sua relação com os filhos é de demasiada proximidade, tanto que o filho mais velho soube antes do próprio marido, importando-lhe mais a opinião do primeiro do que do último.

101. Desinteresse (1; 8) (2; 7) (4; 9) (5; 3) (7; 7, 11) (9; 23)

Nas entrevistas 2, 5 e 7 é referido que as crianças não se interessam pela escola, daí advindo as suas dificuldades escolares e consequente insucesso escolar. A criança da entrevista 9 tem mostrado ultimamente um desinteresse geral, quer pela escola quer pelas coisas em casa, não insistindo sequer para ir a passeios.

102. Desistir (4; 24) (9; 2, 16)

A mãe da criança da entrevista 4 diz que não pode nunca desistir de estar com atenção e de emendar os comportamentos da criança, de estar preparada para todas as situações e alerta para prevenir as situações mais complicadas. Já a mãe da criança da entrevista 9 diz que desistiu de supervisionar a mala da escola porque acabava por não dar resultado, uma vez que a criança por si só não era capaz de tomar conta das suas coisas.

103. Desmotivado (4; 9, 10) (9; 23) (13; 9, 10)

A criança da entrevista 4 passou por um período em que estava desmotivada a nível da escola, afectando assim o seu rendimento escolar, que na altura baixou. A mãe atribui esta desmotivação ao facto de as estratégias educativas do professor desse ano lectivo, não terem sido as mais adequadas ao caso do Manuel, uma vez

que este tinha um ritmo diferente da turma; outra justificação que ela apresenta relaciona-se com o facto de o professor ser do sexo masculino, e a criança ter mais facilidades em relacionar-se com adultos do sexo feminino. Já a criança da entrevista 9 está desmotivada agora no final de ano, apesar de ir transitar de ano e o seu comportamento em relação ao ano passado ter melhorado; esta desmotivação pode estar relacionada com o cansaço do final do ano lectivo ou com as dificuldades de relacionamento entre pares que tem acontecido nos últimos tempos.

105. Desorganização (4; 14) (9; 21, 22, 23) (10; 1, 5, 6) (13; 11)

A mãe da criança da entrevista 4 diz que esta é bastante desorganizada e que quem arrumava as coisas era ela mas que compreendeu finalmente que a criança é capaz de ser mais organizada e passou a obrigá-la a ser mais arrumada. Esta desorganização acontece também na escola, embora isso não atrapalhe o seu rendimento. A criança da entrevista 10 também é considerada desorganizada, embora só em contexto escolar, não o sendo em casa; a mãe afirma precisamente o contrário. Algumas das crianças que fizeram parte da nossa amostra são desorganizadas, embora tenham idade para poderem arrumar as suas coisas. Podem existir várias hipóteses explicativas para tal: ainda não se conseguem organizar interiormente e isso reflecte-se no exterior que as rodeia, as mães continuam a ceder e fazer o trabalho pelas crianças, ou ainda as mães podem continuar a infantilizar as crianças, não as deixando crescer e autonomizar-se. Mas esta desorganização também acontece com as mães, como na entrevista 9 e na entrevista 11; a primeira acontece na altura da medicação, e na segunda, por exemplo, nas reuniões com a escola.

106. Desrespeito (5; 14) (13; 7)

Devido à situação de violência doméstica na entrevista 9, o irmão mais velho desta criança não tem respeito ao pai, nem o tinha na altura em que ainda viviam todos juntos. Já na entrevista 13 a mãe da criança queixa-se de que esta só tem respeito ao pai e não a ela, que é com quem passa mais tempo quem faz tudo por ela; o que nos parece é que esta mãe pensa que a criança deveria ser mais grata pelas coisas que a mãe faz por ela, mas acha que esta respeita mais o pai.

107. Destabilizar (1; 12) (9; 24) (10; 4, 5)

Com a mudança de coordenação do ATL a criança da entrevista 10 destabilizou no seu comportamento, tendo este piorado. A mãe também utiliza este termo no contexto da avaliação escolar, ou seja, que durante as provas de avaliação escolar a criança não se concentra e, provavelmente, não deixa os outros concentrarem-se.

110. Difícil (2; 4); (3; 4) (5; 8, 16) (6;1) (7; 1, 4) (8; 1) (9; 2, 3) (11; 3, 4, 6, 8, 20) (12; 4) (13; 1, 4, 7)

A maioria das mães destas crianças descrevem-nas como sendo crianças difíceis, complicadas, com quem não é simples manter uma relação harmoniosa; isto porque na maioria das vezes as crianças não obedecem, não cumprem as regras ou castigos estabelecidos, testando os limites das mães. A mãe na entrevista 6 refere que também a professora tem dificuldades em lidar com a criança.

Já na entrevista 11, a mãe está neste momento com muitas dificuldades em aceitar o que foi feito ao filho pela ex-companheira do pai e por não ter detectado isso mais cedo; como tal sente muita culpa e custa-lhe muito dizer que não.

111. Dificuldades de adaptação (3; 7) (6; 6) (7; 1, 2, 3) (10; 2, 4) (12; 7) (13; 9)

A criança da entrevista 3 teve dificuldades em adaptar-se à escola primária, tal como a mãe também parece ter tido (ambas choraram muito nos primeiros dias). Pode ser para esta criança mais uma situação de abandono, seguida ao internamento da mãe. Já a criança da entrevista 13 teve dificuldades de adaptação à escola, tendo ficado cada vez mais desmotivada durante o ano lectivo.

114. Dificuldades escolares (1; 8) (2; 1, 6, 7) (3; 2) (4; 9) (5; 3, 18, 19) (7; 1, 4, 5, 7, 8) (9; 1) (10; 1, 6, 14, 15) (11; 8, 9, 15) (12; 1, 4, 8, 13) (14, 1, 9, 10)

As mães das entrevistas 2, 3, 4, 5, 6 e 7 queixam-se das dificuldades que as crianças sentem na escola, traduzindo-se em insucesso escolar. As que referem mais vezes (ou maior preocupação) são as das entrevistas 2, 3 e 5, talvez porque estas crianças já ficaram retidas na escolaridade uma vez; destas, a primeira considera seriamente a hipótese da criança ficar novamente retida, embora não tenha tido nenhuma resposta da professora nesse sentido. A mãe da entrevista 4 diz que a sua criança teve no ano anterior algumas dificuldades na língua portuguesa, devido a desmotivação, estando ultrapassadas este ano. Estas dificuldades podem estar relacionadas com a distração destas crianças, uma vez que os maus comportamentos (agitação, agressividade...) não ocorrem na sala de aulas, não as impedindo de aprender. Na criança da entrevista 10 as dificuldades são principalmente a nível da Língua Portuguesa.

116. Dificuldades financeiras (3; 21) (6; 7) (9; 6, 10) (10; 9) (13; 1)

Uma das razões que as mães apontam para não se terem dirigido mais cedo a um psicólogo é a de que os custos são muito dispendiosos e não têm recursos financeiros suficientes para lá estar o tempo necessário.

No caso da criança da entrevista 9, as dificuldades financeiras foram sentidas durante o casamento anterior e após a separação, onde o pai não dava dinheiro

para sustentar os filhos, tendo a mãe que arranjar dois empregos para sustentar a casa.

122. Distraído (1; 2, 8) (2; 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10) (3; 1) (4; 8, 16, 20) (5; 9, 18) (9; 22) (10; 2) (12; 8)

As mães da entrevista 2, 3, 4, 5, 10 e 12 referem que as suas crianças são «distraídas», «desatentas» ou têm «falta de atenção». As respectivas professoras também o fazem, sendo esta uma das queixas apresentadas. Estas crianças são descritas como sendo muito distraídas, ocupando-se com tudo menos com as tarefas escolares, quer em casa, a realizar os trabalhos de casa, quer na escola, na realização das tarefas. Esta distração acaba por afectar o seu rendimento escolar, com baixos resultados nas avaliações escolares, o que pode ter contribuído para a retenção escolar no ano anterior. Quanto à criança da entrevista 10, a mãe refere que é distraída, na maioria das vezes quando lhe chama a atenção, fazendo «ouvidos de mercador»; trata-se de um comportamento propositado para não fazer o que a mãe lhe pede e nesse caso não será distração mas sim uma forma de oposição. As crianças parecem não estar preparadas para investir as suas aprendizagens escolares, i.e., nestas idade já deviam de ter sublimado os seus interesses, de modo a poderem ter espaço para investir na escol, nas colecções, enfim, sublimando o seu interesse pela relação triangular/dual.

123. Divórcio (3; 2)

Os pais da criança da entrevista 3 divorciaram-se após uma separação, tendo o pai constituído uma nova família; esta separação ainda não foi superada pela mãe, sendo as relações entre o ex-casal tensas.

124. Doenças (1; 5, 10) (3; 6) (5; 6) (6; 3, 4) (8; 1, 8, 11, 12) (10; 13, 14) (12; 3, 4, 13) (13; 1, 2, 3, 4) (14; 7, 11)

A criança da entrevista 6 teve dificuldades de alimentação em bebé, devido a uma alergia a uma papa, que lhe provocou diarreia. Teve também problemas de adenóides, e embora tenha sido marcada cirurgia, esta acabou por não ser efectuada. A criança da entrevista 8 teve problemas à nascença (prematuridade) que lhe deixaram algumas sequelas a nível físico (bebé pequeno). A criança da entrevista 10 teve bronquite asmática (há mais casos na família) quando tinha 18 meses, durante cerca de um ano, mas de resto a mãe considera-a saudável; também a criança da entrevista 13 teve uma doença a nível dos brônquios tendo inclusive de ficar internada no hospital.

128. Dormir (1; 5) (4; 5) (5; 7, 17) (6; 8, 9) (7; 6) (9; 13) (11; 12, 13) (12; 4, 5, 10, 12) (13; 4, 5, 8) (14; 8)

A maioria das crianças, com excepção das das entrevistas 5 e 9, dormem acompanhadas, quer seja por irmãos, quer seja na companhia da mãe; sendo esta altura uma altura de maior solidão e que deixa espaço para pensar e para fantasiar, permitindo aperceberem-se do sentimento de abandono e solidão, esta procura de companhia pode servir como uma busca de protecção para não sentir novamente a angústia de abandono.

Muitas outras crianças acabam por dormir com as mães; a criança da entrevista 6 dorme com a mãe desde a separação dos pais; o facto do irmão mais novo também dormir com a mãe pode despertar nesta criança sentimentos de ciúme, ou de solidão; o mesmo acontece com a criança da entrevista 14, que, embora os pais não estejam separados, acaba por dormir com a mãe quando o pai sai cedo para ir trabalhar. Ao permitir que a criança partilhe a sua cama, esta mãe acaba por preencher o espaço que deveria ser preenchido pelo pai. Também na entrevista 12 a criança dormia com a mãe até recentemente, quando a mãe decidiu transferi-lo

para o seu próprio quarto; contudo, a criança continua a acordar a meio da noite para ir ter ao quarto dos pais, mesmo depois da mãe lhe ter comprado uma televisão, de modo a fazer-lhe companhia.

Na entrevista 9, o sentimento de solidão da criança faz com que esta procure companhia para dormir, nem que seja estar perto de outras pessoas (no caso dela uma tia). Quanto à criança da entrevista 5 não dorme com ninguém, requerendo a presença da avó apenas para iniciar o ritual do dormir. A criança da entrevista 11 teve uma altura em que tinha pesadelos, durante algum tempo; também a criança da entrevista 13 tem um sono inquieto, em que fala alto e é agitado.

129. Dramatizar (4; 24, 28)

Na entrevista 4 a mãe refere que o pai da criança pensou durante muito tempo que a mãe dramatizava a problemática comportamental da criança. A noção da realidade da problemática desta criança surgiu há pouco tempo após presenciar uma das situações de mau-comportamento da criança. Assim, podemos concluir que apesar de casados, a figura paterna encontra-se (ou encontrava-se) ausente da vida da criança; isto pode dever-se a várias situações: o pai não se interessava pela rotina diária da criança e o que lhe diz respeito, deixando isso a cargo da mãe; esta não o deixou participar, devido à relação de dependência que mantém com a criança, chamando a si toda a responsabilidade e participação na vida da criança.

130. Educação (8; 1, 2, 5, 6, 9, 10, 15) (9; 12, 21)

Para a mãe da criança da entrevista 8, os comportamentos das crianças são fruto da educação que os pais lhes dão. Também o comportamento e personalidade da própria mãe são a consequência da educação que os seus pais lhe deram; assim há uma transmissão intergeracional de comportamentos ao longo das gerações, o que ela vem fundamentar depois novamente quando diz que a sua calma ou agitação

influenciam a criança. A mãe da criança da entrevista 9 diz que tenta dar aos filhos a melhor educação possível, de modo a que eles possam ser pessoas decentes na vida; contudo, no que diz respeito à educação em conjunto com o cônjuge, as coisas nem sempre correm muito bem pois ela não concorda com o modo deste educar os filhos, quer os dele, quer os dela. Embora nunca intervenha quando ele ralha com os filhos dela, já intervém mais quando é o seu filho que está em jogo, desautorizando por vezes o que ele faz. Ainda não o deixou assumir o lugar de educador junto do seu filho, o que coloca depois a questão da educação a dar ao filho em comum, do qual está grávida.

132. Encoprese (4; 16) (11; 2, 4, 11, 17) (13; 1)

A criança da entrevista 4 tem encoprese diurna, que a mãe pensa que se deve a factores como estar tão entretido nas suas brincadeiras que não pára (ou não quer parar) para ir à casa de banho, ou pode ser devido à obsessão que a criança tem com o asseio, sendo incapaz de utilizar a casa-de-banho fora de casa. No entanto esta preocupação não se mostra depois, quando a criança está suja, uma vez que não se queixa do que aconteceu. Sendo a encoprese uma demonstração de agressividade, poderá ser esta a maneira da criança agir esse comportamento em relação à mãe. Quanto à criança da entrevista 11, a encoprese piora quando está sob situações de muito stress. A criança da entrevista 13 tem, de acordo com a mãe (ou de acordo com o que a mãe pensa que ela tem) um problema intestinal que faz com que ela tenha encoprese.

133. Enganar (9; 5, 6, 9)

O pai da criança da entrevista 9 mente à criança no que diz respeito à situação familiar anterior, quando era casado com a mãe da criança, manipulando-a, dizendo que as situações de violência doméstica eram exercidas contra ele, e não

ele que as exercia. Actualmente a criança já tem consciência destas mentiras, recordando-se de situações em que o pai era agressivo para a mãe, tendo a mãe começado a contar o que se passou.

136. Esconder (9; 4, 5, 6, 7, 14, 24) (11; 1, 4, 20)

A mãe da criança da entrevista 9 teve de esconder de todos a situação de violência doméstica que vivia em casa, inclusive do filho mais novo. Apenas recentemente decidiu contar a verdade a este, depois de ter chegado à conclusão, em conjunto com o actual marido, de que a criança encontrava-se revoltada contra ela devido às mentiras que o pai contava, nas quais a violência doméstica era exercida pela mãe sobre o pai. Tem vindo gradualmente a contar os acontecimentos, recordando-se a criança de alguns desses mesmos acontecimentos.

Também a criança da entrevista 11 teve de esconder que estaria a sofrer abuso por parte da ex-companheira do pai, uma vez que esta o ameaçava.

139. Esquecido (2; 3, 8) (4; 4)

A criança da entrevista 2 acaba não contar as coisas do seu dia-a-dia à mãe, dizendo-lhe que se esqueceu, talvez por ser a resposta mais rápida, embora possa ser um meio de manter a mãe afastada, uma vez que a relação é demasiado dependente.

140. Estabilidade (4; 5, 6) (5; 7) (8; 2, 15, 16)

Embora poucas mães o refiram, a estabilidade deveria ser importante para estas crianças, de modo a terem uma rotina previsível, de modo a poderem saber o que lhes é permitido e o que não o é. Na entrevista 8 a mãe da criança menciona a

importância da estabilidade emocional dos pais para evitar os distúrbios de comportamento das crianças.

142. Estratégias (4; 10, 12, 18, 19, 22) (9; 18)

A mãe da criança 4 refere muito a necessidade de se terem estratégias para lidar com a sua criança; ela está constantemente à procura de novas estratégias que motivem a criança a manter um bom comportamento e ajudem todos os que com ela lidam.

143. Estupidez (5; 4, 6, 7, 8, 11, 12, 14) (9; 4)

Uma das palavras mais utilizadas na entrevista 5 para descrever o comportamento e a personalidade da criança é a palavra «estúpida», muito associada a «mal-educada». Esta característica é atribuída à mãe, tal como todos os defeitos desta criança.

145. Experimentação (4; 10, 18) (9; 22)

As mães das crianças das entrevistas 4 e 9 dizem que têm de experimentar continuamente novas estratégias para lidar com a criança, para reduzir os maus comportamentos ou aumentar-lhes o sentido de responsabilidade.

147. Falecimento (6; 3, 7) (14; 3, 4)

Nas entrevistas 6 e 14, as mães das crianças perderam o pai, sendo este falecimento um factor importante na vida destas mães. A mãe da criança da

entrevista 6 perdeu recentemente o pai «acusando» a criança de não se manifestar quanto a esta perda; já a mãe da criança da entrevista 14 perdeu o pai durante a sua gravidez (há cerca de nove anos), e perdeu a mãe quando a criança tinha 4 anos. Estes dois falecimentos parecem ainda não ter sido ultrapassados, tendo a situação da mãe sido mais complicada, uma vez que a mãe foi forçada a desistir do emprego e cuidar da mãe enquanto doente, durante o tempo antes de falecer.

149. Falta de apoio (3; 15) (4; 24) (8; 11)

As mães das entrevistas 3 e 4 referem falta de apoio por parte dos pais para lidarem com as suas crianças, embora tenham razões diferentes. A mãe da criança da entrevista 3 relata que o seu marido era um pai ausente, não lhe dando apoio para estar com os filhos, para resolver os seus problemas. Já a mãe da criança da entrevista 4 refere que houve falta de apoio, no início não só do pai como de toda a família, mas que em parte foi culpa dela por, de certo modo, afastar o pai de toda a situação. Na entrevista 8 a mãe refere que as crianças que têm insucesso escolar o têm porque não têm apoio por parte dos pais.

150. Falta de comunicação (2; 8, 9); (3; 12, 13)

As mães das entrevistas 2 e 3 têm dificuldades na comunicação com os seus filhos; a mãe da criança da entrevista 2 descreve-a como sendo reservada, com a qual é difícil falar. A mãe da entrevista 3 tem receio de que a criança queira dizer-lhe alguma coisa e não está a conseguir dizer-lhe. Nenhuma das duas apresenta estratégias para ultrapassar este problema. Enquanto que a mãe da entrevista 2 parece ter medo daquilo que a sua criança não lhe diz, sendo esta falta de comunicação uma possível resposta de fuga efectuada pela criança, já na entrevista 3 a mãe parece ter receio daquilo que a criança tem para lhe dizer.

151. Falta de concentração (1; 4) (5; 18) (10; 5)

As crianças das entrevistas 1 e 5 são descritas pelos professores como tendo falta de concentração, o que é reforçado pela avó da criança 5. A mãe da criança da entrevista 10 refere que isso acontece durante as provas de avaliação escolar.

155. Firmeza (2; 7) (4; 2, 6, 7, 14, 17, 19) (5; 2, 3, 7, 10) (7; 2, 4, 10) (8; 2, 7, 8, 14, 15, 16) (9; 16, 17, 18, 21, 24) (10; 2, 3, 7, 9, 11, 15) (11; 8, 15) (12; 6) (13; 3, 7) (14; 5, 6)

A luta que se gera entre mães e crianças pelo poder é normalmente ganha pelas primeiras quando estas não cedem nas suas decisões, quer seja no cumprimento de castigos, quer seja nas outras decisões tomadas; as crianças acabam por recuar. Os adultos que convivem com a criança e adoptam uma atitude de firmeza perante estas (professoras, terapeutas,...) conseguem normalmente lidar melhor com a criança. As queixas apresentadas por professores, normalmente dizem respeito aos espaços de fora da aula, mais desorganizados, sem regras claramente delimitadas e sem supervisão constante do adulto. São poucos os professores que se queixam de problemas dentro da sala de aula; das informações prestadas pelos professores, isto é mais frequente acontecer quando têm dificuldades em impor limites e serem assertivos. Uma das estratégias mais importantes que a mãe da entrevista 4 usa para lidar com o seu filho é a firmeza na maioria das decisões que toma, embora só tenha compreendido isso recentemente. Embora a mãe da entrevista 8 fale de que por vezes consegue tomar atitudes mais firmes com a filha (e aconselhe a professora a fazer o mesmo), parece ter dificuldades em manter esta postura, remetendo para a vida agitada que tem as culpas por ceder.

161. Gravidez ansiosa (1; 1) (6; 3) (8; 9) (10; 10) (12; 2) (13; 6) (14; 3, 4)

As mães das crianças das entrevistas 1, 6, 8, 10, 12, 13e 14 referem que tiveram uma gravidez ansiosa, nervosa, por razões várias. Enquanto na entrevista 1 a mãe refere que passou uma gravidez ansiosa porque a nova gravidez foi muito próxima da anterior. Já a mãe da entrevista 6 revela que a sua ansiedade referia-se ao aborto espontâneo que tinha sofrido na gravidez anterior, projectando desta forma o seu receio na sobrevivência do bebé, sentindo que «este não se mexia». Na entrevista 8 a mãe andava sempre muito irritada e a discutir durante a gravidez, achando que isso acabou por influenciar o nascimento prematuro da sua criança e a agitação que ela tem hoje em dia. A mãe da entrevista 10 andou nervosa durante a gravidez porque não sentia o bebé mexer, embora a médica que a acompanhou lhe tenha dito que era normal e que a sua preocupação se devia à inexperiência. A mãe da criança da entrevista 12 diz que não apanhou muitos «nervos», mas que vomitou imenso durante a gravidez, tendo passado por um período complicado. Quanto à mãe da criança da entrevista 13, a sua gravidez também foi muito ansiosa, tendo o parto sido mais tarde do que o previsto, além de ter sido provocado. Na entrevista 14, a gravidez foi mais ansiosa porque o avô materno da criança faleceu durante o período de gravidez, ficando a mãe bastante afectada por isso.

168. Ignorar (4; 2, 6, 8) (5; 10, 17) (6; 6) (8; 7, 8) (13; 11, 12)

Nas entrevistas 4, 5, 6, 8 e 13 as mães referem que o facto de ignorarem o comportamento da criança quando este se começa a tornar insistente, na tentativa de chamar a atenção, acaba por resultar e a criança cessa o comportamento que estava a apresentar.

169. Igualdade de Gerações (1; 3, 5, 7, 10) (3; 4, 5) (4; 5) (5; 1, 4, 8, 10, 11, 14, 17) (6; 3, 5, 8, 9, 10) (7; 3, 5, 11) (8; 3, 15) (9; 16, 17) (12; 1, 2, 6, 9) (13; 2, 3, 11)

A maioria das crianças trata os adultos, em especial os mais próximos, como se fossem todos da mesma idade; algumas entrevistas referem isso explicitamente, tal como acontece na entrevista 5. Esta forma de tratamento igualitário reduz adulto e criança ao mesmo nível, dando igual poder a ambos, quando a maioria do poder deveria de pertencer aos adultos. O porquê do nivelamento entre os dois pode dever-se a várias situações, desde culpabilização por parte da mãe, deixando que a criança ocupe um lugar superior ao seu na hierarquia familiar, a confusão dos papéis na dinâmica familiar até à falta de imposição de limites; a relação demasiado próxima entre mãe e criança acaba por promover a falta de imposição por parte da mãe. Os adultos referem que são tratados «como se fossem colegas», como acontece na entrevista 5 e 8, ou «da mesma idade». Isto é muito evidente até nas entrevistas onde a criança está presente (como a entrevista 6) pela maneira como a criança fala com a mãe e esta lhe responde.

170. Imaturo (11; 7)

A criança da entrevista 11 quer ser tratada como um bebé; uma vez que tem dois irmãos mais novos, que necessitam de mais atenção, ela pode estar a tentar disputar essa atenção da mãe.

173. Impulsivo (4; 14) (5; 7, 11) (6;6) (9; 4, 15)

As crianças das entrevistas 4, 5 e 6 são descritas como sendo impulsivas, não «parando para pensar», tendo dificuldades em permanecer calmas e não responderem imediatamente.

175. Incapacidade (3; 11) (7; 4, 8) (8; 11, 13, 15) (9; 19, 20) (10; 9)

As mães das crianças das entrevistas 3, 5, 6, 7, 8 e 9 referem alguma incapacidade em lidar com as suas crianças, não sabendo muitas vezes como agir. Quanto à entrevista 6, a mãe sente incapacidade quanto ao cumprimento dos castigos por parte da criança; esta não lhe obedece e ela não se consegue impor.

176. Incompreensão (2; 1) (3; 8, 11, 12) (5; 4) (6; 5) (7; 10) (8; 3, 7) (9; 13, 18) (11; 7, 9, 12) (12; 2, 3) (13; 10)

Por incompreensão entende-se a incapacidade por parte das mães de apresentarem hipóteses explicativas em relação aos maus comportamentos das suas crianças ou às dificuldades escolares por estas sentidas, o que acontece na maioria das entrevistas. A primeira resposta que as mães dão quando se lhes pergunta se sabem o porquê daqueles comportamentos é habitualmente «não sei», embora acabem por tentar dar uma explicação.

Na entrevista 2 a mãe refere incompreensão perante as dificuldades da sua criança; embora comece por afirmar que não está muito certa a que se devem estas dificuldades, uma vez que acha que a criança tem capacidades para conseguir progredir na vida académica, acaba por transparecer o seu receio de que a culpa das dificuldades seja sua. Na entrevista 5 como na 7, a causa das dificuldades tem a ver com a «herança genética» uma vez que o cônjuge dos pais das crianças não conseguiram concluir o ensino básico. Quanto à entrevista 8, a mãe parece pensar que estes comportamentos são dirigidos a si, uma punição daquilo que fez (ou não fez) à criança. Na entrevista 9, a mãe da criança não parece compreender a necessidade desta em se «agarrar» à tia, pois acha que lhe dá atenção toda que necessita. Não compreende também porque é que a criança sabendo desempenhar sozinha certas tarefas, não é capaz de as fazer, acabando ela por as realizar na sua vez. Ela normalmente não deixa fazer utilizando a desculpa de que é mais rápido se for ela a fazer; a criança acaba também por manipular a situação, atrasando-se quando é deixado sozinha para a tarefa. Cria-se um ciclo

vicioso em que a mãe se não for firme e persistente, não vai ser capaz de o quebrar. Na entrevista da criança 12, ela é descrita pela mãe como sendo muito «nervosa», sempre o foi, embora a mãe não saiba o porquê nem consiga explicar, tanto mais que não teve doenças. Na entrevista 13 a mãe não compreende porque razão a criança não quer ir para a escola, não conseguindo encontrar nenhuma razão para estar tão desmotivada.

177. Inconstância familiar (3; 4, 5, 16) (7; 6) (8; 12)

Tanto na entrevista 3 como na entrevista 8 percebe-se que o ambiente familiar destas famílias é inconstante, tal como as regras impostas pelas mães. Esta inconstância reflecte-se depois também no comportamento destas crianças, descritas pelos adultos (mães, professores,...) como sendo inconstantes. As crianças acabam por não conseguir distinguir entre o que podem e o que não podem fazer.

178. Inconstante (1; 4) (2; 4) (3; 4,13, 15, 17, 18) (4; 1, 2, 5, 11, 14, 18, 22, 23, 25) (5; 4, 5, 15, 16, 18) (6; 1, 10, 11) (8; 1, 4) (9; 22, 23) (10; 1, 5, 16) (12; 8) (13; 2, 5, 10, 11, 12)

O comportamento da maioria das crianças é inconstante, parecendo estar bem em algumas alturas e alterando o seu comportamento completamente noutras; apresentam fases em que estão mais calmos e outras fases em que ficam completamente desorganizados em termos emocionais e comportamentais. Também na ajuda em casa e na sua oferta para participar nas tarefas domésticas é inconstante. O ambiente familiar inconstante reflecte-se nas próprias crianças, que como os pais, também não sabem muito bem como agir, uma vez que as regras mudam constantemente.

180. Indisponibilidade (3; 2) (5; 4) (8; 5, 6) (10; 11)

As mães das crianças das entrevistas 3, 5 e 8 nem sempre estão disponíveis para as solicitações das suas crianças, não lhes dando a atenção que estas pedem. No caso da mãe da entrevista 10 isso aconteceu no período em que o irmão (filho mais novo) esteve doente.

186. Insistente (4; 16) (5; 1, 7, 11, 13) (6; 6) (8; 8) (11; 7, 8) (12; 6)

As crianças das entrevistas 5, 6, 8 e 11 são descritas como insistentes nos seus comportamentos, pedindo constantemente a atenção dos adultos. As mães sentem estas crianças como exigindo mais do que aquilo que podem ou querem dar.

189. Insucesso escolar (2; 1, 6, 9) (8; 11)

É uma das preocupações maiores da mãe da entrevista 2; o insucesso escolar desta criança traduz-se mais ao nível da língua portuguesa, não sendo a área da matemática e do estudo do meio afectadas (aqui o seu aproveitamento é positivo). No entanto esta falha a português, que a mãe atribui a preguiça da criança, parece obscurecer o resto dos resultados positivos apresentados.

193. Interesse materno (1; 8) (4; 3, 10, 13, 25, 27) (9; 18, 24) (11; 4) (12; 8)

A mãe da criança da entrevista 4 contacta frequentemente com a escola para saber como estão os comportamentos da criança, não só para a controlar, mas também para saber quais são as estratégias que melhor resultam. A mãe da criança da entrevista 9 tem menor contacto com a escola, em parte devido à sua

desorganização (esquece-se dos dias marcados pela professora, esquece-se de telefonar,...). Embora a mãe da criança da entrevista 11 não tenha muito contacto com a professora, foi à escola para falar com esta sobre o processo que está a decorrer em tribunal e que envolve a criança, para que esta possa compreender.

194. Internamento (3; 6) (11; 3) (13; 4)

A criança da entrevista 3 esteve 3 semanas internada no hospital devido a uma bronco-pneumonia quando tinha cerca de 3 anos. A esta separação da família seguiu-se uma nova separação quando houve um acidente de viação, em que a mãe teve de ficar internada durante alguns meses. Um novo abandono seguiu-se com a separação dos pais. A angústia de separação na criança está muito presente nesta criança, manifestando-se por exemplo, quando telefona à mãe, durante o trabalho para saber quando ela volta. Aqui não é só a mãe que necessita e depende da criança como também esta última precisa e depende da mãe.

196. Irrequieto (1; 2, 3, 4, 5, 8) (2; 5) (4; 17, 18, 19) (5; 9) (6; 1, 3) (8; 1, 4) (11; 4, 17) (12; 3, 4) (13; 3, 12) (14; 7)

As crianças das entrevistas 2, 4, 5, 6, 8 e 14 são descritas como «irrequietas», «activas», «mexidas», em especial em casa. A criança da entrevista 6 também o é na escola, segundo a mãe. A criança da entrevista 12 é de tal modo agitada que isso reflecte-se no sono e na alimentação.

197. Irritada (8; 7, 8, 9)

A mãe da criança da entrevista 8 fica irritada quando a criança tem acessos de cólera; também passou uma gravidez irritada, com discussões e acha que isso influenciou o comportamento e os problemas da criança

198. Jardim-de-infância (1; 9, 10) (2; 4) (6; 1, 2, 6) (7; 1, 5, 7) (8; 5, 6) (10; 7, 11) (12; 2, 6, 7) (13; 9) (14; 3)

A maioria das crianças, segundo as mães, adaptaram-se bem ao jardim-de-infância, não tendo existido qualquer problema que se tenham apercebido. A 8 não frequentou infantário mas pensa que é a melhor solução, onde são mais adequados. A mãe da criança da entrevista 10 diz que ela adaptou-se bem ao Jardim-de-Infância, mas já aí era agressivo para com os pares, o mesmo acontecendo com a criança da entrevista 12 (esta teve algumas dificuldades de adaptação ao início).

201. Mal-comportado (2; 8) (4; 7, 9, 18, 20, 24) (5; 1, 10, 13) (6; 11) (8; 7, 11, 12, 13) (9; 18) (10; 1, 4, 5, 14) (12; 1, 6, 12)

Todas as crianças são descritas por várias pessoas como sendo mal-comportadas (pais; professores, educadores), motivo pelo qual foram seleccionadas para esta dissertação. Em algumas crianças este mau comportamento existe em todos os contextos (casa; escola; ambientes estranhos), enquanto que noutras é consoante o contexto. Estes comportamentos incluem ser-se refilão, agressivo, desobedecer (C. Oposição), mal-educado, entre outros.

202. Mal-educado (4; 18, 24) (5; 1, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 16) (8; 1, 3, 7, 12, 13, 16) (10; 5) (11; 9)

Na entrevista 5 a criança é constantemente descrita como sendo mal-educada. Também a mãe da entrevista 4 e 8 referem que as suas crianças são mal-educadas (a última refere que é uma das coisas que gostava de mudar). Isto tem a ver com as respostas que as crianças dão aos pais.

204. Mandão (3; 2) (4; 4, 6, 23) (8; 7, 15)

As crianças das entrevistas 3 e 4 são descritas como mandonas, i.e., têm poder sobre os mais velhos, neste caso, os irmãos. Tal como com os pais há confusão de papéis, invertendo-se o poder nestes casos.

205. Manipulação adulto (2; 5) (3; 2, 5, 10, 11, 12, 14) (4; 7, 14, 18, 26, 29) (5; 1, 3, 4, 11, 16, 17) (6; 8) (7; 4, 5, 10) (8; 4) (14; 5, 11)

Também o adulto utiliza a manipulação para manobrar os comportamentos da criança com vista a que esta lhe obedeça, utilizando também várias estratégias para conseguir o seu fim. A mãe da criança da entrevista 6 utiliza o facto da criança não querer dormir sozinha para a manipular, por exemplo, em relação às refeições. A mãe da criança da entrevista 8 ameaça não a ir buscar à escola (vem na carrinha do ATL) se a criança não se acalmar. No caso da mãe da criança da entrevista 14, esta acaba por manipular a criança jogando com os passeios, única altura em que pode estar mais à vontade com os colegas, quando não recebe dela a atenção que quer ou quando a criança tenta separar-se dela.

206. Manipulação criança (2; 5) (3; 5) (4; 2, 6, 7, 8, 14, 22, 29, 30) (5; 1, 2, 5, 15, 16, 17) (6; 2, 6) (7; 10) (8; 3, 7, 8) (9; 18) (10; 15) (11; 10, 11, 15) (12; 7, 11) (14, 1, 5)

Os objectivos da manipulação são conseguir obter aquilo que se quer ou precisa, utilizando para isso várias estratégias. Em quase todas as entrevistas surgem vários comportamentos manipulativos por parte das crianças e dos adultos; nas entrevistas 2, 3, 4, 5 e 8 aparece muito frequentemente vários tipos de manipulação por parte da criança. As crianças utilizam comportamentos negativos, tais como choros, gritos ou acessos de cólera, bem como comportamentos positivos, afectuosos, para tentarem conseguir aquilo que querem. Utilizam-nos quando querem fazer algo que não lhes é permitido ou para fugir de algo que lhes querem obrigar a fazer, sendo a ideia final a cedência do adulto perante as suas ordens. Uma das situações onde acontece frequentemente na altura dos trabalhos de casa.

208. Mau (6; 3, 4, 5, 7, 11) (9; 15) (12; 6, 9) (13; 3)

A mãe da criança da entrevista 6 descreve-a como sendo «má» e «ruim», utilizando várias vezes essas palavras. Também nas entrevistas 9 e 12 a mãe e a avó, respectivamente, utilizam o termo «ruim» na conversa sobre a criança. Quanto à criança da entrevista 13, a mãe refere que ele de vez em quando faz umas «maldadezinhas».

209. Medicação (8; 10, 13, 14, 16) (9; 12) (11; 6) (12; 1)

A mãe refere que quando tomou medicação encontrava-se mais estável e que isso influencia o comportamento da criança; diz também que actualmente sente a necessidade de voltar a tomar medicação, porque tem uma vida muito «stressada» e «agitada». A criança da entrevista 9 está a tomar medicação receitada pela pedopsiquiatra para acalmar a agitação. Embora a criança da entrevista 12 não tome nenhum medicamento, a mãe acha que ela precisa de ir ao médico porque é muito nervoso e como tal podia tomar um medicamento para isso diminuir.

210. Medo (3; 12, 13, 15, 17) (4; 27) (5; 17) (6; 3) (9;8) (10; 10) (11; 2, 4, 5, 12, 17) (12; 4, 5) (13; 5) (14, 7)

Na entrevista 11, a criança foi ameaçada pela ex-companheira do pai para não contar nada do que se passava (queixa de abuso), estando a criança em permanente medo dela. Este medo estende-se aos irmãos, estando sempre preocupado com eles, vigiando-os. A criança da entrevista 12 tem medo de estar sozinha em casa, mesmo com a mãe lá; necessita da presença da mãe para se sentir em segurança.

211. Melhoria (1; 11) (4; 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 21, 22, 23) (5; 11) (8; 3, 12, 13, 14) (9; 1, 4, 12, 13, 15, 18, 21) (11; 7, 8, 14, 16) (12; 1, 2, 6, 8) (14; 10)

Nas entrevistas 4, 5 e 8 as mães das crianças referem que houve uma melhoria gradual no seu comportamento, embora este ainda se apresente inconstante. Os adultos que participam na vida da criança da entrevista 4 já aprenderam a lidar melhor com o comportamento desta, adoptando uma série de estratégias, onde se inclui uma atitude mais firme, reiterando o poder e exercendo o controlo de comportamentos através de reforços (positivos e negativos). A mãe da criança da entrevista 12 refere que o comportamento da criança melhorou um pouco quando as educadoras do Jardim-de-infância explicaram à criança as regras da sala e como se deveria portar. Na entrevista 14, a mãe refere que a professora acha que a criança está melhor na escola, embora afirme logo em seguida que ele tem dificuldades em compreender a matéria quando falta à escola.

214. Mimos (1; 8, 9) (2; 2, 10) (10; 8, 11, 12)

Na entrevista 2 a mãe refere que dá muitos mimos aos seus filhos, provavelmente para os compensar de não terem o pai presente e pelos problemas que têm; dá mimos à criança da nossa entrevista também para ela não sentir ciúmes do irmão, pois este requer mais atenção devido ao seu problema de saúde. Também na entrevista 10 a mãe acaba por dar mimos à criança para a compensar da atenção que tiveram de dar ao irmão, devido a um problema de saúde que este teve.

218. Mudança comportamento (3; 17) (5; 1, 12) (9; 12, 23) (10; 5, 8) (11; 9, 17)

As crianças apresentaram uma mudança de comportamentos para pior, aparentemente sem que as mães saibam explicar porquê, embora mais tarde avancem com algumas hipóteses. Na entrevista 5 a avó coloca a culpa no ambiente familiar da casa da mãe e na má intenção que esta tem para com a família paterna da criança. No caso da criança da entrevista 9, não foi o seu comportamento que mudou como a sua atitude: a mãe acha que ele está mais desmotivado, pouco interessado no que se passa à sua volta. Na entrevista 10 a mãe acha que a mudança pode ser devida a dificuldades conjugais, embora mostre uma certa dificuldade em aceitar essa causa, acrescentando depois que o ter saído da actividade que gostava tornou-o mais agressivo.

222. Necessidade de atenção (2; 9) (3; 9)

As mães das crianças das entrevistas 2, 3 e 6 acham que as suas crianças necessitam de atenção, ou que talvez utilizem estes comportamentos para chamar a atenção.

225. Nervosa (3; 9) (8; 8) (9; 4, 19, 25) (11; 2)

A mãe da entrevista 3 assume-se como muito nervosa, sendo o filho parecido com ela; no caso da mãe da entrevista 9 esta também é muito nervosa, tal como a criança; se o «nervoso» é uma questão hereditária, não será então culpa de ninguém, mas sim um traço de personalidade aceitável, já que a mãe também o possui. O nervoso parece justificar as explosões das crianças e ser desculpa para a impulsividade.

226. Nervoso (9; 1, 5, 17, 24) (11; 2, 18) (12; 1, 2, 4, 6) (14; 5)

As mães falam das suas crianças como sendo «nervosas», i.e., as atitudes agressivas e de birras utilizadas pelas crianças quando não as deixam fazer aquilo que querem. A criança da entrevista 9 acaba por usar o ser «nervoso» como uma desculpa para os seus maus comportamentos, desculpa essa aceite e por vezes usada pela mãe. Quanto à criança da entrevista 11, a mãe refere que toda a situação de exame judicial, relativa à queixa de abuso efectuada o deixou muito nervoso, tendo piorado a encoprese. A criança da entrevista 12 é também descrita pela mãe como sendo muito nervosa, embora a mãe não saiba a razão

228. Nova família (3; 1, 11) (9; 3)

A questão da nova família é referida na entrevista 3; a mãe acha que foi muito precipitado o facto do ex-marido ter tido um filho logo após o abandono da casa; o facto de ter uma nova família, provavelmente constituída enquanto vivia com a primeira família, é penoso para a mãe e factor contributivo para a problemática do filho. É como se atirasse parte das culpas para esta nova família.

No caso da entrevista 9, ambos os pais constituíram novas famílias, estando a mãe da criança grávida de um novo filho do casal.

231. Obrigar (9; 3) (10; 2, 6, 15)

Na entrevista 9, a mãe da criança força esta a gostar do pai, embora estejam separados e tenha um historial de violência doméstica, mas faz questão de separar as coisas e dizer ao filho que, por pior que o comportamento do pai seja, não deixa de ser pai dele e por isso tem de gostar deste. A mãe da criança da entrevista 10 embora a obrigue a fazer cópias para trabalhar mais e superar as suas dificuldades escolares, mas não o obrigue a fazer aquilo que não quer.

237. Palavrões (12; 6) (14; 2)

As crianças das entrevistas 12 e 14 ocasionalmente dizem palavrões; a mãe da primeira dá-lhe uma palmada para o emendar (o que faz com que a criança a desafie mais ainda, piorando os palavrões); quanto à mãe da segunda, esta ralha com ela e atribui as culpas aos colegas da criança que dizem os palavrões no recreio.

238. Palmada (5; 6, 10, 14, 17, 18) (6; 2) (8; 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12) (9; 14, 15, 16, 20, 21) (11; 20) (12; 1, 6) (13; 1, 3, 12) (14; 5)

Na entrevista 6, 7 e 8, as mães utilizam por vezes palmadas ou açoites como modo de repreensão da criança, nem sempre dando resultado. Ainda em relação aos castigos corporais, a mãe da criança da entrevista 8 acha que as amas tendem a bater nas crianças, ao contrário do que se passa nos infantários, o espaço mais correcto e adequado para a educação das crianças

243. Pedopsiquiatra (4; 12, 24) (9; 12) (11; 3, 6)

As crianças das entrevistas 4, 9 e 11 estão ambas a ser acompanhadas por pedopsiquiatria, estando a da entrevista 9 medicada para a agitação. A criança da entrevista 11 já esteve medicada para a depressão, mas uma vez que não estava a correr bem, a pedopsiquiatra optou por retirar.

244. Pena (2; 8) (8; 1, 11)

Tanto a mãe da criança da entrevista 2 como a da entrevista 8 referem que têm pena de castigá-las (a segunda devido aos problemas que a criança teve à nascença), acabando por ceder quando as põem de castigo ou evitando castigá-las. Este sentimento de pena relaciona-se com a culpa que sentem pelos problemas da criança, pois acham que a causadora desses mesmo problemas foram elas.

245. Percepção (1; 8) (3; 11) (9; 4, 5, 6)

A mãe da entrevista 3 fala sobre a capacidade do seu filho para compreender os problemas, associando à idade, i.e., agora que ele exhibe estes problemas é que talvez ele se aperceba do que se passa na sua situação familiar. Ela acha que quando ele era mais novo não se conseguia aperceber das problemáticas conjugais. Associa os problemas à sua crescente capacidade de compreensão. Quanto à criança da entrevista 9, a mãe apenas começou a revelar o que tinha acontecido na situação familiar anterior depois da criança ter começado a perceber que algo não estava bem explicado. Assim, sem nunca lho dizer directamente, a mãe começou a deixar a criança perceber toda a situação de violência doméstica que tinha vivido anteriormente, bem como o carácter do pai (agressivo e alcoólico); isso veio possibilitar à criança distinguir os sentimentos em relação ao pai biológico e ao marido da mãe.

247. Permissiva (3; 4) (4; 6) (8; 1, 3)

As mães das crianças das entrevistas 3, 4 e 8 são permissivas em certas ocasiões, isto é, deixam as crianças fazerem aquilo que querem conferindo-lhes o poder de decisão que não lhes devia pertencer. A mãe da criança da entrevista 8 faz o paralelismo entre os comportamentos da criança e «aquilo que a deixo fazer».

248. Poder (1; 5, 7) (2; 2) (4; 3, 6, 26) (5; 5, 10, 14) (6; 1, 8)

As crianças acabam por ter um maior poder que aquele que o seu papel na família supostamente lhes conferia, tendo direito a decidir sobre vários assuntos. A deslocação de poder para as crianças pode estar relacionada com vários aspectos referentes à vida das suas mães, dos quais podemos supor alguns: a cedência de poder pode estar relacionada com uma punição das mães a elas próprias por se sentirem culpadas dos problemas dos seus filhos; pode estar relacionadas com questões delas próprias enquanto filhas (incapacidade de serem mães e de terem resolvido os seus problemas enquanto filhas), a excessiva proximidade na relação estabelecida, que não as deixa estabelecer os limites, bem como questões de personalidade (incapacidade para se impor, personalidade dependente, ...).

251. Preguiçoso (1; 2) (2; 1, 3, 4, 6, 7) (5; 8, 19) (6; 9) (9; 14) (13; 10) (14, 1, 9, 10)

Nas entrevistas 1, 2, 5, 6 e 14 é apresentada, em parte como hipótese explicativa para justificar as dificuldades escolares das crianças, o facto de serem preguiçosas, quer na escola, quer em casa, no que se refere aos trabalhos de casa. A criança da entrevista 2 é muitas vezes descrita como preguiçosa, advindo daí as suas dificuldades escolares; se as suas dificuldades advêm da sua falta de vontade, trata-se então de um problema corrigível, através de mais regras e mais trabalho;

acaba por ser um defeito da criança com hipóteses de mudança, o que já não se passaria se esta problemática estivesse relacionada com a falta de capacidade da criança. Esta insistência da mãe na falta de vontade de trabalhar da criança poderá ser uma maneira de se assegurar de que esta problemática está na criança, que não está relacionada com ela (ou algo que tenha feito) e que pode ser ultrapassada, inclusive com a ajuda dela. Quanto à entrevista 5, também a «preguiça» é apontada como um factor explicativo das dificuldades escolares da criança.

254. Prestativo (2; 8) (3; 3, 4, 17) (4; 15, 25, 26) (5; 2, 15) (7; 9) (8; 4) (9; 19) (13; 11) (14; 10)

Nas entrevistas 2, 3, 4 e 5 as crianças são classificadas como sendo prestáveis, embora não seja constante. Elas oferecem-se espontaneamente para realizar certas tarefas em casa que nem sempre aceites pelas mães. A recusa de ajuda e a inconstância (são capazes de «mandar fazer» umas vezes e de recusar que façam noutras vezes) não permite às crianças desenvolverem a noção de responsabilidade que depois lhes vai conferir autonomia. A mãe da entrevista 4 refere que a sua criança gosta e oferece-se para ajudar, tanto em casa, com ela, como na escola com os colegas de turma.

258. Promessas (3; 14) (4; 7, 28, 29) (9; 11, 19)

Na entrevista 9, o irmão da criança queria muito um irmão, prometendo à mãe que ajudava a tomar conta dele, cumprindo depois o prometido; também nesta entrevista a mãe refere que a criança promete que se vai comportar bem, mas depois acaba por não conseguir cumprir.

259. Protecção (8; 6) (9; 2, 3, 8) (11; 7)

Talvez devido à sua situação familiar anterior de violência doméstica, a mãe da criança da entrevista 9 é muito protectora em relação aos seus filhos (também em relação aos jovens com quem trabalha), não os deixando fazer as coisas, fazendo-as ela.

261. Psicólogo (2; 4) (3; 11) (6; 1) (7; 1, 6) (9; 7) (10; 3, 5, 7, 8, 9, 11) (11; 4) (13; 1, 12)

As mães das crianças das entrevistas 2 e 3 referem o psicólogo; a primeira porque a educadora aconselhou que a criança necessitaria de ir a um psicólogo e a segunda que já tinha levado informalmente ao psicólogo (2 sessões). A criança da entrevista 7 entrou para o Jardim-de-infância aconselhado por uma psicóloga. Quanto à criança da entrevista 10, esta frequentou consultas de psicologia devido a problemas de adaptação no Jardim-de-Infância, tendo a mãe desistido uma vez que não tinha condições financeiras para continuar, tendo depois frequentado as consultas de psicologia no Centro de Saúde da área de residência; contudo, voltou novamente para avaliação em psicologia por pedido da professora, uma vez que esta não recebeu nenhum relatório sobre a criança e as suas dificuldades.

A mãe da criança da entrevista 9 frequentou as consultas de apoio psicológico durante a situação de violência doméstica que sofreu no casamento anterior.

263. Quedas (5; 13) (6; 1, 4, 12) (9; 18) (10; 11, 12, 13) (13; 6, 7) (14; 7)

As crianças das entrevistas 5 e 6 apresentam muitas vezes marcas de «acidentes», na maioria das vezes de quedas de bicicleta, embora a criança da entrevista 6 esteja mais vezes envolvida em quedas e acidentes (comportamentos de para-suicídio?). A criança da entrevista 10 também chegou a casa algumas vezes com

marcas de acidentes e quedas. Já a criança da entrevista 9 acidentalmente entalou-se no carro.

264. Queixa (11; 1, 2, 3, 17)

Na entrevista 11 o hospital onde a criança recorreu numa ocasião efectuou uma queixa de abuso infantil, contra a ex-companheira do pai. Essa queixa está agora em tribunal, pelo que se procedem às investigações, tendo queixa sido confirmada, segundo a mãe, pelo Instituto de Medicina Legal.

265. Questionamento (3; 5, 17) (4; 18) (10; 8)

Nas entrevistas 4 e 8 as mães questionam-se se por vezes tomam a melhor decisão em relação às suas crianças, mostrando assim alguma insegurança que a situação provoca.

266. Ralhar (1; 12) (2; 2) (4; 29) (5; 4, 15) (6; 5) (7; 6) (8; 3, 16) (9; 2, 4, 14, 19, 21, 24) (10; 3) (11; 3, 4) (13; 1, 3, 12) (14; 2, 3, 5, 7, 8, 11)

O ralhar é utilizado como repreensão pelos maus comportamentos da criança, a par das palmadas e dos castigos, embora na maioria das vezes não resulte. As crianças não a encaram como algo real e ameaçador, em parte por que sabem que não têm consequências, mesmo quando são ameaçadas com castigos que na generalidade acabam por não ser cumpridos.

268. Receio (3; 5, 20) (4; 1, 28) (9; 9, 25) (11; 20)

Os receios das mães das entrevistas 3, 4 e 5 relacionam-se com o futuro das suas crianças. Embora na entrevista 3 a mãe não especifique qual os comportamentos futuros que receia, poderemos pensar que possivelmente tem medo de não estar a conseguir entender o que a criança está a tentar transmitir-lhe através destes comportamentos e o que irá acontecer à criança (e a ela) caso estes comportamentos se mantenham no futuro; esta última preocupação também está presente na mãe da criança da entrevista 4. Na entrevista 5 também há uma preocupação com o futuro da criança, nomeadamente com o seu comportamento e se este será igual ao da mãe (o mais negativo possível), traçando-lhe assim (na opinião da família paterna) um «destino negro». Na entrevista 9, um dos receios da mãe prendia-se com a segurança dos filhos quando o ex-marido estava bebado; outra preocupação relacionou-se como a reacção dos filhos à nova gravidez. Na entrevista 10 a mãe sentiu receio de que estivesse algo errado com o seu bebé, uma vez que não o sentiu mexer durante toda a gravidez (apesar da médica que a acompanhou lhe ter dito que não havia nada a recear). Os receios da mãe da entrevista 11 passam também pelo que ela poderá fazer se alguma vez encontrar a ex-companheira do pai da criança. Na entrevista 14 a mãe tem receio de que algo aconteça com a criança (projectão de morte), não a deixando sozinha por nenhum tempo, nem para brincar com os colegas; como tal a criança acaba por não ter amigos, convivendo apenas com adultos (a professora e os pais).

269. Refilão (2; 2, 5, 10); (3; 4) (5; 1, 2, 4, 9, 10, 14, 16) (6; 1, 3) (8; 7, 12) (9; 18) (10; 10, 15) (12; 6)

As crianças das entrevistas 2, 3, 5, 6 e 8 são descritas como refilonas, mas apenas com as mães; tal não acontece em contexto escolar (pelo contrario, a mãe da entrevista 2 chega mesmo a afirmar que só acontece com ela)

271. Regras (2;1, 2, 3, 4, 5, 7, 9) (4; 5, 6, 12, 14, 15, 21) (5; 10) (6; 6) (7; 3, 5) (8; 1, 8, 12, 13, 14, 15) (9; 16) (10; 2, 3, 4, 7, 8, 10) (12; 2) (14; 3)

Em quase todas as entrevistas as mães falam sobre as regras, embora nem sempre explicitamente; nem todas as mães parecem compreender a importância da existência de regras claras e definidas para guiar a criança nos seus comportamentos, permitindo-lhe saber aquilo que pode/deve fazer e o que não pode nem deve fazer. Apesar de a mãe da entrevista 2 fale muito sobre as regras e o contrariar a criança para ela poder distinguir entre o que está certo e o que está errado, tal não parece acontecer na relação; a criança acaba por manipular quando não quer obedecer e a mãe acaba por ceder quando impõem os castigos. Assim, as regras parecem ser inconstantes, embora a mãe perceba a sua importância e fale no seu interesse em aplicá-las. Quanto à mãe da criança da entrevista 8, esta fala muitas vezes da importância das regras como reguladoras do comportamento, contudo não se sente suficientemente bem para as aplicar.

274. Relação fraterna (2; 10) (3; 2, 6) (4; 5, 10, 11, 13, 22) (9; 4, 10) (11; 12) (13; 2) (14; 6)

Os irmãos das crianças das entrevistas 2 e 9 têm uma relação de protecção para com os irmãos mais novos. A criança da entrevista 2 procura de protecção na figura do seu irmão mais velho, que acaba por ceder às suas vontades, muitas das vezes a mando dos pais e talvez devido à problemática da criança. Esta protecção é reforçada à noite quando a criança procura o irmão mais velho para dormir. No caso da entrevista 9, a protecção deve-se à situação familiar anterior, onde havia uma necessidade de protecção física, não só emocional. As crianças das entrevistas 3 e 4 parecem relacionar-se com os seus irmãos de modo parecido, oscilando entre o «relacionarem-se bem» e o «mandarem neles». O facto de ambos serem mais novos e conseguirem ter poder sobre os respectivos irmãos levanta questões quanto à dinâmica familiar (os pais permitem que o mais novo

tenha poder sobre o mais velho e este não consegue impor-se sobre o irmão mais novo). Na dinâmica da família da entrevista 2, é nossa criança que cede perante o irmão gémeo, uma vez que este tem deficiência física e necessita de maiores cuidados, acabando por ser mais protegido pela mãe (a criança tem de abdicar de certas coisas para lhe dar). O irmão mais velho da criança da entrevista 9 pediu à mãe pelo nascimento do irmão mais novo, prometendo à mãe que ajudava a cuidar dele, cumprindo depois a promessa e tomando conta e protegendo-o; por sua vez, as crianças das entrevistas 9 e 14 ficaram muito felizes com as novas gravidezes das mães. Quanto à criança da entrevista 11, a mãe refere que ela é muito protectora dos irmãos mais novos, o que a mãe atribui ao facto de ter passado por uma situação prolongada de abuso infantil. Na entrevista 13 é a irmã mais velha da criança que é ameaçada por esta, inclusive com uma faca e a reacção da mãe é desvalorizar o incidente.

275. Relação materna (1; 9) (2; 2) (4; 15, 25) (6; 7) (7; 2) (8; 2, 5) (9; 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 22) (10; 8, 9, 12) (11; 7, 8, 11, 12) (12; 5, 8, 11) (14; 2, 6, 7, 11)

A relação destas mães com as crianças pode ser caracterizada como dependente, sendo esta dependência promovida pelas próprias mães. É como se todas as relações da criança tivessem que passar por elas, em especial quando há um novo companheiro. Na entrevista 2 e 3, devido à ausência paterna, as mães tiveram de desempenhar o papel de mãe e de pai, não havendo triangulação (excepto talvez com o irmão). Quanto às entrevistas 4, 8 e 14 embora o pai esteja presente, a relação é demasiado dependente; na primeira, mãe tem consciência disso referindo que a criança «muito agarrada» a ela, sendo talvez devida aos primeiros anos da criança, em que o pai estava emocionalmente ausente ou afastado; parece haver uma relação de proximidade nociva entre eles, reconhecida pela mãe da criança 4 quando diz que é «um pouco mãe-galinha». O mesmo se passa na entrevista 8; a diferença entre estas duas crianças é que enquanto na primeira a mãe serve com contentora para a acalmar quando a criança se descontrola, na

segunda a criança reage pior à mãe (mal-educada, refilona) do que ao resto dos adultos. Na entrevista 14, a mãe acabou por criar uma dependência tão grande da criança que nem suporta que a criança se afaste dela (não a deixa ir em passeios, não a deixa ficar no recreio a brincar com os colegas...).

Quanto mais próxima a relação, mais invasiva, pior se comportam as crianças. Na entrevista 9, a mãe é inconstante nas suas acções (tal como a criança) e acaba por ter acções completamente contrárias: tão depressa arruma tudo à criança, como de repente deixa de arrumar e exige que seja esta a fazer tudo sozinha, sem supervisão ou incentivo; nota-se também que há muito afecto na relação com os filhos. O seu relacionamento, tal como nos outros casos, também é demasiado próximo, inclusive do filho adulto, que embora já tenha saído de casa continua a ser controlado pela mãe, acabando esta por os sobreproteger, fazendo-lhes as tarefas, embora afirme que o faz por vezes para não se chatear e para se despachar mais depressa. Também a mãe da criança da entrevista 14 a sobreprotege, não o deixando resolver os seus problemas de relacionamento com os colegas sozinho, acabando por se intrometer; a própria afirma a sua dependência da criança dizendo *“Porque eu como não tenho mais ninguém, é claro que me ligo muito a eles, agarro-me muito, eles estão sempre comigo”*. Na entrevista 10, a mãe refere que faz tudo pelos seus filhos e acaba por se questionar, em parte devido à sua idade e em parte devido à importância que atribui aos conhecimentos dos técnicos, transmitindo alguma insegurança. Na entrevista 11 a mãe culpa-se a si própria por não ter percebido o que se passava com a criança e acha que tem de compensá-la por tudo isso, deixando-a fazer o que quer.

276. Relação paterna (1; 6)(11; 5, 18, 19)

As mães não referem quase nada sobre a relação das crianças com os pais. A criança da entrevista 11, embora os pais estejam separados, tem uma boa relação com o pai, gostando muito de o visitar, o que a mãe aceita de bom grado. O mesmo já não se passa com outros casais que se encontram separados.

277. Relacionamento entre pares (1; 6, 9, 10) (2; 2, 3) (4; 4, 10, 21) (5; 16) (6; 2, 6, 7, 11, 12) (7; 2, 9) (9; 1) (10; 11) (12; 1, 2, 12) (13; 8) (14; 2, 6)

Apesar da agressividade a maioria das crianças conseguem estabelecer relações de amizade com alguns dos seus pares, exceptuando a criança da entrevista 7 que vive isolada, sem crianças da sua idade perto. Na entrevista 9 a mãe refere que a criança é gozada pelos colegas por vir à Instituição onde funciona a Consulta de Psicologia, o que também acontece na entrevista 14, onde além dos colegas gozarem com ele também, segundo a mãe o provocam (justificando a resposta dele). Quanto à criança da entrevista 12 o seu relacionamento com os colegas não é bom, pois quando não fazem o que ele quer ele «enerva-se» e quer que a sua vontade prevaleça

280. Repreensão (2; 8) (5; 11) (6; 2) (8; 3) (9; 16, 17) (12; 6)

As crianças das entrevistas 5 e 6 não reagem bem quando repreendidas por adultos fora da família. As mães das crianças das entrevistas 2, 8 e 9 repreendem as crianças ocasionalmente quando acham que estas precisam de ser corrigidas.

381. Reservado (2; 5, 8, 9) (4; 21) (6; 7) (13; 10)

As mães das crianças das entrevistas 2 e 6 referem que estas são reservadas, não lhes contado o que estas lhes inquirirem. Poderá ser por estas mães serem demasiado invasivas e estas querem um espaço só para elas, ou poderá ser oposição por parte das crianças.

283. Responsabilidade (1; 9) (4; 3, 19, 26) (8; 13) (9; 2, 17) (11; 9, 13, 14)

A mãe da entrevista 9 quer que a sua criança seja responsável pelas suas coisas, mas é muito radical nas suas acções, i. e., tão depressa não a deixa fazer nada como logo a põe a fazer tudo sem ajuda ou supervisão,. Ficando surpreendida quando a criança falha nas tarefas.

287. Revoltada (2; 1, 2, 6) (8; 1) (9; 3, 5) (10; 4)

Na entrevista 8 a mãe da criança refere que ela é revoltada, sem apresentar uma razão para tal, enquanto que nas entrevistas 2, 8 e 9, as mães pensam que esta revolta se deve à falta de contacto com o pai; apesar de gostarem dele, a sua ausência ou pouco contacto com ele faz com que tenham uma grande revolta em relação ao pai. Além do abandono do pai, outra situação em que a mãe da criança da entrevista 2 fala de revolta é na transição do filho para o primeiro ano: embora este não estivesse suficientemente preparado para transitar de ano, iria fazê-lo para não ficar triste e revoltado.

288. Rotina (1; 5, 7, 8) (3; 4, 9, 10, 15) (4; 1, 15, 16) (5; 11) (6; 7, 8, 9) (7; 3, 7) (9; 10) (10; 2, 15) (11; 15) (12; 1, 10, 11) (13; 7) (14; 6)

Quase todas as crianças têm uma rotina diária entre escola, casa e ATL quando este existe. Embora as rotinas variem, a maior parte das mães referem que há uma rotina para as crianças onde incluem normalmente a escola, a ida para o ATL e o regresso a casa; onde normalmente depois fazem os trabalhos de casa, jantam e vão para a cama. Contudo nem todos os dias esta rotina é cumprida, ela é dada mais como exemplo de um dia na vida das crianças do que um horário firme e rígido.

289. Rotular (4; 18) (8; 14) (9; 7, 10)

Na entrevista 4, a mãe com o rótulo que poderão colocar à criança, pois isso pode implicar que a ponham de lado e não lhe dêem a devida atenção, dando origem a piores comportamentos. Quanto à mãe da criança da entrevista 8, a preocupação em ser rotulada é dirigida a ela, que coloquem nela ao rótulo da má mãe devido aos comportamentos da criança. Já no caso da entrevista 9 a preocupação era com o rótulo que podiam colocar na mãe devido ao ambiente familiar de violência doméstica.

290. Separação (2; 1, 4) (3; 1) (6; 8) (7; 4) (9; 7, 8) (11; 5)

O facto de se terem separado dos conjuges é bastante importante para as mães da entrevista 2 e 3 na medida em que tiveram de compensar os seus filhos pela divisão da família. Foram «obrigadas» a serem pais e mães ao mesmo tempo, dando mais mimos para os compensar. Podemos deduzir a existência de uma certa culpabilidade pelo fracasso de um casamento e subsequente problemática da criança, transformando-se num duplo fracasso. A separação do casal da entrevista 6 tinha sido muito recente, tendo sido um assunto evitado pela mãe, que o referiu apenas uma vez.

292. Sofrimento (3; 1, 2, 7, 10, 13) (9; 2, 3, 10) (11; 3, 6, 12, 20)

Na entrevista 3, o abandono do pai e a formação de uma nova família deste tem, de acordo com a mãe, trazido um grande sofrimento (palavra muito utilizada) para a família toda, uma vez que toda a situação não foi bem resolvida; o abandono inesperado do pai deu-se após um acontecimento traumático para a família e constituição de uma outra família foi muito inesperado. O posterior afastamento foi também inesperado: o pai não só se separou da mulher como também se

separou dos filhos. Quanto à entrevista 9, o sofrimento vem da situação familiar anterior, onde existia violência doméstica sobre a mãe, acabando por afectar os filhos também.

Na entrevista 11 quem está em sofrimento é a criança, devido a uma situação de abuso infantil que foi detectada, apesar de já ter sido retirada dessa situação.

294. Stressada (3; 4, 5) (8; 2, 4, 10, 12, 15)

As mães das entrevistas 3 e 8 referem que têm vidas muito agitadas, muito stressadas e que têm pouco tempo e por vezes pouca disponibilidade para as crianças e que tudo isto influencia as suas crianças

293. Sozinho (9; 13) (10; 2, 11) (12; 5) (14; 7)

A falta de atenção em casa da criança da entrevista 9 faz com que esta se sinta sozinha e procure companhia perto de quem lhe dá atenção, neste caso uma tia; isto acontece não só durante a hora de deitar mas também sempre que a tia se encontra presente. Embora a situação familiar desta criança seja complicada (gravidez, doença do sogro, comportamentos da criança), a mãe pensa que lhe está a dar toda a atenção que pode e que ele precisa; claramente não é isso que se passa, i.e., a criança está a necessita de uma dose maior de atenção do que aquela que está a receber. Esta tia acaba por desempenhar o papel de mãe, cuidando da criança na ausência da própria mãe. A criança da entrevista 14 está muito sozinha, na medida em que não se relaciona com nenhum dos seus colegas fora do contexto escolar, nem tem amigos; a sua única companhia é a mãe. Quanto à criança da entrevista 12, esta também não consegue estar sozinha, estando sempre a chamar pela mãe quando esta não se encontra na sua presença. Já a criança da entrevista 10 não se importa de ficar sozinha, preferindo-o a ir para o ATL.

295. Sucesso escolar (2; 6) (4; 3, 9)

A mãe da criança da entrevista admite que ele teve boas notas a matemática, embora refira mais vezes o seu insucesso. Também a mãe da entrevista 4 refere várias vezes que a sua criança tem imensas capacidades a nível escolar, preferindo a matemática às outras disciplinas.

298. Técnicos (4; 23) (10; 7, 8, 9, 10, 12) (11; 2, 17)

A mãe da entrevista 10 acaba por confiar mais no que os técnicos lhe dizem do que em si, no que diz respeito às decisões em relação à criança. Na entrevista 11, a criança teve de se avaliada por vários técnicos (de saúde, polícias, ...) devido à queixa de abuso sexual.

299. Teimoso (2; 1, 8) (5; 3) (7; 11) (9; 15, 16) (11; 18) (13; 1)

As crianças das entrevistas 2, 3, 7 e 9 são descritas como sendo teimosas, não obedecendo e insistindo com os adultos. O comportamento de oposição também pode ser considerado como teimosia pelos pais, uma vez que as crianças se recusam a fazer o que lhes é pedido.

300. Testar (8; 2) (14; 5)

A criança vai reagindo com os adultos consoante as suas respostas, i.e., vai gradualmente testando os limites, vendo até onde pode ir.

302. Trabalhos de casa (1; 2, 5, 7, 11) (2; 3, 7) (4; 2, 15, 18, 21) (5; 7, 9) (6; 9) (7; 6, 8) (10; 15) (11; 10, 14, 15) (12; 8, 11) (13; 7, 10) (14; 6, 9)

As crianças das entrevistas 2, 3, 4, 5, 6 e 7 têm dificuldades em realizar os trabalhos de casa sozinhas, solicitando quase sempre a atenção dos pais. Parece ser um momento que as crianças aproveitam para chamar os pais para junto delas, talvez para os interessarem pelas coisas da escola, para terem a sua atenção. Muitas delas não os querem fazer, inventando uma lista de desculpas para não os realizarem.

304. Triste (2; 6) (4; 7) (9; 1) (11; 4, 7, 19) (14; 2, 5)

A mãe da criança da entrevista 2 refere que esta, de acordo com o que o professor lhe disse, transitou para a segunda classe para não ficar triste, pois não estava suficientemente preparado para tal, embora a transição para a segunda classe seja obrigatória, não ficando ninguém retido na primeira classe. Na entrevista 4, é a mãe que fica triste com as mentiras que a criança conta; quanto à entrevista 9, a mãe refere que a criança fica triste quando os colegas se metem com ele, tal como acontece na entrevista 14. Esta última também fica triste quando é castigada pela mãe. Na entrevista 11, a mãe da criança refere que todos lhe dizem que ela é uma criança muito triste, o que a mãe associa à situação de abuso que aconteceu.

305. Tristeza (2; 4) (14; 4)

Um dos sentimentos que a mãe da entrevista 2 refere em relação ao seu papel de mãe é tristeza por toda a situação, em especial pelo filho estar com dificuldades escolares. No caso da mãe da criança da entrevista 14, a mãe refere tristeza pelos falecimentos dos seus pais.

308. Vergonha (5; 7) (8; 3) (9; 2, 7, 19) (11; 4)

Tanto na entrevista 5, como na entrevista 8, ambas referem ter vergonha dos comportamentos que as crianças têm em público. Segundo a mãe da criança da entrevista 8 a criança é mal-educada com a intenção de a envergonhar perante estranhos. Contudo ainda não foi capaz de emendar os comportamentos da filha. Na entrevista 9 a mãe diz que não tem vergonha nenhuma em trabalhar na Instituição onde trabalha e como tal o filho também não deve ter. Contudo tinha vergonha cada vez que ia ao hospital (devido a agressões do marido) tal como da sua situação de violência doméstica, que escondia de todos. Na entrevista 11, é a criança que tem vergonha que saibam da queixa de abuso infantil que foi feita.

310. Vingativo (6; 4, 5) (11; 16) (12; 1, 2)

As mães das crianças das entrevistas 6 e 12 referem que estas são vingativas em relação a elas, aos castigos que impõem e às ordens que dão. Também a criança da entrevista 11 é vingativa, mas em relação aos colegas (tal como a da entrevista 12).

312. Zangado (4; 10) (5; 3, 16) (6; 9) (9; 1, 5, 14) (14; 6, 10, 11)

Na entrevista 9, a criança fica zangada quando a mãe ralha com ela ou lhe dá uma palmada, tal como fica a criança da entrevista 14 quando a põem de castigo; já a mãe desta última fica zangada quando a criança não lhe obedece.

1120

DM
FERR/LP.2

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Parentalidade e Problemas de Comportamento

- Anexos -

Liliana Paula Namora da Costa Ferreira
N.º 11305

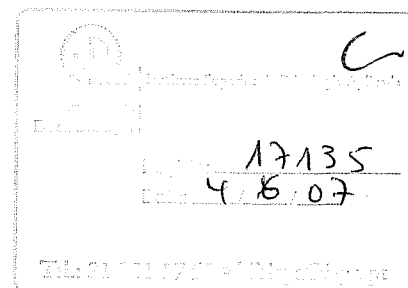
ORIENTADOR: Professor Doutor António Pires

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Professor Doutor António Pires

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



2005



ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos I		p.	61
Anexo A -	Listagem das Categorias		p. 62
Anexo B -	Memorandos		p. 76
Anexos II		p.	147
Anexo C -	Entrevistas		p. 148
	Entrevista 1		p. 149
	Entrevista 2		p. 162
	Entrevista 3		p. 173
	Entrevista 4		p. 195
	Entrevista 5		p. 226
	Entrevista 6		p. 246
	Entrevista 7		p. 259
	Entrevista 8		p. 271
	Entrevista 9		p. 289
	Entrevista 10		p. 304
	Entrevista 11		p. 321
	Entrevista 12		p. 333
	Entrevista 13		p. 348
	Entrevista 14		p. 361

ANEXOS

II

ANEXO C

Entrevistas

Anexo C

Entrevista 1

Entrevista Leonardo (1)

Nome: Leonardo.

Idade: 10 anos.

Escolaridade: 3.^a (retido).

Mãe: 37 anos, casada, empregada por conta própria.

Pai: 40 anos, casado, empregado por conta própria.

Irmãos: Ana, 12 anos, ano de escolaridade.

Liliana: Eu agora vou falar um bocadinho com a mãe para saber como era quando estavas na barriga dela, está bem? Se quiseres interromper estás à vontade.

Criança: Tá bem.

L: Como foi a sua gravidez?

Mãe: Foi normal, fui sempre acompanhada mas foi sempre normal. Não tive problemas. Foi um parto normal, foi o mais simples deles todos... Foi o melhor que eu tive foi ele.

Gravidez normal;
Gravidez vigiada

L: Portanto...

M: Claro que foi uma gravidez um bocadinho nervoso, pronto, um bocadinho, porque foi logo a seguir à minha filha. E nós tínhamos vindo do estrangeiro, não foi assim muito fácil.

Gravidez
ansiosa;
Imigração

L: Estiveram onde?

M: Na (*País*). Estive lá alguns anos, depois vim e fiquei grávida dela e a seguir fiquei grávida dele. Portanto não foi assim fácil, mas pronto.

Gravidez
ansiosa

L: E o parto?

M: Correu tudo bem.

L: Foi de 9 meses?

M: Sim senhora. Tinha 3, 610Kg...ah...com 50 cm... Afinal foi 48 cm, mais pequenino com 3,600Kg. O outro foi maior. Aos 8 meses deixou de mamar, não queria, nunca usou chucha... Nunca usou chucha. (...). Era um bocadinho reguila, claro.

Comparação;

Reguila

C: (ri)

...

L: Como é que eram os sonos, dormia bem...

M: dormia, dormia, mas durante o dia isso não parava, ele, mas pronto. De 3 em 3 horas mamava, acordava bem, mas aos 8 meses já não quis mais maminha.

Desenvolvimento normal; Irrequieto;

L: Passou para o biberão?

M: Ah, mas muito pouco... Portanto não usava chucha também não gostava do biberão. E depois começou a comer, pronto. Bebia leite por aqueles copinhos pequeninos, os Zé-sempre-em-pé, bebia leite por aí, mas biberão nunca foi. Gosta agora mais de maminha do que gostava dantes... (...)

L: Então e andar?

M: ...Cedo...aos 18 meses já andava. E começou a falar cedo. Só o que ele ainda não deixou foi de fazer xixi na cama.

Desenvolvimento precoce
Enurese

C: Eh, eu não faço.

M: Então...

C: Eu não faço xixi.

M: Então...De vez em quando, é calão não se quer levantar.

Preguiçoso

C: Às vezes quando eu vou a festas, bebo muitos sumos, bebo muitos sumos, às vezes não acordo e depois faço.

L: É só de vez em quando?

C: É, é só de vez em quando, e às vezes também não acordo.

M: Mas não tem nenhum problema. Já foi ao médico e não tem nenhum problema. É distração e é mandrião para se levantar.

Preguiçoso;
Distraído;

C: Eu gostava de ter aula de manhã.

M: Não é da bexiga, não é enurese. É é mandrião.

Preguiçoso

C: Eu gostava era de ter aulas de manhã.

L: Então porque é que não gostas de ter aulas á tarde?

C: Então porque começa à uma e acaba às seis, depois fico com a tarde um bocado ocupada, e depois também não faço nada de manhã só fico na cama e a jogar jogos.

M: Como a irmã não está de manhã, vai para a escola de manhã ele também queria ir, está-me sempre a chatear por causa disso, mas a tarde é muito melhor para ele porque ele de manhã dorme, faz os trabalhos de manhã e fica despachado.

Chatear;
Trabalhos de casa

C: Não eu gostava tanto porque assim tinha mais trabalhos.

M: Levantar às sete a manhã ou às sete e meia não é fácil.

C: Não, não é às.. as minhas aulas é às oito, portanto (int)...

M: Tinhas que te levantar muito (int)...

C: Eu também acordo às oito.

L: Então não tens mais sono?

C: Não

M: Ah, ainda hoje se levantou tarde.

...

C: Ela é que diz eu fico aqui, eu fico aqui, mas depois já não está, já está na rua.

M: ainda ontem fui dar umas poucas voltas e ficaste, e quando cheguei tinhas te levantado naquele instante.

C: Não, não.

M: Quando eu abalei. Ouvistes? Eu voltei atrás duas vezes que o pai pediu-me para trazer as máquinas.

...

L: Como é que é, tu és assim reguila, não és reguila, és sossegado, como é?

C: A minha mãe é que era reguila.

M: Ai eu é que era!

C: Metia baldes de água à porta para eu não sair de casa

M: Hum?

C: Não, não. Um dia até tive de empurrar os baldes todos para o chão (ri).

M: Quando?

C: Tu até disseste.

M: Na praia?

C: Não, dentro de casa meteste os baldes à frente da porta.

M: Ah, isso foi na praia, no Algarve. Andava de gatas e saiu, eu não tinha mais nada e pus cadeiras, ele passou pelo meio das cadeiras e vinha ter comigo à casa da minha irmã... A contar isto assim e ele agora foi buscar isso (ri) Ai meu Deus. Era reguila, era e é ainda.... não é hiperactivo, mas é quase...

Igualdade de
Gerações

Igualdade de
Gerações

Reguila

Irrequieto

L: É quase?

M: É, é está sempre a mexer, não pára. Está sempre a dar aos pés, está sempre a mexer e depois não está concentrado naquilo que deve estar. Só está concentrado é na televisão. Se estiver a ver na televisão ele consegue captar e dizer o que se passa e daqui a um mês fala-me no filme que estava a dar, isso aí ninguém o pode interromper mas na escola é o reverso...

Irrequieto;
Falta de
concentração;

Inconstante;
Contexto

C: Já que é psicóloga veja se consegue passar este quadrado num quadrado pequenino e noutro muito grande.

L: E se eu fizer isso depois deixas acabar a conversa. Pode ser?

C: Pode. É que esta é muita difícil. Só fui eu que adivinhei na minha sala. Ninguém mais adivinhou.

L: Parabéns! Não sei se vou conseguir adivinhar, mas nós para a semana logo vemos.

C: Se calhar até foi você que o inventou.

L: Não fui não.

M: (ri).

L: Explica lá como é? Pôr um dentro do outro?

C: Não isto já está. Tem de fazer um pequenino e um grande.

...

L: A mãe estava a dizer que tu eras assim um bocadinho irrequieto, mexes-te muito.

Irrequieto

C: Às vezes.

Inconstante

L: Tu concordas?

C: Quando estou a ver televisão, às vezes (int).

M: Ai a ver televisão não, a ver televisão está quietinho. Se estiver aquilo que lhe convem, onde quer que esteja não dá problemas nenhuns. Até as minhas irmãs e a minha mãe diz que ele é outra pessoa. Completamente diferente, muito mais calmo, mas mesmo assim ...

Inconstante

Calmo;
Contexto

L: E à mesa, também?

M: À mesa está sempre a mexer muito. Não se senta como deve de ser, põe as pernas debaixo do rabo.

Irrequieto

C: É para 'tar em pé.

M: É para estar mais alto, para chegar melhor à mesa.

L: E para deitar? Deve ser complicado na hora de dormir?

M: Isso se tiver sono vai direitinho à cama e não chateia ninguém. Isso adormece logo. Mas se não tiver é capaz de estar ali de volta, de volta, ontem mandei-o para a cama e ele estava ali de volta foi um problema para ir, mas depois sente-se bem (.....)

C: Eu ontem fui mas fui ver televisão.

...

L : E doenças, como garganta, ouvidos,...

M: Ouvidos não, só agora tem um problema nos dentes, ando no dentista com ele porque há dentes de leite que ainda não caíram nem vão cair. É ele e a irmã. Agora já tirei Rx a ele e ainda não sabem muito bem o que vão fazer porque ele ainda está a crescer. Mas se calhar vai ter de levar aparelho e a irmã vai ter que levar aparelho. De resto não teve mais nada.

L: E aquelas doenças infantis... papeira...

M: Não teve papeira, teve foi varicela.

C: Também tive por causa dela.

M: Mas foi muito leve, ele, foi muito leve. Também tem as vacinas em dia (.....)

L: Como é que é assim um dia normal...durante a semana, a que horas se levanta...

C: Quando é Sábado e Domingo levanto-me às 08:00.

L: Tão cedo?

C: É para ir ver os bonecos que eu quero. Agora posso levantar às horas que eu quiser porque tenho canal Panda.

L: Ao fim-de-semana levantas-te cedo para ir ver os desenhos animados.

C: Ou então para andar de bicicleta.

M: Não pára na bicicleta (...)

L: E depois, brincas o dia todo?

C: Sim, às vezes faço os trabalhos, mas é raro fazer os trabalhos ao Sábado e ao Domingo. Costumo fazer de manhã, à segunda.

L: Antes de ir para a escola?

C: É... No Domingo fui eu que fiz os trabalhos.

M: E nos outros dias quem é que faz, eu?

C: Não. Fiz os trabalhos à noitinha.

Chatear

Dormir

C. Oposição

Doenças

Rotina

Poder

Brincar

Irrequieto

Trabalhos de casa

Igualdade de Gerações

L: E o que fazes mais ao fim-de-semana, além de brincar?

C: Ao fim-de semana?

L: Sim, tens assim, escuteiros ou ginástica ou... costumás fazer assim alguma coisa?

C: Não. Um colega vai lá brincar à minha casa. Pegamos nas bicicletas e vamos andar para a lagoa dar umas voltinhas.

M: Mas fazes mais ao Domingo de manhã. Aonde é que tu vais, ao Domingo de manhã?

C: Ao Domingo de manhã é para estar em casa.

M: Mas onde é que vais?

L: Então às vezes vou à Lagoa. Ou então vou ver as máquinas.

M: Vais com o pai aonde?

C: Com o pai aonde? Às vezes vou ao (*Hipermercado*), vou comprar coisas.

M: não vais à Pregação?

C: Vou.

M: Aos fins-de-semana vais à pregação

C: Vou às vezes

M: Nós somos testemunhas de Jeová e então...

L: E ao Domingo de manhã?

M: O meu marido é ao Domingo que tem mais disponibilidade. Está a trabalhar nas obras e só pode ir ao Domingo de manhã.

L: Ah! Então ao domingo de manhã sempre tens alguma coisa para fazer.

M: Ao sábado temos a reunião da mãe também à tarde, tem o estudo dele também estuda e lê e responde nas reuniões está sempre a responder.

L: Participativo...

M: E sabe o que é que diz, sempre diz qualquer coisa, é muito participativo.

L: Estavas a esquecer-te de contar essa parte

M: Exactamente e agora no fim-de-semana tivemos uma Assembleia...

C. Em (*localidade*)

M. Em (*localidade*) e no verão temos uma em (*localidade*) 3 ou 4 dias, junta lá milhares de pessoas, ele é muito activo nessas coisas.

L: Pois estás a esquecer-te dessa parte, e ainda por cima és participativo.

Relacionamento
entre pares

Relacionamento
paternal;
Actividades

Disponibilidade

Participativo

C: E até gostava de ir mas só que aquilo às vezes é o dia inteiro sabes e é dentro de um salão e eu detesto 'tar ali.

L: Pois eu percebo que o dia inteiro é um bocado cansativo.

Cansativo
Complicado
Comparação

M: Também é para nós um dia inteiro é mais complicado para nós.

L: Dá vontade de brincar.

M: Mas ao intervalo de almoço ele brinca, mas para quem gosta de andar sempre a mexer é complicado...

Brincar

L: E durante a semana? Já sei que tens aulas à tarde...

C: Sim.

Rotina

L: Também te levantas cedo para ver os desenhos animados.

C: A não as vezes, eu acordo sempre às oito.

M: Mas ele só vê mais televisão ao fim de semana...ontem viu mais um bocadinho que eu fui ao médico com o pai então viram mais esticaram-se mais um bocadinho.

Poder

C: Mas não era para ver televisão.

M: Esticaram-se um bocadinho também vai lá para o computador...

C: É mas não fui mas era para ir.

Igualdade de
Gerações

M: Sim, sim .

L: Então tu levantas-te de manhã brincas fazes os trabalhos de casa, vês televisão e depois vais almoçar antes de ir para a escola.

C: Sim.

L: E depois quando chegas da escola que é que vais fazer? Também já não chegas muito cedo...

C: Vou brincar.

Brincar

M: Jantar, os dias que temos reunião é lavá-lo vesti-lo e irmos para a reunião e pronto.

Rotina

C: às vezes vou brincar.

M. Mas fazes os trabalhos.

C: não não os trabalhos faço de manhã.

Trabalhos de
casa

M: Ah não no outro dia de manhã ele tem a vantagem do outro dia de manhã não está a irmã em casa. Ele está sossegado a irmã não está e ele está sossegadinho e faz, outras vezes ajudo, outras vezes não é preciso.

Calmo

Há muitas coisas que não é preciso ajudar. Ele precisa de explicação. Ele está distraído, a gente 'tamos ali, estamos a dizer que é assim, ele está

distraído, é desinteressado. Se ele não for cativado pelas pessoas que estão com ele, é pior ainda portanto. (...)

L: Mas foi sempre assim, foi só há pouco tempo, como é que é?

M: Quando ele tinha 7 e andava na segunda, foi quando eu comecei a ir com ele lá a (*localidade*). A médica, a professora disse para ir com ele para ver se ele não era «disléxo», se tinha dislexia. Até fui pesquisar sobre isso e não é nada de facto. Também não é hiperactivo mas também não é uma criança que está ali, pronto, é irrequieto, e é, pronto é activo, nunca tá quieto pronto, mas hiperactivo a criança tem tiques e ele não tem nada disso. E depois pronto, a professora tinha assim umas certas atitudes e não o tratava muito bem e tinha assim umas certas atitudes e começou com o ensino global e ele encalhou nisso e ficou. Ele nota, as crianças notam. Depois eu também pronto, a atitude dela e quando ela mandava os relatórios para casa, e assim, eu não gostei assim muito da atitude dela, comigo chocava um bocadinho porque eu ia lá falar com ela e ela não tinha tempo e eu ficava assim. Lá mesmo ao pé dela e ela não tinha tempo. E ficava assim, dizia que não tinha tempo e eu fui assim um bocadinho ... brusca com ela. Depois eu ia lá e ela dizia que ele tinha problemas e não sei quê. Nunca foi detectado nada e eu andei sempre com ele nos bons médicos e pediatras, nunca foi detectado nada, análises, exames. Pronto, às vezes podia ter algum problema e até pode ter e eu não saber. Por isso é que eu tou aqui já agora quero ver isso. Depois foi para a (*professora*) e também... Acho que é uma professora muito exigente, mas boa professora e o que ele aprendeu também alguma coisa foi por exigência dela mas também além dele havia muitos e concerteza que ela, acho que isto foi um escape para ela pudesse ter menos na turma dela, como este assim como ele e no entanto na turma tá muitos alunos...

L: Acha que foi (int)?

M: Eu acho que foi esse o problema mas é para isso que nós estamos aqui. Mas pronto, eu acho que não é. E eu cheguei a perguntar a esta de (*localidade*), à professora se já alguma vez lhe tinha perguntado, se lhe tinha dado mimos, se o tinha sentado ao colo dela, perguntado porque é que ele era assim. Se as crianças não gostam, elas também não dão certas atenções que as crianças merecem e é por causa disso que, e ela ficou

Distraído

Desinteresse

Dislexia
Interesse materno
Irrequieto

Dificuldades
escolares; Culpa;
Percepção

Conflito

Causa; Turma

Conflito

Mimos

Causa; Culpa

assim um bocadinho. Fui-lhe fazer essa pergunta. Ele também não sai de ao pé das saias da mãe e ele é muito mimado também, anda sempre de roda de mim. É muito meiguinho, não há ninguém mais meiguinho que ele, só que é assim. É uma meiguice pegada o meu mais velho também é assim.

Relacionamento
materno; Mimos

Afectuoso;
Comparação

L: Este movimento todo esta irrequietude atrapalha-a em casa?

M: Não.

L: É só na escola.

M: A mim não me atrapalha nada porque ele em casa pára tudo, vai andar de bicicleta, jogar à bola, arruma o quarto todo, olhe tá lá que se pode ver não sei se foi com a ajuda da irmã ainda estou para descobrir mas não interessa.

Prestativo

C: Eu não sou eu que arrumo o quarto.

M: É ela não é?

C: Não ela não arruma.

M: Ah interessa-te uma coisa...já o outro também não que a minha filha tem essa responsabilidade. Atrapalha claro mando fazer isto a um mete a mesa outro limpa a mesa, a mesa posta como ser, hà horas de comer... as crianças têm de brincar que está na altura delas brincarem, só que exigir além do normal também não se pode exigir, e nem todos acompanham não têm o mesmo grau de entendimento.

Comparação
Responsabilidade

Brincar

Capacidades

L: Não é o mesmo tipo...

M: Não é o mesmo tipo exactamente. Então e chegou a andar na escola, no jardim-de-infância. Primeiro andou no jardim infantil, depois foi para o primário lá só que depois eu tirei-o e pus na (*localidade*), entretanto a mudança de professora é natural, eu estava à espera, mas ele adapta-se aos amigos aos colegas onde ele vai faz logo amigos.

Jardim-de-
Infância

Causa
Relacionamento
entre pares

L: Portanto não tens problemas.

C: Eu gostava da professora (*nome*) eu andava na escola e não fazia nada tava só ali e ver o quadro mais nada .

L: Estavas só a ver o quadro?

C: Sim não fazia nada.

M: ele queixava-se com muita dor de cabeça, chorava, chorava, chorava com dor de cabeça. Andei aflita com ele, fui aos médicos fizemos

algumas radiografias e análises também, e não sei quê. Não acusou nada, um dia vou ter de ir com ele ao oftalmologista, pensei eu, e fui e era isso. Então a professora não via que a criança não enxergava bem para o quadro.

Doenças; Chorar

L: Ficava sentado mais para trás (int)

Culpa

M: Claro. Então a professora não via que ele chorava, não viu isso. E a dor de cabeça que ele tinha lá na escola também. ‘Tava a pensar que estava muito bem, não pensou. Isso foi ainda em (*localidade*).

Chorar

L: E foi a seguir que foi para a (*localidade*)?

Doença

M: A seguir foi para a (*localidade*). Ele usa óculos já aí há...p’raí há dois anos. Tinha 7, 8, 9, p’raí há 3 anos. Mas cada óculos custa 50 euros e já lhe partiram uns e ninguém me pagou.

C: A culpa foi tua.

M: Então?

C: Era um amigo que eu já conhecia e depois a mãe dele trabalhava e a mãe disse ah, não não é preciso pagar. A culpa foi dela. (...)

Igualdade de
Gerações

L: Mas como é que ele te partiu os óculos?

M: Com uma garrafa. Amandou-lhe com uma garrafa de plástico com água e os óculos eram uns de massa azuis, e depois a massa partiu. O outro podia também fazer aquilo e tu não és melhor que o outro. Não ia exigir, não ia exigir dinheiro às pessoas, não é?

C: A culpa foi tua.

Relacionamento
entre pares
Comparação

L: Podias ter ficado magoado.

C: Não.

L: Agora vou falar um bocadinho contigo. Como se chama o teu melhor amigo?

C: (*nome*).

L: Ele é da tua turma, mora lá ao pé de ti, como é que é...

C: É da minha turma. É ele e é um que é o (*amigo 2*).

Relacionamento
entre pares

M: É um que é lá ao pé dele. Esse quase que nem falava, andava lá com ele. Tem problemas essa criança. Mas é esperto e assim, mas também, a falar, mas têm 7 filhos e vivem assim, vivem um bocado... mas é grande amigo dele, ninguém pode fazer mal ao (*amigo*). É muito amigo dele. E o

(*amigo*) teve com ele na professora (*nome*) o ano passado e este ano também foi para o pé dele. Ficaram na mesma turma.

(...)

C: Mas antes estava ao pé dele e agora já não estou. A professora separou-nos por causa disto, mandou fazer uma cópia e estávamos a falar baixo e a gente não ouviu. A professora deixa-nos falar baixo e vê lá tu bem que até nos deixa comer pastilhas nas aulas.

M: Mas eu não quero isso .

C: Mas só não deixa mastigar ao pé dela, só por isso.

L: Já percebi que gostas de andar de bicicleta...

C: E jogar playstation.

L: E ver filmes.

C: Gosto mais do filme do escorpião.

(*Entrevista à criança*)

L: Quando é que começaram as aulas?

M: Dia 16 de Setembro.

L: Foste um dos felizardos que começou cedo.

M: Mais ou menos 16. Foi 16 ou ... Pronto mas começou dentro disso. Não fugiu muito. A professora veio de (*localidade*), e ele gostou logo dela e é simpática (int)

C: Mas ela amanda cada grito.

M: São só doze mas é uma turma de crianças que...que estavam espalhadas pelas turmas e isto foi uma turma extra que fizeram e a razão de... não é... e então juntaram e tiraram alguns miúdos e fizeram uma turma extra e para ela também é complicado porque está destacada ali assim...Mas pronto... E ela é... por isso é que ele até faz os trabalhos e tudo, com mais gozo. Assim todo certinho, todo direitinho. Como lhe ligam mais, ele tem mais vontade de fazer as coisas da escola.

Turma

Trabalhos de
casa
Melhoria
Motivado

L: Portanto está a correr melhor este ano?

M: Tá. E mesmo ela diz-me que ele agora, ele está bem... pergunta-lhe e ele responde. Escrever é que é mais...

C: O que eu não gosto é quando a professora amanda um grito.

M: E ela manda um. Se eu lá tivesse se calhar mandava mais do que um.	Ralhar
L: Se calhar vocês estão distraídos.	
M: Chateiam muito e é sempre de volta dela, professora isto professora aquilo. (...)	Chatear
L: É uma turma só de 3.º ano?	
M: É. Acho que tem lá miúdos que nem sabem, nem sabem escrever nem ler. Deviam estar na primeira classe. Portanto ali há um rapaz que é ...	Turma
Tem um que tem problemas, que é irmão doutro, e com, há base disso conseguiu uma turma só de 20 porque ela tinha mais...	
L: Ou seja turmas grandes também são mais complicadas.	
M: Exactamente. Isso aí e com alguns desta natureza era complicado também para ela.	
L: E isso foi bom...	
M: Sim só que agora também está um bocado destabilizado aquela...está um bocado desequilibrado ... pronto também dá mais atenção.	Destabilizar
L: Ela tem mais tempo (int)	
M: Tem mais tempo para dar atenção...	
L: Há mais alguma coisa que queiram dizer?	
<i>Criança pediu para fazer um jogo. Após explicar como funcionava a avaliação fizemos o jogo.</i>	
C: Tem que tirar um risco e fazer um quadrado grande e um pequeno.	
M: Ele é muito engenhocas, desmonta bicicletas, desmonta.. desmonta o computador todo, gosta muito de fazer esse tipo de, isso aí é uma barra nisso. Ferramentas, misturar e desmontar as coisas	Elogio; Qualidades
C: É	
L: Gostas mais de tudo o que tenha a ver com o mexer com as mãos.	
C: É.	

FIM

Anexo C

Entrevista 2

Entrevista Sérgio (2)

Nome: Sérgio.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 2.º ano (retido).

Mãe: 40 anos, divorciada, vive com companheiro.

Irmão: C., 8 anos

L: Queria falar um pouco sobre porque é que vieram cá, para poder compreender melhor.

S: Então é assim, o Sérgio é gémeo, nasceu prematuro... aos 4 anos eu separei-me do pai, eu não sei se isto tem algo, alguma coisa a ver ou não. Eu penso que sim, pronto, o Sérgio... deve sentir a falta do pai. O Sérgio é uma criança muito revoltada, o Sérgio é uma criança que não gosta de ser contrariada, fica agressivo, fica agressivo e é capaz de atirar com alguma coisa ao chão...e depois é assim o Sérgio tem muita dificuldade na escola... e...eu não consigo perceber porquê. Se é ele que não aprende mesmo, se não consegue aprender ou se é preguiça de estudar.

L: Se não é capaz ou se não quer.

M: Exactamente. E pronto é mais esse o meu objectivo, para perceber o porquê, o porquê disso, porque o Sérgio, agora as notas dele foram péssimas, foram péssimas, a português ele não fez a ficha fez 3 ou 4 perguntas e respondeu a 3 ou 4 e o resto ele não fez e são coisas fáceis e é assim, o Sérgio está a dar coisas da 1.ª classe ainda.

L: Ele está em que ano?

M: Está no 2.º ano e já reprovou e está a dar matéria do 1.º ano e mesmo assim... só que eu acho que o Sérgio também não quer. Agora eu começo a ver o Sérgio é preguiçoso, não gosta de ler...é, é, ...ele é muito preguiçoso e eu ontem li uma, pus a ler um cópia e ele tem muita dificuldade no rr e no lh mas isso ultrapassa-se, pronto, só que eu vi que ele tinha preguiça de ler. Não quer, não quer, eu disse-lhe que ele tinha de ler a cópia e ele começou logo a dizer que não e que não lia. Mas depois leu, calminho e depois leu e ainda fez umas contas, mas o Sérgio é muito teimoso. O Sérgio não gosta de ser corrigido e isso é que é mau e ele tem

Prematuro;
Separação;
Causa

Ausência paterna
Revoltada
Agressivo

Dificuldades escolar;
Incompreensão;
Preguiça

Insucesso escolar

Insucesso escolar;
Preguiçoso

C. Oposição
Calmo; Teimoso;
Regras

que perceber que ele tem deveres ele tem que estudar e ele tem que fazer as coisas e é isso que, a minha dificuldade maior é fazê-lo perceber isso.

L: São essas as suas preocupações?

M: São essas as minhas preocupações. Ele é muito respondão também, ninguém lhe pode dizer que ele responde logo, eu não lhe posso pedir que ele vá buscar um copo ou um prato que ele responde-me sempre ele faz mas nunca faz de boa vontade. Tudo o que o Sérgio faz é contrariado porque ele não faz nada de livre vontade. E a minha preocupação é essa.

L: Quando é que começaram esses problemas?

M: Foi Eu comecei a notar mais quando ele entrou para a escola. A partir dos 5 anos e meio, 6 anos é que eu comecei a notar mais. Primeiro pensei que fosse a revolta de não estar com o pai, porque é assim o Sérgio vê muito pouco o pai e pensei que fosse a revolta de ele não estar com o pai... também pode ser, se calhar começou tudo por isso e o Sérgio, tanto Sérgio como o (*Irmão*), pronto sempre foram muito mimados e era só a mãe e como era só a mãe e a mãe tentava compensar a falta do pai e acho que o Sérgio se agarrou muito a isso. E então faço de tudo, não posso fazer tudo e então, agora tou a ver a dificuldade que eu tenho em, em corrigi-lo agora porque o Sérgio agora pronto.

L: Portanto quando ralha com ele ou o corrige...

M: Ele responde logo. Tem sempre resposta; faz as coisas mas é tudo à base de... não faz de livre vontade.

L: Quando é obrigado a fazer como é que ele reage?

M: Reage mal, ele faz mas... não reage bem. Acaba por fazer, faz, faz, mas só que ou faz a chorar ou faz aos gritos comigo «e sou eu que faço tudo e eu é que tenho de fazer isto» pronto o Sérgio é um bocado assim. E depois o Sérgio é assim, ele ao fim-de-semana vai para a avó e na avó tem uns miúdos que a avó fica e tem um miúdo e não sei se é por o miúdo já estar lá há mais tempo e o Sérgio sente-se muito mais à vontade, e se o menino estiver com um brinquedo que seja dele ele chega lá e tira-lhe o brinquedo. «É meu e dá cá e só brincas se eu quiser» e isso também não pode ser.

L: Como é que ele se dá com os colegas na escola?

Preocupação
Refilão

Conduta de
oposição

Revoltada; Ausência
paterna
Causa

Mimos
Compensar;
Relação materna

Regras

Ralhar
Refilão; Conduta
de oposição

Birras; Chorar

Refilão

Relacionamento
entre pares

Poder

Regras

M: Eu acho que se dá bem. Não há queixas, a professora nunca fez queixas e mesmo ela diz que ele não presta atenção, ela é capaz de lhe por uma ficha à frente às 09:00 e ele não vai ao intervalo porque não fez a ficha e continua com a ficha à frente dele. Só para não ler.

Relacionamento
entre pares;
Distraído

Lento

L: Mas fica distraído...

M: Não ela diz que ele não perturba a turma só que está ali, ou brinca com o lápis ou brinca com os papéis mas que responder nunca lhe respondeu. Mas também não faz e não é capaz de, ele pode ter dúvidas mas já mesmo em casa é assim, a fazer os trabalhos ele pode ter dúvidas com isto ou com aquilo mas não é capaz de perguntar «mas isto como é que é eu não estou a perceber isto» e a professora disse-me a mesma coisa. O Sérgio é capaz de estar com a ficha o dia todo ter dúvidas e não pergunta. Não pergunta. Só que eu tive já uma conversa com ele também e eu disse-lhe «Ó Sérgio é assim ou tu comesas a fazes os trabalhos que a professora manda, tu tens que ler porque tu sabes ler Sérgio só que para tu reponderes tu tens que saber o que é que estão a perguntar tu tens que ler para saber responder» e ele então lá leu a cópia, leu a cópia toda, não era muito pequena e vi que realmente ele tem preguiça. Ele não quer ler.

Distraído

C. Oposição

Ameaçar; Regras

Trabalhos de casa

Preguiçoso

L: Como é com os trabalhos de casa?

M: Ele não quer fazer os trabalhos de casa. É assim quando ele faz no ATL há dias que ele faz no ATL mas quando ele faz comigo em casa e ao fim-de-semana eu tenho de lhe dizer 3 e 4 vezes «Sérgio vai ver os trabalhos de casa, Sérgio vai ver os trabalhos porque ele não vai de livre vontade fazer os trabalhos Ele não é capaz de chegar a casa e dizer «oh mãe eu tenho isto eu tenho aquilo para fazer», eu é que tenho de lhe estar a perguntar «Sérgio os trabalhos, o que é que tu tens, o que é que tu não tens», e é assim... só que ele diz que se esquece. Ele ontem leu duas palavras uma numa frase e depois uma noutra frase que eram iguais, tinham nh, não tinha o ch, o C e o H, e ele leu a frase de cima e eu disse-lhe, «filho o C e o H lê-se ch» e ele leu a palavra depois só que na frase debaixo já ficou ali e eu disse «então filho acabaste de ler em cima» «oh mãe mas eu já me esqueci».

ATL

Trabalhos
de casa

C. Oposição

Esquecido

Esquecido

L: Ele fez jardim-de-infância?

M: Fez desde os 3 anos Já no Jardim-de-infância a educadora de apoio do (irmão) me disse que o Sérgio precisava de ir ao psicólogo porque ele tinha que ser seguido porque é assim, as educadoras sempre me disseram que o Sérgio tem capacidades ... só que há algo ali que	Psicólogo; Jardim-de-infância
L: O impede?	Capacidades Ambivalência
M: Exactamente, que o impede de Trabalhar de outra forma.	
L: De pôr cá para fora...	
M: De pôr cá para fora. Desde o jardim-de-infância, desde os 5 anos...que as educadoras me dizem isso. E só agora na primária é que eu consegui que.....	Demora
L: E como é que é para si ser mãe do Sérgio?	
M:.....Eu não vou dizer que... é assim....eu não vou dizer que... eu sinto-me triste. Sinto-me triste porque eu não queria que o meu filho...porque eu também sei que ele tem capacidades porque eu ponho-lhe um logo à frente com um desenhos ou um jogo dos pequeninos e ele faz aquilo num instante e igual ao que está e eu penso que eu também sei que o Sérgio tem capacidades só que é isso, o Sérgio tem que pôr cá para fora o que ele sabe e eu acho que ele é muito preguiçoso. O Sérgio é preguiçoso...é... pronto não gosta de variar e para mim não é fácil, não é fácil, porque eu queria que o Sérgio fosse ... (ri-se)... fosse diferente não é... mas também não vou estar, não vou passar a vida a julgá-lo, tento... pronto tento aquilo que eu sei tento ensinar e dizer-lhe o que está certo e o que está errado.	Tristeza Capacidades; Consciência
L: Nota-lhe diferenças? Há dias em que está mais calmo e dias em que está mais agitado?	Preguiçoso
M: É há dias em que ele está mais calmo, está mais meiguinho, ele está mais carinhoso. Ele ontem depois de ler a cópia e de fazer as contas, viu que fez bem, viu que eu estava contente com ele e então já veio dar-me beijinhos e abraços. O Sérgio tem, tem fases, é assim o Sérgio não se deita sem me dar um beijo, sem me dizer «boa noite mãe» ou «dorme bem gordinha», é assim o Sérgio tem fases que é um amor, só que se eu lhe digo alguma coisa que ele não goste o Sérgio muda, muda.	Difícil Desejo
L: Mas estava a dizer que notou mais isso...	Regras
	Calmo; Afectuoso Reforço Positivo
	Inconstante
	Qualidades

M: Cerca dos 5 anos. Depois de que eu me separei. Eu separei-me aos 4, quando eles tinham 4 anos, mas eu separei-me aos 5 anos. Não sei se foi pela falta do pai, ...	Separação; Ausência Paterna
L: Como é que ele era em bebé? Calmo, agitado...	Causa
M: O Sérgio nunca foi um miúdo muito calmo... não mas não era criança... o S não é criança de mexer em fogões, nem em fósforos, nem de abrir gavetas, há crianças que abrem gavetas e vão para os tachos e o S nunca foi criança de remexer. Não, não nunca foi... mas era irrequieto e ia para a rua e eu tinha de andar à procura dele, ele estava com um amigo não sei aonde, e depois é assim, o Sérgio antigamente tinha muito a mania de sair e não me dizer para onde ia ou se ia brincar com este ou com aquele miúdo... e pronto é isso que me... sei lá... mas ele tem coisas boas, tem coisas muito boas, só que eu no fundo no fundo, só gostava que ele só tivesse coisas boas ou que ele melhora-se pelo menos.	Irrequieto Irrequieto
L: Gostava que se trabalha-se um pouco mais essas partes.	Reservado
M: Exactamente, exactamente.	Qualidades Desejo
L: <i>(feedback da observação realizada)</i> . Ele já fez alguma avaliação?	
M: Ele começou a fazer a avaliação mas ele não queria estar na sala também, não parava quieto, não respondeu ao que a Dra. lhe perguntava, pronto, tentava sempre dar a volta ao assunto, e depois penso que não ...	Irrequieto Manipulação criança
L: Acabou por não ser feita.	
M: Exacto, exacto.	
L: <i>feedback da observação e plano de intervenção.</i> Em relação ao comportamento, o ser respondão...	
M: O respondão é só comigo, a professora disse-me que ele nunca lhe respondeu nem lhe disse «olha não faço», ou... mas simplesmente senta-se com a ficha à frente e brinca com o lápis ou brinca com os dedos ou pronto, e passa assim o tempo e não faz. Não faz e por vezes não vai ao intervalo e depois ... a professora diz que tem uma ficha ou outra que vê as horas e diz «falta tanto para o intervalo, se não fizeres a ficha não vais» e depois ele faz. Ela diz que já aconteceu uma ou duas vezes isso e que pronto, depois faz tudo à pressa. Algumas coisas certas e outras erradas mas pronto, mas faz e só com ameaças é que (ri-se).	Refilão Manipulação; Distraído C. Oposição Castigo
L: Não é respondão mas acaba por ser ele a gerir.	Manip. Adulto Apressado Ameaçar

M: Pois. Não responde mas...

L: Acaba por fazer a vontade dele.

M: Exacto. Só que isto não pode ser, o Sérgio tem que perceber que nós somos adultos e nós é que mandamos e ele tem que fazer as coisas. E eu já, agora é assim, todos os dias ele vai ler uma cópia comigo em casa porque... ele vai ter que ler ele teve um não satisfaz a português porque não fez a ficha.

Regras

Insucesso escolar

L: Quais são as maiores dificuldades na escola.

M: É ler e escrever. Eu trouxe até a avaliação dele e aqui diz que o Sérgio revela dificuldades de atenção, concentração (ri-se) e pronto, e é assim...

Distraído

L: De resto, matemática ...

M: A matemática ele é bom, mas é assim, tá bem mas não chega, teve boas notas. Eu disse-lhe «Sérgio a Estudo do Meio tiveste satisfaz, a Português tiveste negativa, tiveste não satisfaz porque não fizeste a ficha, porque é que não fizeste a ficha» «é pá porque eu não sabia as perguntas» «por isso é que tens de ler para saberes e a matemática tiveste um bom»... só que a professora diz que na ficha, eu vi, as contas ele, ele fez as contas todas, pôs todas em pé e que agora uma ficha que ele fez (ri-se) tava tão preguiçoso que já tava a tentar fazer as contas de cabeça. Era para não ter tanto trabalho a escrever. Eu ontem fiz-lhe já não sei se foram oito ou nove contas só que queria as contas em pé e ele fez as contas e iam todas bem....

Sucesso Escolar;
Insuficiente

Sucesso Escolar

Preguiçoso

L: Pois realmente a maior dificuldade do Sérgio é o Português.

Dificuldades
escolares

M: É. É o ler e o escrever. O Sérgio tem preguiça de ler, eu vejo que ele tem preguiça de ler.

Preguiçoso

L: Como foi o primeiro ano dele na escola?

M: Não foi bom. Ele passou porque o professor diz que, pronto dizem que a primeira classe, pronto é, só que ele diz que o Sérgio passou porque os meninos passavam todos e para ele não ficar revoltado e não ficar triste como era o primeiro ano ele passou o Sérgio. Só que depois no 2.º ano...

Insucesso
Escolar
Revoltado;
Triste

L: Quando ele foi para o primeiro ano teve dificuldades em adaptar-se?

M: Não. Ele não teve dificuldades em adaptar-se pelo menos que eu saiba. Adaptou-se bem, gostava da escola e gostava do professor e pronto,

Boa adaptação

e ia todos os dias e vai e não vai contrariado. Não vai. Vai bem, só que o Português é que ... o Sérgio gostava do professor, gostava muito e ainda hoje fala nele

L: *Comenta a avaliação de final de período.* Em casa também tem dificuldades de atenção, é uma criança distraída?

M: Em casa ele é, é. (ri-se). Eu (ri-se) estou em casa com ele a fazer os trabalhos mas qualquer movimento que o (irmão) faça o Sérgio sabe «mãe, o (irmão) está a fazer isto, está a fazer aquilo» é mas fica aí quieto «olha ó mãe posso ir à casa de banho?» «ó mãe posso comer uma maçã?» (ri-se) «ó Sérgio fica aí a fazer os trabalhos e no fim fazes isso tudo» «ah, mas eu queria» e depois chora e depois «posso ir à casa de banho lavar os olhos?» (ri-se) e é assim, o Sérgio é assim. (ri-se) «posso ir-me assoar» «vai-lá». O Sérgio é assim.

L: É só durante os trabalhos de casa?

M: É, é só durante os trabalhos de casa.

L: A ver televisão, a comer, esse género de coisas...

M: Não, ele a ver televisão e ali fica ele. Então de manhã dá o Necas, de manhã, são nove menos cinco e «Ó Sérgio» «ó mãe deixa-me só ver isto» «Ó Sérgio então» «ó mãe deixa-me só ver isto». Eu vou lá e desligo a televisão e ele fica furioso. Mas tem que ser assim porque senão (ri-se) ficava a ver e mais este e mais o outro e mais o outro. Mas o Sérgio a maior dificuldade dele é o português. Mas eu acho que é um bocadinho por culpa dele... há-de haver coisas que ele não saiba mas ele também não tem interesse em aprender.

L: E livros de «quadrinhos»?

M: Não, não. Ele tem lá aquelas bandas desenhadas os livros do patinhas. Ele gosta sim, mas é de ver os desenhos, gosta, mas para ler...nem assim ele pega, ele pega. Ele se tiver uma frase escrita num papel qualquer e que ele queira saber ele não vai ler, ele vem-me perguntar a mim. Ah ele tem lá um desenho que é o do ecoponto, o amarelo o verde e o azul, e aquilo está escrito em baixo verde, amarelo e azul para ele pintar e ele vem-me perguntar a mim quais eram as cores que estavam ali escritas, para não ter que ler. É preguiça porque ele sabe ler. Ele sabe só que ele tem preguiça de ler, o Sérgio tem preguiça de ler. É verdade.

Trabalhos de casa; Distraído

Chorar;
Manipulação
Cedência

Manipulação;

Firmeza
Furioso
Regras

Dificuldades escolares
Culpa
Desinteresse

Preguiçoso

L: Costuma ajudar em casa, fazer algumas tarefas...

M: Veste-se sozinho, arruma o quarto, arruma os brinquedos quando eu mando arrumar... mas não, ele dizer «ó mãe ajudo a fazer isto ou aquilo» ... eu às vezes tento que ele faça mas ou não faz ou faz tudo à pressa e tudo mal e pronto. Mas é assim, a minha cama é mais larga que a cama dele, às vezes eu peço para ele me ajudar e ele ajuda.

Autónomo
Obediente
C. Oposição
Apressado

Prestativo

L: E quando ele se porta mal, o que é que faz?

M: Quando ele se porta mal... é assim, normalmente o Sérgio fica de castigo... só que os castigos não fazem nada (ri-se) ...

Mal-comportado
Castigos

L: Que género de castigos?

M: Sci lá, ou ponho-o no quarto ou não vê televisão ou não vai brincar, é o que ele mais gosta, só que como eu já disse não dura muito tempo porque eu sinto-me mal, sinto-me mal (ri-se). Mas ele vai, se o mandar ele vai só tem é que ir. Fica lá a chorar e a berrar e ... mas vai, vai. Tem que ir e depois... fico com pena (ri-se)...

Cedência

Pena; Culpa
Chorar;
Manipulação;
Arrependimento

L: O que é que gostava de mudar no Sérgio, o que é que gostava que fosse diferente?

M: É assim, eu que eu queria mesmo é que ele na escola deitasse cá para fora o que ele sabe porque eu sei que ele sabe e que... e pronto fosse menos teimoso porque ele é muito teimoso e que ele fosse, pronto quando eu dissesse «ó Sérgio faz isso ou aquilo» que ele fizesse tudo de boa vontade ou que quando ele tivesse dúvidas que perguntasse porque o Sérgio é um bocadinho fechado em relação a isso.

Desejo
Capacidades
Teimoso

Obediente

L: Quando chega a casa ele conta o que se passou no dia?

M: Não conta, não conta, eu pergunto e ele «ah, já me esqueci» «mas ó filho o que é que aprendeste hoje?» «ó mãe eu já não me lembro»... ele é incapaz de contar «olha mãe aconteceu isto ou aconteceu aquilo» ou mesmo quando ele vai a passeios «ó Sérgio gostaste?» «gostei» » o que é que tu viste?» «ah, não me lembro» « Não me lembro mãe» ... é a resposta mais rápida. Só quando vai ao cinema é que conta, conta as cenas de lá, e pronto e... podia dizer como é que foi o dia dele...

Reservado

Falta de
comunicação

Esquecido

L: Às vezes quando mais se insiste menos conta

M: pior é, pior é.

L: Mas de livre iniciativa ...

M: Não conta, não conta. ... Não diz nada... Mesmo às vezes, pronto agora (ri-se) o meu companheiro, às vezes ele conversa com o Sérgio e tudo «ó Sérgio não podes falar assim com a tu mãe» e depois eu vou ter com ele e «então falaste com o Zé? « falei» «e então filho, de que é que falaram», «não sei, não te digo» é assim. É segredo, pronto é segredo. «É só entre mim e ele». Mas há coisas que ele podia falar comigo... e pronto.. também não fala. É um bocadinho chato também. Mas pronto as minhas maiores preocupações neste momento é mesmo a escola É o Português, porque ele já reprovou um ano e por este andar ele reprova-me um outro ano e depois é assim o Sérgio tem uma aprendizagem já curricular, ele está a dar coisas da 1.^a classe, tem uma adaptação curricular e eu queria que ele tentasse ao máximo apanhar os outros. Pronto é assim eu gostava que ele passasse de ano e que fosse com uma noção do que será a terceira classe. É que a terceira classe, se ele não souber ler, se ele não quiser ler então é que... chega à terceira classe e fica lá. Não sai de lá...

L: discussão sobre a intervenção

M: Há muita coisa que é o Sérgio que não quer... e não pode ser, não pode ser.... E eu digo-lhe inclusive que eu trabalho ... tenho de pagar renda, tenho de comprar comer, vesti-los e calça-los e ele tem estudar que é para aprender para depois um dia aprender a trabalhar, para tirar a carta de condução porque ele diz que quando for grande quer conduzir e eu disse «ó filho mas para isso tens de aprender a ler e a escrever porque tu para teres a carta de condução vais ter que fazer exame e esses exames tu vais ter que ler, vais ter que escrever» «ah, ah, ...» uma coisa que ele fez que ele disse que queria, eu já não me lembro que foi... então para isso tu tens que aprender a ler «então já não quero» (ri-se) verdade. Já não sei o que foi que ele disse que depois eu disse «ó filho mas tens que aprender a ler» «então já não quero» foi logo a resposta dele, foi o que ele respondeu para mim. E eu «estás a ver como é que é Sérgio, não pode ser assim»..... Mas não pode ser mesmo. Eu em casa agora é assim. Enquanto ele não ler eu não o vou largar, não vou mesmo. Ele tem que aprender a ler, ele tem que ler. Ele há muitas muitas frases há muitas palavras que ele sabe ler, ele é que não quer. Não o vou largar até ao fim

Repreensão

Falta de comunicação

Reservado

Preocupação

Insucesso escolar;
Adaptação curricular

Desejo

C. Oposição;
Regras

do ano enquanto ele... Não pode ser. Eu tentei sempre dar-lhe o máximo de mimo e o máximo de atenção porque eu sei que o (*irmão*) requer muita atenção e então de manhã eu tirava o (*irmão*) da cama ele também queria que eu o tirasse, e é assim...

Mimos;
Necessidade
de atenção
Comparação

L: E agora ainda é assim?

M: às vezes ainda há coisas que ele quer e eu faço, porque que pronto, partir a carne, e eu faço, faço, algumas vezes eu digo «ó Sérgio tu consegues fazer, faz» mas há outras vezes que faço.

Cedência

L: É preciso explicar que há coisas que o (*irmão*) não pode fazer e o Sérgio pode e vice-versa.

M: Mas mesmo assim eu acho que o Sérgio ... vamos lá ver não é muito invejoso em relação ao irmão, não é ciumento, não. O (*irmão*) às vezes é um bocadinho mais. Verdade (ri-se) verdade. O (*irmão*) se tem uma coisa que o irmão queira não dá. Ele agarra-se ali e não larga. Eu digo que não pode ser e tens que dar ao mano. Então ele... mas o Sérgio não. Se tiver alguma coisa e eu disser dá ao mano ele refila sempre «pois agora sou eu que tenho de lhe dar» mas acaba por dar. Dá. Ele pode ... reclama mas acaba por ceder. É, é. Só que o barulhinho tem que fazer. Mas pronto, mas é assim.

Relação fraterna

Comparação
Ciúmes

Refilão;
Cedência

FIM

Anexo C

Entrevista 3

Entrevista Rui (3)

Nome: Rui.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 2.^a Classe (retido).

Mãe: 40 anos, divorciada, empregada doméstica (por conta de outrem).

Pai: 38 anos, vive com uma companheira.

Irmãos: Telmo, 12 anos, 6.^o ano de escolaridade.

L- Então o que eu gostaria de saber é, porque razão é que acha veio cá, o que é que se passa com o Rui.

M- É assim ele é uma criança muito, como é que eu hei-de explicar, muito reguila, muito rebelde e ao mesmo tempo muito distraído, portanto está a fazer isto mas não está com atenção nenhuma, ainda ontem por exemplo os trabalhos é todos os dias isto, está a fazer as coisas mas está aqui, mas não está com atenção nenhuma, está a pensar em tudo menos no que deve, e então é assim também não sei se é derivado também ao que nós temos passado, porque é assim há 2 anos não 3 tivemos um acidente muito grande eu e eles os dois, entretanto 2 anos.. sim .. 3, 3 anos. Portanto foi em 2001, não 2002 o pai decidiu sair de casa, arranjou uma brasileira e pronto também a nossa separação também, tudo isto...

Reguila;Rebelde;
Distraído

Causa

Acidente viacão

Separação;
Nova família

L- Foi tudo ao mesmo tempo..

M- Exacto. Pois, pois em 2002 foi logo a seguir, e entretanto acho que o Rui tem vindo também... pronto os problemas a arrastar-se e as coisas e ele tem vindo a sofrer muito com isto, e então pronto gostava de ver se é mesmo, que a professora até diz que ele tem um problema de dislexia, pronto trocar as palavras, as letras não sei se isso pode vir arrastado dos problemas que nós .. e acho que ele sofreu muito com isto do acidente, e ele via que nós éramos um casal que, pronto claro que tínhamos os nossos problemas mas dávamos bem, e tudo isto acho que ... o miúdo... o pai resolveu sair de casa , entretanto teve logo outro irmão, pronto é estes problemas todos que acho que ...

Demora;
Sofrimento

Dislexia

Acidente viacão

Desavenças conjugais

Abandono paterno;
Nova família

L- Foi tudo muito de seguida..

M- exactamente, e sofreu muito e sofre muito com isto tudo, entretanto eles é muito raro ir ao pai, é muito raro, porque é assim o pai é que acha que entende que,... por exemplo o pai não liga para eles, eles é que têm de ligar para o pai, diz principalmente ao irmão mais velho, e mesmo a advogada que eu tenho diz que acha que não é assim, acho que o pai é que tem...

L- Que ligar..

M- Que ligar para os filhos, não é os filhos a ligar para o pai, pois o pai enfeiza-lhes muito a cabeça, que eles que não ligam ao pai, e não telefonam ao pai e que pronto estas coisas assim, acho que..

L- Acaba por se juntar tudo...

M- Tudo, e o Rui é uma criança que tem vindo... pronto acho que o Telmo também tem sofrido mais que o irmão, o Telmo 12 anos apercebe -se disto tudo ... mas o Rui também , só que o Rui é uma criança que acho que ... o Telmo acumula mais por exemplo o Telmo.. não sei se sabe quem é a (*psicóloga*)...

L- Sei.

M- E a (*psicóloga*) diz que ele é uma criança que agora é que está a perceber melhor as coisas mas também tem vindo a arrastar-se ... como na escola o Telmo repetiu também no 5º ano, e este ano está com muitas dificuldades, também teve agora 5 negativas, pronto tudo isto tem vindo a arrastar-se as coisas e o Rui então é um criança que noto imensa dificuldade nele, eu também chego a casa cansadíssima com isto tudo, trabalhar o dia todo, já não tenho paciência para eles, pois eles gostam muito um do outro mas também chocam muito..

L- São irmãos, não é..

M- É como irmãos, chocam muito um com o outro, pois o Telmo «pois tu não fazes o que eu digo, não ligas nenhuma ao que eu digo» e o Rui. às acha muitas vezes que já manda no irmão, tem a mania que ele é que manda no irmão ..

L- Apesar de ser mais novo.

M- Mais novo, o Telmo tem 12 e o Rui tem 8, mas tem a mania...eu agora também arranjei um trabalhinho ao sábado e vou trabalhar ao

Sofrimento

Ausência paterna;
Abandono paterno

Manipulação pai

Comparação;
Sofrimento

Compreensão

Comparação

Prolongado;
Dificuldades
escolares
Dificuldades
escolares;
Cansaço;

Relação fraterna

Mandão

Pouco tempo;
Indisponibilidade

sábado e acho que em relação a isso ele também nota muito, que eu estou muito pouco tempo em casa com eles, e então ele depois telefona-me «ó mãe, falta muito para tu vires?» «não filho a mãe está quase a ir» porque eu venho às 7 e 30, 8 horas e vou para casa às 2 da tarde pronto..

Manipulação
criança

L- Está a tarde toda com eles?

M- Pronto estou, estou toda a tarde com eles e depois estou à noite com eles, e estou ao Domingo com eles, pronto isso estou, mas pronto noto também que dou-lhes pouco eles coitadinhos sentem-se muito agora por exemplo como o Rui vai para ali às 10 da manhã para o ATL vou buscá-lo às 6:15 da tarde à escola primária, coitadinho está ali, almoça ali depois a carrinha vai pô-lo ... e ele coitadinho também sente-se..

Ausência
materna

L- Sente a sua falta..

M- Muito, muito, muito mas a pessoa precisa de trabalhar, tem de trabalhar, o que eu posso fazer mais..

Necessidade de
Trabalhar

L- Pois mas temos de trabalhar...

M- Pois exactamente e cada vez mais, como eu digo porque o pai infelizmente esqueceu-se deles 1 ano, há 1 ano que ele esqueceu-se que os filhos existem em relação pensão de alimentos.

Abandono paterno;
Inculpabilização

L- Mas ele não contribui..

M- Há 1 ano, desde Janeiro que se esqueceu que eles existem... e depois é assim tudo isto ... pensava tudo menos isto pronto, é assim ele podia fazer tudo o que fez mas não se esquecer que os filhos existem, e depois eu cada vez tenho de trabalhar mais claro para que não...

Muito trabalho

L- Para poder dar para tudo.

M- Exacto, pronto trabalho mas depois além do trabalho arranjei este trabalhinho ao sábado para ver se consigo e mesmo assim, mesmo assim já é muito complicado, maneira que pronto é o que eu digo, o que é que eu posso fazer mais..

Necessidade de
Trabalhar

Complicado

L Então e como é que é o Rui em casa?

M- Um bocadinho um bocadinho agitado, porque é assim o Rui nas tarefas em relação a casa, às vezes ajuda mais ainda que o Telmo, o Telmo é uma criança que chega a casa é assim aqui estou aqui me tens às vezes até se senta com a mochila às costas, casaco vestido e aqui

Agitado;
Prestativo;
Comparação

estou, liga a televisão e aqui estou numa boa, o Rui às vezes «ó mãe quero -te ajudar» tira a louça da máquina, põe a mesa, pronto faz este tipo de coisinhas que eu até acho-lhe imensa graça

L- Sem ser pedido

M- È, é sem ser pedido, mas também não é sempre, às vezes, às vezes é que o Rui faz estas coisinhas e em relação por exemplo aos trabalhos da escola, por exemplo «ó Rui faz os trabalhos da escola o mano ajuda-te, que a mãe vai preparar o jantar, preparar os banhos e depois a mãe já cá vem para ver» entretanto o Telmo diz assim «ó mãe eu não» pronto, porque eu também só tenho o 4º ano e tenho muitas dificuldades também mesmo que os queira ajudar também há certas coisas que não sei não é, e entretanto diz o Rui vai lá com a folhinha «ó mãe agora quero ver se isto está bem que eu vou só acabar o resto e venho já» pronto estas coisinhas que ajuda mesmo sem eu pedir, faz estas coisas que eu acho-lhe imensa graça sem eu....

Prestativo

Inconstante

Ignorância

Prestável

L- Sem lhe dizer nada.

M- «Mas primeiro os trabalhinhos da escola e depois dos trabalhinhos estarem prontos arrumas a tua mochila e tomas o teu banhinho e depois no intervalo do banhinho é que tu vais ajudar a mãe» «pois eu quero te ajudar e tu não me deixas fazer nada» «não a mãe quer só que primeiro quero que tu te despaches e depois então vens ajudar a mãe», mas às vezes para eu já não os ouvir lá os deixo fazer e tento que sejam as coisas mais à maneira deles porque eu acho que nós já levamos uma vida tão stressada e tão a correr que às vezes digo «ó pá não», às vezes tem dias...

Rotina

Permissiva

Stressada

L- Muito complicados.

M- Muito muito complicados mesmo e depois noto que eles refilam comigo e eu também refilo com eles e sinto que há ali um pronto não sei como hei-de explicar, mas nós os três às vezes aquilo é uma confusão mas pronto outros dias às mil maravilhas e então a revolução também ao levantar de manhã.

Refilões; Difícil;
Igualdade de
gerações
Inconstância
familiar

L –Como é que...

M- Ui Ui há dias que é mais ou menos à outros dias que é complicado custam-se muito a levantar, à noite ninguém tem pressa de ir para a cama mas de manhã para se levantar...	Complicado
L- Pior.	
M- Pior mas pronto às vezes consigo melhor outras pior tento da melhor maneira que às vezes seja possível para não andarmos os três a gritar, sem ralar que as coisas corram todas bem e ele diz-me assim para mim «porque que é que tu não me acordas e não vens ter comigo e dás-me um beijinho» é que eu às vezes chego ao quarto e já estou tão stressada... «Vá vamos embora estamos atrasados despacha-te» e então ele às vezes diz-me para mim «porque é que tu não vens ter comigo e dás-me um beijinho e dizes-me ó filho vamos lá» coitadinho sente às vezes noto também estou muito stressada muito cansada e que eles coitadinhos sentem.	Inconstância familiar; Igualdade de gerações
L –Sentem...	Manipulação criança
M – Muito de maneira que eu tenho dias que eu digo.....	Stressada
L- E então como é que é ser mãe do Rui	
M- É bom e muito bonito mesmo mas tem dias mas acho que é lindo ter 2 filhos que a gente...Eles coitadinhos até falam porque se eu os souber levar é totalmente de outra maneira que eles, porque se eu levar as coisas a bem eu tenho tudo o que quero deles. Agora se eu começar enfim.. agora eu às vezes também , também é da minha parte que eu às vezes tenho dias...	Qualidades
L –Também temos dias que estamos mais cansadas	Cansaço
M- Muito muito mas acho que sim , a vida é tão bonita..à partida tenho 2 filhos lindos impecáveis, que às vezes paro e penso assim «ó Meu Deus será que... não sei... será que fica às vezes as coisas acontecem»...	Maravilhoso
L –Mas consegue aprender a lidar com as coisas	Manipulação adulto
M- É, é mas pronto é tão bonito e eu às vezes digo assim «ó pá tenho aqui 2 filhos tão perfeitos porque é que » mas pronto tem dias...	Cansaço
L – Como é que era o Rui em pequenino, a gravidez... correu tudo bem?	Receio; Bons filhos
M- Correu.	
L- O parto...	Ouestionamento
	Gravidez normal

M – Sim o parto foi parto normal.

L – E em relação ao desenvolvimento, as doenças, o andar , o falar...

Parto normal;
Desenvolvimento
normal

M – sim tudo bem a... o andar começou a andar aos 10 11 mesinhos quando ele começou a andar e as doenças é assim teve as constipaçãoezinhas, a garganta a coisa mais grave que ele teve foi uma bronco-pneumonia, teve internado também foi olhe foi tudo antes nós termos o acidente... que ele tem andado na ginástica respiratória... com ele na (*localidade*) e tínhamos ido a (*localidade*) nessa altura ... mas ele foi medicado.. e foi pronto sai da ginástica respiratória e fui com ele a (*localidade*)e íamos todos foi, e foi o mais grave que ele teve, teve três semaninhas internado... em 2000 para 2001.

Doenças

Bronco-pneumonia;
Internamento;
Acidente de viação

L- Com 4 anos?

M- Exactamente com 4 aninhos, teve uma bronco-pneumonia e então fui ter com o (*médico*) que era o que o seguia, e ele ficou internado três semaninhas na Estefânia e pronto foi isso e foi a...a varicela agora tirando isso, é aquelas constipaçãoezinhas, gargantas, pronto tirando isso não.... E a gravidez também foi normal o parto também foi parto normal, tirando essas coisinhas tem sido uma criança...

Internamento

Doenças

L – Em relação à comida...

Gravidez normal;
Parto normal

M – Sim, sim não deu assim muitos problemas, tem sido uma criança...

L- Era um bebé calmo , mais agitado?

M- Não era um bebé já um bocadinho reguila (*ri-se*) já desde pequenino pronto era muito diferente do Telmo totalmente diferente do Telmo, uma criança mais reguila, mais rebelde, mais mexida mais... tudo.

Reguila;
Comparação

Rebelde

L- Mexida como?

M– Ummm...como é que hei-de dizer mais mexilhona, mais agitada, mais.. e pronto totalmente diferente do irmão, que o irmão era uma criança mais sossegadinha mais calminha e ele desde bebé que era mais traquina, dizem que os segundos são sempre piores, mas não sei acho que.. pronto que isso aconteceu, que ele também é um bocadinho mais..... mas pronto tirando essas coisinhas, acho que é....

Agitado

Comparação

Relação fraterna

L- Ele não andou no infantário antes de..

M – Portanto eu tive a madrinha dele que tomava conta dele até ao aninho, pois entretanto tirei a carta.. até ao aninho..depois veio para o

Percurso
escolar

infantário se calhar até nem tinha o aninho...a pois acho que não, não tinha um aninho quando veio para o infantário. Ainda o ATL era lá em baixo, depois passou para o ATL lá em baixo... Acho que depois lá em baixo passou para aqui.... Pronto mas estive sempre no ATL desde bebé...

ATL

L- Ele adaptou-se bem ...

M – Sim, mas isso adaptou-se bem e teve uma educadora muito boa, a (*educadora*) que foi a educadora também do mano passou a ser dele depois foi a (*educadora*) e adaptou-se também muito bem.

Adaptação

L – E como é que foi a mudança para a escola primária?

M- Sim também não foi.... um bocadinho... eu também cheguei , cheguei dias..

L – Mas é um bocadinho diferente..

M – Sim eu cheguei dias a deixá-lo lá na escolinha eu vinha chorando e ele também (*ri-se*) ficava a chorar ...mas para chorar não é preciso muito....mas havia dias que... custou-me um bocadinho pronto no infantário era muito diferente e então custou um bocadinho mas pronto, mas agora já é diferente mas custou um bocadinho, custou-lhe e um bocadinho a adaptar-se na escola primária, pronto porque estava ali muito... É totalmente diferente... Sofreu, mas não é daquelas crianças que digo sofreu muito, mas sofreu que às vezes dizia-me para mim «mãe eu não quero ficar na escola, eu não quero ficar na escola mãe eu quero é ir para a escolinha» pronto quando ele dizia a escolinha, é que não queria ficar na escola primária, pronto era no infantário e eu «não pode ser ó amor tens que fazer» ... por isso é que eu disse ele tem vindo pronto as coisinhas...pronto é uma criança que custou um bocadinho mas também não sei se foi por isso que me custou mais....ou se foi... mas tirando isso é uma criança que...

Inadaptação
escolar

Chorar

Dificuldades
de adaptação;
Sofrimento

Desculpabilização

L- Então e o ter tido o acidente

M- Exacto, fomos a (*localidade*)c tivemos o acidente, foi assim nós vínhamos a sair da (*localidade*), não sei se conhece..

Acidente de
viação

L- Conheço.

M- Conhece... foi no cruzamento da (*localidade*) para entrar na estrada para ir para (*localidade*) c entretanto há um senhor c dá-me passagem c

eu estou ali primeiro que os carros passem todos e depois para entrar, entretanto para entrar quando senhor parou, eu não entro, nisto vem um caminhão carregado de ferro, carregado de ferro e ultrapassa o carro que está parado para me dar entrada e eu nisto vou entrar, para não bater no carro que está parado, ultrapassa o carro que está parado e bate-me em mim, arrasta-nos logo contra a paragem bateu assim de frente, bateu todo do meu lado eu parti este braço, fiz traumatismo, parti 7 costelas fui a (*localidade*) de (*localidade*) fui logo para os cuidados intensivos, fiquei logo internada, o Rui sofreu...um... o pára-choques bateu-lhe na cabecinha ficou com a cabeça enorme levou uns pontinhos aqui, o Telmo foi uma porradinha no joelho, mas também ... a madrinha que vinha ao meu lado, é a minha sobrinha, é madrinha do Rui, é prima deles e é madrinha do Rui, não sofreu nada também, foi um acidente um bocadinho mau os senhores tiraram logo eles do carro mas eu fiquei lá encarcerada porque o carro ficou todo, pronto a minha parte e parte do volante e tudo pronto fiquei lá encarcerada, tive que esperar, pois foi uma coisa horrorosa, ainda fiquei um mês internada... fiquei um mês internada nos cuidados intensivos, eles ficaram muito bem, ficaram com a avó, pronto foi isto tudo assim e eu fiquei .. antes do Natal pronto isto foi a 20 vinte e pouco de Novembro.. o Rui...

L – Foi perto dos anos dele.

M- Dos anos deles foi logo tudo a seguir e depoiseu vim antes do Natal... deixaram-me vir toda ligada o braço todo engessado esta parte toda ligada das costelas, deixaram-me vir passar o Natal a casa, e depois fui outra vez para ser operada ao braço e para fazer fisioterapia e tratamentos, mas pronto vim passar o Natal a casa e depois fui outra vez para (*localidade*) Janeiro Fevereiro ainda depois..

L- Portanto a recuperação ainda demorou um bocadinho.

M – Sim, sim e depois andei ainda em fisioterapia, fisioterapia do braço, mas isso ainda demorou um bocadinho, por isso é que eu digo foi tudo....foi tudo muito muito a seguir...

L- Deve ter sido um susto enorme para eles.

M- Ui... terrível , por isso é que eu digo com tudo isto eles ficaram também martirizados... depois a seguir a isto tudo acho que não havia

Tratamentos
hospitalares

Sequência de
problemas

Martírio;
Incompreensão

razão para o pai deles fazer isto se havia ou não não sei, portanto, são muitas seguidas, muitas noitadas, e então arranjou lá uma brasileira entretanto decidiu, pronto as coisas já não são como eram aí desde Setembro, Outubro e que ia viver sozinho, que ia sair de casa, e entretanto saiu de casa em Janeiro, portanto isto começou em Setembro, Outubro naqueles meses mais próximos do Natal e em Janeiro saiu de casa, saiu de casa mas já com ela fígada, saiu de casa foi viver com os pais mas depois teve Janeiro para aí Março ou Abril queria o divórcio com uma pressa, eu dei-lhe o divórcio «queres o divórcio deixa dar-te o divórcio para seguires a tua vida» pois também já não era vida para nós desde Janeiro a vida para nós era um desatino lá em casa .. era os miúdos, era tudo a aperceber-se daquilo, não havia um pouco de sossego para nós, e um bocadinho de calma, eu ia buscar os miúdos à escola, ia buscar o Telmo ao ciclo, o R à (*escola*), porque o Rui nessa altura tinha aulas de manhã.

L- Já estava nessa altura..

M- Já estava na Hécia Corrcia, mas é assim tinha diferente de agora, agora tem à 1:15m (*pm*) e depois sai às 6:15m (*pm*) e antes tinha entrava às 9h da manhã vinha almoçar ao meio dia ia à uma e depois saía às três 3h e um quarto e eu vinha buscá-lo aqui às seis às vezes estava eu aqui no ATL a vir buscar o Rui e já ele estava «demoras muito?» «não, tão (*pai*) não tou em casa.. tou no ATL a buscar o Rui e ainda vou esperara que o Telmo saia às 06h e 30, e já vou para casa» «é que eu quero jantar, que preciso de sair» É que isto já não era viver, isto já não era viver, chegava a casa já o senhor de banhinho tomado preparadinho para sair até que eu entrei numa que disse a.... isto já não é vida para mim eu qualquer dia estou maluquinha e não aguentava, eu tenho uma colega minha com quem eu desabafava, já eram uns nervos tão grandes só de saber que ia chegar a casa e ele estava de banhinho tomado a saber que os filhos precisavam de atenção para as coisas da escola e pronto e eu a recuperar ainda do acidente grande que eu tive e a ir buscar os filhos e a pôr os filhos, vir de (*localidade*) da fisioterapia e ir trabalhar um bocadinho a uma senhora portanto.. que é nora ...é a sogra.. pronto a sogra, que não é sogra agora da (*amiga*) mas pronto eu

Nova família;
Abandono paterno

Rotina

Desavenças
conjugais

Desabafar;
Nervosa

Necessidade
de atenção

trabalho lá neles há tanto como há 26 anos aquilo para mim eles são umas pessoas impecáveis, mas pronto é o que eu digo eles ajudaram-me imenso eu estou ali há muitos anos tenho uma grande consideração por eles e eles têm consideração por mim também, de maneira que aonde eles me apoiam bastante, é o que eu digo aonde eu cansada disto tudo ia ali um bocadinho ter com eles, porque também sentia-me na obrigação, porque eles apoiaram-me tanto ajudam tanto, sentia-me melhor um bocadinho, fazer pouco, mas ia lá e então, ele sempre com uma pressa, sempre com uma pressa, e eu disse isto já não é viver, que ele se fosse um homem pensava assim agora que a minha mulher precisa mais de apoio que os meus filhos precisam mais de apoio deixa-me ajudar não é, agora eu cansada de isto tudo de vir de Lisboa, depois os meninos...

L- Sempre a correr de um lado para o outro, não é?

M- Sempre, às oito e meia ia para a fisioterapia, deixava o carro na (*localidade*), ia de comboio chegava ao (*localidade*) mudava para o (*localidade*) depois do (*localidade*) ia a pé para (*hospital*). Lá vinha eu às 2 da tarde chegava aqui às 3 ia trabalhar um bocadinho das 3 às 6 que não era muito mas pronto sempre fazia alguma coisa era um viver.. que já dizia que aquilo para mim já não era viver e então é assim depois... andou-se a acumular estes meses de Setembro até Dezembro, e ele em Janeiro pensou em fazer isto e eu disse-lhe ... já estava tão cansada, tão saturada disto tudo que eu até lhe dei...

L- Concordou

M- Concordei, concordei porque eu acho que já não é viver assim, se eu não lhe desse ele era homem se calhar para ficar lá em casa, eu lavava-lhe a roupa, passava-lha a ferro e ele fazia esta vida, e eu isso não queria, nem nunca me passava isso pela cabeça. É então assim nós sofremos muito, mas acho que foi preferível.

L- E então como é que o Rui e o Telmo aceitaram.

M- eles acho que pensavam tudo também coitadinhos, mas menos que o pai fizesse um coisa destas, então acho que eles, depois nessa altura andei lá um bocadinho em cima na (*psicóloga*) com o Telmo, a (*psicóloga*) ajudou-o muito também .. e o Telmo sofreu muito, sofreu muito que ficou retido no 5º ano, devido a toda esta situação e a tudo

Trabalho

Apoio

Cansaço

Retribuição

Apressada
(mãe)

Rotina

Desavenças
conjugais

Cansada;
Divórcio

Manipulação
adulto

Sufrimento

Surpreendidos

Psicólogo;
Ignorância

isto que aconteceu e o Rui coitadinho também só que é o que eu digo eu acho que o Rui se apercebe menos, como é...

L- É mais novo.

M- Exactamente porque o Telmo Pronto como é mais novo é mais pequenino, mas o Telmo sofre muito com isto, e depois é assim, resolveu logo não sei o que é que ele pensa da vida dele, resolveu logo a fazer outro filho, então é um rapaz também, coitadinhos eu não sei como é que eles aceitaram isto..

L- Porntanto eles sabem..

M – Eles sabem conhecem o irmão e vão lá. Mas pronto é muito raro lá ir, é muito raro lá ir, e pronto coitadinhos eles às vezes dizem «ó mãe, não quero» «ó Telmo é assim tens que ir ao pai, tens que gostar do pai pronto filho embora tu não queras lá ir mas deves de ir, ele é pai deves ser amigo do pai», eu faço isso, mas onde o Ricardo diz que não, que sou eu que meto os miúdos contra ele, e eu tenho dias que já não sei como é que hei-de agir, eu é que sou a má da fita para tudo, pronto tenho vezes que já não sei .. como é que lidar com a situação, e é muito complicado, mas pronto. Sei lá agora por exemplo o pai foi para a Suíça, foi passear para o Brasil, foram todos passear, e disse ao Telmo que ia para a Suíça mas onde a gente já soube que foram para a Suíça e para o Brasil, e pronto é estas pequenas coisas que ele também começa-se aperceber..

L- Pois já tem outra idade

M –E então o pai disse para ele «ó filho fica descansadinho que o pai quando lá chegar liga-te» e o Telmo andou sempre nisto « será que o pai ainda não chegou lá?.. o pai demora tanto tampo a lá chegar» era preferível o pai dizer que não ligava do que dizer ao miúdo...

L- Não dizer nada e quando

M- Ou não dizia nada. Prometeu que ligava e não ligou e ele coitadinho ficou nosta, o pai ligava, o pai ligava, o pai ligava, «então o pai já saiu no dia 20 de Dezembro ainda não chegou lá?» O Telmo então diz «o meu pai se calhar ainda não chegou à Suíça, ainda não telefonou», ele tem uma irmã na Suíça, o (pai) tem uma irmã na Suíça e ele diz que ia lá para resolver uns problemas, correcto tudo muito bem ele coitado não

Idade;
Comparação

Nova família

Ausência
paterna

Obrigação

Manipulação
adulto

Incapacidade

Percepção

resolve cá os dele vai resolver os da irmã, mas pronto temos de aceitar, entretanto o Telmo ficou nesta assim, eu não ligo nem quero que ele presencie... mas a minha vontade era dizer assim «olha tu era preferível tu não ligares, ou tu não dizeres nada ias e vinhas, dizias aos miúdos que ias sair pronto», o pai da data de tantos a tantos não está cá e acabou, os miúdos estão á espera que ele ligue, à espera, que ele ligue e nada.

Desvalorização

L – eles estavam preocupados?

M- Muito, e depois qual é o espanto quando ele diz á minha advogada que os filhos é que devem ligar para o pai, «(pai), você desculpe não é os miúdos que têm de ligar, você é que tem de ligar para eles» quem é quem é tem obrigação de ligar é os filhos para o pai ou é o pai para os filhos? Então isto eu acho que não cabe na cabeça de ninguém mas pronto..

Manipulação adulto

Desvalorizar

L- Então uma coisa o que é que a preocupa mais em relação ao Rui?

M – É assim o que me preocupa mais, é assim, é que o Rui, eu tenho muito medo que ele tenha alguma coisa com isto tudo que não nos diga, e ele é uma criança também muito nervosa, por tudo e por nada se as coisas às vezes não correm ao jeito dele desata logo de chorar, isso também sai à mãezinha dele que a mãezinha dele também é assim, e então ele... eu noto, noto que ele é uma criança muito nervos, e é como eu disse à L se for a bem temos tudo bem mas se for alguma coisa que não lhe corre bem, mesmo lá em casa

Medo; Falta de comunicação; Nervoso; Chorar

Comparação

L- Manda-se para o chão...

M- Não se amanda para o chão... pronto deixa-te ficar, deixa-te ficar não preciso que me digas mais nada, que eu já não faço mais nada daquilo que tu me pedes... é isso que ele às vezes diz, e eu penso ó meu Deus será ele tem alguma coisa queira dizer que a não me diz a mim. Pronto noto que ele às vezes estas pequeninas coisas... e nós temos, eu tenho a minha mãe a viver comigo, mas não é sempre, é às vezes mas ultimamente também estado a viver...

Conduta de oposição

Falta de comunicação

L –Mas passa temporadas..

M- É assim passa, porque é assim nós somos 9 filhos, e onde coitadinha se sente melhor é na minha casa, porque viveu ali, na casa onde nós

vivemos ali ao lado, então ela coitadinha, esta situação também está a sofrer muito, e coitada, eu ando sempre... e depois eu também não tenho coragem porque nós somos muitos mas dizer assim «ó mãe , a mãe agora tem de ir para o outro e para o outro» também não tenho coragem, é onde ela se sente melhor olha vai lá estando, e então o Rui às vezes também é muito reguilinha com a avó, muito reguila ele põe coisas na cabeça da avó, tira o lenço da avó (*risos*) estas pequenitas coisas que eu às vezes digo o rapaz é mesmo reguila às vezes brinca com a avó faz estas pequenas coisas..

L – Brincadeiras..

M- E tenho muito medo que ele tenha alguma coisa que ele queira desabafar, que queira dizer.. e é estes de repente que ele tem que eu às vezes tenho medo.. será que o miúdo tem algum problema que não se abra connosco, não sei estes de repente que ele tem..às vezes é almofadas, é brinquedos atira-me tudo para o chão não é questão se ele às vezes se atirar, às vezes também se atira mas é muito raro, mas é assim atira com as coisas.. dá vontade ..é assim só não dá à gente.... Mas atira com as coisas, atira com as portas, só não dá se calhar à gente porque não pode

L- É muita coisa dentro da cabeça dele que ele ainda não conseguiu resolver

M- É isso, é isso que eu tenho muito medo, que noto isso nele e depois como não pode fazer a nós deita as coisas para o chão, eu penso que seja assim não é, é uma forma se calhar de....

L- Deitar cá para fora..

M- Exactamente, às vezes é os brinquedos. Amanda com aquilo tudo para o chão, fecha a porta do quarto, fecha-se no quarto à chave, às vezes tenho, muito medo disso, tenho muito medo

L- Então e o que é que gostava que fosse diferente?

M- É assim em termos, sei lá.... Se conseguíssemos que ele fosse tipo do comportamento dele mais calminho, menos agitado, não sei mesmo em relação ao ATL e tudo, elas às vezes também fazem queixas dizem «ai o Rui às vezes é tão bonzinho ajuda-nos a pôr a mesa, faz isto e faz aquilo, mas ele tem dias que não se pode», e elas notaram muito...

Sofrimento

Medo; Falta de comunicação

Inconstante

Acessos de cólera

Medo

Desejo Calmo

ATL

porque o pai, antes ir embora o pai prometeu que ia-lhe comprar uns ténis ou umas botas, e o pai prometeu que ia ao ATL, e eu chamei a atenção ao pai, ele andou para aí um mês L. a dizer todos os dias ao miúdo que ia lá e nunca apareceu, e elas chamaram a atenção, «eu gostava de lhe dar uma palavrinha, o que é que se passa com o Rui que ele todos os dias anda me a perguntar as horas» e eu disse «mas anda a perguntar-lhe as horas porquê?» «porque diz que o pai ficou de vir buscá-lo ao ATL e o pai não vem» bem foi um desatino, no outro dia agarro no telefone e telefono «olha lá (*pai*) sou eu era para te dizer o seguinte o miúdo anda num desatino, isto já vai semanas arrastadas, é ATL é perguntar as horas, e que o pai não vem».

Promessas

L- Sempre à espera.

M- Isto foi horrível, olhe L eu disse à moça que estava à porta «ó (*monitora ATL*) tu fazes-me um favor o dia que o (*pai*) aparecer cá tu dizes-me» porque ele pensava que era chantagem, que era eu a dizer, e qual foi o espanto ,que eu neste dia não estava... estava para resolver.. e é um molho uma bola de neve como eu costume dizer...

Confronto

Manipulação
adulto

L- É muita coisa...

M – Muita L muita, eu neste dia falo com a minha advogada e digo «ó Dra eu gostava muito que desse uma palavrinha ao (*pai*), e ele foi à advogada neste dia para resolvermos o problema da casa e não resolvemos, não foi tarde e nem foi cedo a advogada disse-lhe isto «ó (*pai*) eu só gostava de lhe fazer uma perguntinha, prometeu ir comprar qualquer coisa com o Telmo e o Rui, porque é que não apareceu?» a advogada só lhe disse isto L, foi remédio santo, no outro dia telefona-me a perguntar onde é que eu estava, que estava aqui à porta do ATL para vir buscar o menino para ir comprar ao ténis ou as botas, o que ele quisesse, foi remédio santo, não sei se foi a advogada falar com ele e depois foi a, foi a ...

Delegação

L- A educadora.

M- A (*educadora*) disse-lhe a ele «ó (*pai*) você fez isto ao Rui, anda à um mês».... E ele caiu em si e viu e viu que não era que estava a fazer, porque ele pensava que era eu, «é ela que está a querer que eu vá comprar as botas», pois ouviu a palavra da advogada ouviu a palavra

Manipulação
adulto

aqui da educadora no outro dia foi remédio santo, o miúdo descansou.
Todas estas coisas L..

L- Parece que são pequenas coisas....mas acabam por ser muito

M- A minha cabecinha tem dias que pára, quanto mais a deles e é todas estas coisas que eu tenho muito medo, eu pronto ... tenho porque eu tenho dias que sinto que ele é uma criança muito agitada e às vezes até me responde coisas que eu até fico assim, meu Deus ele tem 8 anos e responde-me coisas para mim que o Telmo nunca me respondeu, que eu às vezes digo assim.... Coisas de maneira, fala de uma maneira comigo....

Cansaço; Medo

Agitado

Comparação

L- Mais agressivo?

M – É mais agressivo, uma maneira áspera, e eu digo, aí meu Deus ele tem 8 anos, ele tem 8 anos e eu tenho muito medo ...

Agressivo

L- O que vai ser quando tiver 12, convém agora quando eles têm 8 e ainda nos obedecem, porque depois quando forem mais velhos já é complicado

M- E o Telmo também já está... tem dias que, tem dias que é às mil maravilhas mas tem outros dias que eu não consigo entender....

Inconstante

Marcação da próxima sessão

M – Sim L a esta hora é ótimo porque o Rui almoça ao meio dia no ATL, meio dia meio dia e pouco depois a carrinha vai levá-lo à escola e pronto, e depois à tarde é pior, assim se desse jeito à L eu agradecia imenso porque até se pudesse mais cedo melhor para não faltar tanto tempo ao trabalho, é assim eu à terça-feira até é um dia ótimo porque eu deixo o Telmo aqui às 9, pronto o Telmo tem aulas às 9 e 10...

Rotina

L – Normalmente eu falo primeiro com os pais para saber o que se passa

M – A L falar com o pai, não sei

L- Falo com a pessoa que fica com ele.

M- Ah, pronto então também

L- A maior parte das vezes vêm só as mães

M- Pois exato, exato...é como eu digo eu fui pai e mãe sempre para tudo, para tudo desde bebés, pronto o (pai) estava.. lógico é pai, mas

Ausência paterna;
Falta de apoio

dizer assim reuniões, tudo tudo tudo desde bebé.. eu digo –lhe nunca tive um apoio do pai dele ...

L- Em relação aos..aos filhos

M- Pronto é verdade é verdade temos que dizer, pronto em casa.. trabalhava tinha a sua vida, mas dizer assim mesmo para os filhos e tudo nunca... nunca é verdade estava a presença do pai , estava pai , mas nunca foi um pai, como é que eu hei-de explicar...

Ausência paterna

L – Presente..

M – Nunca..nunca eu às vezes até dizia « ó (*pai*) vai à festinha dele que é tão bonita», não era sempre a mãe para tudo, por isso é que eu digo eu sempre, ele sempre fiz isto... para os meus filhos fiz mãe e fiz pai, por isso é que digo eu acho que gosto tanto deles. Mas sempre fiz de mãe e pai e agora continuo a fazer, é preciso é coragem e saúde e força, o resto...mas custa...

L- E há dias piores e dias melhores...

M- É verdade é L é verdade, mas há dias que pronto a gente.... Mas há outros dias.que é pior. Mas como sempre fui eu para tudo eu hoje não estranhoàs vezes ia o pai ..às vezes ia a mãe.. o pai estava presente nas reuniões... mas não . Por isso como nunca foi é das tais coisas que eu também não sinto...

L- Aí não sente....

M- Não é verdade eu tenho que dizer aquilo que é...

L- Normalmente eu preciso de falar é com a pessoa que o conhece.

M- Exacto, exacto...mas quando a professora me disse os pais, eu disse «ó professora, não sei se acha melhor dizer... ele também já está fora há 2 anos também não está com o menino, raramente está e onde está também não interessa» ...e pronto é assim eu vou lá e vejo se digo aquilo que souber...É só ele.. porque ele disse-me logo «ó mãe não quero ir para a (*Instituição*) se calhar pensa...Pronto. Mas ele disse-me «ó mãe mas tu vais lá fazer o quê» «ó filho a mãe vai lá falar com uma menina, e depois a mãe diz-te, a mãe não sabe o que é e eu até disse vai lá por causa da professora de apoio» e eu digo assim bem... mas a professora já me tinha dito que ela também nota muito... notou muito, e é como eu digo muita vez que isto veio se tudo a arrastar, notou-se mais

Ausência paterna

depois foi tudo tudo muito de seguida é tudo pronto, é que se fosse assim estava recuperado duma coisa, quando esta estava recuperada vinha outra...mas foi tudo.

L- Foi tudo de seguida.

M- Foi tudo, é que na altura que eles coitadinhos precisavam mais, foi quando o pai foi-se embora, foi tudo , foi tudo tudo tudo de maneira que pronto a ver se eles não estão ...O Rui, como eu digo tenho muito medo de não conseguir ter pulso ...Porque é assim L, uma vez fui com ele à S., ela tem sido impecável para mim também só que eu sinto.. porque é assim também se calhar tenho de lá ir com o Telmo, em relação ao Telmo se calhar tenho de lá ir também com ele, e ela tem sido uma jóinha e ele foi uma vez ou duas à (*psicóloga*) e ele adorou, ele adorou ele adorou chegou a lá ir com os trabalhinhos e tudo por isso eu acho...eu notei que aquelas 2 semaninhas que ele andou lá É assim.. a (*psicóloga*) coitadinha é uma pessoa que era impecável e ajudava-me imenso mesmo com o Telmo e tudo, ajudou-me muito e eu notei aquele pouco tempo que o Rui lá foi, totalmente diferente, por isso é que eu digo será que às vezes sou eu meu Deus que em casa, eles precisam ...

L- Eu acho que ... de certeza com as condições que teve fez o melhor que pode.

M- Pois exactamente, eu acho que sim... pelo menos em termos de por exemplo ele chegar a casa e nota-se que parece que ele está muito agressivo, tem vontade é de amandar com tudo e eu noto... mas há dias é como eu digo L, há dias...Há outros dias que ele é um querido, apareccc-me na cozinha toma o scu banhinho, veste-se , arranja-se, faz a sua poupinha (risos)ele tem dias que até faz isto, mas tem outros dias também ai meu Deus, ai minha rica Nossa Senhora me ajude a suportar isto tudo.. ainda hoje espectáculo, foi comigo á casa onde eu trabalho abriu tudo, tratou de tudo, abriu tudo, abriu as coisas, «pronto agora vais-me pôr ao ATL, não é mãe», que eu agora tenho que ir ao ATL, «tu vais falar com a senhora, então vá mãe despacha-te», pronto é este tipo de coisinhas, é um querido, e há dias como eu digo à L enfia-se na banheira toma o seu banhinho vai buscar o seu pijaminha, vai buscar os chinelos, aparece-me na cozinha tira a louça da máquina, arruma a

Demora; Sucessão
de acontecimentos

Abandono paterno

Medo

Mudança
comportamento;
Questionamento

Acessos de cólera;
Agressivo

Autónomo;
Inconstante

Prestativo

louça, mete a mesa, impecável, mas tem outros dias.. pronto é como digo temos tudo ..

Inconstante

L : Marcação da próxima sessão

M- Eu ia falar em termos do Telmo mas se calhar não pois não....

L- O Telmo.

M- É diferente não é...

L- O Telmo, tem que fazer o pedido de avaliação à mesma, tem que falar com a professora e fazer como fez para o Rui. Ele está no..

M- Está no 6º, se calhar com a directora de turma... pois

L- Fale com ela

M- E é com a L na mesma?

L- É comigo à mesma...

M- Pois e ele este ano está com muitas dificuldades, eu queria.. já lhe pedi, eu já não tenho mais para pedir, eu já pedi à directora de turma para falar com ele, ele agora parece-me que já está a tomar, porque ele disse – me assim «ó mãe são tantas as pessoas a dizer-me a mesma coisa que eu vou..» porque ele à dias voltou-se para mim e disse-me assim «ó mãe eu sei que tu não mereces isto» quando eu vi que ele teve 5 negativas , coitadinho nota-se que ele também...

L- Ele têm consciência ...

M- Exactamente, «Telmo, 5 negativas filho como é que a gente vai superar isto?» Eu não consigo, pronto também pedi à professora para o ajudar para ver o que é que conseguíamos fazer porque é assim o ano passado repetiu eu este ano queria ver se ele não repetia outra vez

L- Claro.

M- Então com um bocadinho de força com um bocadinho de... outras pessoas a ouvir de outras pessoas a ajudar..

L- Qual é a professora dele.

M- É do 6º G.

L- Então fale com a directora de turma..

M- Pronto é isso que eu ia dizer ó L .. se calhar é já pedir demais mas...é assim eu gostava se conseguíssemos , gostava pronto...

L- Diga lá o nome completo dele.

M- Telmo..... 6º G.

L- Pronto eu de qualquer maneira fico com o nome dele.

M – Então a L dizia que é para eu falar com a directora de turma é?

L-É para ela fazer também o pedido.

M – E depois entra aqui.

L- Depois é assim o problema é que são muitas crianças e nós somos poucas, e às vezes têm de ficar em lista de espera..

M -Pois mas é assim eu vou ver também se consigo

L –È isso tente...

M- Pronto vou tentar tudo , e daqui vou tentar a (*psicóloga*) também se ele tiver um apoiozinho lá de cima se depois conseguir aqui óptimo, senão conseguirmos daqui, olha logo se vê. Ontem também lhe disse se calhar a mãe vai á S, «ó mãe eu vou tentar vou ver se consigo» coitadinho...

L – Quer ver se por ele consegue dar a volta.

M- Pronto exactamente, mas eu sei que é muita coisa junta, porque eu ontem estive a falar com a (*amiga*) sobre isso e ela disse «Ò (*mãe*) vê se consegues, senta-te um bocadinho ao pé dele, e eu até disse à (*amiga*) «mas eu não sei mesmo que eu queira ajudá-lo não sei» ...«vamos sentar aqui um bocadinho vamos ver os trabalhinhos vamos ver o que é que tens para fazer».

L- Só o facto de estar ali ao lado dele, preocupada com ele....

M- Pronto mas é isso que eu digo «Ò Telmo a mãe não te sabe ajudar, a mãe tem a 4ª classe, percebe lá alguma coisa disso, mal tirada como eu digo e há tantos anos, de roda dos tachos e da cozinha cada vez a gente sabe menos, mas é o que eu estava a dizer «ó Telmo a mãe vai fazer um esforço grande, vai ver se consegue todos os dias tirar meia horinha para ver se consigo, pronto..».

L –Ajudar.

M- Exacto, e tudo isto que eu consiga é diferente pronto a ver se eu consigo maneira que o ajude, que o incentive que faça tudo por tudo para ver se ele consegue, e então pronto é isso que eu gostava, que fosse outra pessoa a falar com ele a incentivá-lo porque este 2º período agora

é fundamental, é o que disse «ó Telmo tu não vais dar agora esses desgostos à mãe de agora chumbares todos os anos».

L- Ele agora pode aproveitar porque o 1º período foi muito pequenininho, mas o 2º 2 o 3º são bons...

M- É o que eu digo «ó Telmo se tu quiseses, parte de ti filho ,ainda agora quando eu o deixei ali às 9 e 5 que ele ia ter física eu disse «Telmo eu já não peço mais eu já não tenho mais para pedir,» e depois é assim eu às vezes também tenho medo de estar todos os dias a batalhar no mesmo é que eu é todos os dias o disco já está gravado, Telmo estuda, Telmo é, Telmo é aquilo, é assim eu também tenho medo que seja.. todos os dias todos os dias....

Receio

L- Que seja cansativo para ele.

M- Exactamente, porque ele às vezes também coitadinho não é... «estou farto de te ouvir., eu estou farto de te ouvir, estás todos os dias a dizer a mesma coisa» e eu é assim

L- Já não sabe se há-de insistir ...

M- É. É c depois não consigo controlar-me aquilo anda tudo ... anda tudo num badanal (risos) ai eu peço tanto que eu já não ... eu penso e peço eu já não tenho mais para pedir agora estou com um problema também muito grave, que é o problema da casa, para dividir a casa e fazer partilhas c depois é tudo tudo, muito cm cima ,porque é assim tenho empréstimo da (*Banco*). e agora já desde Agosto que as prestações se estão a acumular, a acumular, ele deixou mesmo, ele mesmo diz a nós, «não pago mais nada, e não me interessa disso para nada, faz o que tu quiseses, c desenasca-te c quando não tiveres casa vais viver para baixo da ponte, e os filhos vêm para o pé de mim» pá tudo isto trabalha cá muito, como eu digo, não é a pessoa... que fiz uma casa, que lutei tanto durante 20 anos para fazer a casa, agora ao fim daquela casa feita que nem está toda acabada levar assim uma destas,..

Descontrolo

L – Pois está com a preocupação de poder perdê-la não é?

Problema

M- Tudo, tudo é que é o mais certo, o mais certo, e então é assim tenho insistido muito, mas também não consigo fazer mais que aquilo que estou a fazer, de maneira que tenho um problema muito grande para resolver, o problema da casa para resolver, agora vamos lá ver o que é

que a gente vai conseguir, mas pronto depois é assim saiu há 1 mês de cá a passear na boa tudo às mil maravilhas o resto a (*mãe*) que resolva... e depois disse para a advogada « eu sei que os meus filhos..» a advogada disse-lhe para ele «(*pai*) tem de pagar a pensão de alimentos minimamente, porque a (*mãe*) sozinha não consegue suportar tudo» e ele respondeu «eu sei que os meus filhos não passam fome» respondeu isto e depois ela respondeu-lhe «pois , porque sabe o que é que ela é não viveu durante 20 anos com ela por isso sabe o que ela é, mas não é assim (*pai*)».

L- Pois as coisas não funcionam assim.

M- Minimamente tem quee então é assim, não é fácil porque são 100contos de renda e isso é o meu ordenado, para pagar 100 contos de renda o que é que eu como, o que é que eu bebo, há que vir todos os dias para (*localidade*), para vestir, para calçar, para a alimentação, para o ATL, o que é que eu faço à minha vida...para água, para luz para gás..

Difícil

L –Para os livros, para as coisas da escola...

M- tudo, tudo, tudo, é muito complicado, muito complicado, de maneira que eu digo eu tenho dias que às vezes tenho medo de não me conseguir controlar, mas pronto ..

Complicado;
Medo

L- Tem conseguido aguentar.

M- Tenho tenho mas não é fácil...

L- Mas tem conseguido aguentar, umas vezes melhor outras pior..

M- Tenho há 2 anos pronto isto em 2002, vai para 3 anos e graças a Deus tenho conseguido, mas pronto até aqui também tenho mais ou menos conseguido, há um ano que ele deixou de dar aos filhos, e desde Agosto deixou de pagar a casa, mas pronto olha vamos lá a ver, vamos ver se conseguimos andar para a frente, pronto L olhe gostei muito deste bocadinho.

FIM

Anexo C

Entrevista 4

Entrevista Manuel (4)

Nome: Manuel.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 3.^a classe.

Mãe: 41anos, casada, Técnica Profissional de Bibliotecas.

Pai: 45anos, casado, Técnico Preparador de Trabalho.

Irmãos: Telmo, 13 anos, 7º ano de escolaridade.

L- Então a primeira coisa que lhe quero perguntar é quais são as preocupações que tem com o Manuel, o que é que a preocupa?

M - O que me preocupa é não só o momento actual portanto a relação dele quer na escola quer, quer no ATL, quer na família, como em termos futuros, portanto a passagem dele da escola primária para o Ciclo, e futuramente no Liceu portanto todo o processo escolar dele, pronto é isso que me preocupa, uma vez que ele tem aquelas fases de agressividade, é essencialmente isso que me preocupa.

Futuro

Receios

Agressivo;
Inconstante

L- Como é que ele anda agora, como é o comportamento dele?

M – Ele agora a nível de escola tem andado bem, há um dia ou outro que faz uma asneira, que bate, bateu outro dia numa menina, mas nem sequer tinha sido na escola mas foi castigado por isso, mas pronto... de resto tem andado calmo, excitado mas não agressivo, tem andado excitado mas não agressivo.

Bom-
comportamento;
Agressivo

Castigos; Calmo;
Excitado; Não
agressivo

L- E ali no ATL?

M- No ATL, praticamente não tem lá estado, só lá vai almoçar, e...

ATL

L- À tarde tem lá ido buscá-lo?

M - Vou lá buscá-lo por volta das 4 horas, às vezes inclusivamente tenho que esperar que a carrinha chegue, outras vezes chego, a carrinha ainda aqui não está vou lá buscá-lo mesmo mesmo à saída da escola, portanto ele não tem vindo... excepto à 4ª feira, que fica porque tem Catequese.... tem aqui computadores, venho buscá-lo no fim da aula de computadores para o levar à Catequese, e depois vou buscá-lo no fim da Catequese e já

Rotina

Actividades

não volta aqui, e de resto os outros dias tem sido... pronto só vem praticamente almoçar ao ATL,

L- E têm corrido bem os almoços?

M- De vez em quando... acho que com a sopa de vez em quando há assim umas fitas, ele a mim diz-me que adora... que não gosta da minha sopa, que só gosta da sopa do ATL, e no ATL estiveram-me a contar que ele agarra na tijela da sopa esconde debaixo da mesa, esconde debaixo da cadeira, no dia que eu estive a falar com elas tinha posto dentro de uma tijela de sopa de outro colega que já tinha comido, e ele enfiou-a lá dentro, ou então põe no tabuleiro do outro parceiro do lado, arranja uma estratégia para não comer a sopa, e depois o 2º prato tem dias que come, tem outros não que não come.

L- E as birras dele, ele...

M- As birras ...

L- São frequentes...

M- Muito menos frequentes, praticamente já não pronto... começa mas termina logo porque nós cortamos logo a birra, ontem por exemplo embirrou que não queria fazer os trabalhos de casa porque era uma cópia e ele não gosta de fazer cópias, e eu insisti, insisti e depois disse-lhe, «Olha não queres fazer não fazes, vais para a escola com a cópia por fazer e depois entendes-te com a senhora professora», entretanto chegou o pai, que não sabia da minha conversa, «Então os trabalhos de casa estão feitos?» «Não porque a cópia é muito grande, muito grande» o pai «Vai lá fazer» «Mas é muito grande» «Não queres fazer, não faças, não tem problema, vais com os trabalhos para fazer», o pai virou-lhe as costas, ele sentou-se e fez a cópia, sozinho com uma letra espectacular, porque ele tem a letra muito, muito feia.

L- É isso que eu ia perguntar, em relação ao ano passado, como é que ele está?

M- A letra continua na mesma, em termos de letra não há diferença, pronto há uma ligeira modificação, mas não é nada significativo, e ontem conseguiu, lá está a prova que ele consegue, conseguiu fazer... eu não estive, ninguém esteve ao pé dele, fez sozinho no quarto dele, na secretária dele, e lá esteve fez, e no fim veio-me mostrar a cópia,

Birras; Inconstante
Manipulação Criança

ATL

Inconstante;
Dificuldades de
Alimentação

Melhoria; Birras
Firmeza

Conduta de
oposição;
Trabalhos de
casa

Intervenção
paterna; Ignorar;

Autónomo

Caligrafia

Capacidades;
Autónomo

realmente era um bocadinho grande, mas eu nem corrigi erros nem nada só vi em termos de caligrafia como é que estava, estava melhor, «Sim senhora está muito bem, vês como consegues» e ele arrumou as coisas dele e deixou para a professora corrigir.

Reforço Positivo

L- Como é que ele anda no Português, porque a dificuldade dele o ano passado lembro-me que era os textos, organizar os textos e tudo isso...

M- Tenho falado com a professora... bastante interessado consegue elaborar pequenos textos, participa muito, porque eles fazem um texto, depois o texto é trabalhado pela turma, ele acho que participa bastante, e noto-o muito interessado na língua portuguesa que era a coisa que ele dizia que mais detestava, e este ano não ele está a gostar muito de língua portuguesa o que não acontecia

Interesse materno; Participativo

Melhoria

L- Ele está-se a dar muito bem com...

M- Com a professora, principalmente com o método de trabalho, o método que esta professora tem é o indicado para o Manuel, porque é um trabalho que ele trabalha ao ritmo dele, ele propõe-se os seus objectivos, cumpre os objectivos e por vezes ultrapassa-os mesmo. Esta semana a professora mostrou-me... eu estive com ela na 2ª feira ela mostrou-me o plano de trabalho dele, em que ele costumava segundo o que ela me disse, ele costuma marcar com 2 cruzinhas cada item portanto aquilo está dividido por áreas, dentro de cada área tem um item, e ele costuma marcar 2 cruzinhas, e a professora disse-lhe «Ó Manuel tu algumas coisas principalmente na matemática que tu gostas tanto se calhar já podes fazer três fichas», e ela mostrou-me, e então vi algumas que tinham três outras quatro, outras tinham cinco, e ela esteve-me a mostrar o plano de trabalho dele, e na 2ª feira já tinha mais de metade do plano feito, a professora tinha estado a ver e diz ela que estava tudo correcto tudo certo, na 3ª, 3ª não 4ª feira, ontem disse-me que já tinha concluído o plano semanal do trabalho dele

Método de trabalho; Cumprir

Interesse materno;

Sucesso escolar

L- Portanto vai arranjar mais tarefas...

M- Mais tarefas para fazer até ao fim, pronto porque eles têm liberdade para isso eles não se cingem ao que eles planificaram, pronto aquilo são as metas a que eles se propõem se as conseguirem melhor para eles se não conseguirem depois na avaliação claro, eles são não digo penalizados mas

Poder; Responsabilidade

pronto, não conseguiram cumprir, caso consigam, podem fazer mais trabalhos acrescentando mais ao plano de trabalho semanal que eles têm, depois à 6ª feira é feita a avaliação do plano, se cumpriram se não cumpriram, se está tudo bem feito se não está muito bem feito em termos de comportamento são avaliados pela turma toda, há uma auto-avaliação e depois uma avaliação feita também pelo próprio grupo.

L- Eu falei com a professora, e ela tinha-me dito que, até mesmo em termos de grupo está muito melhor.

M- Muito melhor sim, sim.

L- Porque ele tinha aquele problema.

M- Aquela problema, exacto...

L- Queria ser ele a mandar...e ela disse que ele está muito melhor.

M- Sim ela também me disse que ele agora está num grupo, pronto que o grupo em termos de aprendizagem é muito bom, tem lá um elemento que é um pouco mais fraco, mas ao mesmo tempo eles puxam por ele, e que ele se tem entendido perfeitamente com os colegas e que está a trabalhar muito bem em grupo, o que é óptimo porque ele queria ser sempre o primeiro o maior em tudo e não tem... penso que agora está, aí assim a coisa já está... pelo menos a entrar nos eixos.

L- E nos escuteiros?

M- Nos escuteiros ele esteve num acampamento aqui há tempos, num acantonamento fez lá um malandrice qualquer que eu não sei muito bem o que é que foi, tiraram-lhe o lenço, entretanto meteram-se as férias e ele ainda... depois perdeu por lá a camisa, está sem camisa e agora não tem ido

L- Mas esqueceu-se da camisa..

M- Esqueceu-se dela lá no acampamento, por lá ficou, agora tenho que ir comprar outra camisa, e ele agora nem tem ido mas, esta semana já vai, este Domingo já vai nos escuteiros, já é dia de marchar .

L- Vamos lá a ver como é que corre

M- Sim, mas ele gosta, só não gosta de ir à Missa, não sei se ... (*risos*) ir à Missa é que ele não gosta, mas gosta de lá estar, gosta das actividades que eles fazem, e pronto tem lá amigos e depois trocam ideias lá dos jogos e daquelas coisas, mas ele gosta dos escuteiros.

Castigo

Método de Trabalho

Melhoria

Mandão

Turma

Relacionamento entre pares

Melhoria

Actividades;
Malandrice;
Castigo

Esquecido

Actividades

Relacionamento entre pares

L- Portanto nesta altura as coisas...

M- Estão estáveis, bastante estáveis mesmo.

Estabilidade

L- Em relação ao comportamento dele, ele, não agora porque está mais estável, mas na fase anterior, quais eram as maiores dificuldades que sentia?

M- Quer dizer ele em casa tinha um comportamento completamente diferente do que tinha fora de casa, ele em casa eu conseguia o acalmar e a relação dele com o irmão é que era muito atribulada porque andava sempre a gritar com o irmão, sempre a bater no irmão. Depois gritava muito, pronto havia muito conflito entre eles durante o dia, mas não dispensavam dormir juntos ainda hoje não dispensam, o dormirem juntos mantêm-se, quer o mais velho querer dormir com ele quer ele querer dormir com o irmão, agora neste momento a relação entre eles, pronto têm uma relação de irmãos, pronto que há sempre conflitos e etc., mas anteriormente as coisas eram muito muito complicadas, mesmo com os avós não aceitava, e ainda hoje.... É com o meu pai, ele tem dias que está muito bem com o avô tem outros dias, tem dias que basta o avô entrar em casa que ele fica logo zangado, começa a mandar o avô embora, porque o meu pai também tem um feitio que está sempre a picá-lo e ele não suporta isso, e então há ali sempre.... E manda-o embora... e o meu pai faz-lhe perguntas, fala com ele e ele faz de conta que não ouve o avô, muitas vezes o avô chega lá a casa pergunta por ele começa a chamar por ele e ele ouve o avô e nem sequer responde, e depois tem outras alturas em que mal chega a casa vai logo a correr ter com o avô e estão muito amigos e coiso mas pronto, regra geral o único problemzinho ainda é com o avô, não é nada de grave mas pronto é onde há mais atritos....

Contexto;
Acalmar

Relação Fraternal;
Gritar; Agressivo

Dormir

Conflitos

C. Oposição;
Inconstante

Igualdade de
gerações

Inconstante
Conflitos

L- Mais choque..

M - Mais choque... é com o avô, anteriormente o avô não fazia nada dele, a avó nada fazia, a tia igualmente e pronto, na escola, na escola era bater constantemente, não aceitava as instruções da professora, as regras da sala de aula, mesmo nos intervalos havia problemas, e neste momento as coisas pararam, as coisas estão realmente mais estáveis.

C. Oposição;
Agressivo

Regras;
Estabilidade

L- Como é que está a relação dele com o resto da família?

M- Está boa, está estável, com a tia já aceita mais as ordens da tia embora a tia seja muito mole..

Estabilidade;
Regras;
Aceitação

L- Não dê tantas ordens não é?

M- A tia é um pouco mole e depois por vezes para ele não fazer, porque ele sabe que se fizer uma fitazita a tia vai logo a correr fazer aquilo que ele quer e então pronto ... a tia já está a tentar ser um pouco mais rígida mas não consegue, é inevitável é mais forte que ela e não consegue, já consegui que ela não o deixe ir ao computador sempre que ele quer, que ele chegue a casa dela e veja o canal Panda e mais ninguém consegue ver televisão, pronto já há algumas coisas que já estão a melhorar, mas... ainda é ...

Cedência
Manipulação
Criança

Permissiva;
Mandão;
Melhoria
Poder

L- Já foi um avanço até aqui..

M- Foi um avançozinho....

L - Ainda há mais coisas a fazer...

M- Claro, mas em relação à minha mãe, com a avó, a minha mãe já conseguiu ver realmente e já não vai... mesmo que ele faça fitas, já não se deixa levar pelas fitas que ele faz, já conseguiu ver que realmente sendo firme com ele que ele acaba por desistir, faz fita uma duas vezes e à terceira desiste porque as pessoas não entram no jogo dele.

Manipulação
Criança; Birras

Firmeza;
Regras
Ignorar

L- Não deixam ele levar a dele avante.

M- Não o deixam levar avante, exactamente, tem que se ser firme quando se diz que não é não e ponto final. Ontem quando o apanhei a jogar gameboy ali assim disse-lhe «Olha tens de ter um castigo» era para o castigar no fim-de-semana os 5 minutos de gameboy, mas ele veio me pedir para ir jogar computador ontem, e eu disse-lhe «Não filho é o teu castigo por teres...»

Castigos

L- É melhor dar os castigos logo na hora do que deixar para o fim de semana

M- Exacto não... eu ia lhe dizer ontem que no fim de semana não ia jogar, mas depois como ele me veio pedir eu aproveitei, pensei não é aqui que está a minha oportunidade. Chorou um bocadito andou ali «Ó mamã» e eu «Não insistas» «Mas eu vou insistir», acabou por desistir, e é assim

Manipulação
Criança; Firmeza;
Chorar;
Aceitação

L- Claro ele tem de fazer o papel dele

M- Exactamente. E eu pronto disse-lhe que não, que não e acabou.

L- A reacção dele aos castigos...

M- Já é completamente diferente, enquanto dantes gritava, chorava, espcrnava, batia atirava com as portas agora não, choraminga e tal anda ali de volta de mim, mas pronto já não é nada de como antes, não não. Ainda... foi na semana passada ele teve dois amarelos e disse-me sempre que tinha verde, só que a professora agora o que é que faz, manda uma ficha e quando chegou eu vi, e eu «Ó Manuel» e ele baixa a cabeça e diz «Eu já sabia que ias ficar assim» «Ó Manuel então tu mentiste» «Ó mãe eu não te disse porque não queria que tu ficasses triste» «Fico mais triste por me mentires, é mau tu teres o amarelo, não é muito mau era pior se tivesses um vermelho não é muito bom o amarelo mas pronto, agora tu mentires, já viste agora chega o papel e eu sei na mesma» «Eu nunca mais te vou mentir, eu nunca mais te minto» e pronto e tem dito sempre... agora esta semana quando vier o papel vou ver se a coisa ...

Melhoria; Gritar;
Chorar; Acessos de
cólera;
Manipulação
Criança; Firmeza

Mentira; Triste

Promessa

Controlar

L- Bate certa.

M- Bate certa. Ele disse-me que teve um vermelho na 2^a feira, na 3^a teve amarelo, e ontem já teve verde. O vermelho já não sei porque é que foi, o amarelo foi porque estava muito conversador e o verde pronto tinha-se portado... ah e o vermelho foi por ter batido na colega.

Agressivo

L- No recreio...

M- Não, foi não na carrinha do ATL, e a colega queixou-se à professora, e ele depois disse à professora «Mas não foi na escola» mas a professora como já lhe tinha dito

ATL

L- Como não foi na escola não devia...

M- Mas a professora, eu acho que ela conseguiu dar bem a volta à questão e disse «Ó Manuel mas é assim não podes portar-te bem aqui na escola e a seguir a passares o portão da escola comesas a portar-te mal, portanto és castigado por causa disso, porque tu não vais agora andar assim que saís a porta da escola começar a bater nos colegas todos» eu penso que ela conseguiu contornar

Bom-
comportamento;
Mal-comportamento;
Castigos; Agressivo
Manipulação Adulto

L- Conseguiu agarrar...

M- Conseguiu agarrar bem a questão e ele aceitou, mesmo ela disse que ele aceitou, que compreendeu que não fez fita não nada disso, mesmo quando ela lhe chama a atenção para coisas que ele está a fazer porque

Aceitação

ele... ela diz que ele traz bonequitos, os tazos e essas coisas, ele está a trabalhar e está com aquilo na mão nem se apercebe, ela chega ao pé dele pede-lhe e ele dá-lhe logo e já não faz fita nem nada, dá-lhe as coisas e no fim da aula ela entrega-lhe e pronto as coisas o que não acontecia anteriormente, que ele fazia as birras, que chorava, começava a bater com os pés na mesa a fazer barulho a provocar, mesmo aquela atitude provocatória a professora deixou de lhe ligar e ele depois parava porque via que realmente ninguém lhe estava a dar importância

Distraído;
Aceitação
Melhoria

Birras; Chorar;
Manipulação
Criança; A. Cólera
Barulho;
Provocador;
Ignorar

L- Eu falei com ela e ela disse que em termos de comportamento não tinha nada a ver com aquilo que era de início, que realmente de início testou-a muito mas ela entretanto conseguiu levar, conseguiu mudar um bocadinho a dinâmica da turma, porque eu acho que a turma também tinha o problema do ano passado, vinha habituada a um estilo diferente e eu acho que esta professora é muitoé muito afectiva.

Melhoria;

Turma

M- Eu acho que ela é muito perspicaz mesmo.

L- Também ...acho que ela tem um método de trabalho excelente, e conseguiu dar a volta muito bem à turma.

M-À turma toda, não só com o Manuel mas eu penso que com a turma inteira.

L- É assim nós sabemos que era uma turma complicada, se calhar um em cada turma as coisas andavam bem...

M- Mas não parece que concentraram tudo numa turma só.

L- Exactamente.

M- Ela ao princípio queixava-se imenso da turma, pronto era o Manuel. Mas além do Manuel haviam mais uns quantos e aquilo começava numa ponta e acabava noutra, ia tudo, ia tudo atrás, e quando foi na reunião de...pronto da avaliação, do final do período ela mesmo nos disse que a turma não tem nada a ver com o que era quando ela chegou, embora tivessem começado mais tarde mas que a turma estava em termos de comportamento a turma estava muito bem, não tinha nada a ver.

Turma

Melhoria

L - Ela diz que agora nota mais é problemas de aprendizagem do que de comportamento.

M- Exacto, porque ela tem lá crianças com bastantes dificuldades e pronto ela agora deve-se aperceber mais...

L- Como já o comportamento.....

M- Esse problema já está sanado, agora começam a surgir os outros, aí a esse nível segundo o que ela me disse o Manuel é espectacular ela deu-me um exemplo ela deu-me um exemplo que naquele dia foi a matemática... ele já tinha feito as coisas dele e iam dar uma matéria nova a matemática que era a multiplicação com dois números e ele já tinha terminado e ela disse «Então vais ler no livro a explicação que lá vem» ele leu a explicação e começou a fazer e tudo certo e entrou naquilo assim com uma perna às costas, e pelo que ela me disse quer a matemática, no Português, o Estudo do Meio, ela disse-me mesmo «O Manuel neste momento é o meu melhor aluno».

Capacidades;
Sucesso
Escolar

Capacidades

Mal-comportado

L- Eu estava-me a lembrar que no ano passado ele não só tinha problemas de comportamento como houve uma fase a partir do 2ª período.

M- Exactamente.

L- Que ele estava completamente desmotivado.

Desmotivado

M- Completamente desmotivado, inclusivamente ele não queria ir à escola chegou a haver dias em que ele dizia que não queria ir à escola que não lhe apetecia, que aquilo era uma chatice, pronto estava completamente desmotivado tanto que depois o professor se começou a queixar que ele não estava, que o rendimento dele tinha vindo cá para baixo mesmo muito.

L - Aliás o professor até disse que ele estava com algumas dificuldades a Português.

Dificuldades
escolares;
Melhoria

M- Exactamente na língua portuguesa é que ele estava com muitas dificuldades e neste momento ele não tem dificuldades nenhuma.

L-É que as dificuldades que ele podia ter eram do desinteresse ele tem capacidade.

Desinteresse

M- Ele tinha ele tinha a capacidade o ritmo que a turma tinha não era ritmo para o Manuel devido a crianças com problemas de aprendizagem em que tinham um ritmo mais lento o Manuel. Tinha um ritmo superior mas aquilo para ele era como se fosse um punição, ele tinha que estar ao ritmo dos outros, conclusão ele percebia as coisas fazia as coisas enquanto uns demoravam uma manhã ele me 10 minutos um quarto de hora tinha as coisas despachadas o resto do tempo perturbava a sala.

Método de
trabalho;
Castigo

Mal-comportado

L- Não tinha nada para fazer.

M- Não tinha nada para fazer, e desmotivava-se acabou por se desmotivar eu chamci a atenção ao professor durante 2 meses a coisa melhorou, depois de se falar mas depois caíamos novamente no mesmo, e o grande problema do ano passado foi precisamente esse, porque no 1º ano a professora, a professora que ele teve embora não fosse o método que esta professora este ano teve, tem mas conseguiu apanhá-lo precisamente por aí que era pô-lo a ajudar os outros alunos só tinha o senão que era punha-o a ensinar os do 2º ano (*risos*), punha-o a ensinar os do 2º ano mas pronto.

Desmotivar
Interesse
materno;
Melhoria

Motivar;
Método de
trabalho

Relacionamento
entre pares

L- Mas também durou pouco tempo...

M- Também mas pronto depois ela começou a pô-lo foi a ajudar os colegas do 1º ano e aí nunca mais houve problemas.

L- Fazia muito mais sentido.

M- Exactamente e tanto que a L lembra-se que depois foi-lhe dada alta porque as coisas entraram nos eixos, a professora conseguiu pronto conseguiu apanhá-lo, sentiu como é que... eu penso que ela foi tentando estratégias, acertou numa estratégia e a partir daí a coisa andou perfeitamente, ele ainda hoje fala muito dessa professora, ele gosta muito dela.

Melhoria

Experimentação;
Estratégias

L- Gosta muito dela.

M- Gostou muito dela. Embora ele também gostava do professor do ano passado, só que ... pronto havia ali aquela disputa.

Conflito

L- Ele tem aquela coisa com as figuras femininas...

M- É, é, a relação dele com os homens aquilo é sempre mais.... Parece que é as mudanças que não engrenam, mas depois em engrenando tudo bem mas até engrenar aquilo... agora com as mulheres, mas eu acho que é, pronto ele apesar de ser assim muito espalha brasas, faz muito barulho muita coisa mas é uma criança extremamente meiga, muito muito meigo e muito sensível, porque eu tenho estado com problemas com o irmão e a semana passada a... eu estava desvairada, tinha vontade de dar uma tarefa enorme no irmão e castiguei o irmão tirei-o da música, que ele adora a música, e eu então como castigo tirei-o da música e, o irmão não apanhou uma tarefa porque o Manuel estava completamente transtornado, ele só

Relação com
outros

Barulho;
Afectuoso

Zangada
Descontrolo

Castigos; Relação
fraternal

me dizia «Ó mamã não batas no mano, ó mamã não o tires da música que é a coisa que ele mais gosta, ó mamã...» a pedir pelo irmão, via-se que ele estava aflito pelo irmão embora ele soubesse que o irmão tinha feito uma grande asneira, mas a pedir pelo irmão, e já depois disso ele me veio pedir para eu deixar o irmão ir à música. E anda sempre de volta de mim aos beijinhos, aos abraços e com a tia a mesma coisa, a tia chega do serviço vai lá a casa vê-los, ele vai logo agarra-se à tia e depois está aos beijos à tia olha para mim deixa a tia e vem a correr para mim como quem diz não fiques com ciúmes.

Relação fraterna

Afectuoso

Ciúmes

L- Porque também há para ti...

M- Chega para as duas (*risos*).

L- Eu tinha pensado ver como é que ele vai estar agora, e se as coisas correrem bem no 3º período que é já em Março passar a ser um bocadinho mais espaçado, porque eu acho, é assim eu acho que é muito cansativo uma criança estar constantemente a vir cá. Não é cansativo no sentido de ele não vem para cá trabalhar fortemente, mas acho que é pesado estar sempre...

M-E também não se pode habituar a ter sempre a bengala...

Bengala

L- Exactamente essa é outra das razões eu sei que ele tem umas certas alturas que está desligado...

Inconstante

M- É os picos.

Lidar

L- Mesmo assim eu acho que vocês já sabem lidar melhor com essas descidas dele, a partir do momento em que as coisas estão mais ou menos na escola e pronto ATL.

ATL

M- Ele vai sair de lá, a coisa vai ser tem de ser mesmo resolvida porque não pode ser da forma como eles trabalham e o Manuel. Com as necessidades que ele tem, não se conjugam.

Necessidades

L -Nós temos que pensar também mais tarde nas férias de verão, porque as férias este ano não correram nada bem.

M- Não.

L- Ele precisa de andar ocupado nas férias de verão

M- Exactamente...

L- Convém que o tempo que está de férias e os pais não estão que ele tenha uma ocupação.

M- Pois e eu tenho que começar a pensar o que é que vou arranjar para ele ... ele uma vez esteve... mas lá está foi na Páscoa e era o professor dele.

L- Aquelas férias desportivas...

M- Que correram pessimamente, (*risos*), mas eles também têm no Parque Desportivo durante o Verão penso que o vou por lá, pode ser que não seja o professor dele do ano passado seja outra pessoa e depois tem também uma semana daquelas escolas de praia, pronto que a Câmara leva as crianças durante uma semana, também não correu muito bem o ano passado, mas tenho que lhe arranjar actividades para uma parte do dia porque a outra parte do dia estou com ele e quando muito, inclusivamente já pensei se não conseguir metê-lo no prolongamento da escola; na altura das férias vai para a... comigo para a Biblioteca porque arranjo-lhe lá com que ele se entreter.

Actividades

Ocupação

L- Pronto é só arranjar-lhe coisas para ele se entreter, e devem ter imensos recursos lá na Biblioteca..

M- Sim, sim, nós o ter, temos, ele só quer é os computadores mas isso eu também lhe corto porque vai um pouco porque depois eu tenho uma estratégia que já comecei a utilizar que é como só permitimos aos nossos leitores estarem 1 hora ele ali dentro ...

Actividades;
Estratégias

Regras

L- É a mesma coisa.

M- E ele sabe ele entra lá, embora seja meu filho ele tem acesso à área que os outros não têm mas em termos de regras de funcionamento é um leitor como qualquer outro, os computadores só podem estar uma hora ele só está uma hora se não há vaga inscreve-se e espera pela altura de poder ir, entretanto se não quer há lá muitos jogos há muitos livros, há filmes há CDs de música ele pode fazer o que ele quiser, pronto. É o que tenho feito ultimamente quando ele vai comigo, inclusivamente amanhã ele tem consulta em (*localidade*), vamos lá e eu já falei com a professora em princípio ele só iria na parte da tarde à escola e depois tinha que vir para o ATL, falei com a professora e então ele vem de (*localidade*) almoçamos e ele vai comigo para o serviço, pronto vai lá estar toda a tarde comigo e é precisamente o que ele vai estar fazer é isso vai estar ali, se quiser ir para os computadores vai 1 hora ao fim de 1 hora sai para dar vaga a outro ou

Regras;
Actividades

Pedopsiquiatra

ATL

mesmo que não haja outro nós lá agora optámos só podem estar 1 hora ao fim de 1 hora saem vão se embora e pronto.

L- Ele precisa disso, precisa de organização.

Organização
Actividades

M- Se quiser ver filmes tem lá, quer em DVD quer em cassetes, pode fazer desenhos, ler, tem jogos, tem CD's de música para ouvir e se quiser fazer desenhos, se quiser fazer trabalhos tudo. Eles como todos... eles aqui na escola, eles acho que são 2 ou 3 dias por semana que eles podem fazer apresentação dos trabalhos e ele disse à professora que tinha lá em casa que tinha feito um trabalho sobre as Antas e os Dólmenes (*risos*) tão aldrabão, porque viu em casa da minha mãe um trabalho que o irmão tinha feito na escola primária sobre Antas e Dólmenes. Na terra do meu marido há uma Anta e um Dólmen e uma vez fomos lá com eles, o mais velho tirou fotografias e depois fez um trabalho que é uma cartolina onde tem as fotografias e depois por baixo tem as legendas com as explicações, e ele rato viu aquilo e foi dizer à professora (*risos*).

Mentira

Participativo

L- Queria apresentá-lo.

M- Disse que ia levar e não sei quê, na segunda feira estive lá e a professora «Ele diz-me...» e eu disse «Ai ele é tão mentiroso» e contei à professora e ela «Há mas deixe estar que eu já o apanho», então ele hoje levou para a professora, para fazer a apresentação do trabalho do irmão, mas que ele é que fez (*risos*) ontem esteve a ensaiar com o irmão, estiveram os dois no quarto, o irmão era o professor e ele era o aluno.

Interesse
maternal;
Mentira

Relação
fraternal

L- A fazer a apresentação.

M- E depois ele dizia vá tu agora dizes não sei o quê e o irmão dizia (*risos*), mas então eu lembrei-me como ele por causa disso, eu lembrei-me e disse «Olha ó Manuel. Podias fazer em casa um trabalho de uma área qualquer, como tu gostas tanto de matemática» e ele «Mas de matemática o quê» eu «Ó filho sobre os matemáticos» «O que é que são os matemáticos?» e eu «Ó filho são uns senhores que estudaram muito, muito, muito matemática e que sabem muito de matemática» «Ai então está bem» e então andei à procura eu mas sobre matemáticos não encontrei nada para a idade dele, encontrei uns livrinhos muito engraçados de matemática com as matérias que ele tem estado a dar um é a medição do tempo e de pesos e depois tem experiências para eles

Capacidades

fazerem, portanto para ver se ele faz, prepara em casa que se ocupa e ao mesmo tempo vai aprendendo a fazer trabalhos. Em termos de ele próprio se organizar porque é um dos problemas dele também, em termos de organização....

L- Exactamente..

M- Ele é extremamente desorganizado, a secretária dele na escola é uma lástima, em casa e secretária dele é uma lástima, com os brinquedos é precisamente a mesma coisa eu até aqui arrumava-lhe as coisas agora já desisti, não arrumo «Tens ali a secretária para arrumar» «Ah mas eu ainda vou precisar» «Não quero saber, agora estás a fazer outra coisa, arrumas isto e depois vais buscar novamente e fazes» e com os brinquedos tenho feito a mesma coisa, por vezes nas minhas costas as coisas aparecem caídas do céu e depois para serem arrumadas é só com a ameaça que vão pela janela fora, aí é tudo a correr para arrumar os brinquedos parece que ganham pernas...

L- E vai tudo para o lugar.

M- Vai tudo para o lugar.

L- Ele continua impulsivo? A fazer as coisas muito depressa essa desorganização toda, é o quê vai buscar as coisas todas e espalha tudo...

M- É nem é tanto isso, vai buscar depois lembra-se de não sei quê vai buscar para acrescentar, depois vai buscar nem sei mais o quê para acrescentar e entretanto lembra-se de outra coisa, aquilo perdeu o interesse fica e vai buscar outra coisa, passa para outra pronto o que nós lá tentamos fazer em casa é podes brincar com os brinquedos todos, mas acabas de brincar com uma coisa queres ir brincar com outra, «Ai mas eu depois quero voltar...» «Não interessa agora não podes é desarrumar tudo e depois está na hora do jantar ou de ir para a cama e está tudo desarrumado». E então as coisas estão um pouco melhores ainda não estão como deve de ser mas as coisas estão a melhorar.

L- Eu não acho... eu não acho que ele seja hiperactivo, eu acho que ele é, ele, ele precisa de muitos estímulos não é como a maior parte das crianças, ele está constantemente à procura de coisas novas, mas não é hiperactivo mas há coisas que ajudam os hiperactivos que eu acho que também poderiam ajudar a ele, eu estive a falar com a minha colega que

Desorganização

Cedência;
Manipulação
Criança; Regras

Firmeza

Ameaçar;
Manipulação
Adulto

Impulsivo
Inconstante

Firmeza
Manipulação
Criança; Regras

Melhoria

trabalha com ...mais a nível de psicomotricidade que tem umas coisas mais engraçadas e estava a pensar fazer algumas com ele e depois também combinarmos e dar-lhe assim algumas fichas

M- Sim, sim.

L -Isso vai ajudá-lo especialmente nas férias, ou agora quando está consigo à tarde.

M- Sim, sim.

L- Que é quando tem mais tempo.

M- Exacto, isso era óptimo, porque eu noto por exemplo, chegamos a casa ele vai lavar as mãos, enquanto ele está a lavar as mãos eu estou-lhe a preparar o lanche, lancha e vai logo para o quarto fazer os trabalhos de casa, acaba os trabalhos de casa e fica liberto para fazer o que ele quer, ele pede-me geralmente ir para o computador, vai para o computador com tempo marcado, é um quarto de hora, marco-lhe um quarto de hora, chamo-o, e ele vem, lá um dia ou outro que está lá num ponto do jogo que ele mais gosta e tal pronto dou-lhe uma tolerânciazinha, já não é aquela coisa de se pôr a chorar e a refilar etc., etc. não aceita muito bem sabe que é um quarto de hora e acabou, depois ou vai ver a avó que sabe que ela tem lá sempre um chocolate ou uma coisa qualquer, (*risos*), vem para casa, ou vai jogar à bola ou vai andar um bocadinho de bicicleta, ou pede-me para ir a casa de uma amiga, pronto por vezes deixo-o ir mas por regra não deixo ir, não gosto... pronto gosto que ele esteja ali assim para eu ir vendo e controlando, ou vê um DVD, ou vai buscar os brinquedos, ele arranja coisas para fazer. Tenho também tentado que ele me ajude nas tarefas em casa, pronto o fazer a cama, o cozinhar, o pôr a mesa é ele e o irmão, arrumar a louça da máquina é ele e o irmão não tem ordem de se levantar da mesa, quer dizer levantam-se da mesa pegam no pratinho passam por água e põem dentro da máquina, não é levantar o prato da mesa e pôr na bancada para depois ir alguém atrás arrumá-lo, não acabam de levantar o resto da mesa, arrumam os bancos, deixam tudo arrumado, pronto desde o fazer a minha cama já comecei a mandá-lo também aspirar o quarto dele, eu a seguir tenho que ir aspirar, mas não interessa.

L – Mas vai aspirar sem ele saber.

Rotina;

Trabalhos de casa

Actividades

Cedência;
Regras; Chorar;
Aceitação

Reforço positivo

Controlar;
Relação Materna
Prestativo

M- Sim, sim, isso deixo que ele saia de casa que vá a qualquer sítio e dou a voltinha, mas com o irmão comecei precisamente assim. Hoje de manhã acordamos cedo eu vesti-o para ele se despachar, porque aí de manhã é que é uma desgraça, agarra-se aos gatos na brincadeira e esquece-se por completo das horas para se vestir. Vesti-o logo, tomou o pequeno-almoço, ficou pronto, antes de sairmos fui com ele fazer a cama, fomos fazer a cama, um problema que ainda se mantêm é o xixi na cama e o cocó nas cuecas, ele diz que não consegue controlar.

Comparação

Rotina

Distraído

Enurese;
Encoprese

L- Eu não queria estar a fazer um quadro de comportamento, que é o que se usa mais porque ele já tem isso na escola em relação ao comportamento...

M- Mas ele o cocó nas calças, e ele sabe que tem e não lhe faz confusão, ele que é muito nojento, ele com qualquer coisinha ele fica... ele por exemplo não vai à casa de banho aqui no ATL, para ir lá fazer xixi é só porque não aguenta mais, o ano passado lembro-me que houve uma vez que eu o fui buscar e equipei-o na casa de banho ali do ATL para ir para a equitação e mandei-o fazer xixi e ele não queria porque a casa de banho estava muito suja eu entrei na casa de banho quer dizer não é a casa de banho de casa é uma casa de banho de um ATL não é que estivesse suja, mas havia bocados de papel no chão, papel higiénico limpo mas, pronto isso ele, para ele é...

Asseio

ATL

L – Faz-lhe confusão.

M- Faz-lhe muita confusão, o xixi nem tanto mas o cocó fora de casa para ele é terrível, quer seja num restaurante, num café, seja onde for, os cocós para ele fora de casa é muito complicado. Mas, faz nas cuecas está sujo, chega a casa e podia ir logo lavar-se, mudar coiso, não. Resolvi a questão do limpar-se que ele quando fazia cocó, lembra-se, não se queria limpar, isso foi uma grande batalha, depois começou-se a limpar mas mesmo assim ainda tentava sempre «Ó mamã», comprei-lhe as «Kangoo» a partir daí não houve problemas.

Asseio

Insistente

L- Remédio santo.

M- Remédio santo, pronto eu sei que não é talvez a solução ideal, mas entre ele estar me sempre a pedir e haver sempre aquela...

L- Já faz sozinho.

M- Exactamente, porque ele já não me chama sequer, nem sequer me chama, pronto é... nós temos 3 casas de banho e uma das casas de banho que é mesmo em frente do quarto dele, tenho lá o pacotinho das «Kangoo», ele vai à casa de banho quando quer fazer cocó é lá que vai, faz o seu cocó limpa-se com as «Kangoo» e assunto arrumado, quando tem cocó ele, eu tenho faro digo logo «Manuel estás sujo» e ele começa-me a dizer que não, chegamos a casa e eu «Vá baixa as calças e mostra-me» e ele «Estava a brincar contigo e tal e coiso» «Vai te lavar», mas quer que seja eu a ir lavá-lo mas eu não o lavo e então o que é que ele faz, limpa-se com as boas das «Kangoo» abre a água no bidé e lá se lava, pronto mas é uma coisa que não o incomoda, está a ver, quando ele é tão nojento.

Autónomo

L - Tão esquisito com as condições da casa de banho.

M- Exactamente, depois o facto de estar sujo, ele sabe que está sujo inclusivamente ele não é capaz de olhar para a roupa dele suja com cocó porque lhe faz confusão e no entanto não se incomoda por andar um dia inteiro sujo com cocó.

L- Então tem que ver como é que arranja outra maneira ...

M- Por acaso agora estes dias, eu acho que esta semana ele ainda não fez, pelo menos há dois dias que ele não faz, há dois dias que ele não faz, hoje vamos lá a ver, eu tenho tentado que ele de manhã antes de sair para a escola vá à casa de banho fazer só que ele é, aquilo tem que ser na altura dá-lhe a vontade, é chegou andou.

Controlar

L- Ainda não está treinado.

M- Não ainda não se treinou o suficiente, mas é engraçado o irmão mais velho é logo a seguir ao almoço, é a hora dele pronto.

Comparação

L- Temos que ver se conseguimos fazer isso com ele.

M- Que era isso que eu queria, tenho andado a tentar e eu digo-lhe «Sentas-te na sanita» «Mas ó mãe não tenho vontade» «Ó filho mas ficas ali e tal e coiso», mas ele não é capaz de estar sentado ali na sanita à espera.

L- Pronto ele também não tem muita paciência para estar ali à espera.

M- Exacto, outra coisa é ele a ver televisão, não está sossegado.

Irrequieto

L- Mesmo quando lhe interessa...

M- Principalmente quando lhe interessa, porque se não lhe interessa vira costas e vai fazer outra coisa (*risos*). Está no sofá senta-se, depois põe-se em pé no sofá, depois sai do sofá senta-se em cima da mesa ele chega a estar praticamente colado ao ecrã da televisão, é uma... pronto aquilo parece que tem um formigueiro no corpo que não consegue estar sossegado a ver televisão só realmente à noite porque já está mais cansado...

Irrequieto
Cansado

L- Já não tem aquela energia.

M- Porque de resto o ver televisão é... agora por exemplo quando eu o for buscar vai fazer os trabalhos de casa, vai querer ir ver televisão não vai sossegar, vai estar ali, depois salta de um sofá para o outro, aquilo ali assim mexe com ele de uma forma terrível.

Trabalhos de
casa;
Inconstante

L – Como é que é ser mãe do Manuel?

M- É muito cansativo (*risos*), é muito, muito cansativo, e pronto é assim eu vou tentando informar-me, muitas vezes tenho recorrido a si, e muitas vezes é a intuição e o ir experimentando, vamos tentar assim, vamos tentar assado, de vez em quando chega-me assim umas ideias, vamos ver se resulta e pronto, é muito, muito cansativo, porque não é só o lidar com o Manuel. É o ensinar, entre aspas, as pessoas que o rodeiam, desde... este ano tenho a tarefa aliviada com a professora, mas era o ano passado com o professor, é com o ATL, é no futebol, é nos escuteiros, é com a catquista, quer dizer é com toda a gente que lida com ele todo o meio envolvente eu por vezes penso será que eu estou a fazer bem em dizer às pessoas como ele é e alertá-las não vão elas depois pensar «Dá muito trabalho vamos pô-lo um bocadinho à parte, olha vou desligar um pouco» mas por outro lado também acho que não é correcto, porque depois as pessoas vão rotulá-lo de uma outra forma, que é mal-educado que é mal-comportado, etc. de forma que é muito, muito desgastante e muito complicado para conseguir lidar com isso e falar com as pessoas de maneira a tentar fazê-las perceber que pronto que ele ...tem que se lidar com ele de uma forma diferente porque se conseguirmos apanhar o jeito tem-se do Manuel tudo, ele faz tudo o que nós quisermos, agora é extremamente cansativo.

Cansaço;
Informação

Estratégias;
Experimentação

Contexto

Questionamento

Rotular; Mal-educado;
Mal-comportado;
Desgastante;
Complicado

Lidar
Manipulação Adulto
Cansaço

L- Mas temos uma coisa ele vai entrar nos conceitos na escola , em casa, nos escuteiros se uma das coisas não corre bem depois repercute-se nas outras.

M- Exactamente, é o que se está a passar neste momento precisamente com o ATL.

L- Exactamente.

M- Que é só o ATL, porque eu não tenho tido mais queixas de lado nenhum, de lado nenhum, houve uma vez que a catequista disse «Ai temos que conversar, porque o Manuel é um pouco irrequieto» e eu depois um dia esperei que todos saíssem e fui falar com ela, expliquei-lhe e ela «Á pronto agora já compreendo, não se preocupe» e eu disse-lhe «Olhe é assim, tem que ser bastante firme com ele, porque a partir daí...» pronto tenho falado com ela «As coisas têm corrido bem?» e ela «Tudo bem».

L- Também deve ser cansativo cada coisa nova que ela faz ter que voltar ao início...

M- Isso nem é muito cansativo é mais é eu não sei a abertura, cabeça das pessoas com quem eu vou deparar são pessoas que eu não conheço, se as pessoas têm abertura suficiente para entender ou se vão pura e simplesmente como nós dizemos borrifarmo-nos, não é, e se elas de borrifam está o caldo entornado, porque depois vão ter problemas no trabalho delas, e é isso que eu tento passar a essas pessoas, é precisamente isso, para tentarem ser firmes e pronto ele pode fazer birra uma duas vezes mas depois se forem firmes passa, a coisa passa, e penso que neste momento, pronto tenho tido sorte porque as pessoas têm compreendido, outra coisa que eu admiro imenso é os escuteiros, porque é tudo gente muito nova e quem lida directamente com ele, eu falo com eles explico-lhes vou-lhes dando indicações eles vão me fazendo perguntas como é que hão-de lidar com ele, e têm feito um trabalho espectacular são miúdos de 19, 20, 21 anos pronto e estão ali por amor à camisola, porque gostam do escutismo, pronto estão a tomar conta do meu filho levam-no para passeios, acampamentos é uma responsabilidade enorme e como ele tem aquelas coisas dele, eles podiam dizer «Olhe é melhor nós não...temos medo, não nos responsabilizamos...» eles nunca

ATL

Actividades;
Irrequieto

Firmeza

Compreensão

Consequências

Firmeza; Birras
Aceitação

Compreensão;
Actividades

Estratégias

Actividades;
Responsabilidade

Castigos

me disseram isso, o que já me disseram é que por vezes ele é castigado não pelos chefes directo dele que sabem qual é o problema, problema entre aspas, mas porque é que o Manuel é assim, sabem com é que não-de lidar com o Manuel, só os outros chefes não sabem e depois castigam-no, por certas atitudes, está a perceber. E eles também não quero estar a dizer aos outros chefes todos, porque acham que, também têm medo que não seja benéfico para o Manuel está a perceber, eles estão a ser... apesar da idade acho que estão a ser bastante maduros pronto na forma como estão a lidar com ele. E acho que os castigos que lhe dão são bem merecidos e fazem muito bem, porque é assim eles castigam tirando-lhe o lenço, e ele fica muito ofendido por lhe tirarem o lenço, porque ele para ter o lenço teve que passar por várias etapas, ele cumpriu as etapas todas e deram-lhe o lenço, e só não ficou como guia do bando por causa do comportamento e falaram com ele e disseram-lhe isso e disse-me mesmo «Ó mamã por causa do meu comportamento é que eu não sou guia do meu bando» precisamente porque eles próprios dizem ele tem capacidades espectaculares. A chefe dele então diz-me assim «Tenho tanta pena, tanta pena de ele não ficar como guia, mas com o comportamento dele não podia».

Lidar

Castigos

Mau-comportamento

Capacidades

L- Ele nesta altura até precisa de... pronto... ele tem aquele problema que é: ele faz as coisas muito depressa mas faz bem.

Apressado

M- Pois.

L - Depois não lhe posso dizer que fez mal, não temos maneira de fazer isso, percebe mas até é bom que uma vez por outra sinta que fica à frente. Por exemplo na escola o comportamento dele agora até anda bem, mas o ano passado, quer dizer não precisa dizer nada...

M- Nada, ele apanhava tudo e nem se lhe pode dizer «Estás a ver portas-te mal depois não aprendes», por aí não se podia ir. Pois porque mesmo desatento a falar com os outros e o professor a explicar a matéria, o professor, disse-me ele que várias vezes, que dizia «Manuel., o que é que eu acabei de dizer?» ele parava um bocadinho «Ta, ta, ta» e dizia tudo.

Capacidade;
Distraído

L- Portanto é bom saber que em algumas coisas, não é, isso é bom para ele ver que não se pode ser sempre o primeiro. Mas acho que até aí ele está muito melhor.

M- Está, está e outra coisa que ele... ele no 1º ano ele fazia... pronto lá está, que ajudava os outros e tal acabava... ele gostava de me dizer que ajudava e não sei quê e há um miúdo da sala dele, que está no grupo dele portanto eles trabalham em grupo, e a mãe do miúdo encontrou a minha mãe e disse-lhe «Ai o... não sei quantos está no grupo com o Manuel e diz-me que o Manuel é o professor dele, porque o Manuel ensina-o, o Manuel é que o ensina», mas o Manuel não me tinha dito nada.

Relacionamento
entre pares

L- Portanto está a ficar mais humilde.

Reservado

M- Exactamente, e como gosta muito do outro miúdo e foram... tinham um trabalho para fazer os dois ele foi para casa do outro, pediu se podia ir e eu lá fui levá-lo, que é sobre o aparelho reprodutor do homem e da mulher, e então ele tinha lá uns livros, levou os livros e uma cassete para fazer o trabalho, quando chegou a casa, eu marquei-lhe hora, chegou à hora certinha, ao minuto, que até era para o ir buscar que já estava escuro foi às 6 horas que eu marquei, ele foi para lá às 5 portanto 1 hora para fazerem o trabalho também não era muito mas pronto, eu já estava para tirar o carro quando ele chegou eram 6 horas certinhas. «Então como é que correu o trabalho, e não sei quê?» «Ah não conseguimos fazer tudo, porque ele não conseguiu perceber algumas coisas, eu expliquei-lhe e a mãe dele também explicou, mas a mãe dele não lhe conseguiu explicar» «Então filho não faz mal, pedem à senhora professora e a senhora professora depois explica-lhe».

Trabalhos de
casa

Regras;
Pontualidade

Trabalhos de
casa

L- O que é que gostava que fosse diferente?

Desejo

M- Que o Manuel tivesse um comportamento (*risos*) normal, normal era só isso.

L- O que é que é normal?

M- Normal era que não tivesse tantos conflitos com as outras pessoas, não é a nível de ele ter que ser uma criança ali toda certinha, não, não é isso, é ele não ter os conflitos que tem... neste momento não tem, mas pronto, que teve com os professores, com colegas, pronto, porque de resto não mudava nada no meu filho (*risos*).

Melhoria

L- Portanto que cada nova situação que não fosse preciso trabalhar tanto.

M- Exacto, trabalhar tanto e esforçar tanto e pronto que fosse uma criança perfeitamente normal, não que ele seja anormal ou diferente pronto mas

Esforço; Normal

que corressem as coisas, o percurso normal das crianças, que aceitam ou se não aceitam, que digam não por isto por aquilo, que não houvesse as birras, que não houvessem estes altos e baixos, era só isso que eu queria mais nada, porque de resto ele é como eu digo é muito carinhoso, brincalhão, uma criança divertida, extrovertida faz amizade com toda a gente, tem resposta sempre pronta para tudo e para qualquer situação, tem saídas engraçadíssimas, é mesmo só aquilo que eu mudava nele, mais nada, está tudo ali no ponto (*risos*).

L- Só por curiosidade, porque é que acha que ele reage assim?

M- Não faço a mais pequena ideia, eu já muitas vezes me perguntei se, pronto como eu tenho os problemas das depressões, se terá sido eventualmente por isso, se por ter ido muito cedo para o jardim de infância, não sei sinceramente, ou pronto já é mesmo dele, também pode ser acredito também que seja já do feitio dele, mas... eu acredito que é já do feitio dele porque embora todos estes aspectos estejam a melhorar, e eu penso que vão melhorar cada vez mais mas ele vai ser sempre assim pela vida fora, ele tem que aprender a lidar com as frustrações, com as contrariedades que a vida lhe vai... lhe vai apresentar, as dificuldades, ele vai ter que aprender a lidar com esse tipo de situações, claro que ele é muito pequeno quando for mais velho... o que eu quero é dar-lhe agora as ferramentas e os ensinamentos para ele mais tarde os poder utilizar. Para ele conseguir dar a volta a essas situações, penso pronto que já é dele, e depois podem ter havido outros factores externos como o caso de ter ido muito cedo para um jardim-de-infância e o facto de eu ter estado a estudar e pouco tempo estava com ele, o facto da minha doença e de vez em quando que me vou a baixo, e depois para ele não gritar para não coiso, toda a gente ia a correr e fazia tudo o que o menino queria, pronto aí a culpa é nossa que acabámos por ir cedendo às imposições de sua excelência.

L- Quer dizer tentaram fazer melhor...

M - E acabámos por estragar na altura.

L- Não foi estragar mas acabaram por perceber que não era caso para...

M- Não de forma alguma porque mesmo o irmão que tem um feitio completamente diferente, o próprio irmão cedeu sempre as coisas dele

Comparação;
Birras;
Inconstante

Afectuoso

Qualidades

Causas

Melhorias

Frustrações

Lidar
Estratégias

Causas; Ausência
Materna

Gritar; Manipulação
Criança Cedência

Comparação
Relação fraterna
Cedência

para o Manuel para o Manuel se calar, se o irmão vinha um copo na mão o Manuel dizia que queria aquele copo, muitas vezes nem era preciso nós dizermos «Ó filho dá» o próprio irmão dava.

L- Ele mandava em toda a gente.

Mandão

M- Em toda a gente, o mais novo em toda a gente, exactamente.

L- E agora não.

M- Não.

L – Mas acho que também fizeram um trabalho enorme, e bem feito...

M - Ainda estamos a fazer.

Melhoria

L- Sim mas quando olha para trás...

M- Sim, as diferenças são enormes.

L- Acho que empenharam-se todos muito.

M- Sim.

L – Mas melhoraram bastante.

M- Sim.

L- Eu sou muito sincera acho que não é só uma hora comigo por semana que vai mudar completamente.

M- Sim, sim também é verdade pronto eu falo em relação ao meu filho, outras pessoas nesta situação se estão à espera que seja o psicólogo que vai fazer o trabalho todo desenganam-se, porque tem de ser um trabalho de equipe, quer com o psicólogo, quer com a família, quer com a escola, com toda a gente que lida com a criança, porque senão não vão a lado nenhum, não se faz, é como eu digo é cansativo uma pessoa tem que estar muito alerta, muito sensibilizada para... e com vontade de...

Técnicos

Contexto

Cansaço; Alerta

L- É cansativo.

M- E a pessoa tem que estar sempre muito atenta, eu acho que a atenção é quase que meio trabalho feito, porque o facto de nós estarmos atentos apercebemo-nos que em certas situações agimos de um maneira, noutras situações já temos que agir doutra maneira, e eu vejo que por exemplo agora, ainda ontem eu tinha que o castigar e na altura não sabia... pensei no castigo de lhe dizer «Olha para castigo no próximo fim-de-semana não jogas os 5 minutos de gameboy» mas ele estava-me só a perguntar qual era o castigo e eu estava a adiar «Ó filho ainda não pensei depois falamos, depois conversamos» quando ele me veio pedir para ir jogar

Adaptação
Inconstante

Castigos

Cedência

para o computador, é agora mesmo que eu vou agarrar aqui lá está é o estarmos atentos, sermos perspicazes, e o não desistir, por vezes...

L- Deve dar muita vontade...

M- Dá, mesmo muita vontade, eu muitas vezes só dizia «Eu desisto, porque não tenho mais forças» depois lá está e também e eu aí não tive muita ajuda porque o meu marido não tem a mesma sensibilidade não tem a mesma perspicácia para lidar com a situação e só há relativamente pouco tempo é que ele soube realmente, porque eu acho que ele ao mesmo tempo não queria acreditar que o filho tinha ali um problema, que havia ali um problema com o comportamento dele achava que era eu que dramatizava a coisa e que era ele que era mal educado e por aí fora, quando ele se vê confrontado no ATL com uma situação que eu já não sei o que é que foi...

L- Foi quando ele fugiu.

M- Exactamente, quando ele chega ali e lhe dizem que o filho tinha fugido, só aí na altura...

L- Era a pecinha que faltava.

M- Exactamente acho que foi a pecinha do puzzle que faltava encaixar para pôr tudo aquela encaixagem toda a funcionar, e aí é que ele, a forma de ele lidar com o Manuel mudou completamente, o interesse dele mudou completamente, agora quando... eu aí talvez tenha sido um pouco mãe galinha, as vindas dele aqui à (*Instituição*) eu também o devia ter envolvido mais, mas pronto para não o prejudicar tanto em termos do trabalho, ele tem um horário muito complicado, o ano passado era à tarde que o Manuel cá vinha e ele como trabalha longe e não sei o quê era sempre eu que vinha porque tinha mais facilidades de horário, pronto aí também pronto, além de eu ser um pouco galinha foi também por esse factor, mas agora com a ida por exemplo à pedopsiquiatra disse-lhe a ele «Olha vamos todos» e ele e vai ... amanhã também vai e pronto.

L- Eu depois tenho reunião com ela, é mais por causa da hiperactividade, que eu acho que ele não tem hiperactividade, tem algumas coisas...

M- Tem características.

L- Há estratégias que se aplicam com essas crianças que também o podem ajudar, mas hiperactividade no seu todo eu acho que não tem.

Alerta

Desistir

Falta de apoio;
Ausência paterna

Minimização

Mal-comportado

Dramatizar
Mal-educado
ATL

Fuga

Mudança paterna;
Relacionamento
materno

Envolvimento

Causa

Pedopsiquiatra

M – Eu também é como lhe digo tenho lido muita coisa principalmente na Internet, não sei se as informações são fiáveis se não são, li alguns livros e tudo e depois das características que lá vem havia umas que eram nitidamente características que o Manuel tinha mas havia outras que não, nomeadamente logo por exemplo umas das primeiras que lá vem é dificuldades de aprendizagem por falta de capacidade de concentração, e o meu filho não tem, há fasces que pronto tem dificuldade de concentração porque é tal a agitação dentro dele que não está quieto, pronto, mas não ser capaz de se concentrar não é...

Interesse
materno

L- Na fase da agitação e da distração há algumas estratégias que podem ajudá-lo, mas depois as outras partes...

Dificuldade
concentração

M- As outras partes já não... já não.

Inconstante;
Agitado

L- Eu por acaso tenho ali um livro sobre hiperactividade, que tem umas estratégias eu vou ver se tiro algumas fotocópias daquelas que interessam mais.

M- Ah então está bem.

L- Não vale a pena trazer o livro todo.

M- Pois não.

L- Porque entretanto depois não sabe qual a melhor para ele, eu tiro aquelas partes que interessam mais.

M- Então eu agradecia eu ando sempre à procura de coisinhas que é para... para ter ideias, para saber o que fazer. Ele adora estar comigo na cozinha, outro dia fomos os dois cozinhar (*risos*) foi buscar um avental pendurou-o na dispensa e disse «Mamã este avental é só para mim, é para quando eu te vier ajudar a cozinhar» e então sempre que faço pratos simples...

Interesse;
Relação maternal
Prestativo

L- Chama-o.

M- Para ele vir ajudar e depois digo-lhe, digo-lhe não ele é que me diz «Depois quando eu me casar se a minha mulher não souber cozinhar ou se eu for viver sozinho assim já sei» depois eu faço um bolo ou uma coisa qualquer ele diz-me «Mamã tens de me dar esta receita».

Prestativo

L- Já faz planos para casar ou viver sozinho...

M- Exactamente.

L- Nós temos ali um conjunto de pratos talheres e coisas assim em plástico e ultimamente ele tem escolhido muito isso, e então ele faz coisa para mim como se fosse um restaurante faz as contas e tudo.

M- Há pois ele lá em casa também faz isso, ele por dinheiro é pior que macaco por banana, porque ele é muito tio patinhas ele por dinheiro eu nunca vi.

Dinheiro

L- Conta-o ao tostão.

M- Não gasta nada ele sabe o dinheiro todo que tem e depois só me diz «Ô mamã se precisares de dinheiro para a casa tu podes gastar do meu dinheiro» diz-me mesmo engraçado.

Prestativo

L- Mas ele não compra...

M- Ai não com o dinheiro dele nem pensar, ele junta dinheiro, agora por acaso não tem nenhum objectivo, mas andou com o objectivo que era comprar a televisão e o DVD andou ali a juntar e já tinha dinheiro para isso o irmão lá lhe deu a volta e tal e coiso e comprou, tem aquele objectivo e então junta o dinheiro para isso, no outro dia tinha uns trocados na carteira, tínhamos ido a ...acho que a Sevilha e ele depois ficou com dinheiro ainda na carteira e nunca me pediu para o guardar, deixei estar porque ele nunca anda com a carteira, e houve um dia que ele tirou de lá porque queria levar para a escola, porque queria levar para a escola e pronto «Olha vê lá se perdes ou se to roubam» nesse dia a professora levou uma gramática que ela tinha-nos falado numas reuniões, levou a gramática que era para eles trazerem para nós vermos se queríamos ou não, se quisésssemos para mandar o dinheiro, o bom do Manuel puxou pela carteira e aqui está, a professora «Ó Manuel não é para amanhã...» «Mas eu tenho aqui dinheiro eu pago», eu fui falar com a professora e ela disse-me «Olhe passou-se isto assim, assim» e eu «Está pago, está pago» e depois quis lhe dar o dinheiro a ele e ele não o quis. Ele com o dinheiro é uma coisa, e não foi nada, não foi coisa que lhe tenha sido incutida, enquanto o irmão é o inverso tudo o que tem tudo o que estoura, dinheiro lhe vá parar à mão, aquilo parece que se evapora.

Dinheiro
Manipulação Adulto

Poder
Responsabilidade

Comparação

L- Vamos então ver como é que isto corre até ao fim do período.

M- Hum, hum, então assim começamos a pensar...

L- De vez em quando, uma vez por mês...

M- Ô L eu queria-lhe pedir um conselho, sobre o mais velho, que agora anda também, se não é um é outro, anda completamente desmotivado da escola, não estuda, já me faltou à escola... eles tiraram aquelas fotografias na escola e agora esta semana fui falar com a professora porque as notas dele estão uma lástima porque ele vem passear os livros à escola e volta para casa e não estuda, não pagou as fotografias ficou com o dinheiro para ele, começou a fumar e por aí fora..

Interesse Materno

L- Que idade tem ele?

M- 13 anos, idade critica...

L- Ele está no ..

M - 8º ano, eu já estou mentalizada para ele me reprovar o ano, pronto tirei-lhe aquilo que ele mais gosta, falta-me a explicação não me diz nada nem ao explicador, burro porque o explicador ia-me logo telefonar, e depois faz estas asneiras mas são coisas tão infantis, não é serem infantis, é uma atitude infantil porque ele sabe que no caso do explicador que o explicador me vai ligar logo.

Consequência;
Castigo

L- Não arranja desculpas, nem tenta encobrir?

M- Não nada eu falo com ele e ele cai-se, faz um ar muito infeliz, baixa os ombros e eu «Olha para mim que eu estou a falar contigo gosto de falar com as pessoas nos olhos» encolhe-se e não dá justificações, e eu ando com muito medo, muito receio que o rapaz se me perca pelo caminho...

Medo

L- Ele agora está a entrar numa fase mais difícil.

M- E depois tenho medo também que com as companhias, que é assim eu muitas coisas vou sabendo porque finjo... eles vão passando aqueles bilhetinhos, é assim ele é tão infantil que eu se estivesse com maldade ele encobria essas coisas, deitava os bilhetes fora ou escondia-os, não ele põe as calças para lavar, eu vou ver os bolsos e estão lá os bilhetes, ele sabe que eu de vez em quando vou-lhe dar a volta à mochila porque ele não me arruma a mochila e aquilo é uma lixeira autêntica lá dentro, lá estão os bilhetinhos da namorada, dos outros «Vamos a pé, vamos fumar» e não sei quê...

Controlar

L- Parece-me que ele também está a deixar as coisas... «Olha eu estou aqui, ando a fazer isto..»

M- Eu estou farta de conversar com ele o meu marido fica doido a vontade dele é bater-lhe e não sei o quê então quando eu disse que o rapaz andava a fumar, porque eu não proibi o T. de fumar porque... não sei se fiz bem se fiz mal mas o meu raciocínio foi este quando eu comecei a fumar o meu pai proibiu-me., quanto mais ele me proibia mais eu fumei tenho 41 anos e continuo a fumar eu pensei eu se vou proibir o T. de fumar vai acontecer precisamente a mesma coisa eu o que vou fazer é conversar com ele, alertá-lo para ele ter atenção ao que anda a fazer se é isso que ele quer, ele já estudou na escola os malefícios do tabaco etc, etc. e foi o que eu tenho andado a fazer, o meu medo é porque... ele tem andado a fumar, perguntei-lhe onde é que ele tem andado a fumar, se é dentro da escola ele diz que não é fora da escola, então se é fora da escola é onde quando ele me diz que é ali naquele bairro que fica ali assim eu fiquei...

L- Aquele bairro social...

M Tá a ver e depois penso algum dia não tem cigarros pede a um fulano qualquer e depois em vez de tabaco é outra porcaria e a partir daí... é este o meu drama.

L- Falou com ele em relação a isso?

M- Falci aí é que eu o proibi mesmo de ir para lá mas expliquei-lhe porquê disse-lhe «Olha T. tu sabes que costumam estar ali uns indivíduos a vender drogas tu um dia que não tens cigarros pedes a alguém que pode ser de confiança ou pode não ser porque tu não conheces em vez de te dar um cigarro com tabaco dão-te um cigarro com uma droga qualquer, tu fumas um gostas, a seguir queres outro, e outro ,e outro e é assim que se começa agora se é isso que queres para o teu futuro, vê lá» inclusivamente eu disse ao meu marido eu prefiro estar a comprar se ele continuar, eu sei que não é correcto, mas eu prefiro ser eu a comprar o tabaco e dar-lhe do que...

L- Do que ele andar a pedir.

M- Exactamente, sou sincera eu prefiro fazer isso, tenho andado a tentar que ele deixe, depois o pequenito à perna atrás de mim «Tu disste que ias tentar deixar de fumar» e com razão, eu também digo «Ó filho é assim a mamã promete que tenta mas é muito difícil, muito difícil» ainda ontem

Diálogo

Proibição;
Desobediência

Diálogo
Alertar

Receio

Antecipação
Dramatizar

Proibir
Diálogo

Promessas

a tia chegou lá, ele já não lhe apetecia comer, mas estávamos à mesa e ele estava a comer, assim que a tia chegou começou logo a fazer fita, a ver se culpava alguém não é, mas é que ele não tinha feito fita comigo e com o pai estava a comer.

Bêrras; Manipulação
Criança

L- Mas provavelmente já não precisa já tem atenção.

M – Então eu e a minha irmã fomos para a rua fumar e ele abriu a porta «Tu tinhas prometido que ias fazer aquela experiência» e eu «Aquele experiência» «Sim aquela experiência que tu prometeste» e eu depois lembrei-me e fechei a porta e disse «Vá come e cala-te», ficou todo danado comigo cada vez que me vê a fumar vem me logo cobrar.

Manipulação
Criança

Cobrar

L- Pode cobrar ele...

M- Exactamente e tem toda a razão, ele tem razão.

L- Eu acho que há coisas que o pai ou a mãe é que mandam agora uma promessa.

M –Eu expliquei-lhe «Ó filho é assim a mãe começou a fumar muito cedo» e ele «Com que idade» e eu não lhe quis dizer a idade que foi mais ou menos com a idade do T. para ele depois não dizer então tu andas a ralar com o T. e tu também começaste com a idade dele ele era bem capaz disso.

Tabaco

Ralhar

L- Fazer logo a relação...

M- Logo é automático, e então disse «Ó filho não sei aí 17 18 anos estás a ver a mãe já tem 41, a mãe vai tentar aos poucos deixar de fumar, começar a fumar menos, mas... eu vou tentar, eu vou tentar» porque depois eu... é o que eu lhe faço«Eu não te prometo» quer dizer eu prometi que ia tentar mas disse-lhe logo «Não te prometo que vou deixar de fumar porque eu não sei se sou capaz» e às vezes ele pede-me qualquer coisa e eu digo «Olha filho eu não te prometo porque não sei se vou ter dinheiro para comprar ou tudo depende de como tu te portes», porque é um princípio que eu tenho tanto com um como com outro o que prometo cumprio, o prometido é devido e pronto eles então já sabem quando eu lhes digo que conforme o vosso comportamento ou se houver dinheiro na altura ou se vocês merecerem ou coisa sim senhor, senão já sabem que....

Promessas

Manipulação
Adulto

L- Não há nada para ninguém.

M – Não há nada, só que ele usa mais isso em termos de chantagem, lá está é para chamar a atenção da tia que é para a tia vir para dentro para estar só com ele, aí à bocadinho não lhe contei, ele teve umas saídas para a minha irmã e para a minha mãe de morrer a rir, por causa de andar a dar o sistema reprodutor, estavam lá o gato e a gata e então eles estavam a lambe-se os dois e ele «Ò Chica olha que tu para namorares é só aos 6 anos e para teres sexo só aos 25» (*risos*).

L- Ai namorar é aos 6 anos.

M- Aos 6 anos e para fazer sexo aos 25 (*risos*), houve outra vez que eu e a minha irmã estávamos a conversar e ela estava-me a perguntar «Então e o que é que fizeste e não sei quê» estava-me a fazer uma série de perguntas, e ele «Ó titia tu também tens de saber tudo da minha mãe» e tia «Pois tenho, ela é minha irmã» «Qualquer dia também tens que saber quando é que ela tem sexo com o meu pai» (*risos*).

L- Qual foi a reacção?

M- Desmanchamo-nos a rir porque não conseguimos...

L- É inesperado, não é?

M- É, só a cara dele e sai-se assim de repente com aquilo, nós não aguentamos é que tivemos mesmo pronto... e só há pouco tempo é que me lembrei «Espera esta história toda de sexo e dos gatos tem a ver com o que ele tem estado a aprender» aí eu achei uma piada «Tens de saber quando a minha mãe faz sexo com o meu pai» (*risos*), e muito interessado a perguntar... eu andava a fazer a cama e ele «Ó mamã mas como é que tu percebeste que gostavas mesmo do papá» e eu «Ó filho é difícil de te explicar, quando tu fores mais crescido vais ver».

Interessado

FIM

Anexo C

Entrevista 5

Entrevista Vera (5)

Nome: Vera

Idade: 8 anos

Escolaridade: 2.º Ano (retenção)

Mãe: 31 anos, empregada fabril, divorciada

Pai: 31 anos, cabeleireiro de homens, divorciado

Irmãos: nenhum

Entrevista realizada com a avó materna

A - A Vera ontem tinha uma festa de anos de uma colega, e então ela ... ontem foi... terça, terça-feira, na segunda-feira não se tinha portado muito bem muito respondona, muito malcriada, então o fim-de-semana que vai para a mãe a miúda vem de todo, ela vem de todo, conclusão o pai chegou para almoçar e ela: «Eu vou aos anos da (*amiga*), eu vou aos anos da (*amiga*)» «Já pediste ao teu pai?» «Não» «Então quando o teu pai vier almoçar pede», mas o pai chegou e já ela tinha estado a mandar vir com o avô e a mandar calar o avô, o avô já estava chateado com ela e nisto o pai chegou e disse «Ó menina mas o que é que isto quer dizer?» «Ai o pai és tu o meu avô não manda em mim» «Olha baixa a bolinha, sentas-te aí e comes que a gente depois conversa» começou para ali «E tu tens a mania ...» e nisto «Mas eu vou... vou aos anos da (*amiga*)» e diz o pai assim para ela «O quê tu a mandares vir com o teu avô a tratares mal a tua avó, não vais e quem manda sou eu» «Ai vou e vou» «Já te disse que não vais e acabou, e aí de ti que eu chegue a casa e tu não estejas cá» ela dantes não respondia ao pai, ela não respondia mas a miúda está de uma maneira, que a mãe diz... a mãe diz que disse que a há-de pôr à maneira dela, se ela a quer pôr à maneira dela pôr a miúda malcriada e respondona, ela nisto foi para a escola e eu digo assim «Ó Vera depois se não tiver aqui às três horas vem andando para baixo» ela vinha a sair da escola para casa e eu ia a buscar «Ó avó eu vou só um bocadinho aos anos da (*amiga*)» «Vera o teu pai disse que não ias e não vais» «Ó avó mas é só um bocadinho o meu pai não tem precisão de saber» «não eu não vou devido ao que o teu pai te disse» chorou, chorou «Ó avó e vamos, ó avó é só um bocadinho o meu pai não sabe» «Não vais o teu pai disse que não ias e não

Mal-comportada;
Refilona; Mal-
educada
Contexto

Igualdade de
gerações

Chatear

Autoridade
Igualdade de
gerações

Autoridade

Mudança
comportamento
Culpa
Refilona; Mal-
educada

Chorar;
Manipulação
Criança;
Insistente

vais» chorou, chorou esteve muita hora a chorar eu já estava com a cabeça feita em água «Ó Vera está calada que o teu avô está lá adiante com os animais e depois nós vamos lá ter com ele» aí é que ela acalmou um pouco «à mas eu vou de bicicleta» «Está bem» aí é que ela acalmou mais qualquer coisinha, fogo, e depois com o querer levar de bicicleta já ao cair da noite já eram aí quase 6 horas queria levar a bicicleta, eu e o avô na carrinha e ela queria levar a bicicleta, «Não, não levas a bicicleta vais no carro com a gente» e quem é que diz que ela queria entrar para a carrinha, foi preciso o avô chatear-se com ela «Não vou eu fico aqui eu já tenho idade para ficar sozinha»	Chorar; Cansaço Cedência; Acalmar Manipulação Criança
L- Á pois porque ela agora tem a ideia que já sabe tomar conta dela	
A- «Eu já sei estrelar ovos para mim, e eu já sei fazer tudo e já tenho idade para ficar em casa sozinha»	Autonomia
L- Eu na semana passada falei com ela, «Já sei tomar conta de mim» «Á sim, trabalhas agora, arranjas-te emprego?» «Não» «Não, então como é que compras a roupa, a comida sabes fazer a comida?», tanto que eu depois perguntei-lhe o que é que ela tinha feito e ela «Olha sei fazer isto, aquilo... já sei tomar conta de mim» pois portanto ela agora está com essas ideias...	
A- Pois está com essas ideias, ontem eu estava assim um pouco esquisita e ela «Ó avô deixa-te estar que eu lavo a louça» a louça do jantar dela do pai e do avô ela despachou tudo, e esteve bem, esteve bem. Conclusão, deitou-se em cima do sofá «Ó Vera vamos embora» «Eu não estou a dormir» «Ó Vera vamos embora que tu estás a fechar os olhos» «Ó avô estou só a descansar os olhos» e pronto lá foi mas foi preciso estar a puxar por ela. Hoje de manhã foi para a escola tudo bem, à hora do almoço, tinha feito peixe e ela embirrou que não queria peixe com batatas, foi...mexeu uns ovos cortou salsichas lá para dentro ela fez tudo	Prestativo Elogio
L – Fez o almoço todo sozinha?	
A- Exactamente, já tenho visto pessoas adultas a fazer as coisas piores, e ela lá fez como ela queria, mas deixou adiantar o ovo demais na frigideira, mas depois aquilo era para comer logo, mas foi preciso o avô chatear-se com ela ao almoço, porque depois ela queria atum mas ela é que queria pôr e ela como não come o atum todo, pouco come, eu para não se estragar tirei logo o	Comportamento de Oposição; Chatear
	Comportamento de Oposição Firmeza Birra Autonomia

azeite fora para o pôr no frigorífico «E puseste aí, agora tiraste isso sem eu tirar para mim» pronto é assim.

L – Tem que ser tudo à maneira dela?

A – Tem que ser tudo à maneira dela, é teimosa, teimosa, teimosa.

Teimosa

L – A professora disse que ela em termos de aprendizagem continua a fazer as coisas, ela sabe fazer. Ela sentiu a troca de professores...

A – Eu acho que esta grita demais do que os devia pôr de castigo, só se ouve é (*aluno*) vai para aqui, (*aluno*) vai para ali, vai para acolá.

Grita; Castigo

L – É uma turma complicada?

A – O (*aluno*) atirou uma pedra à cara da minha, a sorte foi bater no lava-loiça, que ainda ficou sangue na cara. O miúdo é terrível, terrível, terrível.

Turma

Ele não se importa nada de apanhar o telemóvel da professora e leva-o para o ATL ou de uma colega, tira o telemóvel faz chamadas para a avó.

L – Falei com a professora de apoio para ter mais atenção à Vera

A – Agora ela está ao pé dela, ela pôs lá em cima ao pé dela.

L – O que acha disso?

A – É pá, para ela... eu acho que devia de ter um bocadinho mais de explicações de matemática porque ela está novamente a fazer fichas de avaliação, já do 2.º trimestre. Não é falta de saber

Dificuldades
Escolares

Capacidades

L – ela é capaz

A – É para despachar, e há um bocadinho disse-lhe assim «Então o que é que já fizeste?» «Fiz a matemática» «E então?» «Fiz umas coisas erradas» coisas simples erradas, e se eu mandar fazer outra vez ela consegue fazê-las. Faz hoje oito dias estive a falar com a professora, quando saí e chamei-a à parte e disse a conversa que nós tínhamos tido aqui por causa do que a professora de apoio tinha dito e eu disse-lhe «É apertar com ela» porque ela só através do respeito é que se faz alguma coisa com ela, ela está-se marimbando para aquilo... pronto a professora tem que ir recuperar o respeito.

Apressada

Capacidades

Firmeza;

Desinteresse
Respeito

L – Quando eu falei com a Vera, fiquei com a ideia que ela respeita muito a madrinha.

A – E por isso a madrinha desaviu-se com ela na segunda-feira e disse-lhe «Não te dou beijinho nenhum porque estou desavida contigo»

Zanga;
Manipulação
Adulto

L – O que aconteceu?

A – Porque ela chamou estúpida e parva à madrinha e que a madrinha «Não manda em mim, não tens nada a ver com isso, não mandas em mim, és má estúpida e és uma parva» e a madrinha «Pronto, tu é que me ensinas Vera» e ela assim atrás de nós «Não me dás um beijinho?» «Já te disse... enquanto tu não te portares bem não quero nada contigo» o que vale é que a madrinha também não está muito tempo com ela. Sai às 08:00 e só quando não vai às aulas é que chega mais cedo, porque de resto....	Mal-educada; Estúpida Igualdade de Gerações Afectuosa; Manipulação Adulto; Indisponibilidade
L – É só aos fins-de-semana que estão juntas?	
A – Não... é, durante aos fins-de-semana não trabalha ao sábado nem, é, salvo erro à quinta-feira porque para ter uma aula não vale a pena sair às 19:00, não merece a pena.	
L – E como é que se dão?	
A - Entendem-se, entendem-se uma com a outra.. Pois, lá se entendem, a madrinha ralha com ela e depois faz ver à Vera como são as coisas, se houver uma troca de palavras entre a Vera e a madrinha...	Relacionamento familiar; Ralhar
L – Ela respeita a madrinha?	
A – Ela respeita a madrinha porque a madrinha não se importa nada se ela começar a levantar demais, não se importa nada... nunca lhe bateu mas «Ó Vera livra-te de fazeres isso porque eu um dia chego-te as mãozinhas ao pelo» e ela começa a rir, pronto é a aquela criança...	Respeito Ameaçar
L – Porque é que acha que ela é assim?	
A – É tal e qual... a Vera tem o feitio tal e qual da mãe, respondona, está sempre a bater na mesma coisa e malcriada, volta e meia a levantar a voz e bater com as portas, é tala e qual tal e qual a mãe «Ó Vera não há fotografia nenhuma mais parecida».	Refilona; Comparação; Mal-educada; Acessos de cólera
L – Ela está a passar uma fase pior?	
A – Está a passar uma fase ruim mesmo, não sei o que se passa, é que realmente a mãe, não sei como é, pensa em querer mandar e levar a miúda quando quer e lhe apetece, mas não pode ser, só pode ir à sexta-feira à noite, fim-de-semana sim, fim-de-semana não.	Inconstante; Incompreensão Culpa
L – Por ordem do tribunal?	
A – Pelo tribunal não pode fazer nada sem autorização do pai e ela queria obrigar o pai a deixá-la ir quinta-feira à noite e o pai disse «Não é que não vai».	

L – E a Vera ouviu essa conversa?

A – Eu acho que sim porque ela depois soube-me dizer logo que saiu a chorar cá para fora a fazer queixinhas «O meu pai não me deixa ir quinta-feira com a minha mãe» e eu disse «O teu pai não deixa ir porque tu não podes ir» «Mas o meu pai não manda em mim» «Então quem manda em ti?» «Sou eu». Eu acho que a mãe, penso eu e não me deixo enganar por muito porque eu durante anos conheci-a muito bem porque estava sempre a querer mandar e não se importava nada de ouvir a miúda a gritar com um, a gritar com outro que ela nunca a emendava, já era assim, portanto a miúda só faz o que quer, porque a Vera quando foi na altura das férias, a miúda teve um mês que não parecia a mesma, basta um fim de semana ir e vem desgraçada de todo, eu não sei... a mãe já há sete meses que não dá um abono para a miúda, não vai pôr no banco foi preciso o meu filho vir a (*localidade*) para tratar das coisas para receber através do tribunal, doutra maneira ela não paga, diz que está a pagar o carro e o meu filho diz «Eu não tenho nada a ver com isso, antes de comprares o carro já estavas a dar pensão à miúda da alimentação portanto não vais pôr no banco vou ao tribunal» «Ai isso é que eu gostava de ver» «Ai vais ver sim».

Chorar

Manipulação
Criança

Autoridade

Gritar
Poder; Culpa
Contexto
Inconstante

L – Para a Vera também deve ser complicado tudo isso

A – Exactamente, mas a rapariga vai mais pelo que a mãe diz do que pelo que pelo pai.

L – Isso acontece muito em casais divorciados, quem passa menos tempo com a criança...

A – Faz-lhe todas as vontades, deixa-a andar à vontade dela

L – E são feitios diferentes...

A – Ai totalmente diferentes, a miúda vai para o café sozinha, a miúda anda ali na rua, toma conta dela. A Vera faz aquilo que quer quando está com ela e comigo não faz. Não faz porque a minha casa tem um portão automático e tem outro pequeno. A Vera está lá dentro e eu tenho que abrir para ela andar de bicicleta ou outra coisa, o portão fica fechado à chave. Eu vou buscá-la à escola, fecho o portão, venho abro o portão ela entra para dentro fecho o portão, não sai de lá, às vezes venho cá acima mas é muito raro, que eu tenho uma colega que tem uma oficina e com raparigas pequenas, não se importam nada de ir para a oficina e aquilo é um bocado perigoso, eu é muito raro

Poder

deixá-la vi cá acima, mas de resto a Vera não sai lá de baixo, é totalmente diferente

L – É totalmente diferente e à Vera agrada mais fazer o que quer.

A – Exactamente, porque ela quando andava com ela, o pai foi-se aos arames com a mãe e perguntou-lhe se ela ia passar o fim de semana com ela ou se era para a miúda ir para a Natação para (*localidade*) com os vizinhos «Se tu pensas que é assim corta daí a ideia» porque ela deixava a miúda ir para a natação só com uma vizinha dela, e o pai cortou isso, não admitia que a miúda andasse sem ser com ela.

L – Portanto a mãe ficava em casa

A – Exactamente, e a miúda ia lá com uma vizinha que não a conhecia de lado nenhum com uma amiga, lá porque era vizinha deixava a miúda andar com qualquer uma não sabia as intenções das pessoas e o pai veio a saber disso, foi ver e não disse nada quando ela veio pôr a miúda a casa ela «Ô menina a partir de agora a miúda sai quando tu saíres, contigo, nem com os vizinhos, e aí de ti que eu saiba»

L – É difícil chegarem a acordo sobre a educação da Vera?

A – Exactamente, porque ela, é que ela diz «Eu venho buscá-la, eu venho buscá-la» «Não vens buscá-la não porque a miúda vai sexta-feira à noite, não é quinta-feira à noite» «Ah mas não posso vir buscá-la?» «Não podes vir sexta-feira à noite vens no Sábado» e depois ela começou a mandar vir com ele, não sei lá porquê e eu digo «Não aí trava, quando a miúda porque a miúda quando de cá vai para ir ter contigo, a miúda vai bem e já mais do que uma vez me telefonas para ir buscar a miúda porque ela quer vir mais cedo e a miúda depois vem e eu tenho que ir para o hospital com a miúda» porque ela assim que vê a miúda assim não é capaz de ir com a miúda porque a miúda quando sai de casa vai com o cartão médico, é porque não quer, conclusão telefona a dizer que a miúda quer ir mais cedo que é para nós depois levarmos ao médico. Isso já me aconteceu vezes sem conta, porque ela só pensa em fazer o que ela quer.

L – O que terá acontecido para a Vera estar a ficar ...

A – É uma miúda que quando não lhe fazem vontade ela grita, berra, é uma estúpida, uma malcriada, bate com a porta e eu vou e digo-lhe «Olha Vera não tornas a fazer isto, porque se tornas a fazer isto dou-te um par de estalos»

Doença

Culpa

Gritar; Estúpida
Acessos de cólera;
Mal-educada;
Ameaça; Palmada

L – E ela?

A – Já não sei o que fazer à miúda.

L – Ela ainda faz birras para deitar?

A – Não isso, tem estado até normal isso estabilizou, é para deitar, vai-se deitar, «Vá toca a tapar-te que eu quero dormir»

Estabilidade

L – E ela fica?

A – Pouco depois quando eu lá chego já está a dormir... entalo-lhe a roupa porque se eu não lhe entalo a roupa ela tem um dormir péssimo e depois não é capaz de dormir arrefece, depois dorme a noite toda porque de resto... pronto... é uma malcriada, uma estúpida, aquela estupidez, aquela mal criação, com toda a gente «És tal e qual a fotografia» «De quem?» «Não é preciso dizer, pois não?» «Não».

Dormir

Mal-educada;
Estúpida;
Comparação

L – Então e castigos?

A – Os castigos com ela acontece o mesmo que aconteceu ontem com o pai... não a deixou ir... «Ò Vera deixa-me, por favor» «Ò avó deixa, ó avó deixa». É que ela não aceita um não, é uma coisa que a Vera não aceita o não. E tem que ser tudo à maneira dela.

Castigos;
Comportamento
de Oposição
Insistente

L – Por mais que lhe diga não, ela insiste.

A – Exactamente, insiste sempre e ontem só visto, esteve mais de uma hora a chorar «Ó avó é só um bocadinho, ó avó é só dar-lhe os parabéns» «Já lhe deste os parabéns na escola». Geralmente os miúdos trazem sempre um bolo «Já lhe deste os parabéns na escola, agora o teu pai disse não, é não» «Mas era só um bocadinho, o meu pai...» «Não, não vais» e não foi mesmo mas eu até tive vergonha de a trazer para cima, metade da obra e da oficina a olhar para a Vera eu disse assim «Tu não tens vergonha?» ela não se importava nada se lhe dissessem alguma coisa e ela dizer algum disparate da boca para fora....

Insistente;
Chorar

Firmeza

Vergonha

Impulsiva

L – E os trabalhos de casa?

A – Os trabalhos de casa... tenho de estar sempre sentada ao pé dela «Tens de estar aqui ao pé de mim» «Está bem eu estou aqui ao pé de ti vê lá se fazes as coisas» e depois lá está, lá resolve e vai vendo. Como o Português, lê um texto e depois responde às perguntas... ela lê... e há uma outra que eu digo também é preciso estar ali a ler como deve ser para a saber resolver, «Olha deve ser assim» «Tá bem». Agora a matemática... «Não é assim, a conta

Trabalhos de
Casa

está errada e a culpa é tua» «Está bem, então vou-me embora e tu depois fazes melhor».

Igualdade de Gerações

L – Mas ela tem que fazer sozinha

A – Mas ela faz sozinha, só que eu digo-lhe «Vera isso não é assim, vê lá... portanto...» como é que eu hei-de dizer... aquilo depois por baixo tem que corresponder com o que está por cima e digo assim «Vês como está em baixo, em cima, não está igual». Lá vai com castigo, mas vai, tudo o que é demais, maior ou menor ou isso assim vai, mas... «Quero fazer as contas» «Sim senhor fazes as contas de um lado e do outro e vês qual é o maior». E ela faz e depois diz maior, menor ou igual.

Capacidades

Difícil

L – Na ficha de avaliação ela errou algumas coisas que tinha feito certas anteriormente. Eu perguntei-lhe porquê e ela respondeu que «Sou burra» «Quem é que disse isso?» «Toda a gente diz» «Eu nunca disse que tu eras burra, pelo contrário».

A – Não, «Vera tu queres ser igual à tua mãe, que nunca passou da 2.^a classe e fugiu da escola?» diz ela assim «Quero lá saber» a mãe, ortografia para ela... é só o nome dela e mesmo assim às vezes... nunca passou da 2.^a classe.

Comparação

L – Desistiu?

A – Desistiu, nem a 2.^a classe fez, fugia da escola porque aquilo também, foi tudo criado à balda, eram criados na rua.

Ambiente familiar

L – A Vera tem capacidades.

A- Pois ela não quer esforçar-se...

Preguiçosa

L – Ela esforçava-se...

A – Ela esforçava-se porque o professor andava ali certinho com ela.

L – É preciso dizer «Quem manda sou eu».

A – Exactamente, ela adorava o professor, ainda hoje dizem «Eu tenho tantas saudades do professor Victor» mas isso não é só ela, são todos, e ela não gosta da professora.

L – A professora tem um papel ingrato porque o professor que gostavam foi embora e ela veio ocupar o lugar dele.

A – E não gosta da professora «É uma estúpida, é isto, é aquilo, só faz é gritar» e depois anda em cima deles, eles portam-se mal e não vão ao recreio.

Estúpida
Castigo

A Vera, por exemplo, não fez os trabalhos todos na aula que lhe compete fazer lá «Vera esses trabalhos são para fazer em casa» depois tem dias que

me aparece com 4, 5 fichas para fazer, digo assim «Olha o problema é teu, desembaraça-te, os outros resolvem, tens capacidade para resolver também» depois está de castigo, Às vezes chega a estar até às sete, sete e tal para fazer os trabalhos da casa «Pá, era uma carrada» «Trabalhasses na escola» «Pois também a professora...» «É castigos em cima de ti para ver se tu abres».	Trabalhos de Casa
L – Ela com o professor consegui fazer as coisas, com esta professora, se ela não estiver sempre com atenção a puxar por ela, ela não gere o tempo dela e trás as coisas para fazer em casa.	Castigos
A – Os outros fazem na escola, fica lá, a Vera não consegue fazer tudo, ou distrai-se ou não sei, ela é muito distraída, qualquer coisinha ela distrai-se e então pois traz para casa. Aqui há dias levava umas coisas que era 1, 2, 3...levava umas seis fichas dessas para fazer, mas isso aí não era só ela eram todos, e ela estava a dizer que levava mais porque à quarta-feira não está na escola, os outros fazem, ela não faz, depois a Vera não faz na escola, vai para casa.	Distraída
L – Isso é um castigo por ela vir cá e não pode funcionar assim.	
A - «Então não fizeste isso» «Foi na quarta-feira os outros fizeram e eu não fiz».	
L – Pois, coitada.	
A – Mas também enquanto ela está ali a fazer as coisas da escola ela está muito bem, no tempo que ela anda lá com o gato ao colo a correr atrás das cadelas, e elas atrás dela... então acho bem que ela esteja ali a ver se ela sossega mais um bocadinho para não ficar com a cabeça tão excitada que a rapariga às vezes o corpo está assente na terra, mas a cabeça está não sei aonde...	Irrequieta; Distraída
L – Há uns tempos atrás para fazer os trabalhos de casa era uma batalha...	
A – Ui, era uma batalha, era uma batalha, chorava, chorava, era uma birra, uma birra, a Vera para fazer bem as coisas da escola tem que vir para casa lanchar e depois fazer as coisas calmamente. Se a gente apertar começa com a birra, não faz nada, a Vera quando está com a birra bloqueia não sabe uma nem duas nem três, bloqueia.	Chorar; Birra
L – Como são as birras dela?	
A – Chora, grita por tudo e por nada, responde mal, é muito malcriada «És uma estúpida és uma malcriada, é isto és aquilo», «Ó Vera mas tu estás a	Chora; Gritar; Refilona; Mal-educada

falar com quem?» «Estou a falar contigo, porquê, não falas também assim comigo?» «Eu falo contigo porque tu portas-te mal» «E tu, não te portas mal?». Eu a maior parte das vezes para não lhe dar um par de estalos senão tinha que andar a toda a hora dar, acabo por não ligar nenhuma e depois dali a um bocado já vem ter comigo «Ó avó senta-te aqui ao pé de mim» e depois a Vera não adianta estar a dizer «Ó Vera despacha-te faz as coisas» não adianta porque a Vera não acredita... não acredita nos conselhos depois acaba por sair, apanhar ar daí a bocado aparece ao pé de mim para eu ir com ela, faz de conta que não foi uma birra.

L – Acaba por ignorar...

A – Depois ignoro e de pois faz as coisas.

L – É maneira dela sair da birra.

A - É maneira dela sair da birra, mas isso agora com as coisas da escola não tem apertado muito, mesmo assim não, agora com respeito... se eu digo «Ó Vera está frio não vás para a rua» «E eu vou, e eu vou» «Não vai não, podes fazer o que quiseses aqui dentro agora para a rua não vais porque está frio e ficas constipada outra vez». Foi no fim-de-semana que se constipou não sei como porque ela abalou-me muito bem de casa, não estava constipada nem nada e aparece-me logo toda ranhosa e muito constipada. Não tendo cuidado com ela constipa-se logo só faz aquilo que quer não se importa de andar ali a tarde toda só com uma camisola em cima e depois olha

L – Quer dizer ela fala-lhe como se fossem da mesma idade

A – O problema é esse, o avô chateia-se com ela e depois diz «Ó Vera não pode ser assim, ó Vera tu falas comigo e com a tu avó como se tivesses a falar com os teus colegas, mas não pode ser assim, se quando vais para a tua mãe fazes isso aqui não fazes. Ou tu comes-te a portar bem e a não seres malcriada nem respondona e a gente entende-se bem, agora sendo assim a gente entende-se mal» o avô chateou-se com ela e ela já tava a querer fazer as pazes com o avô e o avô disse logo assim «Não, 'tou chateado contigo».

L – Quando o avô fizer alguma ameaça tem de cumprir.

A – Ah, isso cumpre, cumpre, e o pai ontem cumpriu «Enquanto tu não te portares como deve de ser e deixares de ser malcriada e respondona, venha lá as tuas colegas, venha lá quem vier não sais daqui» «Pois, mas eu ontem portei-me bem» «Tu portas-te bem, mas já te tinhas portado mal e se fosses

Igualdade de Gerações; Mal-comportada; Palmada

Ignorar

Birra

Respeito

Comportamento de Oposição; Firmeza

Poder

Chatear; Igualdade de Gerações

Contexto; Culpa; Mal-comportada

Mal-educada; Refilona;

Mal-educada; Refilona; Regras

aos anos da tua colega vinhas para baixo e começavas logo a ser malcriada, enquanto tu não mudares...».

Mal-educada;
Manipulação
Adulto

L – Se ela se porta bem tem direito a uma recompensa e se se porta mal é um castigo.

A- Exactamente, com a Vera tem que ser para cima dela, que é para ela não fazer aquilo que quer e se ela quiser ir para a rua e eu entender que não vai, não vai, fecho-lhe a porta e ela não vai

L – Quer dizer a birra para deitar está melhor, os trabalhos de casa também

A – Está razoavelmente, chega a casa lancha e depois faz as coisas da escola, agora se ela não quer aí é que... está com uma crise que a miúda está malcriada... estúpida...

Melhoria;
Rotina; Mal-
educada;
Estúpida

L – É isso que a está a preocupar mais?

A - É isso que me preocupa, é uma criança estúpida... porque ainda agora... não consegui resolver umas perguntas que lá vinham e eu e o meu marido estávamos a falar com um engenheiro da EDP que mora lá perto de nós e ela só tava com as perguntas e depois eu estava mais ou menos a dizer «sabes é assim» eu até tinha dúvidas como é que aquilo era porque aquilo não era colocar a resposta, era colocar a pergunta e a pergunta não condizia nada com a resposta e esse engenheiro foi muito tempo professor de... nas horas vagas era professor... e eu pedi-lhe «Explique-lhe isto porque eu já estou a ficar com a cabeça baralhada», eu já tinha ficado com a cabeça baralhada de a ouvir naquela litanias e depois ela agarra-se a mim... que às vezes... e ele estava a explicar a fazê-la ver qual era a pergunta e depois de ele responder ela vira-se para ele e diz «Ó pá desaparece daqui para fora que já me estás a chatear». Depois de ele mais ou menos lhe dizer as coisas com eram, depois de saber diz «Sai daqui para fora que já me estás a chatear» mas assim com uma maneira que uma pessoa... diz ele assim «Ó Vera eu gosto muito de ti mas eu estar aqui a explicar-te as coisas e tu seres malcriada para mim não gosto disso».

Insistente

Chatear

Mal-educada

L – E ela?

A – Ah... É assim... É que... É malcriada e com aquela coisa de estupidez, pronto o que lhe vem à boca diz tudo, pronto é tal e qual como a mãe tinha sido criada à balda.

Mal-educada;
Estúpida;
Comparação;
Impulsiva

L – Acha que a maneira dela falar...

A – É tal e qual.

L – Como a mãe?

A – É tal e qual, tal e qual. Aquela estupidez, aquela maneira assim histérica, aquelas gargalhadas, digo eu, são gargalhadas tão histéricas eu faz-me uma confusão ela teve uns anos comigo não era nada assim. Agora pronto é isto, pronto, a miúda está pôr-se tal e qual como ela.

Estúpida;
Comparação;
Mudança
comportamento

L – O mesmo feitio?

A – O mesmo feitio, a mesma maneira de responder, de rebocar com as coisas, já tenho dito «Ó Vera estás tal e qual como ela».

Comparação

L – Eu já falei com a professora de apoio para incentivar a Vera...

A – É que a turma é complicada. Enquanto a professora, faz hoje oito dias, esteve cá fora a falar comigo, aquilo os miúdos era pra baixo, pra cima, é «Ó professora» e a professora «Vão-se sentar, eu não quero ver ninguém de pé» lá vinha um «Ó professora posso ir à casa de banho?» «Vai para o teu lugar já» e depois lá vinha mais dois ou três, quer dizer, as crianças principalmente os do 1.º ano, é pá não sei os miúdos na primária são... sei lá, os miúdos é o que eu digo muito sinceramente não sei como é que a professora tem paciência, que ela às vezes... eu às vezes passo no caminho oiço ela gritar e a Vera diz assim «Pois na escola portam-se mal e depois a gente é que paga, ficamos todos de castigo» e eu «Se calhar estás na mesma como eles»

Turma

Falta de
Castigo
Comparação

L – A mudança de professor...

A – Destabilizou, destabilizou a turma.

L – Destabilizou a Vera também.

A – Exactamente. Há lá uma miúda que o pai tem lá uma oficina, que ela fala muito que a miúda chorava, nem queria ir para a escola.

L – Quando mudaram de professor?

A – Chorava, e a miúda é muito nervosa, quem é que diz que a miúda encarava a professora, queria era o professor, que ele é que era bom «Então Cláudia o que é que achas-te?» «Eu gostava era do professor Victor, não gosto dela» e a minha a mesma coisa digo «Filha agora ela é que é a professora têm de ter respeito é a ela não podem querer o Professor Victor porque ele não está cá».

Respeito

L – É uma pena...

A – Só que o professor Victor às vezes telefona para a professora e depois pronto lá está a gritaria por causa do professor Victor.

L – Ele telefona para a escola?

A – Pois, e depois lá estão os miúdos todos a fazer uma gritaria para o professor...

L – Não deve ser fácil acalmá-los outra vez.

A – Já disse à professora se ela se porta mal tem que levar das boas, se ela se porta bem então tudo bem. No dia a dia faço tudo isso, tudo bem sim senhor, pode andar de bicicleta, andar a brincar, é que a Vera quando anda com a (*amiga*) não faz nada bem feito, nada, mete-se... na água, lá em cima no gado, já tenho dado com ela na casa das cabras, e eu digo «Ai valha-me Deus, ó Vera tu ainda ontem tomas-te banho já me andas aí metida outra vez». Ela não se importa nada de ir ter com os animais, de bicicleta há lá uma rampa, que ela uma vez já se estampou uma vez toda, eu estava cá em baixo... o que eu tenho passado com esta não passei com os meus dois filhos.

Mal-comportada;
Castigo;
Brincar

Queda;
Comparação

L – Tem que ter paciência.

A – Ai mas é que é pouca, é muito pouca, mas é que a Vera estoira todo o mundo, tenho alturas que estou por aqui, tenho que sair para a rua, apanhar ar, às vezes chorar, que é para ver se... o que está aqui só sai fora porque a Vera tem muita vez birras, muita muita vez.

Cansaço (mãe)

Birra

L – Quando vir que já está a ficar no limite o melhor que tem a fazer é dar um passeio.

A – Ainda ontem, por causa disso, que eu parece que eu parece que até os olhos me queriam sair «Ó Vera tu por amor de Deus cala-te, que eu não aguento mais, o teu pai disse que não vais, não vais» «Ó avó» «Mau, não é preciso dizer mais nada, ó Vera, tu sabes o que é um não, tu tens que aprender a receber um não» «Ó avó vamos» «Não vou, já disse que não vou e pronto, acabou-se» é que eu já estava saturada a querer sair para a rua e ela agarrada a mim «Ó Vera tu estás-te a agarrar a mim, estás a chorar, calma, não vais, não vais, fazes as coisas fazes as coisas da escola que a gente depois daqui a um bocadinho vamos ter com o teu avô lá adiante» «Ó avó mas... vou de bicicleta» «Tá bem». Nisto, o avô aparece «Pois eu logo vi, já fiz as coisas da escola e agora ia ter contigo lá adiante e agora...» «Mas entra na carrinha que eu tenho que ir lá adiante cortar o cebolo e por isso...» «Então

Insistente;
Comportamento
de Oposição

Cansaço;
Chorar

Cedência

eu vou também mais a avó» pois assim foi, andou a acartar água para regar o cebolo e isso, mas teve que fazer uma birra porque queria levar a bicicleta

Birra

.....

L – Lembro-me de me dizer que ela tinha muito respeito ao pai.

Respeito

A – Pois tinha mas agora responde...e o pai agora abre os olhos «É assim castigo contigo, não vai de uma maneira vai de outra» é que ela agora está a pôr-se malcriada e respondona, o pai disse-lhe «Olha Vera, eu nunca te bati, mas se te chego a pôr as mãos em cima, Vera, ficas toda encarnada» tanto faz nem para a frente nem para trás, não tem respeito nenhum.

Refilona; Mal-educada; Ameaçar; Castigo Desrespeito

L – Isso é de há um mês para cá, se tanto...

A – È a mãe diz, diz que disse eu não ouvi, que quer pôr a miúda à maneira dela, se é isso que ela está a pôr, a ser malcriada e a não respeitar ninguém...

Culpa Mal-educada; Desrespeito

L – Não confrontou a mãe, o pai não falou com a mãe sobre isso?

Poder

A – O pai, o pai fala e ela diz que quando lá está com ela faz o que ela quer, e dá força à miúda à frente do pai, e isto, e depois metem-se em confusões lá...

Culpa

a dizer que a tia é isto e aquilo, e a miúda leva o mesmo ritmo «A minha tia (*nome*) fez isto... e a minha tia foi lá...» «Ouve lá ó Vera e o que é que tu tens com isso? Isso é problema de lá, não tens nada a ver com isso» e depois está tudo, todas juntas uma com a outra, mora ali tudo junto, é isto tudo e a miúda «E ela é estúpida, e ela é assim» «Ai, ai, ai já estou farta de dizer, o que se passa na (*localidade*) passa-se lá e o que se passa aqui passa aqui e acabou, eu não tenho nada que saber o que se passa na (*localidade*). Quer dizer ela fala como se fosse uma pessoa adulta, é malcriada como uma pessoa adulta e pronto é isto «És uma estúpida» e eu não gosto muito de ir sair e já tenho dito «Ó Vera vamos aqui ou vamos ali mas tu vais-te portar bem, porque senão dou-te um estalo à frente de quem quer que seja, se fores malcriada ou se fizeres birra por qualquer coisa» «Ah, 'tá bem».

Igualdade de Gerações

Mal-educada; Estúpida; Igualdade de Gerações; Palmada Ameaçar Birra

L – E ela faz birra em frente a alguém?

A – Às vezes vamos ao Supermercado a Vera quer trazer tudo o que ela gosta, é chocolate, é gomas, se fosse fazer a vontade a tudo enchia o carrinho com coisinhas que ela gostava, as compras do mês eram... e disse assim «Não... levás isto» pãezinhos para o lanche e não digo que não lhe compre um chocolate ou isso...

L – E quando diz que não pode ser o que é que ela faz?

A – Não pode ser... a Vera não fica com um não «E eu gosto... e compro...»
 Ai, faz aquela birrinha «não gostam de mim, pois já sabia e vocês não gostam de mim» começa ali e nham, nham, nham «Pára antes que eu me chateie contigo aqui dentro, porque eu não sou daquelas pessoas que saiem e gostam de andar a mandar vir seja com quem for, e tu já sabes muito bem com é quando fores ao Supermercado com a tua mãe fazes lá a barraca que tu quiseses ao pé de mim, não, que eu gosto muito de sair sossegadinha sem dar barraca» e ela fica a olhar, mas tem que ouvir antes de sair da casa «Vera, mesmo à frente do teu pai, vamos ao Supermercado, mas Vera não me quero chatear contigo, não te ponhas a querer uma coisa e a obrigar-me a comprar, porque eu não te compro, só compro aquilo que entendo».

C. Oposição
 Birra;
 Manipulação
 Criança

L – E o que é que ela diz?

A – Fica a olhar e depois para mim «Gosto deste» «Ó Vera eu compro o que tu gostas» mas vai para casa e a maior parte das vezes, é só naquele dia e depois não compro por isso é que às vezes quer danoninhos e é só no dia, depois digo «Ó Vera estão ali os danoninhos, come» «Agora não me apetece» «Eu não vou pô-los no caixote do lixo, come tu, (pai)» «Não que isso é para mim» e depois só com esforço é que ela come, come pouca coisa e o resto vai fora, quer muito, quer muito e depois acaba por não comer nada. Eu já me têm dito «Então a Vera está em casa?» «É pá, deixa-me que eu este fim-de-semana estou de férias» é uma criança que tem muitas moscas... é pá...

Ralhar

Chatear

Inconstante

L – É quando aproveita para descansar um pouco?

A – É, o trabalho dobra, consigo fazer o trabalho em dois dias que eu não consigo fazer numa semana, ao fim de semana que ela está em casa é uma limpeza normal, quando ela vai é que faço uma limpeza a fundo, porque de resto não dá, não dá, eu digo «Ó Vera vai-te embora...» é eu a limpar e ela agarrada a mim «Eu quero-te ajudar» «Ó pá, está bem, queres-me ajudar, toma o tapete, vai sacudi-lo, vai varrê-lo» mas ela sente-se bem é atrás de mim e eu detesto, a meter coisas dentro e ela tirar «Mas o quarto é meu, quem manda nele sou eu».

Prestativa

Autoridade

L – Ela quer é estar ao pé de si, de companhia.

A – Isso é sempre... «Ó pá vai varrer o teu quarto enquanto eu estou de volta do meu quarto e do teu pai, varre o teu quarto arruma os bonecos» mas ela

atrás de mim é que está bem, eu acabo uma casa, fecho as portas e quando chego ao quarto dela ela fecha-se e depois lá de desarrumar não consegue arrumar nada está «Eu vou-me embora agora arruma tu» «Vera... és uma desmazelada» é outra coisa que é tal e qual a mãe, ... ainda na segunda-feira de manhã ia-me passando com ela, logo de manhã, tira a roupa, fica a roupa toda no chão, deixa lá estar, anda por cima, a roupa nem estava suja mas estava toda amarrotada «Vera tu nunca mais tornas a fazer isto» é um chinelo num lado, chinelo no outro, é uma camisola na cadeira... eu digo que a miúda para encarrilar com isso é muito difícil, é muito desarrumada.

L – É só com a roupa?

A – É em tudo, tudo, eu tenho uma casa das máquinas onde tenho arcas e máquina de lavar, costura e por cima tem um tipo de um sotãozinho, onde ponho coisas que não preciso, de maneira que a Vera vai para lá às vezes, fazer de professora, tem uma secretariazinha pequenina e vai lá faz de conta que esta a lidar com os colegas «Ó (*colega*) isto, ó (*colega*) aquilo» ... aproveita para descarregar e eu «Vera, isso está tudo desarrumado, arruma» «Tá bem» dali a um bocadinho eu saio mas dali a um bocadinho a Vera já anda cá fora a brincar «Ó Vera aquilo ficou arrumado?» «Ficou» chego lá e está tudo uma coisa para cada lado. «Ó Vera anda cá num instante, mas anda cá num instante ou eu ponho-te de castigo» lá vem «O que é que foi?» «Quero aquilo tudo arrumado» só assim... só com a porta fechada e ela quer ir para a rua, só assim é que ela arruma as coisas, porque de resto, larga e vai embora, agora se uma colega, uma amiguinha que vai lá às segundas-feiras almoçar, se a miúda desarruma alguma coisa aquilo é uma guerra «pois e tu desarrumas e depois quem tem de arrumar sou eu» eu já lhe tenho dito assim «O que a (*amiga*) desarruma, arruma e o que tu desarrumas, arrumas» mas não, fico mesmo cansada de todo, só para não me chatear com ela, desconfio que a Vera... é muito difícil ela entrar... baixar...

L – Mas não pode desistir...

A – Não... de certeza, eu faço ver à Vera com castigos, mas nada, enquanto ela não mudar o feitio de ser malcriada e respondona a Vera vai levar castigos, e depois pronto «Ninguém gosta de mim» «Olha Vera toda a gente gosta de ti... mas para tu seres educadinha e a gente andar andarmos bem e contentes contigo, tu tens de te portar bem» tá na altura, daí a um bocadinho,

Desarrumada;
Comparação;
Zanga

Brincar

Desarrumada

Brincar

Ameaçar; Castigo

Relacionamento
entre pares

Difícil

Castigos; Diferente;
Mal-educada; Refilona

Manipulação Criança;

Chatear; Manipulação
adulto
Inconstante

pronto. É que ela tem um feitio que alto lá com ele, se ela for sempre assim com o feitio que tem, quando tiver uma determinada idade não se faz nada dela, ninguém faz nada dela. Porque a gente ali aperta com ela, põe de castigo e não deixa fazer aquilo que ela quer, faz birra, faz birra, birra, mas depois tem que passar, depois vai para a mãe faz o que ela quer e é aí que é o mal dela e ela um dia diz «Pois aqui põem-me de castigo, são exigentes, vou para a minha mãe, ela deixa-me andar à vontade» é esse medo é que eu tenho, porque a mãe dela já levou a escola da avó, porque a avó infelizmente tinha uma corja de filhos e nenhum é filho do mesmo pai, era uma senhora que nunca parava em casa andava só era atrás dos amantes, os filhos foram criados à balda, a Vera se um dia pende a ir lá para a mãe é uma desgraçada também. Segue o mesmo caminho... Pois é, é castigo em cima dela e então está dentro de casa e não sai faz birra atrás de birra «Faz a birra que quiseres, chora, chora para aí, que eu fecho a porta e vou-me embora» chora, chora, chora, deixa chorar. É de todo a rapariga, até faz os olhos, parece que faz os olhos saírem da cara, depois lá acalma, quando vejo que a coisa já está mais calma... já tenho ido dar com ela a dormir, faz a birra no sofá, deita-se e adormece e depois quando acorda pergunto-lhe «Então já dormiste tudo?» «Já».

L – Tem que lhe dar espaço.

A – Exactamente, mas a Vera, nós caímos, já temos ido jantar a um lado qualquer, ela senta-se, ela é muito dada, dá-se ao convívio com toda a gente, as pessoas metem conversa com ela, ela fala com elas, tudo bem, está ali que parece uma pessoa crescida e em casa é que a Vera se porta mal, porque ela fora dá-se ao convívio seja com quem for e em casa é que é este castigo, é só com quem ela tem confiança, dá-se ao convívio mas não... fica assim mais... a Vera não gosta de levar uma estalo à frente de ninguém, agora se for em casa... à frente de ninguém... «Ó Vera eu não gosto de te bater, eu para te bater tenho de estar mesmo mesmo... tu porta-te bem e não queres levar à frente de ninguém pois não? Então está bem» ela às vezes começa assim a falar de mais, digo assim «Alto, pára Vera, as pessoas não são da tua idade, tens que ter respeito às pessoas. Está calada Vera, está sossegada, Vera, está quieta». É pá eu já estou tão cheia, tão cheia, a andar de um lado para o outro, andar de um lado para o outro, e eu detesto estar assim a dar barraca em

Castigo; Birra

Culpa

Medo

Comparação;

Castigo; Firmeza
Birra
Ignorar
Chorar

Manipulação
Adulto
Acalmar

Bem comportada

Contexto

Palmada

Ameaçar

Igualdade de
Gerações

Respeito

Cansaço (mãe)

qualquer lado, puxo-a por uma orelha e digo «Vê lá se não queres levar uma bofetada na cara» Só o puxar a orelha... fica que tempos com a cabeça debaixo do casaco, e pronto é isto, e em casa pronto, eu dar-lhe ou não dar é a mesma coisa... não gosta de levar tendo alguém ao pé dela.

Contexto

Ameaçar; Palmada

L – Não gosta de público.

A – Em casa não tem público, mas em casa é preciso que não esteja lá ninguém porque se estiverem pessoas lá em casa a ver a Vera também não gosta. Só com a família é que ela é assim... e então gosta muito é... o pai às vezes à noite «Como é, as coisas da escola estão feitas? Se estão vai lá buscá-las para eu ver». Lá vai mais o pai, lá estão e o pai não a leva mais porque a põe de castigo.

Contexto

Castigo

L – Mas ela gosta de ir com o pai, não?

A – Pois gosta, ela gosta de ir com o pai, e o pai pergunta «Como é que te portaste?» «É sempre a mesma coisa» «Então portaste mal, o que querias que eu fizesse» dou-lhe conselhos, eu bem tento, tento fazer dela uma mulherzinha, só que a Vera está muito difícil.

L – Está a atravessar uma fase má?

A – Está numa fase muito ruim. Na escola a ver se a professora aperta com ela que é para ver se a Vera está mais concentrada na escola. Porque a Vera embirra em Língua Portuguesa e assim ainda vai, lá às vezes dá uns erros na ortografia da escrita, ela escreve como fala, “ire” e eu digo «Ó Vera então deste um erro no “ir”» “encontrare”, no final da palavra lá vai o E à frente do R. Lá na ideia dela tem que ter o E, quando ela me aparece em casa tinha dado 39 erros «Ai Vera tu querias tantas estalos, tantos estalos como erros destes, devias fazer 20 vezes cada um bem feito» que ela sabe e eu ditei-lhe o ditado todo em casa e a Vera deu 2 erros «Quer dizer, Vera, eu ditei-te em casa e tu tiveste 2 erros e na escola deste 39 erros» e nesse dia fez tudo na escola, nesse mesmo dia trouxeram todos a mesma coisa, e o mesmo ditado e o que foi feito no dia seguinte a Vera deu 5 erros, eu ditei e a Vera não teve erros, também eu em casa dito as coisas mais compassadas, não tem tanto barulho, foi o que eu disse à professora, dito mais compassada, até aí compreendo, no outro dia foi feito o mesmo ditado na sala, tinha tudo erros. É muita distração, eu vi na televisão que muitos miúdos têm dificuldades no ler e na caligrafia, é pá, eles dão um nome esquisito a isso...

Inconstante

Falta de
concentraçãoDificuldades
Escolares

Ameaçar; Palmada

Barulho

Distraída

L – Dislexia.

A – Exactamente, eu realmente estava a ouvir os médicos a falar e estava ... a Vera tem assim estas crises, a distração, não faz atenção nas aulas... porque a dislexia diz que dá para isso, dificuldades na leitura, erros... Pode ser isso e pode não ser, porque a miúda tem um computador daqueles pequenos lá em casa e ela mete as contas lá dentro e consegue trabalhar e trabalha bem. Tem palavras que faltam no computador para completar ela completa-as. Não é um computador normal, é um computadorzinho que ela tem, ela resolve as coisas, e certas perguntas que ela traz na Língua Portuguesa ou Estudo do Meio, tem frases que faltam linhas e ela vai buscar a letra, às vezes é no princípio da palavra e às vezes é no fim e «olha vê lá qual é a palavra que fica ali bem» e ela consegue. A Vera está muito atrasada no ler, só lê bem aquilo que lhe interessa, por exemplo uma cantiga, lê e depois já sabe cantar «Ó Vera se isso mete-se na cabeça e consegues ler isso bem, porque lêes muita vez, e porque é que não lêes assim não escola», é que ela tem tanto livro que eu na maior parte das vezes...sei lá, ela anda lá a brincar com eles, às vezes até é mal empregado, anda dentro de uma mala, livros de histórias de contos, «Ó Vera não te dou, porque é para ires lá para fora e tudo a estragar-se», pronto assim na brincadeira faz de conta que anda na escola com os livros assim no braço, com isto ou aquilo.

Dislexia

Capacidades

Brincar

L – Ela lê uma história.

A – Começa a ler mas depressa farta-se, não, ela dali a um bocadinho vai embora, a miúda não tem entusiasmo a ler, o mal da Vera é que não tem entusiasmo nenhum a ler e depois não desenvolve e tem erros ortográficos, mas se lesse, ela bem que ia corrigindo, agora é que a leitura está muito atrasada e mesmo na escola a professora está farta de dizer que a Vera às vezes quer resolver as coisas sem ler o texto e a professora «Ó Vera não leste bem, lê o que diz lá» e ela resolve, é aquela coisa, é mandriona até para ler.

Dificuldades
Escolares

Preguiçosa

FIM

Anexo C

Entrevista 6

Entrevista Paulo (6)

Nome: Paulo.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 3.^a classe.

Mãe: 33 anos, desempregada, separada.

Pai: 42 anos, recauchutagem de pneus, separado.

Irmão: 22 meses, Francisco.

L: A primeira coisa que eu queria saber é porque é que vem com o Paulo.

M: É assim a professora tem tido dificuldades com ele ao longo de bastante, pronto isto já vem do jardim-de-infância, onde ele andou também tentamos ver se ele ia também e não conseguimos, pronto. Entretanto a professora começou a ter muita dificuldade, é muito agressivo com os colegas e até com as auxiliares trata tudo mal, vai tudo à frente, foi por isso que a professora achou, pronto que ele precisava de algum apoio também para ver de onde vinha o problema dele. Mas ele também pronto, umas vezes está muito calminho, outras vezes quando sai dele...

Difícil
Jardim-de-Infância

Falhar

Agressivo

Psicólogo

Calmo; Inconstante

L: Desde o Jardim-de-infância?

M: Eu acho que ele já vem desde bebé, porque ele sempre foi um menino um... com excesso de vida, às vezes que ele tem ... só que pronto, só que ele sai dele, ele podia ser activo e ser pronto, calmo dentro de activo, mas ele quando ele quer alguma coisa a gente nem tem mãos para o segurar.

Irrequieto
Calmo
Poder

L: Como é que o Paulo reage.

M: Vira-se contra a gente e tudo.

Agressivo

L: Chora, dá pontapés, atira as coisas ao chão...

M: Bate os pés, atira-se ao chão, berra... chora às vezes faz-se de forte para não chorar, ainda este Domingo fez uma birra tremenda à avó. 'Táva a ver que se passava ela e ele.

A. Cólera; Chora
Birra
Descontrolo

L- O que é que aconteceu?

M- Fomos passear à praia no Domingo e entretanto ele deu uma cabeçada pronto num pau que lá estava, de madeira, ia um casal amigo ele respondeu à moça que lá estava do casal e o marido respondeu «Tu não

Queda

Refilão

tratas assim a (*amiga*) porque ela não te estava a dizer nada de mal», começou logo a chorar e pronto e eu disse-lhe «daqui a bocado levás uma palmada, levás uma palmada e já não fazes mais barulho» e ele pumba começou a andar pelo caminho a pé e a gente entrámos no carro e dissemos «Anda para o carro» e ele «Não, não que eu vou a pé» entretanto entrámos no carro e fomos andando até quase o apanhar, o colega meu saiu do carro deu-lhe uma palmada pronto, ainda pior, deu-lhe a palmada e ele começou a fazer birra e desatou a correr e a andar por aí além. Fomos atrás dele e ele nunca parou «Anda para o carro» e ele «Não, não, não» e entretanto a minha mãe que estava também falou «Vá vamos para o carro» e ele continuou e em vez de andar para frente começou a andar para trás. Entretanto a minha mãe apanhou-o e deu-lhe uma palmada valente, e ele sem necessidade de ter apanhado e depois aquela birra pronto deixou logo todos mal dispostos sem necessidade disso mas pronto.

L- Quando é que é mais frequente ele ter estas birras?

M- É quando ele é contrariado e às vezes faz porque... tem um bocado de pancada. Tenho um bebé com 22 meses e até o irmão às vezes... leva dele e tudo pronto sem maldade mas... se ele mexe numa coisa e ele podia aconselhar a não mexer mas não tira logo à bruta e tudo e pronto... porque ele é assim... ele até aos 2 anos e meio ficou com a minha mãe porque morávamos na (*localidade*), e também comprámos um apartamento aqui e ele teve que sair do infantário e ele teve que... pronto, teve que ir para o infantário, o tempo que teve com a minha mãe, a minha mãe tinha mais duas meninas e era ele, e ele fazia a vida negra das cachopas, tudo o que elas tinham na mão ele ia lá e tirava, não deixava elas brincar, pronto foi sempre muito.... Eu digo que é doido, pronto, às vezes com a prima, ela tem uma coisa na mão, ele vai lá e tira para mexer, não tem iniciativa própria... às vezes para pegar num brinquedo e brincar, tem que ir primeiro chatear a vida do outro e pronto, porque ele até é meiguinho quando quer até sabe levar as coisas, pronto... mas é mais aquilo que ele não quer que aquilo que ele quer pronto... Às vezes mando-o ir para o quarto fazer as coisas, ele não quer, é tudo assim, não quer, não quer, não obedece a ninguém, era preciso o meu pai, que

Repreensão
Chorar; Ameaça
Palmada

Fuga

C. Oposição

Palmada

Birra; Fuga

C. Oposição

Palmada

Birra

C. Oposição
Doido
Agressivo

Avó

J. Infância

Agressivo
Relacionamento
entre pares; Doido

Chatear

Afectuoso;
Manipulação
Criança; C.
Oposição

faleceu no início deste mês ele queria...nós, os mais velhos tínhamos respeito a ele, e ele respondia ao avô, dava-lhe pontapés no avô, fazia trinta por uma linha, é assim, não tem medo de nada, sem ser um cachorrinho que lhe faça “Ão, ão”, se um cachorrinho lhe ladra ele tem medo e se uma pessoa lhe ralha ele vira-se contra a gente.

Falecimento
Respeito; Refilão;
Agressivo;
Igualdade de
gerações; C.
Oposição

L – E como funciona na escola?

M - Na escola também, para os amigos ele é muito mau, também com as auxiliares e tudo, aquilo de vez em quando anda tudo...

Agressivo; Mau

L - No recreio, na sala?

M – Dentro da sala também é irrequieto, e às vezes também faz das dele.....

Irrequieto

L – Como foi a gravidez do Paulo?

M - É assim, antes do Paulo eu tive um aborto espontâneo... foi uma gravidez cheia de nervos, tanto de um como do outro bebê, e depois este não mexia na barriga, e eu após ter tido o aborto levei a gravidez cada vez que ia à médica ia cheia de medo, vamos lá a ver, se ela põe o aparelho para ouvir o coraçãozinho dele... mas correu bem.

Aborto Espontâneo;
Gravidez ansiosa;

Medo

L – E o parto?

M – Foi de 38 semanas, é assim, eu disse-lhe a ela que não queria que ele nascesse no dia dos meus anos ela provocou o parto um bocadinho mais cedo, então ele nasceu a 14 de Junho e eu faço a 21 e pronto...teve que usar fórceps, que eu faço a dilatação mas eles parecem que não querem sair cá para fora, tinham que ser puxados.

Parto provocado

Parto difícil

L – O desenvolvimento do Paulo, em bebê, comia bem, dormia...

M – É assim, ele a partir dos 6, 7 meses começou a comer papa, e teve diarreia e a gente não sabia de onde vinha a diarreia e não conseguia descobrir, e pronto, entretanto fomos deixando de dar e dar batidos, depois a cenoura, aquelas coisas, entretanto descobrimos que era da Milupa, era a papa que lhe fazia a diarreia, que ele era... e a partir daí, pronto, ele nunca foi uma criança boa para comer, porque nessa fase levámos imenso tempo para descobrirmos, pronto, donde que vinha o mal e pronto, a partir daí foi normal, mas tanto um como outro são maus para comer, vão petiscando, vão petiscando aqui, acolá. Tanto um como outro são muito maus de comer.

Doença

Dificuldades de
alimentação;
Comparação

L – Tirando a diarreia, teve mais alguma doença de criança, varicela, ouvidos, garganta...

M – Ele teve foi, até teve para ser operado ao nariz, aos adenóides, que ele em 2002 teve consulta e agora este ano foi chamado para ser operado. O Dr. em 2002 disse para ele ter muita praia para ver se ele conseguia respirar porque ele falava muito pelo nariz, ressonava de noite e então fez bastante praia e agora fomos, acerca de três semanas mais ou menos fomos a uma consulta, ele foi tirar um RX que é o que é preciso e já não vai ser operado, mas para lá ir em Setembro outra vez com a praia e tudo.

Doença

L – Com mais um ano de praia.

M – E depois já não vai ser operado. Tem é coisas assim, é destravado da cabeça.

Doido

L – Então?

M – Ele aqui há cerca de quê? Talvez na 1.^a classe, eu trabalhava ao Sábado e tinha que os deixar na minha mãe à sexta-feira à noite, ou passava lá a noite ou então ele ficava com a minha mãe e eu ia trabalhar. Houve um dia que ele não lhe apetecia ficar lá, eu vinha-me embora, foi a correr mal eu tinha fechado a porta da rua, foi a correr para uma janela que o vidro é todo inteiro, estava fechado o vidro, mandou um soco no vidro cortou-se todo, fez isto (*mostra cicatriz no punho da criança*) ia ficando sem tendões, ele faz assim destas avarias, já partiu a cabeça atrás e à frente. E também na escola, as professoras... as auxiliares mandam não andar em cima dos muros, que podem cair, ele abriu o sobrolho todo, isto foi no ano passado, esta aqui foi pior (*mostra novamente o punho*) por vingança de eu me vir embora, foi o vidro, deu um soco e partiu-o pronto. Ali no hospital é conhecido já. Agora à coisa de duas semanas caiu de bicicleta e queimou a cara toda do alcatrão.

^a Cólera

Quedas

Vingança

L – Isso deve ter doído muito...

M – Ele é assim, faz aqueles cavalinhos... tem a mania que é campeão... e depois olha...

L – Bem, és rijo...

M – Pena é que está mau... não é obediente com ninguém, nem com o pai, nem com a mãe, não faz nada daquilo que se lhe diz.

Mau; C. Oposição

L – Porque é que acha que isso acontece?

M – Não sei se ele quer dar nas vistas, de alguma coisa, não consigo perceber porque é que ele é assim. É assim, ele não tem mais da gente por ser ruim porque ele tem tudo, tem playstation, tem Gameboy, tem aquelas coisas todas, eu acho que é coisas a mais que eles têm e depois não sabem dar valor aquilo que têm ... é muito desobediente, mesmo muito ... «Não faças isso» é quando ele faz mesmo.	Causa; Incompreensão; Mau
L – Quando ele se porta mal, como é que...	Ingrato C. Oposição
M – Não o consigo ter de castigo, não consigo e então vinga-se, é pontapés nas portas, é pontapés naquilo que aparecer à frente... muito ruim, muito...leva açoites, só que ele vira-se contra mim, e essas coisas todas, não é.	Castigo; Cedência; Vingança; A. Cólera
L – Portanto, quer com castigos, quer com palmadas, o Paulo não aceita	Castigos
M – Não, às vezes digo a ele «Ficas sem playstation, sem Gameboy» escondo aquilo tudo, mas ele diz que não se importa e continua a fazer maldades.	Mau
...	
L – <i>(para a criança)</i> Estás a fazer um desenho muito giro.	
M – Agora aprendeu a fazer estes passarocos...	
P – Não são passarocos.	
M – Não são passarocos isso?	
P – Não.	
M – Então o que é?	
P – É uma águia..	Igualdade de gerações
M – Então e uma águia não é um passarinho?	
L – Não me digas que és do Benfica?	
P – Não, sou do Sporting.	
M – Agora já és do Sporting? Isto muda quase todos os dias.	Instável
L – Paulo, o que achas disto que a mãe tem estado a dizer? É assim que se passa?	
P – É.	
L – E porque achas que é assim?	
M – Às vezes está a comer, mal chega o prato à mesa, diz logo, «Não como», faz assim ao prato e não sei quê e não sei que mais, isto é tanta vez que às vezes... que às vezes digo ... às vezes a gente ralha... outras	C. Oposição Ralhar

vezes quando ignoramos aquilo que ele está a fazer daí a bocado já comeu o prato todo, gosta de massacrar a gente.

Ignoramos
Insistente

L – Quando não se liga ele acaba por fazer as coisas?

P – Às vezes.

M – Nem sempre... às vezes, nem sempre faz mas gosta muito de nos pôr todos uns contra os outros, ao fim-de-semana vamos comer à avó, ele gosta muito de chatear a cabeça do avô, da avó, e depois lá se porta bem, mas depois de já estarmos todos chateados com ele, não é, não devia ser assim, ele devia portar-se porque já tem 9 anos, já tem direito a ter juízo.

Manipulação
Criança; Ambiente
familiar; Chatear;
Bem-comportado;
Regras

L – É um homem.

P – (*risos*)

L – Então e em casa, no jardim-de-infância, como foi?

M – Ele primeiro não teve no jardim-de-infância, teve na casa de uma senhora que tomava conta de miúdos, pronto foi um bocadinho difícil a entrada dele, porque é assim foi quase três anos com a minha mãe e de um momento para o outro vê-se sem ninguém, foi um bocadinho difícil mas ele gostava que ele entretanto lá gostava de lá estar e no jardim-de-infância também gostou, pois entretanto ficou cerca de seis meses nessa senhora e entrou logo no jardim-de-infância e gostou de entrar, pronto é aquela coisa, que ele com os amigos e com os outros ... o problema dele é desaustinar tudo e implicativo pronto. É como ele, tem um amigo da mesma idade que é o (*amigo*) que não podem estar um sem o outro mas quando estão juntos está tudo estragado.

Jardim-de-Infância;
Ama
Dificuldades de
Adaptação

L – Estragado como?

M – Ainda o ano passado iam os dois para a casa-de-banho, escondiam-se os dois na casa-de-banho dos grandes, à saída... eu acho que ele é bruto, empurrava o outro, entalou o outro que teve que ir para o hospital, pronto, é estas coisas que ele às vezes devia de pensar um bocadinho antes de fazer.

Relacionamento
entre pares
Implicativo

L – Foi um grande acidente, então...

M – Entala os meninos, bate nas meninas, ainda agora nesta reunião, estava lá a mãe de uma menina, até a dizer à mãe, pronto, que eu não tinha a culpa, mas dizer-me que o Paulo implica com todos, esta até é uma das meninas que não implica com ninguém e ele foi atormentá-la,

Relacionamento
entre pares
Agressivo

Impulsivo

Agressivo

Desculpabilização

pronto, foi fazer maldades, e a gente também não gosta, cada vez que eu vou à escola estou sempre a ouvir, e até aqui ao ATL, tem um amigo que ele partiu-lhe o brinquedo tem outro que ele manda-lhe sopa e bocados de comida por cima do outro, é tudo isto assim. Talvez isto também tivesse adiantado mais alguma coisa se fosse um bocadinho mais, por vezes as coisas demoram tanto até a gente conseguir alguma coisa, é assim eu também não tenho possibilidades de pagar e se não fosse preciso mais consultas, se fosse só uma vez mas leva muito tempo até conseguir pagar isso tudo.

Mau
ATL

Agressivo
Culpa

Demorado

Dificuldades
financeiras

(a criança começava a ficar inquieta pelo que lhe foi pedido que fizesse o desenho da família)

M – E agora também no espaço destes dois meses também faleceu o meu pai, estamos parados mas também ele não reagiu nem bem nem mal, continuou calado, o avô também morreu agora no dia 25, não se manifestou são coisas que ele também não fala, pronto às vezes eu pergunto-lhe a ele quando está com o pai, por onde andou, não conta nada, é uma criança que não conta nada.

Falecimento

Reservado

Relação Maternal

L – É reservado?

M – É muito, mesmo o que se passa na escola «O que é que estás a fazer? o que é que estás a dar» nada, não é capaz de contar nada, o que eu sei às vezes é por fora, se vem algum menino que diz que fizeram assim assim e coisa, por ele não é amigo de contar nada nunca, é muito calado.

Reservado

L – Como é a rotina do Paulo?

M – Ele é assim, normalmente chamo-o para a escola às 08:00, veste-se sozinho, come sozinho a correr para ir jogar playstation antes de ir.

Rotina; Autonomia

P – E andar de bicicleta...

M – Agora é a bicicleta também. Aqui há dias foi ao sótão buscar a bicicleta sozinho no 2.º andar e trouxe a bicicleta por aí abaixo, pois é assim, não come muito de manhã, bebe uma caixinha de leite com chocolate daquelas pequenas.

P – Leite com bolinhas.

M – Outras vezes é leite com bolinhas, cereais, é conforme lhe apetece, à refeição diz que não come, não come, não come e depois meto-o de castigo, ele agora não está a dormir no quarto dele e digo-lhe «Se não comes tudo não vais para o quarto dormir» ele acostumou-se a dormir comigo e para não ir para o quarto de castigo come tudo, para depois ir dormir comigo, mas tem de me contrariar sempre e depois é muito bruto, bate ao irmão, faz mal ao irmão, ainda ontem foi uma tourada lá na cama, com as almofadas.	Poder C. Oposição
P – Foste tu a começar.	
M – Não fui não. Ele queria dormir com duas almofadas debaixo.	Igualdade de Gerações
P – Não, não.	
M – Eu disse não que isso faz mal à coluna.	
P – E tu também tinhas três.	
M – Mas as minhas são muito fininhas, então foi lá uma tourada eram pontapés no irmão, eram empurrões ao outro, o outro já chorava com medo dele, pois ele entretanto berra de meia-noite e faz aquelas (<i>dirigindo-se à criança</i>) Quem é essa do cabelo cortado sou eu?	Agressivo Gritar
P - (<i>risos</i>) És.	
L – O Paulo tem um quarto para ele ou dorme com o irmão?	
P – Tenho.	
M – Tem um quarto para ele, que o irmão ainda dorme comigo, pronto, tem um estúdio, quando o irmão for maior dorme um por cima outro por baixo, só que ele não quer estar no quarto dele.	Dormir
P – Não gosto de ficar sozinho.	
M – Não gosta de ficar sozinho.	
L – Um quarto só para ti é uma maravilha...	
P – Não.	
M – Ele ao princípio estava todo contente, o pai ia-se embora e tinha um quarto só para ele dormir, ainda dormiu lá uma vez mas depois não quis mais.	Separação; Dormir
...	
L – Estava a dizer-me...	
M – Vem almoçar ao ATL, depois vem lanchar depois ficam aqui a tarde toda, fazem os trabalhos, ele não faz porque não quer, lá os meninos	Rotina

zangam-se com ele. Entretanto vem para casa, fazer os trabalhos da escola, que ele também não quer logo fazer os trabalhos de casa é muito maroto só depois do jantar, mas depois do jantar também se atrasa, já tem menos vontade.

Zangar

Trabalhos de casa

L – Já está cansado...

M – Está sempre à espera que eu lhe diga tudo.

L – Ou seja, em vez de ser o Paulo a fazer os trabalhos de casa é a mãe que faz...

M – Ele só escreve... muitas vezes é assim, muitas vezes acontece...

P – Não sei.

M – Não sabes, tu é que não te apetece é pensar, se tu fazes na escola também fazes

Preguiçoso

P – É, então porque é que tu ontem também houve uma pergunta que tu não sabias?

Igualdade de gerações

M – Olha porque eu já saí há muito tempo, tu é que estás na escola, tu é que sabes o que a professora diz, a mãe andou na escola há tantos anos que há coisas que eu já não...

P – A avó sabe mais que tu ainda sabe as tabuadas.

M – Isso também eu sei.

P – Tão... mas deve ser a do livro de contas. Pronto já está (*referindo-se ao desenho*).

M – Então são carecas?

P – É (*risos*).

L – Tem hora de deitar?

M – 21:30, 22:00, nunca passa disso. Normalmente é assim, como estamos todos a dormir agora no meu quarto eu ponho o programa lá na televisãozita para 30 minutos ou 60 e entretanto ele chega lá para as 22:00 já está a dormir. Às 21:00, 21:30 vai tudo para a cama, um bocadito a ver televisão, que eles às vezes prolongam as coisas durante tanto tempo que ele já não aguenta tanta coisa e acaba por adormecer quando acaba ele já está a dormir.

Rotina

Dormir

L – E ao fim de semana?

M – É o mesmo.

P – Às vezes acordo cedo.

- M- Ele não é muito de ver televisão nem desenhos animados, lá um ou outro, mas não é muito de televisão, gosta mais de jogar do que propriamente ver televisão. Brincar
- L – E o que ele gosta de fazer ao fim de semana. Actividades
- P – Tenho catequese.
- M – Tem catequese ao Domingo e tem futebol às terças e quintas, mas ele agora há muito tempo já não quer ir ao futebol. Actividades
- L – Então não gostas de futebol?
- P – Gosto.
- L – E porque não queres ir?
- P – É chato.
- L – Jogas em que posição?
- P – Em todo o lado.
- L – Em todo o lado? Guarda-redes, avançado e tudo?
- P – É meio-campo.
- M – Ai pois, e ao domingo tem catequese das 10:30 às 11:30, depois fica lá um bocadinho e vai para a missa, há dias que vai muito bem, há outros que pronto... ele dantes ia ao Sábado à catequese mas como tinha o futebol e entre o futebol e a catequese, estava tudo tramado com a catequese, então passou para o Domingo. Incosntante
- P – Só me fazem é mal... e para ser baptizado tem que se andar na catequese.
- L – Vais ser baptizado?
- P - Não é o meu irmão. Então tenho de ir à catequese.
- M – Mas não é por causa disso. Igualdade de gerações
- P – Ah não? Então é por causa do quê?
- M – Porque tu gostas por causa dos outros meninos.
- P – Ah pois, pois, é, é, da catequese, só o (*amigo*) é que vai.
- M – Só o (*amigo*)? Em tantos meninos só o (*amigo*) é que vai à catequese. É assim ele nunca quis ter irmãos, nunca quis mas quando soube que ia ter um irmão até ficou contente mas ele dizia que nunca queria, nunca queria e cada vez que eu dizia que tinha um na barriga ele não queria e até dava socos na barriga, não queria irmão nenhum. Agressivo
- L – E depois do irmão nascer?

M – Não ele até às vezes, se o irmão cai e se aleija ele chora, ele berra de meia-noite porque o irmão se aleijou, mas se for preciso dá-lhe um pontapé ou uma tareia, dá-lhe sem pensar 2 vezes, mas se acontece alguma coisa chora de meia-noite.

Chora; Grita
Inconstante
Agressivo

L – Fica preocupado?

M – É, mas quando é ele a fazer mal esquece.

Mal-comportado

P – (*risos*).

M – Não é para rir.

P – É.

M – Não é para rir.

L – Como é que ele se porta no futebol com os amigos?

M – É muito bruto com os amigos lá do futebol é pontapé de meia-noite... eu acho que ele deve ter feito alguma aos amigos lá do futebol

Agressivo;
Relacionamento
entre pares

P – Não fiz nada, eu não fiz nada.

M – Que ele agora não quer ir, é capaz de fazer um bocadinho de maldades quando está lá no parque, à espera dos amigos...

Mau

L – Ele é refilão com toda a gente?

M – Estás com sono?

P – Hã?

M – Estás com sono? Isso é maneira de estar?

(*Conversa com a criança sobre a consulta*)

L – Então e amigos?

P - O (*amigo 1*), o (*amigo 2*), o (*amigo 3*), (*amigo 4*).

L – São da tua turma?

M – O (*amigo 4*) não, estiveram juntos no primeiro ano mas na segunda e terceira já não.

L – Ficaram em turmas separadas.

M – Eu acho que foi por causa da mãe... ela diz que foi por causa disso... pertencia lá ao grupo de pais e acho que houve lá qualquer coisa entre o grupo e o director e depois vingaram-se no rapazinho. Acho que ele até teve de ir ao psicólogo por causa disso, porque ele custou-lhe muito também. Estiveram juntos desde o infantário e depois foi assim sem mais nem menos, não é. E como ele, ele já esteve quase para ser dividido, entre ele e esse tal (*amigo*).

L – Que é da mesma turma?

M – Que é da mesma turma, estão sempre, o professor tem de pôr um aqui e outro acolá porque volta e meia há zaragata.

Turma; Agressivo;
Relacionamento
entre pares

L – Lembra-me lá em que classe tu estás?

P – 3.^a

L – E o que vias fazer agora nas férias?

ATL

M – Para o ATL.

P – Às vezes fico com a mãe.

L – Vais para o trabalho da mãe?

P – Não, ela não trabalha.

L – Então ficas com a mãe?

P- E vou andar de bicicleta.

L – Com a mãe.

M – Não tenho.

L- E tens rodinhas ou...

P – Não desde os 5 anos.

M – Foi por isso que queimou a cara toda, caiu de bicicleta.

Queda

P – Não mas isso foi...

M – Foi agora há duas ou três semanas...

P – Isso porque eu ia muito rápido.

M – Nota-se.

(Conversa sobre o desenrolar da avaliação e marcação de nova sessão)

FIM

Anexo C

Entrevista 7

Entrevista Bernardo (7)

Nome: Bernardo

Idade: 7 anos

Escolaridade: 1.^a classe

Mãe: 48 anos, separada (vive com um companheiro), doméstica

Pai: 52 anos, separado, servente de pedreiro

Irmãos: 5 meias-irmãs; Jorge, 18 anos (meio-irmão que vive com a família)

L – Gostava que me falasse um pouco do Bernardo, das suas dificuldades

M – Então é assim, ele nunca, já desde pequenino para ir à escola, quando foi para... ele esteve no infantário nunca gostou muito de ir.

Dificuldades
de Adaptação

B – Só gostei do infantário, é mais melhor.

M – É pá passei um martírio ao primeiro dia e ao segundo dia até pontapés ele dava, não queria ir nem por nada, depois lá foi passando, mas para fazer as coisas foi sempre um martírio, as cores, então as cores, embrulhava as cores todas, se isto era amarelo ele dizia que era verde, primeiro que aprendesse as cores, era um castigo, ainda hoje é, é como ele diz «Vermelho não é encarnado» «Ó filho, vermelho é encarnado, vermelho é vermelho mas também é encarnado» agora ele diz-me assim «Que cor é esta?» eu digo que é encarnado e ele diz que é vermelho, «Pronto é vermelho mas também é encarnado» depois agora entrou para a escola, pronto...

Martírio
Agressivo

Dificuldades
escolares;
Difícil

C. Oposição

L – Com que idade é que ele foi para o infantário?

M – Para o infantário tinha, já com esta dificuldade que ele tinha, foi com 3 anos... eu tinha conhecimento com uma psicóloga, que era uma rapariga que morava lá em cima comigo, que também tinham crianças, ela falou que o menino tinha estas dificuldades, então ele entrou mais cedo, só que foi uma criança que pronto, para desenho era um às agora para o resto...

Jardim-de-
infância;
Psicóloga

Dificuldades
escolares
Capacidades

L – E para escrever o nome?

M – Não, o nome ele escrevia ... agora já não sei... letra à máquina, assim aquela letra à máquina, isso ele fazia bem.

Elogio

L – Como era o Bernardo em pequenino?

M – Era... agora é que ele está... não brincava com ninguém, só queria era estar agarrado a mim, não queria os irmãos, não queria ninguém.

L – Tens irmãos?

M – Diz lá quantos manos tens

B – Uma

M – Não, diz lá quantos manos tens, diz à senhora quantos manos tens

B – Não sei

M – Sabes filho, diz tenho seis mais...

B – Mais seis

M – então, mais cinco raparigas e um rapaz e contigo são sete.

B – E contigo?

M – A mãe não conta, a mãe está a falar das manas

L – Cinco raparigas e dois rapazes com o Bernardo

M – Dois rapazes com o Bernardo que é o mais novinho. Os outros já são grandes, este veio fora de tempo

B – Mais dois

M – Então o (*irmão*) e tu não são dois rapazes, filho?

B – Então e o Bruno?

M – Qual Bruno?

B – O outro

M – Manos, filho, o Bruno não é nada a ti, é marido da tua mana, é teu cunhado, não tem nada a ver filho.

L – Já tens sobrinhos?

B – Já

L – Que idade?

M – tem 4 anos, é o Paulinho, o Paulinho é teu sobrinho

L – É quase da tua idade

M – É uma boa mãe, pois é. E depois pronto, foi para a escola pronto, não quer ir para a escola, é um martírio para fazer as coisas da escola, para fazer as coisas da escola tenho de andar sempre em cima dele, e tem de ser o irmão, o irmão agora está a viver comigo, estava a viver com as irmãs mas agora está a viver comigo e puxa por ele senão... é um

Relacionamento
entre pares;
Relacionamento
maternal

Gravidez tardia

Dificuldades de
adaptação; Martírio
Controlar

Firmeza

martírio, ele sabe tudo só para a escola é que não quer... não quer a escola...

Capacidades
C. Oposição

L – Não gosta de escola?

M - Não gosta de escola.

L - Não gostas de escola ou não gostas do que fazes na escola?

B – Não gosto de fazer as coisas da escola.

M – Eu já disse a ele que ele tem que aprender... que os irmãos também andaram a estudar, não saiu a nenhum que eles não são burros, eles estudaram e coiso...

Regras; Comparação

L – Não gostas da escola mas gostas dos teus colegas...

B – Só dos colegas.

L – Do recreio

B – Brinco, gosto.

L – O horário do Bernardo é...

M – O horário é das 09:00 Às 15:00

Rotina

B – Hoje é que foi.

L – O que aconteceu hoje no recreio?

B – Tive a provar flores.

M – A provar flores?

B – O sabor que elas têm e ou outros também.

L – Estiveram a comer flores?

B – Sim e depois ficamos todos bebados.

M – Deve ser... vai ver que é aquilo é aquela flor que há... que a gente come...

L – Azedas?

M – Não é nada.

Igualdade de
gerações

B – É as azedas, é.

M – As amarelas não é...é as azedas. A mãe quando era pequenina gostava disso, agora é que já não.

Comparação

L – És parecido com mãe nisso.

...

L – Como é que é na hora de fazer os trabalhos de casa?

M – Oh, tenho que eu ir primeiro ver à mala o que é que... oh,... é um castigo, eu ensino-lhe... é o 3 e o 2, ela faz mas... as letras não sabe fazer, letras não faz, só faz números, letras não sabe fazer.

L – Mas recusa-se?

M – Recusa, não quer, não quer e depois «Atão deixa estar não te rales que quando o teu irmão vier depois te abres e coiso» depois o irmão aperta com ele.

L – E nessa altura faz?

M – Faz, faz que ele tem muito respeito ao irmão.

L – Como se chama o irmão?

M – Como se chama o mano?

B – (*responde*).

M – (*acrescenta o segundo nome*).

L – Só com o irmão é que ele faz os trabalhos de casa?

M – E às vezes com a prima, uma sobrinha que eu tenho que mora ao pé de mim, às vezes vai para lá estudar e também ensina.

L – Há birras nas alturas dos trabalhos de casa?

B – Não gosto de fazer.

M – Não gosta pronto.

L – E as birras são só para os trabalhos de casa?

M – É só, para a brincadeira está sempre disposto. Ainda agora digo assim «Vamos lá abaixo» «Não posso, tenho de ir brincar» «Vamos lá abaixo que a mãe tem de ir». Ai, isto para inventar coisas é óptimo, é o que eu digo a ele, é que o pai, pronto... o pai dele, ... dos meus filhos todos, já morreu o pai dos outros, agora o deste também diz que nunca deu nada para a escola, não sabe ler, não sabe...

L – O pai também teve dificuldades na escola?

M – Teve, nunca deu, não sabe ler, ele andou na escola mas nunca deu, ainda hoje é uma pessoa assim, estar a falar com ele ou estar a falar com uma pedra é a mesma coisa. É por isso é que eu larguei dele, já não aguentava mais, por isso é que ele não quer ir para ao pé do pai nem nada, porque o pai em vez de ajudar o menino é só chamar nomes «A tua mãe é isto, a tua mãe é aquilo» é tudo falta, não tem, pronto... e a cabeça dele não dá para isso... Ele (*Bernardo*) é esperto, é esperto e tudo, a gente está

Controlar; Difícil

Dificuldades escolares

C. Oposição;
Manipulação Adulto;
Firmeza

Respeito

Birras

Brincar

Elogio

Comparação

Incapacidade
Causa

Separação

Desavenças
conjugais
Capacidades

a conversar ele compreende as coisas todas, ele... só que... aqui há tempos, na quinta-feira de espiga, estava no infantário ainda e ele costumava ir ao Monte da (*localidade*), e a gente fomos, o meu cunhado tinha um tractor, fomos, e ele chegou à escola e fez o desenho de tudo, o que tínhamos levado, o que não tínhamos, o Monte, tudo, tudo, fez tudo, só que pronto, para ler e escrever é que tem mais...

Jardim-de-infância

L – Mais dificuldade?

M – Dificuldade, no resto sabe tudo.

Dificuldades
Escolares

B – Não era nada um monte, era o Monte da (*localidade*) tinha pedras

M – Pois filho. Fez o tractor, fez a gente a comer, fez tudo, tudo, tudo, as pessoas acharam graça ele fazer o desenho em casa para levar para a escola.

Elogio

L – És um artista

M – Já o irmão tem muito jeito, e o pai,... o pai dele não... o meu filho e todos eles têm... e uma coisa, faz um carrinho numa caixa só a escola... Gostava do infantário, porque no infantário só fazia desenhos e coiso

Comparação
Capacidades

Jardim-de-infância

L – Era diferente.

M – Era uma escola diferente, pois, mas agora tens de aprender, porque agora vais para outra escola nova, tens de aprender. Já disse que se ele não aprender, mais tarde, quer comprar um carro, uma moto ou coiso, depois não pode, não estuda não pode.

Regras

Manipulação Adulto

B – Ah, mas posso andar...

M – PodeS andar, mas tens que aprender a ler, tens que saber ler e coiso.

L – Para conduzir tens que tirar a carta e para isso tens que saber ler.

Igualdade de
gerações

M – Tens que saber ler.

L – E tens que ir à escola.

B – Não é um carro que comprava era uma moto.

M- Pois e tens que estudar para ires trabalhar, tens que estudar

B – Eu não sei o que vou ser.

L – Ainda tens tempo para pensar. Como é o Bernardo em casa?

Brincar

M – Ele pronto, é brincadeira.

L – E para deitar?

M – Não, deita-se cedo, ele agora tem estado de castigo, está de castigo nem vê televisão nem nada.	Dormir; Castigo
L – O que aconteceu?	
B – Estraguei a televisão.	
M – Não foi a televisão que tu estragaste, diz lá...	
B – Foi o comando...	
M – da televisão, o comando tinha qualquer coisa, não estava a trabalhar, ou pilhas fracas...	
B – Eu nunca, gastou-se as pilhas.	
M – Começou a inventar.	
L – A tentar arranjar?	
M – Arranjava, pois acabou por estragar e agora deita-se cedo e não vê televisão.	Estragar
B – Assim estou melhor (<i>risos</i>).	
L – E ele aceita bem os castigos?	
M – às vezes, o mal é que eu não o castigo, o meu mal é esse, ralho, ralho ralho, mas depois...	Cedência; Inconstância familiar; Ralhar
L – Quando ele faz asneira ralha com ele...	
M – Não	
L – Então quando é que ralha com ele, o que é que ele faz para ralhar com ele?	
M – Ele não é assim muito, é só com os trabalhos de casa... e às vezes as coisas que ele faz eu digo «Ó Bernardo não faças isso» e depois estar a falar com ele ou estar a falar com uma pedra é a mesma coisa, não tem ... só tem respeito ao irmão	Trabalhos de casa C. Oposição
L – Quantos anos tem o irmão?	Comparação Respeito
M – Dezoito.	
...	
L – Como era o Bernardo em bebé?	
M – Era calmo, pois, até começou a não querer... ainda cheguei a andar numa senhora em (<i>localidade</i>), que era tipo psicóloga também, que ele não falava muito, não falava com ninguém, depois andei em Lisboa com ele a ver se ele absorvia ou coisa, mas não... opois... já tinha quase 3 anos quando começou a falar.	Calmo Psicóloga Atraso da fala

L – Foi quando foi para o infantário?

M – Pois.

B – Mãe, vou fazer um desenho.

M – Só certas palavras é que ele não diz certo.

L – Para comer...

M – Para comer é a toda a hora, às vezes até ralho com isso, para comer é a toda a hora, está sempre a comer cansa-me, às vezes até pensam que tenho de ir ver se ele tem alguma coisa, come tanto, tanto, tanto esta criança, e não engorda e sumo, é esquisito no comer carne, não quer comer carne, não quer comer peixe, não quer feijão, nem sopas nada assim...

Cansaço

Dificuldades
alimentação

L – Não sobra muito.

M – Se lhe perguntar o que é quer comer ele diz que não sabe, não sabe nada o que quer comer.

L – Come bem ou faz birras?

Autónomo

M – Come, nem é preciso dizer que ele coma, sabe fazer torradas, vai à torradeira faz torradas, vai ao micro-ondas aquece o comer, sabe tudo, as horas a que aquilo coiso... ele é esperto, sabe fazer sandes, ele faz tudo, só que pronto, é o que eu digo para a escola é que ele pronto...

Elogio;

L – Não se interessa?

Desinteresse

M – Não.

L – Desde o início do ano?

Jardim-de-infância
Dificuldades
escolares

M – Pois, mas quando ele estava no infantário já pronto, já perguntavam os frutos, ele não conhece os frutos todos.

...

L – Como é o horário dele?

Rotina

M – É das nove ao meio-dia, vai almoçar.

L – Almoça em casa?

M – Não, almoça lá, está lá ma menina também, porque da minha casa à escola ainda é longe, p'raí quase meia hora de caminho, é um esticão, então como essa moça tem lá um menino também, ela trabalha no (*sítio*), leva também o comer para ele.

B – A outra vez foi...

M – Ela é tia dele, tem carro e ela vai ao pão, vai lá pô-lo a casa.

B – E não soube fazer o fogo, teve lá

L – Depois das aulas...

M – Então os trabalhos de casa, ele diz que não traz, vou à mala, traz, tem que os fazer, não é «A mãe ensina-te mas tu tens que os fazer filho, e o teu irmão também ensina-te como deve de ser»

Mentira; Controlar;
Trabalhos de casa

L – Senta-se com ele.

M – Sim.

L – Se se levantar ele continua a fazer?

M – Não, já não faz, tenho que estar ali com ele, não sei agora também, não sei se a professora não puxa por ele, não sei, eu acho que a criança esta coisa, ó pá está mesmo muito coiso...

Culpa

L – Está atrasado.

M – Está muito atrasada, há certas coisas... pronto na altura da minha escola era m muito diferente do que é agora, há coisas que eles trazem para fazer que o meu filho tem dezoito anos e andou a estudar e diz «Ó mãe não compreendo nada, não sei fazer isto mãe» pronto é que é mesmo assim há coisas as crianças têm que fazer, têm que ler, se as crianças não sabem ler, não conseguem fazer. Se ele não conhece as letras nenhuma não pode fazer, tem que ser outra pessoa não é, que é mesmo assim, tenho que estar eu a ler primeiro, às vezes há coisas de que eu não sou capaz de fazer, deixo para trás que não consigo, pronto as coisas hoje em dia é um bocadinho mais complicadas, eu acho que para mim podiam ensinar as crianças primeiro a ler e a juntar letras e só depois coiso... mas não, começam logo a trazer logo fichas p'ra ler, coisas p'ra ler, que a criança não sabe ler, que é mesmo assim, se ele não sabe ler não pode fazer.

Dificuldades
escolares
Incapacidade

L – Precisa de alguém que leia para ele.

M – Pois, tem que ser, porque... às vezes não sei vou chamar a minha sobrinha «Ò (*sobrinha*) vê lá que a tia não percebe nada disto» e não, há fichas que eu ... quer dizer agora fez... os trabalhos da escola fez, uma mãe cheia de fichas a minha sobrinha ensinou-lhe e coiso.

Trabalhos de casa

L – E a seguir aos trabalhos de casa?

M – Ora, é brincadeira... põe-se a ver televisão, outras vezes gosta muito de ver televisão, telenovelas ele gosta de ver.

Brincar

L – E ao fim de semana?

M – É uma coisa que nunca sai, ‘tá sempre ali com a gente

L – Tem amigos da idade dele?

M – Não, pronto, é assim, tem a minha sobrinha já tem onze anos mas é assim uma piscazinha, que de vez em quando também vai lá brincar com ele, tem um miúdo que é a mesma coisa, o miúdo tem seis anos

B – O (*primo*) porta-se um bocadinho mal.

M – Tenho um sobrinho que mora quase ao pé de mim mas esse nunca vai, é uma criança que não pode estar ao pé de ninguém, que isso também só sabe fazer é mal, só sabe fazer aquilo que não deve também, com oito ou nove anos é pior que este, de resto é raro lá estar com crianças, é só a gente, só, não tem assim crianças que brinque com elas.

Relacionamento
entre pares

L – Portanto ao fim de semana andas lá por casa?

M – Anda lá por casa, entretido com a brincadeira, a andar de bicicleta ou a brincar com os carrinhos.

L – Faz alguma actividade, catequese...

M – Anda na catequese à sexta-feira, é isso, anda na catequese

L – E ao Domingo, vai à missa?

M – Não à missa não vai, só faz catequese, mais nada, ele não quer ir, não gosta... Acho que na escola faz as coisas, a professora manda-o fazer, ele deve fazer, não sei como... lá na escola faz as coisas, não fazes Bernardo?

Actividades

B – Faço.

L – Portanto em casa não sente dificuldades a não ser no que diz respeito à escola.

M – é só da escola, de resto ele sabe tudo, é só na escola.

L – Porta-se bem...

M – Arruma o quartinho, o meu filho (*nome*) diz-lhe «Vá Bernardo vai arrumar o quarto está todo desarrumado, ele arruma o quarto todo», é só a única coisa que é só a escola e resto ele faz tudo, sabe fazer tudo...

Prestativo
Desarrumado

L – Disse-me que ao fim de semana não costuma visitar o pai...

M – Há já dois anos... ele ainda chegava a lá ir, mas depois o pai, só, às vezes, eu ia pô-lo lá acima ele começava a tratar-me mal ele ouvia, depois dizia que o pai era malcriado, o pai era mau...

Ausência paterna

L – Deixaram de ir...

M – Não, quer dizer não proibi, não disse «Não vais, não vais» não ou «Queres ir para o teu pai» não queres ir eu também não obrigo... pronto não quer ir...

L - O que a preocupa é a escola?

M – É a escola.

L – O não aprender ou o não gostar?

M – Não, coiso, não gosta da escola, às vezes há manhãs que faz um berreiro não quer ir para a escola. Agora com as férias isso é uma alegria p'ra ele. Mas hoje foi bem, mesmo assim.

Chorar; Manipulação
Adulto

L – Quando ele não quer ir como é que faz?

M – Tem que ir, tenho que o obrigar e vai, e vai mesmo.

Firmeza

B – Já está quase (*referindo-se ao desenho*).

L – Porque é que acha que ele não gosta da escola?

M – Não sei, não sei bem, não compreendo... só quer brincar, brincar... pronto eu acho que se a professora puxasse mais por ele, ele era capaz de ... porque ele faz as coisas, só que... ele não é burro, só que pronto...

Incompreensão
Culpa

B – Noutro dia fui no carro.

Ambivalência

L – O que aconteceu?

B – Eu e a (*colega*) fomos buscar... pôr uma bandeira que caiu e fomos num carro naquele... e depois para baixo fomos os dois em cima de um carro, era assim a descer, atirava uma pedra, a descer.

L – Levavas pedras no carro e depois atiravas?

B- Não.

M – É um carrinho que ele... é uma caixa dessas plásticas da fruta e ele fez... tem umas rodas e um pau assim para dentro tipo um carrinho e foi lá para cima para o Monte da (*localidade*) mais a minha sobrinha e levaram o carrinho aquilo é só pedras a descer (*risos*).

B – A (*colega*) foi um bocadinha má para mim.

L – O que é que ela fez?

B – Estava uma pedra enterrada, ela empurrou-me e fui parar quase aos picos e depois mal alevantei e aleijei-me nos ferros.

M – Nos ferros do carro.

(*Marcação da próxima sessão*)

L – Falta só escrever aqui o teu nome.

B – Ah não sei.

Elogio

M – Tu quando queres sabes tudo.

B – Não sei quais é as letras, ainda não aprendi.

M – Também só Bernardo é o que sabes fazer, não sabes fazer (*apelido*)

B – Claro que tu me ensinaste (*soletra o nome*)

Igualdade de
gerações

L - Não sei se tem alguma pergunta que queira fazer

M – Não, só o que eu queria era que a professora puxasse mais por ele

Desejo

L – O que gostava de mudar?

M – Mudava... se ele tomava interesse na escola.

Desinteresse

L – Como correu a avaliação deste período? Já recebeu?

M – Não, não recebi nada... pronto é que ele é muito teimoso... o irmão dele andou na escola, só ele... Pronto.

Teimoso
Comparação

FIM

Anexo C

Entrevista 8

Entrevista Bruna (8)

Nome: Bruna.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 3.º Classe.

Mãe: 35 anos, casada, empregada por conta própria.

Pai: 37 anos, casado, empregado por conta própria.

L – Queria saber como é ser mãe da Bruna.

M – Vamos lá ver, ser mãe da Bruna é assim... eles têm comportamentos normais, quer dizer das idades, mas depois há aqueles, continuam a ter birras como as crianças pequenas, ah, estes comportamentos deles assim (*risos*) é um bocado difícil. Não sei se a Bruna se enquadra num padrão normal de uma criança de 8 anos porque eu às vezes olho para os colegas dela, ela é um bocadinho mais irrequieta, mais revoltada, mais mal-educada, e isso também tem a ver com a flexibilidade daquilo que a deixo fazer ...

L – Isso passa-se só consigo ou...

M – É assim, há crianças muito educadinhas, muito sossegadas, não é, isto tem outras causas das crianças serem assim, ou são por elas próprias, a própria maneira de ser deles já é assim, ou então porque se calhar elas são educadas com aqueles padrões, pronto, não podem fazer isto, com aquelas regras, eu por causa da Bruna ter aqueles problemas à nascença, sentir-me com pena, pronto, não castigo a menina, não bato na menina, ela gradualmente começou a abusar, e então o comportamento dela deixou de ser aqueles comportamentos de regras, ela é capaz de irmos para um sítio qualquer e responder-me mal em frente das pessoas, há outros dias que é capaz de ir comigo a qualquer lado e comportar-se lindamente, quer dizer nunca se sabe como é que ela...

L – Vai reagir...

M – Como é que ela vai reagir, isto eu tenho a consciência que se deve à educação que eu lhe dei e porquê? Pronto porque tenho pena da menina, porque não sei quê, não sei quê, não sei quê, eu sei que não devia ter feito isso e agora gradualmente estou a pagar pela flexibilidade e pronto...

Birras
Difícil
Comparação
Irrequieta; Revoltada;
Mal-Educada;
Permissiva

Causa

Educação

Regras; Doenças
Pena; Castigos
Cedência; Abusar
Regras
Mal-educada
Bem-Comportada;
Inconstante

Educação
Culpa; Causas
Pena; Consciência
Pagar; Cedência

toda a liberdade que eu dei, que não devia ter dado não é, no fundo os comportamentos das crianças têm a ver com a educação que elas recebem.

L – Acha que é uma questão de educação?

M – Eu acho que é uma questão de educação, de ambiente tem tudo a ver não é porque nós podemos dizer assim a uma criança, acho que não tem a ver com a parte financeira, isso pode ajudar em determinados casos mas não tem nada a ver... tem a ver com a estabilidade emocional que a criança possa ter em casa, isso aí é um dos factores porque se os pais forem pessoas stressadas com muitos problemas, isso reflecte-se na criança, pronto se os pais forem pessoas muito calmas, a criança também por muito agitada que ela seja ela não consegue ver em casa essa agitação, acaba também por...

L – Abrandar?

M – Abrandar não é, e depois o factor financeiro eu acho que não é...pode às vezes ter consequências ou para uma melhor educação ou para uma pior educação, mas isso tem a ver com os próprio pais, não é, a maneira de pensar dos pais, ou a maneira de reagir dos pais influi mais tarde a maneira de ser também da criança.

L – Quando ela reage assim, é consigo, com a professora...

M – É assim ela reage basicamente comigo, reage com outras pessoas, mas vai medindo gradualmente até que ponto é que a outra pessoa a deixa avançar.

L – Vai experimentando até onde pode ir.

M – Não é uma pessoa nova, ela tem que ter já uma relação de confiança; com os avós, com a terapeuta, com a professora, quer dizer, se a deixarem, ela precisa de já ter um convívio bastante elevado e nessa altura em que ela já tenha confiança com a pessoa começa gradualmente a tentar abusar não é, se a pessoa a deixar ela vai ainda mais, se não a deixar então retrai-se e acaba por aí, agora pode chegar às vezes a extremos, a bater, a gritar, a chegar a ponto de descontrolar por completo para deixar fazer isso.

L – Portanto ela reage assim quando a contrariam? Chora, grita...

Causa

Causa; Ambiente Familiar;
Estabilidade emocional;
Stressadas

Agitada
Calma

Finanças
Educação

Causa

Relação materna;
Testar

Confiança

Cedência
Testar; Abusar
Firmeza
Acessos de cólera

M – Essa fase do chorar e gritar já estão um bocado... agora é capaz de «Não faço isso, não quero» quando era mais pequena chorava, gritava, fazia aquelas birras quase... de sentar-se no chão, e assim, isso acabou porque a idade também é outra, agora é capaz de «Não ponhas isso aí, sai daqui, vai-te embora» estas atitudes que isto é má educação, não é outra coisa, e depois geralmente ela faz isto à frente de alguém, quando está comigo não.

L – Com audiência?

M – Pronto, e ela parece que gosta de fazer isso, para... ainda não consegui saber, ou para mostrar a supremacia dela, ela é que me domina não é, ou então para me envergonhar perante as pessoas, não sei bem ainda qual é o objectivo dela.

L – Como é que costuma reagir quando ela faz isso?

M – É assim, eu tento reagir com calma, perante as pessoas e depois na retaguarda reajo de outra maneira, digo que a castigo, às vezes castigo-a, às vezes leva uma palmada, quando chega mesmo assim... e depois quando ela acalma... só que depois quando ralho com ela, faz-se de vítima «O que é que eu fiz? Eu não fiz nada» claro, primeiro fico completamente passada como se costuma dizer e depois, quando ela, ela depois começa a chorar, a fazer-se de vítima e coitadinha, eu aproveito essas alturas para tentar dialogar com ela, eu dizia-lhe que não estava correcto, mas já vi que isso não adianta, porque...

L – Porque depois ela volta a fazer?

M – Eu fui com ela ao médico na terça-feira e ela, quer dizer, ela não tem confiança com o neurologista, ela só lá foi duas ou três vezes, mas, como ele a põe assim muito à vontade, então ela começa a fazer essas tais coisas, tira a fita «Guarda-me a fita, não ponhas nesse bolso, põe no outro bolso, e eu vou-me embora, não vou esperar mais tempo» quer dizer começa a ... criar estas situações em que eu, perante os outros, uma pessoa quase que fica envergonhada, não é, porque isto é... comportamentos de má-educação ou seja eu tenho a consciência disso, e às vezes custa-me castigar porque depois ela chora muito e parece que fica com falta de ar, porque o ... ela depois faz o papel de vítima tão grande...

Melhoria

C. Oposição; Chorar
Gritar; Birras
Igualdade de
Gerações; Má
Educação; Contexto

Incompreensão

Vergonha

Calma (mãe)

Castigos; Palmada

Ralhar; Manipulação
Criança; Descontrolo;
Chorar
Repreensão

Confiança

Igualdade de
Gerações

Vergonha;
Mal-educada;
Consciência;
Permissiva; Chora;
Manip. Criança

L – Que chega uma altura em que a mãe já começa a pensar que...

M – Que aquilo já não está a dar outros problemas que se ela não fica depois afectada, mas quer dizer, eu sei que ela não fica, porque ela reage assim muito mal se eu lhe dou duas palmadas e ela chora, a partir daí ela comporta-se como uma menina exemplar, não é, pronto é irrequieta e isso assim mas também não podemos estar a querer «Agora fica aí quietinha», é capaz de seguida ajudar-me a pôr a mesa, a ir para a cozinha falar comigo, a participar comigo nas coisas e...

L – Tem um efeito calmante quando ralha com ela?

M – Se eu lhe ser uma palmada, tem um efeito calmante, é, é, ou então digo assim «Agora não te vou buscar à Escola Primária, vens na carrinha do ATL», por exemplo, durante dois ou três dias. A partir daí comporta-se bem, que é para depois ir buscá-la à escola não é, só que eu «Pronto, portaste-te bem e não sei quê» e cedo só que ela é capaz de passados dois ou três dias voltar a fazer a mesma coisa. Mas isto é assim, o comportamento dela também tem a ver porque nós em casa também temos uma vida um bocado agitada, e depois como temos negócios estão sempre a surgir problemas, eu e o meu marido trabalhamos, pronto, juntos e depois acontece também levar para casa...

L – O trabalho.

M – Os problemas do trabalho, «Temos de fazer isto, temos de fazer aquilo» às vezes discutimos os problemas dos clientes em casa, para os resolver, outras vezes acabamos por discutir os dois porque estamos em desacordo com qualquer coisa e dá-me ideia de que isto também reflecte-se no comportamento dela e quando eu falo na minha filha como exemplo, os outros pais deve ser a mesma coisa, há pais que discutem e não sei quê, não sei quê, e tudo isso reflecte-se no comportamento da criança, se fazem isto à frente da criança, não é, se não fazem, não mostram aquele ambiente assim todo cor-de-rosa, é lógico que ...

L – As coisas não podem estar sempre bem, há dias mais complicados, outros mais fáceis.

M – A Bruna, pronto também foi assim a... acho que... e depois há outras coisas, que é os filhos que são criados só com as mães, os filhos que são criados com o pai e com a mãe, também temos de ver isso, a

Desculpabilização
Consciência
Palmadas; Chora
Bom-comportamen.;
Irrequieta;
Prestativa;
Afectuoso

Palmada; Acalmar
Manip. Adulto
Bom-comportamen.;

Cedência
Inconstante
Causa
Stressada

Desavenças Conj.

Causa

Ambiente familiar

Ausência Paterna

Bruna ... é assim eu também posso mudar as coisas de um momento para o outro, eu tenho consciência de que posso mudar as coisas de um momento para o outro, é assim, a Bruna até aos 4 anos foi criada só comigo, não é a ... é lógico que eu aí tive um comportamento diferente com ela de como se ela tivesse ali um pai e uma mãe juntos, porque a Bruna é muito agarrada a mim, ela não é capaz de passar uma noite em casa da avó, sozinha com os avós, ela não é capaz de passar um dia inteiro até às tantas da noite sem eu estar presente...

L – É uma relação de muita proximidade...

M – É, e eu dá-me ideia que isso deu origem e que ela agora também seja... muito agarrada.

L – Possessiva?

M – Não é só possessiva, é agarrada ... quer dizer eu faltando ao pé dela, parece que desaba o mundo não é ... eu sou a causadora também desse tipo de instabilidade que ela tem porque... dá-me ideia que é isso... uma relação só sempre de mãe e filha, o pai estava por exemplo duas, três vezes por semana mas não era aquele tempo suficiente que...

L – Comparado com o tempo que estavam juntas?

M – Sim, sim, sim, pronto e depois estive muito tempo com ela em casa... até pelo menos aos dois anos e isso agarra muito... as crianças também precisam daquela independência, os médicos diziam «Ponha-a no infantário» mas o meu marido «Não, a minha irmã toma conta dela e tu ficas com ela» isso não é...

L - Às vezes há um certo receio dos pais de deixar os filho no infantário com muitas crianças e só uma educadora...

M – Pois, mas é assim eu hoje digo a todos os pais não metam as crianças em casa dos avós, não metam as crianças nos tios... só mesmo em ...

L – Por necessidade?

M – Porque é a base logo da educação da criança, a independência da criança, a estabilidade, parte logo por estar ... pronto no Jardim-de-infância, acho que aí eles tornam-se independentes, começam logo a enfrentar problemas, a perceber o que é a amizade, o que é que é o conceito de grupo, de partilhar as coisas, de... é diferente do que uma criança com a avó ou com um familiar que ...

Consciência

Ausência paterna

Relação materna

Dependência

Causa

Instabilidade

Ausência paterna

Indisponibilidade

Relação materna

Educação

Jardim-de-Infância

L – Que lhe dá mais atenção?

M – Isso às vezes é bom, outras vezes também não... não é das melhores coisas... aí depende... mas quer dizer eu acho que aquelas crianças que são educadas pelos avós, ou por qualquer familiar pronto, são mais os avós, que a criança fica mais insegura porque...

L – Está mais protegida.

M – Acaba por ser isso fica mais protegida, não tem aquelas coisas todas como os outros que estão no jardim, eu se soubesse o que sei hoje se calhar tinha ido logo para o Jardim-de-Infância, a... agora por exemplo com as amas eu acho que as amas em relação à educação das crianças não é o ideal, porque as amas tomam conta das crianças em casa e geralmente uma mulher quando está em casa, tem a preocupação não só de tomar conta da criança, mas é ter outros trabalhos, o trabalho da casa não sei quê, não sei quê, e então a criança está ali como uma forma de ganhar dinheiro. O Infantário já está preparado para ... a função da educadora é tomar conta da criança, tal como a assistente e não trabalhar noutra coisa, a ama já não é assim, e trabalhar em casa e receber algum dinheiro, e então a criança não é apoiada, eu falo isto porque a minha cunhada tomou conta de crianças e pelo aquilo que eu vejo, acho que não é, ela é muito boa pessoa, ela tem montes de crianças, tem às vezes que rejeitar as crianças porque... pronto, não tem espaço para ter mais, mas...estão deitadas num espaço assim pequeno, achatadas, se elas saiem dali ou vão à casa-de-banho, perdem-se pelo caminho, porque as crianças são curiosas, se vão ao quarto ou vão à sala ela começa a ralhar com elas, há aquelas mais atrevidas que começam a mexer nas coisas e levam palmadas, quer dizer isto não é maneira da criança estar num bom sítio para ser educada, para ser... para passar o dia não é, longe dos pais acho que...

L – Provavelmente as condições não são as mesmas.

M – E a tendência das amas é bater mais nas crianças do que nos infantários. Nos infantários não batem nas crianças. Mas o infantário tem condições próprias por muito mauzinho que seja, a ama... têm vantagens só porque os pais às vezes têm de trabalhar até mais tarde e precisam de alguém que tenha horários...

Educação

Insegura

Protecção

Jardim-de-Infância

Amas

Palmadas

Indisponibilidade

L - Mais flexíveis...

M – Todos esses factores desde o início, onde a criança é, onde fica... as pessoas que a rodeiam, o próprio ambiente tudo isso tem influência no comportamento da criança... basicamente é isso.

Ambiente familiar
Causa

L – Quais são as maiores dificuldades que sente agora com a sua filha?

M – As maiores dificuldades é exactamente isso, é a má-educação dela, portanto o responder, de uma maneira autoritária, controlar isso é que...

Mal-educada
Refilona

L – É a sua preocupação agora?

M – É isso porque ...ele sente-se... não sei bem é aquilo que eu estava a dizer, não sei qual é o objectivo dela... quando ela começa a tratar-me dessa maneira, a minha preocupação é acabar com isso...

Incompreensão

L – Com esses comportamentos?

M – Porque a própria (*terapeuta*) também me diz que aqui assim...às vezes senão lhe mete a mão às vezes começa a abusar a querer fazer o que ela entende.

Incompreensão
Abusar

L – A querer ser ela a mandar.

M - A querer ser ela a mandar, porque tem a noção, quer dizer ela tem a noção que eu em casa, quanto mais preocupada estou, aproveita-se para abusar, para então ter esses comportamentos abusivos, se ela sabe que eu ando preocupada por causa de ... ter coisas para pagar e aquelas preocupações todas e ela quando vê realmente que eu ando preocupada, porque eu não consigo esconder, sou uma pessoa que não consigo esconder exteriormente e então ela apercebe-se e abusa...

Mandão
Manipula. criança
Mal-comportada

L – Aproveita.

M – E porque quer comprar qualquer coisa e eu digo-lhe «Não, Bruna, há-de haver uma altura, há o dia Mundial da Criança, há não sei quê...» «Mas isso ainda falta muito tempo, eu quero isso».

Firmeza
Manipul. Criança

L – Tem que ser para já.

M – Então mas... grita, que às vezes deixa-me assim com os cabelos... e depois eu tenho calma, faço de conta que não ouço nada, deixa-a estar ali a gritar até...

Grita
Calma (mãe);
Ignora

L – Portanto, ignora o que ela está a fazer?

M – Pronto, outras vezes fico irritada e pronto, ou sai palmada ou sai castigo ou sai um grito e depois também fico ainda pior do que já estava.

Irritada; Palmada;
Castigo; Culpa

L - Quando reage assim como é que se sente?

M – Como é que eu me sinto, quer dizer... como é que vou explicar... sinto-me depois tão irritada, penso que por não ter antes... há anos atrás ter sido de outra maneira, e fico completamente descontrolada, fico sem saber o que é que ... o que hei-de fazer, porque eu chego a alturas em que chego a um ponto que se eu já estou enervada por um problema e tento não interaccionar isso com ela, ver se não entro em choque «Olha, deixa-te estar aí a brincar eu vou ver se faço as minhas coisas» mas ela apercebe-se e começa ali assim a ... a massacrar mais com outras coisas, e então perco o controle e... e ... a minha maneira de ficar depois...

Irritada;
Descontrolada

Nervosa
Ignorar

Insistente
Descontrolo

L – Mas arrepende-se...

M – Quer dizer arrependo-me, mas não naquele momento mas passado aí meia-hora arrependo-me por ter batido ou gritado, porque a causa desse comportamento fui eu ... não é, se eu tivesse imposto regras, logo de início quando ela tinha p'raí uns 4 anos, se eu em vez de ceder em certas coisas... ela ia ao Supermercado gritava que queria um filme, eu era capaz de comprar, eu se calhar nessas alturas se tivesse dito não, não é a... hoje já não seria assim, eu dá-me uma ideia que é isso e então fico... primeiro fico num estado de nervos que a minha vontade às vezes é desaparecer (*risos*) outras vezes... e depois pronto, depois vem a fase do arrependimento não é, mas... e depois digo assim «Pois, mas na altura ela era muito magrinha, frágil...»

Arrependimento
Palmada; Culpa
Causa; Regras
Cedência
Gritos; Manipul.
Criança; Firmeza

Nervosa

Arrependimento

L – É a primeira filha?

M – É, então pronto, é aquelas coisas que a pessoa começa «Coitadinha é muito frágil tem estes problemas» e não temos sempre o sentido de culpa dos problemas, que eles têm embora não tenhamos culpa, mas é muito difícil os pais não sentirem culpa, porque eu pensava que era só comigo, esse sentimento de culpa, mas não é, eu lá na maternidade, há uma situação em que a criança nasceu também prematura como a minha embora com outros problemas, enquanto a minha não tinha problemas tão graves nem era tão prematura quanto esta... ela não queria ver a filha, não queria aceitar a filha, dizia que não era dela, que não a queria ver, não a queria ver e nessa altura acompanhei-a durante dois a três meses e ela

Ambivalente
Doenças; Culpa

Prematura

não queria ver a filha, as pessoas depois ficam sempre com o sentido de ... no caso dela era diferente mas no meu caso é o sentido de culpa.

L – Embora não tenha tido culpa.

M – Não sei, o médico diz que não, a psicóloga diz que não, e eu digo que sim. Mas tenho outra mãe que tem pronto... a miúda também nasceu prematura, conheço o caso de mais duas mães quando converso com ela, ela diz «Pois a minha filha é muito irrequieta, também faz birras» mas eu não sei, isto durante a gravidez eu andava sempre irritada, andava sempre com discussões e tudo isto deu origem a que a criança... a Bruna nasceu com problemas, a educadora na altura teve um bebé prematuro, é o segundo filho, outro dia estive a falar comigo e disse «Olhe, posso fazer-lhe uma pergunta?» «Pode» «Durante a gravidez teve assim fases...» «Tive» «È que o meu filho nasceu assim» quer dizer as pessoas andam sempre à procura de respostas, porquê, porquê, porque depois os médicos não dão, e nós então temos que parece inventar coisas para...

Comparação

Irritada; Gravidez
ansiosa;
Dificuldades
conjugais

Causa

L – Arranjar explicações?

M – Uma compensação de porque é que aquilo aconteceu, não é, e provavelmente dá-me ideia de que é assim, para superarmos os problemas dos filhos deitamos culpas a nós, para viver, pronto, o problema eu tenho que tratar, cuidar, aceitar tudo, porque a culpada fui eu.

Compensação

Culpa

L – Dão a compensação?

M – Acaba por ser isso, e depois tem influência no comportamento das crianças, porque eu vejo assim. A Bruna é uma criança que tem problemas, uma criança que tem um grau de deficiência, não pode ser tratada como certas crianças, mas a conclusão a que eu chego, é que estou errada na maneira como a educo, mas tenho a consciência que ela com os problemas que tem devia ter uma educação rigorosa, exactamente como uma criança que não tem problemas nenhuns, não é? Eu digo isto na teoria, na prática não é assim, eu tenho a consciência que se ela desde bebé levasse uma educação como uma criança normal, segundo os padrões normais, pronto não se deve dizer isto porque ela dentro do meio dela tem o padrão dela de normalidade, mas pronto...

Causa

Educação;
Consciência

Comparação

L – Se não tivesse compensado tanto...

M – Que hoje se calhar ela não reagia da mesma maneira...

L – Provavelmente nessa altura fez o melhor que achava, o melhor que sabia.

M – Sim.

L – O saber que o comportamento da Bruna não está certo e como pode mudá-lo...

M – Sim, mas vamos lá a ver, eu não estou de acordo consigo no aspecto de que os pais fazem o melhor que podem, não, eu falo por mim, não é, eu tenho sempre a consciência de que aquilo que estou a fazer naquela altura não está a ser bem, agora às vezes o meu estado, a minha própria maneira de estar, porque é assim, há tempos eu tive que andar a tomar calmantes e se calhar vou ter de tomar outra vez, porque tenho dois negócios e tenho de andar a correr de um lado para o outro e depois tenho de ir para (*localidade*) e para a (*localidade*) e depois venho com a Bruna para aqui, e tudo isto às vezes ...

L - É uma grande correria...

M – É uma grande correria e depois os próprios negócios em si às vezes têm problemas, ou porque o cliente deixou a roupa estragada, ou porque estragaram a roupa, ou não sei quê, ou porque agora deixa de funcionar e eu gostava de ir lá resolver os problemas mas não posso porque tenho de ir buscar a Bruna à escola, tudo isto às vezes mexe comigo de uma maneira que se eu não andar calma as coisas não funcionam, de maneira nenhuma, então é assim, eu há tempo tive de ir tomar ... a médica de família deu-me calmantes e eu andava 5 estrelas e a razão porque digo isto, que quando ando muito calma isto reflecte-se no comportamento da Bruna e então o meu marido é uma pessoa que pode estar o mundo a cair que ele consegue controlar as coisas, consegue ser uma pessoa calma, e eu não sei, já é de nascença ou já é da maneira como me educaram assim... eu expludo muito facilmente, eu sou uma pessoa que com qualquer coisa sou capaz de sei lá... fazer abanar a casa toda, eu tenho que tentar ficar... passados cinco minutos posso esquecer tudo, mas tem que ser assim eu quando ando calma, e que foi essa situação, eu andava calma, ela fazia as birras e eu conseguia lidar com aquilo, «É assim vai para o teu quarto de castigo, ficas aí, assim de portinha fechada quando te passar essa birra então vens falar comigo, então aí falamos com calma,

Consciência

Medicação
Stressada

Calma (mãe)

Medicação
Causa

Educação

Descontrolo

Birra; Lidar

Castigo

agora não quero saber de mais nada» mas eu preciso de estar calma para fazer isso não é, e ela agora anda numa fase um bocadinho abusiva, agora de há dois ou três dias para cá anda com uma infecção urinária, sempre na casa de banho, e isso para mim custa-me muito, e eu não vou dizer assim «Vou-te dar um estalo ou vou-te pôr de castigo, quando tu estás assim tão doente», é estas coisas... mas eu tenho consciência de que ela se está a portar mal, agora eu se calhar, se estivesse muito mais calma era capaz de... ter... ou dizer assim, não aquilo que eu penso eu faço, portanto quando os pais fazem o melhor que podem ou o melhor que sabem às vezes não é assim... às vezes o próprio estado de espírito dos pais é que os leva a reagir daquela maneira, não é, por isso eles podem fazer melhor...

L – Mas na altura não conseguem.

M – Pois eu acho que os pais é que se devem tratar a eles, para poderem tratar os filhos, temos que ver as coisas assim.

L – Claro que há uma dinâmica na família, para mudar uma criança também vamos ter de mudar o ambiente em casa.

M – Eu acho que às vezes quando se diz assim a criança tem insucesso escolar, a criança tem insucesso escolar por causa... pode ser do comportamento, vá lá, parte sempre do que ela tem em casa, por exemplo a Bruna é uma criança que às vezes em casa não tem dos melhores ambientes mas eu não deixo de a motivar para ela gostar de estudar, ela vai à explicação, ela participa nas aulas, como outra criança qualquer, pronto ela no fundo tem um apoio da minha parte, porque eu tenho consciência que uma coisa não tem nada a ver com a outra, agora os pais que... as crianças têm insucesso escolar às vezes também não tem a ver com o comportamento dos pais, os pais às vezes têm consciência do que estão a fazer não é, e também não tentam ajudar os filhos para que isso seja resolvido, não é depois a educadora de apoio ou a psicóloga ou isso assim que têm de resolver isso, porque a psicóloga e a professora de apoio, sim senhora, naquela altura estão presentes, dão ajuda, duas, três horas a partir daí... os pais é que têm que ter consciência... é por isso que eu digo os pais é que se têm de tratar, para poderem ajudar os filhos, eu neste momento sei que daqui a dois ou três dias vou ter de ir ao médico,

Abusar
Doença
Pena
Palmada; Castigo
Culpa; Consciência;
Calma (mãe)
Mal-comportamento

Incapacidade

Ajuda

Insucesso escolar

Ambiente familiar

Motivação

Participativa

Apoio

Consciência

Falta de apoio

Ajuda

porque eu ando outra vez com uma vida muito stressada e analisando isto tudo para aí é capaz de o comportamento que ela teve já de há quatro dias para cá e que ela teve comigo estar já... sido... ter a ver com isso não é?	Stressada
Agora é assim... temos que nos tratarmos para podermos ajudar os outros, porque não posso estar a dizer sempre que ela é mal-comportada, ela é mal-educada, ela é assim porque eu a deixo ser...	Mal-comportamento; Causa, Ajuda Mal-educada; Cedência
L – E está preparada para mudar isso?	
M – Eu já ando há muito tempo preparada, porque ando gradualmente, só que há alturas em que eu consigo, pronto consigo tomar aquelas atitudes de as regras agora são estas, e há alturas em que eu não consigo, mas tenho consciência que não estou a conseguir.	Regras; Inconstância familiar; Consciência
L – Mudar o comportamento é um trabalho continuado, implica muita mudança.	
M – Sim, não se pode dizer assim «Eu a partir de hoje vou fazer assim e calma, não se fala mais nisso» ...até nós próprios adultos....	
L – Era um choque muito grande.	
M – Mas eu acho é que de há tempos para cá, até mesmo quando ela começou a vir aqui à (<i>Instituição</i>) ela tinha um comportamento que agora não tem, ela agora tem 8 anos, o que falta é limar, o que eu acho que na Bruna falta limar é ela ser respondona, pronto, ela ser respondona é isso que falta limar nela, não pode ser de um momento para o outro, não é dizer agora assim «Agora, pimba, cada vez que responderes mal vou-te bater» isso...ela (<i>risos</i>) ela é mais comum... para muitos sítios até que ela começa a habituar-se a apanhar e não pode ser assim não é, ela tem que começar...tenho de arranjar maneira de ela começar a entender que aquilo não é a maneira correcta de falar com a mãe à frente das pessoas, como ela às vezes em vez de dizer o pai ou a mãe diz ele ou ela, mas... isto também tem a ver com...eu já estou farta de dizer «Ela» em vez de «Bruna» ou «A minha filha», nós às vezes a falar eu pergunto ao pai «Olha vê lá o que é que ela está a fazer», não devia perguntar assim, devia «Olha vê lá o que é que a Bruna está a fazer».	Melhoria Refilona Palmada
L- Porque os miúdos muitas vezes...	
M – Apanham aquilo que nós fazemos.	
L – Apanham a maneira de falar.	

M – E nós em casa «Ai é muito feio a Bruna estar a dizer ele ou ela, é a mãe e o pai» mas se ela também ouve que como pessoa é tratada como ela, ela também deve pensar «Porque é que eu não trato os outros assim» temos que ver as coisas desta maneira, não é, nós é que... dizer assim uma criança é mal-comportada, é porque os pais deixam, não é mais ninguém, é porque os pais deixam, porque não têm condições ou não têm capacidade de resolver a situação, por isso quando a criança tem mau, isto é a minha perspectiva, quando uma criança na escola, é o caso da Bruna, às vezes é capaz de ...ela desde que começou a tomar (<i>medicação</i>), começou a ter mais confiança, a ser um bocadinho mais atrevida, já a dar umas respostas à professora que antes não dava, foi o que disse a professora... a professora disse que não era mau, porque ela já estava a abrir mais e já se estava a expandir mais, e eu disse «Olhe, a partir do momento em que seja abusiva, corte, imponha-lhe regras, se agora for mais espevitada ou responder de uma forma que veja que ela esteja a ... pronto a ser mais confiante... tudo bem agora a partir de uma certa altura que ela seja mesmo malcriada imponha regras». Pronto ficou assim com a professora. Mas não é uma criança que seja malcomportada, que faça disparates na escola, não nada disso a... Agora aquelas crianças que realmente vão para a escola, são mal-comportadas na escola, em que os professores chamam os pais e os pais «Ponha-os de castigo e não sei quê, não sei que mais» e depois chegam «A professora é esta, a professora não sei quê, e trata o miúdo assim» aí quando a criança...precisa sempre de um apoio, mas os pais é que deviam ser chamados à responsabilidade, dizer, mas os pais também não assumem... não querem assumir a responsabilidade deles, porque imaginemos o seguinte, no seu caso, está a seguir uma criança com problemas, e consegue ver na criança que aqueles comportamentos são reflexos de situações em casa, eu acho que o chamar os pais não é, para os obrigar... às vezes tem que ser assim, e os pais abrirem-se com os psicólogos ou alguém que esteja a seguir a criança que isso era muito importante, era muito importante porque primeiro os pais conseguiam exprimir tudo o que não conseguiam fazer com a criança, e porque, por outro lado, quem estava a dar apoio à criança podia também falar com a criança «Olha eu faço isto assim porque há este factor e este e	Mal-comportada; Cedência Incapacidade Medicação Melhoria Regras Mal-educada Bom- comportamento Mal- comportamento; Castigo Apoio Responsabilidade; Ambiente familiar Apoio
---	---

este». Os pais nunca fazem isto não é, agora uma psicóloga, com outras palavras, sabendo o que se passa, era capaz de tentar ajudar mais a criança. Muitas vezes eu dá-me ideia de que estão lá as educadoras, está lá alguém mas que não sabe o que está na retaguarda.

L – Tem que compreender o passado para compreender o presente

M – Eu acho que é assim, o meu marido diz «Vais para a (*Instituição*), vais para todo o lado, falas com toda a gente» Não é falar com toda a gente, é a minha filha que está em jogo e tudo o que posso fazer por ela, para a ajudar, eu faço, não tenho nada a esconder. Se dissesse assim, faço isto assim, não sei quê, sei que era uma pessoa catalogada má para a sociedade, agora ter problemas que no fundo muita gente tem... não é caso único... porque dizer assim numa família nunca discutimos, é mentira... eu e o meu marido já estamos juntos há 20 anos, trabalhamos todos os dias desde há 20 anos desde manhã até à noite, quer dizer, eu acho que é uma maratona, nós ainda continuamos juntos, agora temos momentos maus, temos momentos bons, mas nós temos de enfrentar isso tudo, é como noutra situação qualquer, agora a pessoa não assumir porque pensa que vai ficar malvista perante os outros, eu acho que isso é que é um grande erro. O comportamento da criança é assim, está na criança aquilo que são os pais, eu vejo as coisas assim. Não sei se quer saber mais alguma coisa...

Culpa

Rotular

Comum

Ambiente familiar;

Desavenças

conjugais

Causa

L – Quais são as expectativas que tem em relação ao comportamento da Bruna?

M – Portanto, mudar já mudou, agora o que é que vai ser daqui para a frente... é assim, é como eu disse há bocado, eu vou ter de tratar de mim primeiro para poder fazer... ou seja exigir aquelas regras à Bruna, do género de «Estás a portar-te mal, o teu castigo é este» e fazer isto com muita calma, porque nós temos de fazer isto com muita calma, temos que mostrar que estamos seguros daquilo que estamos a fazer, e ela aperceber-se de que não vamos ceder, e pronto... eu sei que tenho de me tratar a mim e depois fazer isso, agora... porque é isso que eu quero e é isso que eu tenho de fazer, não é por tomar uns calmantes que me vai fazer mal... assim eu sei que consigo reagir bem com ela e sei que ela vai melhorar o comportamento, quando eu estou muito calma ela em casa

Melhoria

Ajuda

Regras

Calma (mãe)

Firmeza

Medicação

porta-se bem e temos uma relação bastante agradável, quando eu estou pior ela porta-se pior, por isso é que eu digo trata-se primeiro os pais e depois trata-se os filhos, esta é uma das coisas que eu tenho de fazer para... é assim eu não vou para o psicólogo para me ajudar a resolver os meus problemas, porque eu tenho consciência que quando uma pessoa não consegue fazer nada aí tem que procurar um psicólogo, que lhe esteja a dar auto-estima para conseguir enfrentar as coisas, não é o meu caso, que eu sei muito bem o que se passa, mas sei que também que o próprio stress, que é agora a palavra da moda, de há um tempo para cá, e que está a dar origem a eu não estar com capacidade de impor regras, a partir do momento em que consiga estabilidade eu consigo impor as regras, eu sei que a Bruna também vai ficar mais estável e vai compreender «Não, não sou eu que estou a mandar na minha mãe, a minha mãe é que está a mandar em mim e eu vou ter que obedecer». É porque ela pensa às vezes que eu sou um boneco, ou que sou um dos colegas dela lá da escola, ela grita «Escreve na folha, vai escrever, escreve» depois agarra-me na mão... e às vezes chega a dar-me um pontapé naquela de «Tens que fazer o que eu quero» portanto ela reage comigo como se fosse ou uma irmã mais nova, ou um boneco ou uma colega da escola... e ela tem que entender... se eu disser assim, não... ou se eu disser «Não fazes, sai daqui»... isso não é bom... isso é um erro... isso é um erro de educação que os pais podem dar, agora se eu disser «Olha isto está aqui e não sai e acabou» e se ela começar «Vai fazer isto» «Não faço» e voltar a pôr as coisas assim, com esta calma, aconteceu duas ou três vezes, mas isto... A reacção é logo «Não faço, não quero fazer isto» e é doutra maneira assim, um bocado mais agitado e não pode ser assim, quanto mais faço isso mais ela vai arranjar, somos capazes de estar ali meia-hora naquela... naquela guerra, e eu tenho que mudar, forçosamente, tenho que mudar isso, porque ela tem oito anos, se eu continuo a ceder, quando ela chegar aí aos treze anos, então é que eu não faço nada dela, também tenho a consciência disso, não é, é a adolescência, é «Eu faço aquilo que quero, a minha mãe não manda em mim, agora eu vou para onde quero que a minha mãe não manda em mim».

L – É uma fase mais complicada.

Ajuda

Consciência

Stress

Incapacidade;

Regras

Estabilidade

Igualdade de

Gerações

Agressivo

Regras; Firmeza

Educação

C. Oposição

Calma (mãe)

Agitado

Igualdade de

Gerações;

Cedência

Consciência

Mandão

M – E nessa altura pensa-se noutras coisas e não pode ser, eu acho que daqui até aos dez anos tenho... até ela acabar o primeiro ciclo, eu tenho que pôr fim a isto. Não pode ser... e depois é mal-educada comigo, é mal-educada com os avós... é mal-educada... por exemplo o meu pai diz «Não saís aí da mesa» «Ai mas eu vou comer...» «Sais daqui...» porque ela gosta muito que o meu pai lhe esteja a descascar fruta e a dar «Sais daí do teu lugar na mesa e vens para a minha frente» ela levanta-se do lugar dela, mas... senta-se à frente do meu pai... é... quer dizer... o meu pai já começa também a... a minha mãe é assim mais flexível, mas o meu pai já... então é assim ela quando está com os meus pais é capaz de estar muito bem, pronto faz um disparate ou outro, a minha mãe ralha com ela, mas quando eu chego ela destabiliza logo, muda completamente, por isso é que eu estou a dizer, eu é que sou a causadora disso e eu é que tenho de resolver isso. Agora capacidade eu tenho, mas...	Mal-educada
L – E vontade?	C. oposição
M – Vontade também.	Firmeza; Cedência
L – As condições que tem à sua volta também a condicionam...	Ralhar;
M – É isso... não podemos dizer assim, que a pessoa não tem capacidade, todas as pessoas têm capacidade, desde que depois tenham condições para o fazer. Eu acho que uma pessoa pode estar mal de dinheiro, a pessoa pode estar muito preocupada, pode ter montes de problemas, mas é o que eu digo, o que eu andei a tomar não foi bem calmantes, foi tipo... está bem foi tranquilizantes, para aumentar a auto-estima, não sei quê, não sei quê, pronto só isso foi suficiente para andar bem naquela altura. E eu tinha consciência que se eu fizesse o mesmo agora, se eu for à médica de família e lhe explicar a situação, e ela me receitar a mesma coisa, que eu consigo estabilizar nesse aspecto e consigo resolver também os problemas da Bruna, todos os pais que queiram resolver os problemas dos filhos só têm que fazer uma coisa, é procurarem ajuda... agora é assim, eu acho que se a minha filha... mas é o que eu digo às pessoas têm que ser abertos para poderem resolver os problemas dos filhos. Eu espero bem daqui a um ano ou dois, eu poder dizer a Bruna já não é como era... ela tem mudado bastante, mas temos de continuar a fazer o trabalho, não pode ser de choque.	Contexto Causa
	Ambiente familiar
	Medicação
	Consciência
	Estabilidade
	Ajuda
	Desejo

FIM

Anexo C

Entrevista 9

Entrevista Eduardo (9)

Nome: Eduardo.

Idade: 8 anos.

Escolaridade: 3.^a classe.

Mãe: 42 anos, divorciada (novo companheiro), auxiliar educativa.

Pai: 48 anos, divorciado (nova companheira), desempregado.

Irmãos: António, 23 anos, grávida de sete meses.

L- Vamos falar um pouco sobre o Eduardo. Eu estive com a professora e ela disse-me que ele melhorou este período e que apesar de ter algumas dificuldades, vai transitar se ele continuar...

Melhoria
Dificuldades
escolares

M – Assim, pois, pois, se ele continuar assim, nós também já pensávamos isso.

L – Ele hoje vinha um bocadinho cabisbaixo, eu falei com ele e ele disse-me que os meninos gozam com ele por ele vir aqui.

Triste

M – Ele diz que os meninos do ATL gozam com ele por vir à (Instituição) porque é assim... pronto porque ele é deficiente, isso está ele fartinho de dizer, e eu já lhe disse «Mas tu não... não...» «Ó mãe mas fico um bocadinho aborrecido...». Ele diz que fica enervado e não sei que mais... «Mas tu tens que passar por cima disso, no fundo eles é que são parvos filho, tu sabes qual é o motivo porque lá vais, e vais lá também mais vezes porque a mãe trabalha lá, portanto também é o que tu tens que dizer...».

ATL;
Relacionamento
entre pares

Zangado
Nervoso

L – Ele tem colegas que também estão cá.

M – Pois é é isso que dizem lá. É ele, é o não sei quem e mais outros miúdos, que lá andam e vêm aqui, e eu disse «e há meninos que têm mais problemas que tu, e tu também lá vais porque a mãe trabalha lá, a mãe está lá a trabalhar e tu vais lá ter comigo, agora não tomes esse caminho que senão assim nunca mais ficas bem».

L – O que eu disse foi «Olha da próxima vez dizes que tal como os outros meninos vão ao emprego das mães, tu vais ao da...».

M – Tua... Foi o que eu lhe disse à bocadinha, «Ninguém proíbe ninguém de ir ter com a mãe, ou como a mãe te vai buscar a ti», tudo faz parte. Agora tu vires (<i>Instituição</i>) não é por ser uma Instituição de deficientes que tu sejas, porque a mãe também trabalha cá e não... não vamos entrar por esse campo, então a mãe também tinha vergonha de lá andar», e ele diz «Pois é realmente...», depois entra assim naquela, e lá consigo.	Vergonha
L- Mas custa-lhe a ouvir.	
M- Ele diz que lhe custa muito.	Sofrer
L – Mas não é só ele...	
M – Eu digo «Mas tu tens que entrar...». Mas o Eduardo ao princípio, ouvia e não ligava como está a ligar agora.	
L – Ele agora sente-se mais.	
M- Eu acho que sim, ou é escape que ele está a tentar agora que ele está a ver que está tão mal, que leva todos os dias que é uma desatino lá em casa com ele... é por causa do material...	Difícil
L – É verdade então o que é que se passa agora?	
M- Pois é que eu compro-lhe uma tesoura... os recados eu quero que seja ele a dar-mos não sou eu que tenho que andar a ver a mala dele, «Então há alguma coisa da escola?» pergunto todos os dias... e até tenho já ali... já lhe chatee a cabeça dele quando veio do ATL... ao princípio fazia uma coisa que depois também deixei de fazer, era ia toda obcecada e abria-lhe a mala para ver se ele tinha alguma coisa, só que depois também desisti, porque ele via que eu andava só de roda da mala e a mala andava sempre impecável...	Controlar
L- E ele então deixava de se interessar pela mala...	Chatear
M – Nada, a mãe vê, a mãe põe, a mãe... eu via aquilo aqui ia logo guardar, a mala andava sempre ali... «Olha a partir de agora acabou, nem vou ver nada, nem vou mais mexer na mala, tu tens de ser responsável para seres um homenzinho, qualquer dia queres arranjar namorada, também é a mãe que te arranja? não pode ser pá senão então como é que é?» mas com o irmão foi precisamente a mesma coisa, que eu também era um bocadinho de mais a fazer as coisas.	ATL
L – Era protectora, fazia as coisas por ele...	Desistir
	Ralhar; Relação materna Responsabilidade
	Comparação
	Protecção

M – Pois quando via que eles não faziam, e eu «Ai coitados, vá... eu faço» e mesmo aqui às vezes também sinto isso, porque vejo-me aqui com estes miúdos e também sinto isso, mas agora já estou melhor, já consigo separar um bocadinho as coisas, não gosto mais deles por me obrigar ou por...

L – Fazer as coisas por eles.

M- É aquelas macaquices todas que eu tinha, de saber que os meus filhos também sofreram e de eu querer compensar em qualquer coisa ser... dobrar-me em não sei quantas para que eles não sintam falta de nada, talvez também seja um bocado de protecção a mais, e acho que o mais velho foi, porque depois de já estar um homem eu tenho sentido isso tudo, ele já tem 23 anos e se eu não falar um dia com ou outro com ele, ele já nota isso, portanto ainda uma...

Sofrimento;
Compensar

Protecção

Relação materna

L – Ainda está muito ligada a ele...

M – Ainda estamos e já há 4 anos que eu já estou a viver com o (*companheiro*) e ainda não conseguimos...

Nova família

L – Cortar o cordão umbilical

M – Não (risos) é muito complicado e se calhar daí... com o Eduardo estou a tentar ser doutra forma, porque o Eduardo não se justifica tanto eu estar a proteger tanto o Eduardo como protegia o outro porque o Eduardo é um menino que já tem tudo, o outro coitado também tinha mas faltava-lhe outras coisas, o Eduardo tem tudo. Tem tudo... eu digo que tem tudo, mas falta-lhe um pai com certeza, embora ele sinta que... já diz coisas do pai, um bocado revoltado com o pai, mas no interior dele gosta do pai, e é isso que eu às vezes...

Difícil

Protecção
Comparação;
Relação materna

Ausência paterna

Revoltada

L- Às vezes é o conflito de gostar do pai e ver que ele fez aquelas coisas todas.

M- «Mas o que é que ele fez... e porque é que eu não sei o quê?» e eu digo «Olha lá mas tu tens que gostar dele na mesma, ele é teu pai, tu não podes esquecer nunca, nem tu nem o teu irmão» porque no dia do pai, no Natal eu obrigo o mais velho que já tem 23 anos e que eu não tinha que obrigar, porque acho que ele já tem autonomia para decidir a vida dele, e eu ainda hoje o obrigo, «Liga ao teu pai» embora eles não tenham ligação com o pai eu insisto com o mais velho, e o mais velho depois liga ou

Obrigar

Ausência paterna

Insistir

manda mensagem, ele às vezes não atende porque não quer, mas pelo menos nós temos a consciência tranquila. Pronto e com o Eduardo...depois ele manda logo em nome dos dois, portanto vai sempre também a parte do Eduardo, é sempre «De mim e do mano», e já no dia do pai foi a mesma coisa, só que o Eduardo é assim, mesmo as coisas que ele faz no dia do pai já não faz dedicado ao pai, o Eduardo escreveu uma coisa este ano para o (<i>companheiro</i>) que o (<i>companheiro</i>) «Como é que eu hei-de ralar com este miúdo» porque também não consegue, porque ele... e depois foi mesmo ele que fez...já aqui no ATL disseram que ele é que escolheu aquilo tudo, não foi mais ninguém, foi ele mesmo que... «Embora não sejas meu pai, mas para mim és o pai melhor do mundo», portanto ele sabe separar as coisas e sabe explicar os sentimentos dele.	Relação fraternal
L – Portanto o seu marido acaba por funcionar como um pai para o Eduardo.	Ralar; Cedência ATL
M – É o que eu agora estou a ver, porque não era, porque o Eduardo se alguém dissesse «O teu pai» ele dizia «Ele não é meu pai» reagia logo assim agora já não, não sei se é dele já saber muita coisa, porque ele agora já se apercebe porque eu não escondo nada, sinceramente não escondo, e agora está de cá lá ir a casa eu vinha super nervosa, e mesmo muito, e ele de roda de mim «Vê lá o bebé, e vê lá mãe, e não sei o quê» e depois o eu ter caído lá para casa e aquelas coisas todas, e depois...ele ouviu, porque eu não disse a ninguém, mas uma amiga minha, muito aflita é que me ligou «Então como é que tu estás, vai à Maternidade, porque tu deste um tombo muito grande» mas pronto, o meu marido depois soube e o Eduardo também soube, estava ali ao pé de mim e ouviu a conversa, e eu disse «não está tudo bem» quer dizer tentei tapar o sol com a peneira e eles acabaram por saber a mesma.	Percepção
L – Mas ele apercebeu-se na mesma...	Melhoria Impulsivo
M – É o miúdo é todo destas coisas «Então mãe o que é que foi agora» e depois eu tive que responder, eu tive que explicar, não é?	Percepção; Esconder; Nervosa;
L – Até porque ele começa a ser mais velho, começa a perceber.	Afectuoso
M – Pois porque eu escondia tudo, eu dizia que o pai não estava porque o pai foi trabalhar para ganhar dinheiro para ele, quer dizer eu nunca pus o pai em situação má, eu pus sempre o pai em situação boa, porque eu não	Esconder Gravidez; Acidente
	Esconder
	Explicar Percepção
	Esconder
	Estupidez

queria que ele viesse a sofrer com a estupidez dum adulto, vá... eu queria ver se ele crescia assim mais ou menos saudável, mas não foi... não foi da melhor maneira (risos) que eu tentei proteger porque ele assim depois ficou com aquela revolta desgraçada «Mas tu nunca me disseste isso ... eu só me lembro de ele bater com a mota num carro e tu ires para a policia, e eu agarrar as calças do policia e estar muito nervoso», com três anos isto aconteceu com três anos, eu pensei que os miúdos crescessem e esquecessem, mas ele não esqueceu, por curioso que pareça são coisas que ficam lá dentro, e então não vale a pena eu estar a tentar esconder nada porque ele também já vai fazer nove anos.

Revoltada
Violência
Doméstica;
Nervoso

Esquecer

Esconder

L - Não precisa de contar os pormenores todos, mas...

M - Não, não conto, nem entro em detalhes se ele me perguntar eu respondo «Foi por isto... ou foi por aquilo»

L - Mas não mentir.

M - Não mentir não, porque acho que isso não nos leva a lado nenhum, porque não digo agora, acaba por se saber mais tarde, não vale a pena, eu gosto muito de ser aberta e dizer logo tudo, pronto acabou, fico logo esclarecida e depois as coisas vão aparecendo, vão acontecendo e a verdade vai aparecer, porque ele confunde muito a cabeça do miúdo, o miúdo vai lá e por exemplo ele diz «A tua mãe batia-me», uma vez chegou-me o miúdo a casa muito revoltado «Tu és má para o meu pai... batias no meu pai» «Eu!!!». Era nessas alturas que o miúdo... depois entrou nessa revolta... porque eu nunca tinha contado nada da minha parte o que ele me tinha feito a mim, e ele todas as vezes que a criança lá ia, vinha muito revoltado nem podia olhar para mim, danado comigo e o (*companheiro*) disse «Tu não vais aguentar mais isto, tu vais contar tudo ao Eduardo, não contas tu vou eu contar tudo ao miúdo, porque o miúdo está a ficar revoltado contigo sem teres culpa nenhuma, porque o pai está a mentir à criança, vais dizendo aos poucos, nós vamos tentar...» o que é que nós combinámos para que ele não se sentisse tanto, não ser logo assim, combinámos... «Olha vamos combinar da seguinte maneira, vamos estar os dois a conversar normalmente como se nada estivesse a acontecer e que ele não estivesse a ouvir...», ele estava na sala e nós

Percepção

Enganar

Revoltada

Violência
Doméstica

Zangado

Culpa

Enganar

estávamos na cozinha, então ele disse «então quer dizer vais vender, então fica, fica com isto, fica com aquilo, e não sei quê...» e o miúdo...

L – Estava a ouvir na sala...

M – E eu entretanto levantei-me, fui ao hall de entrada, comecei lá a mexer numas coisas, voltei, e o miúdo estava sentado no sofá, e eu disse «Ele não está a ouvir» «Não, espera, então não sei quê...» estávamos a jantar tudo na maior, íamos conversando à mesa, olhe eu só lhe digo, passado um bocado o miúdo vem direito a mim à cozinha com as lágrimas nos olhos «E tu nunca me contaste isto...» «Ai Eduardo tu não estavas a ver televisão, filho» e ele assim «Tava mas como ouvi que ele te batia, já não gostei...» foi a partir daí que ele começou a apanhar... e eu disse-lhe assim «Olha Eduardo vai para a sala que a conversa não é contigo a mãe estava a falar com o (*companheiro*), não queria que tu ouvisses, aí que chatice filho olha agora estou aborrecida e não sei quê...» e ele assim «Ó mãe mas não fiques, não fiques mãe, que agora é que eu estou a perceber». Eu digo que o Eduardo caiu nele e disse assim «Então ele é mentiroso» e eu disse assim «Olha filho a mãe não te diz nada e vamos lá acabar aqui a conversa» e depois eu comecei logo também a querer chorar, e acabou-se a conversa e já não houve mais conversa nenhuma e o (*companheiro*) foi para a casa de banho, porque ficou muito chocado, porque também não estava à espera que o miúdo tivesse aquela reacção, porque não sei que mais é que ele lhe disse, não sei que conversas é que ele (o pai) disse, que ele veio com aquela de «A tua mãe deixou o pai sozinho, abandonado, e batia no pai e vê tu bem o que é que aconteceu, a tua mãe é uma malandra, e depois arranjou outro homem» quer dizer disse tudo a favorecer, coisas que o miúdo realmente... que era o que estava a acontecer...

L – Foi o que ele ouviu primeiro, acreditou.

M – Porque não houve, não houve mesmo mais conversas nenhuma, quando ele tentava dizer mal do pai eu dizia logo «Não, o pai foi ganhar dinheirinho para tu comeres...» nem o dinheiro ele dava... do sustento não dava nada, mas pronto, mas eu tentei sempre que ao menos ele não sentisse tanto ódio do pai como o mais velho sente, ódio do pai...

L – É natural...

Esconder

Violência
Doméstica;
Percepção

Chorar (mãe)

Enganar

Esconder

Dificuldades
financeiras
Ódio

M – Esse não o protegi nada, esse viveu a realidade até aos 16 anos e foi essa realidade do pai já ter... já não havia respeito entre pai e filho e já andavam os dois à pancada, que eu pensei, o filho saiu de dentro de mim, é meu, ele não me diz nada e ainda por cima sou uma vítima nas mãos dele, portanto abalei.	Desrespeito Violência Doméstica
L – E foi o melhor que fez, já viu a volta que a sua vida deu	Psicólogo
M- É verdade, e o (<i>psicólogo</i>) já tem conversado às vezes comigo, diz-me assim «Vê D. (<i>mãe</i>), o nunca...» porque eu dizia «Ai Dr. eu nunca o deixo, porque depois ele faz-me...» «Olhe (<i>mãe</i>) que não é bem assim, faz promessas mas nunca vai passar disso» e ele é que me foi alertando para certas situações, e depois como eu lidava também, lá na (<i>Instituição</i>) com outros problemas como os do apoio à vítima e não sei quê, mas eu nunca contei nada de mim, ele sabia das outras pessoas, mas de mim não sabia, porque eu sabia que muita gente dizia assim «Então ela apanha porque quer» as pessoas primeiro...	Separação
L- Quem não sabe...	Esconder
M – Ao princípio tentam... gostam de saber da vida da pessoa, eu via lá as outras colegas também «Ai não sabia... ai coitadinha da rapariga, sofre muito e não sei quê...» e depois havia outras que já diziam assim «Olha não tenho pena nenhuma, apanha é porque quer». Então eu para evitar isso nunca disse nada a ninguém, levava, aparecia lá toda amachucada e com o casaco para não verem que eu andava cheia de nódoas negras, quer dizer andei a tapar tudo muitos anos, pronto depois chegou a um ponto que já não dava, e conforme tapei também destapei, mas se calhar foi o mal que eu fiz.	Rotular
L – Levou muitos anos a tapar.	Esconder; Violência Doméstica
M – Depois de muitos anos a tapar, de ir para o hospital toda amachucada e dizer que tinha caído, que tinha batido com a cabeça e que não sei quê...escondi sempre e encobri sempre, tinha médicos que já me conheciam porque de vez em quando lá ia eu parar, «Já cá está outra vez, já tornou a cair, não». Quer dizer eu já me sentia mal tinha vergonha, mas ia toda amachucada, tinha que ir para algum lado, não é?	Revelar
L – Claro.	Esconder; Violência Doméstica
	Vergonha

M – Mas pronto foram todas estas coisas que o meu mais velho já não pode com o pai nem por nada e eu não queria que o Eduardo...

Ódio

L – Acontecesse o mesmo.

M – Acontecesse isso com o pai, porque eu sei que tenho muita mágoa e tive muito desgosto mas, agora não posso estar a pôr uma criança contra o pai, agora vou pôr, vou levar um filho... a tirar o filho do pai... retirei-o sim senhora, porque ele é um alcoólico e eu não ia entregar o meu filho a um alcoólico, não basta quando eu estava a viver com ele e a ver o meu mais velho na mota, com ele bêbado... e às vezes os sustos que eu apanhei... e agora podendo não o entregar, não ia deixar o meu filho ir com ele, assim como nunca deixei, pronto, o Eduardo já foi muito protegido enquanto que com o outro...

Desgosto

Separação;
Alcoolismo

Medo

Protecção

L – Ele (*companheiro*) acaba por ser bom pai à mesma.

M- Bom pai. Mas quantas vezes o Eduardo... acaba por dizer «És o melhor pai do mundo» portanto é pai, e tapou-me logo toda e eu acho que dei um bom passo e fiquei no caminho certo, e pronto acho que estamos bem todos, e mesmo o meu mais velho também mandou-lhe uma mensagem, manda todos os anos «Obrigado por tudo o que têm feito por nós» quer dizer há coisas que enfim..., agora temos a bonança não é, e daqui a bocadinho vamos ver... (*risos*).

Decisão

L – Já está a ficar emocionada não é?

Relação Materna

M – Já, porque tudo quanto toque os meus filhos...

Gravidez

L - Agora vem mais um homem...

M – É verdade, mas este tem um pai à altura.

L – E manos...

M- É isso e manos e muitos...

L – Então como é que anda agora o comportamento de Eduardo lá em casa?

M – O Eduardo agora não sei se foi com a vinda do pequenino, mas eu acho que não... se é com a vinda do pequenino é de felicidade porque ele já há um tempo que pedia um mano, antes de eu estar grávida «Ó mãe porque é que tu não fazes um mano com o (*companheiro*)? Porque eu estou sozinho aqui, o (*filho do companheiro*), o (*filho do companheiro*) e a (*filha do companheiro*) só vêm de oito em oito dias e eu gostava de ter

Feliz

Gravidez

um mano» e eu «Ó pá está calado, pensas que eu agora ia-me pôr com outra barriga dessas», pronto eu fui sincera não é? Só se eu estivesse doida «Já viste o trabalho que dá e depois para irmos sair já têm que ir dois carros» (*risos*) «Então e depois, vou eu sozinho mais tu, mesmo que vá mais um não faz mal», quer dizer ele arranja encaixe em tudo até com a cama, «durmo no sofá».

L – Ele arranjava solução para tudo

M – Tudo. «A minha cama fica para ele mãe, não tenhas problemas», houve um dia qualquer que eu disse assim «Olha se faz favor levanta-te já para cima, então...estás a pedir outro irmão», olhe aquilo era constantemente de rojo, de rojo, «Ó Eduardo levanta-te do chão que tu sujas-te todo» «Atão tu não disseste que puxava um mano? Eu agora ando a chamar um mano».

L – Andava de rojo?

M – De joelhos, às vezes dizem que quando eles andam de joelhos assim a gatinhar, estão a chamar outro, dizem os antigos, e eu naquele dia na brincadeira com ele «É pá tenho um gatinho» na brincadeira com ele «Ó Eduardo põe-te de pé» e contei-lhe porquê e ele disse «Ai é então olha vou começar a andar todos os dias», portanto eu acho que por essa parte... talvez seja por ele andar satisfeito e que ande assim ansioso, porque ele todos os dias vem dar um beijinho à barriga e «Olha que o mano quer tu venhas muito, muito jeitosinho, muito bonitinho, muito gordinho, não sei quê» «Ó Eduardo pá...» a minha sogra até se mete com ele «Ó Eduardo deixa a tua mãe, deixa a barriga da tua mãe, deixa lá estar o bebé que ele quando nascer já está farto de ti...» e então depois estas situações, acho que com respeito ao irmão deve ser de felicidade, porque eu tive medo que ele reagisse mal.

L – Que ele não gostasse...

M – Com o Eduardo não, porque eu sabia as conversas que ele tinha comigo, mas o outro é que não, o meu mais velho, é que eu fiquei assim um bocadinho, já tem 23 anos, agora assim que soube disse-lhe logo a ele, nem disse a mais ninguém, ele foi a primeira pessoa a saber, tá a ver eu não engano os meus filhos em nada... Então se o meu mais velho me deixa de ligar por qualquer coisa é um desgosto para mim...nem quero

Relação materna

Feliz; Ansioso

Afectuoso

Feliz; Receio

Receio

Enganar

Desgosto

pensar em tal coisa, então liguei logo para ele. «Ai filho se tu soubesses o que a mãe tem para te dizer» «Ó mãe o que é que tens para me dizer? Se calhar vou ter um mano não?» «Olha, como é que tu sabes?» «Ó mãe quem anda à chuva molha-se».

L – Com todas as letras.

M – Logo e ainda bem «Nem sabes a felicidade que eu tenho, ó mãe estou mesmo contente mais um maninho para eu andar com ele ao colo», porque ao Eduardo ele é que valeu, ao Eduardo eu tinha que andar a trabalhar, ia trabalhar lá naquela Instituição, mas depois tinha que arranjar outro trabalho, tive que ir trabalhar de limpezas, para que ninguém me tivesse nada que apontar e para criar os meus filhos, que eu não tinha desprezo nenhum de ir fazer limpezas fosse aonde fosse, nunca tive, nunca tive problemas de me agarrar fosse aonde fosse, agora desde que fosse honestamente e ninguém tivesse que me apontar nada, eu por mim agarrava-me a tudo, e então tive que ir trabalhar para outro trabalho de limpeza de noite e ele ficava com o irmão, tratava dos dois, dava banhinho ao pequenino, e depois pegava das 10 até à meia-noite... das 8 até à meia-noite, num centro de saúde lá em (*localidade*)...

L – Era um dia muito cheio.

M – Era muito cheio e andava muito cansada, outras vezes fazia o Lar à noite, a Instituição tinha um Lar, e se havia uma colega que não podia eu estava sempre disponível para ajudar, eu estava sempre disposta para... ajudava-me financeiramente e ajudava a Instituição porque ficava aquele lugar preenchido. Pronto vivi sempre assim também muito em função dos outros e sentia-me feliz, engraçado, que às vezes podia-me sentir saturada não é? Cansada «Ai hoje já fiz isto...» mas não, ajudei-me a mim e ia ajudando os outros também, e estou feliz com isso pronto, sinto-me feliz, sinto-me bem.

L – Está a passar uma fase ótima.

M – E agora estou, estou nas nuvens, fiquei muito revoltada, chorei muito porque não queria, nem podia olhar para o (*companheiro*), como que ele fosse o culpado «Ó mulher não digas isso...» (*risos*), foi um bocado complicado, não tão complicado como foi com o Eduardo, se não fosse o mais velho ajoelhar-se agarrado às minhas pernas o pedir para deixar vir

Feliz

Relação Fraternal

Necessidade de
Trabalhar
Rotular

Rotina

Cansaço (mãe)

Necessidade de
trabalhar ;
Dificuldades
financeiras

Feliz

Revolta (mãe);
Chorar (mãe)

Complicado

Relação materna

Sufrimento

o mano, que ele gostava de ter um mano, o Eduardo não estava cá, porque se então eu já estava farta de sofrer com aquele e ainda vinha outro... só de gente doida não é? Havia muita gente até da família dele que sabia, dizia «Então tu com ele assim...então rapariga, ai rapariga perdeste a cabeça?» «Pois vocês têm razão, mas olha pode ser que ele mude e tal...» eu sempre naquela coisa, mas não era o problema de ele mudar, era por ver o filho pedir da maneira que pediu, mas não tinha nada que dizer «Olha o meu filho fez isto ou aquilo...» é pá era coisas nossas, e eram sentimentos nossos, muitas das vezes nem dão valor, ouvem só por ouvir, mas o que é nosso fica, e foi o que eu tentei fazer com ele... mesmo ele disse «Ó mãe mesmo que haja algum problema com o mano...» isto ele tinha 15 anos, «Eu ajudo-te a criar o mano».

L – E ele cumpriu.

M – Cumpriu, nunca me largou, nunca me deixou, tive sempre ali um homenzinho ao meu lado, é verdade, nunca, nunca, nunca... eu precisava de ir trabalhar ficava com o irmão, ele dava banho ao irmão, ele tomava conta do irmão quando eu não podia, porque às vezes fazia os horários seguidos, eu não sei como é que não dei em doida, mas pronto, mas consegui ultrapassar tudo, e fiquei ao cimo de conseguir a minha metazinha e a ver a minha vida arrumada, às vezes dizia para as outras «Vocês não me digam nada, mas eu hei-de conseguir...» e então quando me vim embora ofereceram-me assim um poster enorme todas elas com umas dedicatórias a dedicar...

L – Ai nesse dia imagino

M – Bem não imagina, foi a Direcção toda, foi colegas de vários sectores, quer dizer vim de lá de rastos, esta minha sogra agora, veio de lá, que ela disse que nunca tinha visto uma coisa assim na vida dela emocionou-se naquele dia tanto, tanto, e mais o meu sogro de verem a dedicação das pessoas de lá comigo, porque eu vivi aquela vida toda ali dentro com eles, o mal, porque só foi mal infelizmente, mas agora também o bem, e tenho contacto com eles, mando mensagens, faxes, fotografias minhas, quer dizer há assim uma comunicação com eles lá em baixo...

L – Tem de mandar agora uma com o ... (*Bebé*).

M – Mandeí, já mandei.

Doida

Desejo

Promessa

Cumprir
Relação Materna

Necessidade de
Trabalhar

Doida

Ultrapassar

Apoio

Gravidez

L – Ah já mandou.

M – Já!!! Mande uma folha com um solzinho assim a um canto e eu já com a barriguinha assim grande (*risos*) e depois escrevi assim à frente «não vêm a minha felicidade?». Já eu não me esqueço quem me faz bem, quem me ajudou na vida e tento transmitir isso tudo aos meus filhos, portanto se alguma coisa falhar da parte deles, eu acho que tenho estado a fazer os possíveis, não sei o que é que hei-de fazer, mas digo sinceramente...

Gravidez
Feliz

Educação

L – Como é que está o Eduardo agora com os castigos? Ele esteve de castigo agora com o computador...

Castigo

M – Está de castigo, nem vai ao computador.

L – Como é que ele reage quando vê que está de castigo?

M – Olha para mim e vai para a sala, e houve uma altura que era hall de entrada, quarto...

Melhoria

L – Está muito melhor então.

M – Mas quantas vezes. Anda a tomar medicação. Agora há 3 dias não tomou, ficou 6^a, Sábado e Domingo, não, Sábado, Domingo e 2^a, ontem não houve escola, ficou lá em (*localidade*) com a minha sogra, e ela diz que ela nem palavra pode dar...

Medicação

Avó

L – Fica completamente alterado.

Mudança de
comportamento;
Pedopsiquiatra

M – A Dra. (*pedopsiquiatra*) diz que agora para o Verão vamos começar a reduzir, dar só uma vez por dia e tentar retirar aquele de vez, mas eu não sei.

L- Se não der é voltar a telefonar à...

Confusa

M – Agora vou lá outra vez este mês, não para o mês que vem, em Maio, tenho a impressão que é em Maio, tenho que lá ir outra vez com ele à consulta. Mas é muito agressivo, depois vai para baixo das mesas a gritar...

Agressivo; Gritar

L – Agora lá em casa?

M – Sim a minha cunhada diz que na 2^a feira, veja bem as coisas que ele faz, ela é professora, pronto tem que ver os testes dos miúdos, e então está até às tantas da noite, porque durante o dia ela sai às sete, e depois vai tratar do meu sogro, que ele também estás acamado, ele está numa situação um pouco complicada, temos de andar lá sempre de roda... e ele

Doente
Complicado

depois quis lá ficar e ela disse assim «Ó Eduardo anda que a tia vai-te pôr na cama» vestiu o pijaminha, tratou dele e foi pô-lo na cama, diz ela que eram aí umas 3 das manhã, vai para ir para a cama e não estava lá o Eduardo, apanhou um susto «Ai meu Deus onde é que está o miúdo?». Sabe onde é que ele se foi pôr? Debaixo da mesa na sala deitado no chão, ao pé dos pés dela. Ela diz que não sabe como é que não lhe deu um pontapé... não é normal!!!

Dormir

L – Foi para lá estar com ela

M – Foi para estar acompanhado... eu não entendo, e isto em casa é a mesma coisa, eu não sei, eu ainda não consegui compreender bem, se é ele... eu sei que ele gosta muito dela, pronto, é Deus no Céu e ela na terra, também é verdade, mas também não entendo

Sozinho

Incompreensão

L – Ele faz isso lá em casa?

M – Lá em casa também faz isso.

L – Não gosta de dormir sozinho?

M – Não, não gosta, agora já está melhor mas ao princípio foi um problema, ele começou logo a dormir comigo de pequenino.

Dormir

L – Foi do hábito?

M – Mas já há uma data de anos, ultimamente ele já fica ... já fica bem na caminha dele, nós vamos ter com ele, às vezes o (*companheiro*) vai ter com ele, agora já não tanto, ao princípio quando ele estava naquela fase assim meio esquisita, ainda ia para o pé dele, lia-lhe histórias e nem sei quê, depois começou ele a saber ler, era ele que lia ao (*companheiro*), e outras vezes ia para lá eu, pronto a gente ia-se dividindo para ele também não se sentir demasiado, mas começamos a retirar isso um bocado, íamos ao pé dele dávamos-lhe um beijinho e vínhamos embora, luz apagada, a porta do quartinho meio fechada, porque ele não pode estar às escuras, porque ele não gosta de estar às escuras, e pronto de outra forma não, agora já começamos a lidar com ele como um homenzinho «Já és um homem, vais par a o quarto despes-te sozinho, dobras a tua roupinha, metes-te na cama» nós vamos ter com ele e vamos-lhe explicando «Ó Eduardo, tu já viste tens que fazer as coisas à tua maneira, que a mãe também já não pode». Eu de manhã é que tenho que ir vesti-lo.

Melhoria

Dormir

Autónomo

Relação Materna

L – Mas ele já se sabe vestir sozinho?

M – Sabe, mas eu é que tenho que vesti-lo.

L – Mas para ele se despachar?

M – Para ele se despachar, se não ele nunca mais sai dali.

Apressada (mãe)

L – Mas ele gosta de ir à escola? É para chegar tarde à escola ou porque quer que a mãe o vá ajudar?

M – Ainda não consegui compreender, acho que também é calanzisse, mas quando é o (*companheiro*) que o vai levar à escola eu não me levanto, fico deitada, acho que ele se apoderou foi um bocadinho de mim, mas é, eu sei que é, eu também reconheço, também vejo isso, não é, só que eu começo às vezes a ralar, porque eu é mais ralar que bater, porque eu não gosto de bater, e ele às vezes se eu lhe bato, ele fica muito sentido comigo, porquê, porque ele nunca leva, se ele andasse a levar todos os dias era um relaxo não é, era um relaxo.

Preguiçoso

Abusar
Consciência

Ralar, Palmada

L- Pois o efeito não era tão grande...

M – Mas quando lhe dou uma palmada, quando ele vê que eu já estou aborrecida, aí é que ele fica logo todo, «Ó mãe...eu não...» e quando eu vejo ele com aquelas reacções todas quebro logo, porque eram aquelas reacções que ele tinha quando estava em casa, porque eu já não sei bem quem é que tem que fazer tratamento se é ele ou se sou eu, porque eu entro logo também em choque, e outras coisas que em faça lembrar o que eu passei eu fico logo ali...

Palmada
Zangado

Cedência

Violência
Doméstica

L - Se calhar ainda não está ultrapassado.

M – Não, não, não vou ultrapassar assim tão depressa, e este coitado de (*companheiro*) é que tem muita paciência para me aturar, porque ele assobia e eu fico logo...«Ó nina tu desculpa...mas então...» se ele faz assim outra coisa qualquer eu entro logo em...quer dizer, e ele ainda não sabe nada...nem imagina...porque eu ainda não consegui, porque eu escondo mesmo também, eu pareço muito calma mas quando essas pequeninas coisas... ele deu-me um toquezinho aqui assim atrás, bem nem lhe digo nada...como é que eu reagi...bem ele ficou a olhar para mim...«Ai (*mãe*)... mas então tu... mas já passou tanto tempo, já não era para estares assim, então não posso brincar contigo não posso fazer nada». Porque quando era com o outro, quando era para me bater, era aqui atrás

Esconder ; Calma

Violência
doméstica

da cabeça, aqui assim, era tudo na cabeça que ele me dava, cheguei a estar toda negra, e então...

L – Não é fácil, ainda lembra...

M- Para mim é uma coisa terrível, nem me toquem, eu reajo logo é os sítios onde... não me consigo controlar se me tocam atrás na cabeça e aqui atrás no pescoço. Ele ia-me desgraçando, ia-me matando mesmo com as pancadas que me deu e pronto mas...

Violência
Doméstica

L – Quanto às dificuldades que tem agora com o Eduardo...

M – Agora é mais na escola, é na escola, mesmo aqui no ATL este ano até não ouço o Eduardo, que eu lembro-me o ano passado o Eduardo nem queria ir para o ATL, e o Eduardo agora se estiver um dia sem ir ou dois, «Ô mãe vai-me pôr ao ATL...» portanto já...

Contexto;

ATL

L – Já melhorou aqui...

M – Já, já quer vir para o ATL, mas acho que outro dia ali ele mandou lá umas coisas lá pela mesa fora, e rasgou e andou por lá a fazer também umas parvoíces, acho que houve lá um que lhe fez não sei quê, e ele acho que reagiu logo, e ele reage logo também...

Melhoria

Agressivo

Impulsivo

L – Ele é muito impulsivo

M – Muito

L – Mesmo aqui nas tarefas

M – Isso também é das pessoas, isso acho que também é de ele ser teimoso, e já também um bocadinho ruinzinho...

Teimoso; Mau

L – Não estou a perceber...

M – Por exemplo eu se vou com ele a um lado qualquer assim como ali no Karatê eles têm um cartão para eu passar, e eu disse «Eduardo esse cartão agora passas e depois à vinda para fora tornas a passar o cartão, que é para os senhores saberem que tu entraste e saíste do...»

L – Do pavilhão

M - «Pavilhão», pois ele entendeu que não era aquele cartão era outro que eu tinha, e eu expliquei-lhe «O outro cartão que eu tenho é meu, para quando eu sou a tua acompanhante, portanto sou eu, o outro tem a tua fotografia, este é meu, entras passas, a mãe entra passa, a mãe passa o cartão da mãe e tu passas o teu» «Não é como tu dizes, é como eu digo... e eu é que sei» e a fazer espectáculo no meio da rua, é pá eu queria ver se

C. Oposição

Palmada

não lhe dava nenhuma palmada, porque eu não quero estar... para já eu não gosto de bater e mais a mais ao pá de outras pessoas ainda pior, tento evitar isso «Faz favor tu cala-te, olha que eu dou-te uma estalada» «Escusas de estar não sei quê, porque é como eu digo...». Olhe estava uma senhora a ouvir a conversa, veio dizer «Olhe desculpe lá, a tua mãe tem razão porque o meu filho também tem que fazer isso, olhe minha senhora pensava que era só o meu filho, ele é igual, eu pensava e que era só o meu» e eu digo «Ai minha senhora não é só o seu, esteja descansada, a senhora até me está a consolar, eu compreendo perfeitamente, sei que o meu não é o único há mais miúdos assim». Mas eu quero tentar controlar o meu, porque isto assim não pode ser.

L – Ele é que sabe... é como ele quer...

M – Ele é que sabe, houve um trabalho qualquer lá na escola e a minha cunhada disse-lhe «Ó Eduardo isto está mal» «Mas não é assim a minha professora diz que é assim, é porque é assim que tem que ser» e ela disse assim «Ó Eduardo é porque a tua professora se calhar não reparou, porque ela tem tantos meninos como a tia tem, e ela coitada não pode estar a olhar para tudo eu às vezes digo ah está bem, pois, eu nem sei o que estou a dizer, porque é um é outro, são tantos ao mesmo tempo, que eu entendo a posição da tua professora, porque deve ser isso mesmo, agora eu estou a dizer que isso está mal» «E ela é que sabe...» e fechou o caderno e foi embora, e ela disse «Acabou, acabou, deixa, deixa-o se esborrachar, porque ele quer esborrachar-se a ele próprio», por teimosia, porque ele podia pensar assim «não ela é professora, ela sabe o que está a dizer» mas não é, mas não é, nem que fosse se calhar o Papa ou o Presidente a dizer, porque ele...

L – Não ia acreditar.

M – Não... não vale a pena, eu já desisti, já lhe disse «Então olha, a partir de agora é assim: eu mando-te o material...» mandei-lhe um tubo de cola, agora esta semana, recebi outra vez recado que ele não levou o material para a escola

L- Perguntou-lhe o que é que ele fez ao material?

M – Diz que não sabe, eu mando-lhe lápis, canetas, tudo novo, mando-lhe um lápis novo hoje, amanhã já vem todo dentado, outras vezes já não é o

Palmada
C. Oposição

Comparação

Comum
Controlar
Regra; Firmeza

Repreensão
C. Oposição

Igualdade gerações

Teimoso

Desistir

lápiz que eu lhe mandei, já é outro. Eu até já tenho o cuidado de lhe marcar tudo, tinha lá um estojozinho, numa pastazinha, tinha lá montes de material, agora já me vi tão aborrecida, que até já lhe espetei com aquilo tudo na mala, digo assim «É pá eu já me começo a sentir mal, que a professora é capaz de pensar que sou eu que não lhe mando o material, ou que eu não quero saber». Mas eu quero saber e vou todos os dias ver a mala dele, agora é assim, eu não meto lá nada enquanto ele... ele é que tem de me dizer assim «Mãe eu tenho um recado, tenho isto, tenho aquilo...» que é para ver se ele ganha responsabilidade. Porque eu ia sempre ver a mala...

Controlar

Responsabilidade

L – Ao ir ver a mala livrava-o desse trabalho, mas agora faça assim chame-o e diga «Agora anda cá vamos os dois ver a mala...»

M – É isso que eu tenho feito, é isso que eu tenho feito agora ultimamente, não digo nada não vou ver, vou ver sem ele saber.

Controlar

L- Diga «Agora é hora da mochila, vamos os dois ver, vês os trabalhos de casa, recados para me dar e a seguir arrumas a mala», está ali o tempo todo com ele...

M- Ah pois eu faço assim, vou às escondidas, vou ver tudo o que lá está na mala, depois torno a pôr tudo e faço de conta que não vi nada, e pergunto-lhe assim «Então não tens nenhum recadinho para a mãe?» «Não, não tenho nada» e vai ver televisão «Então...» e depois vou para a televisão «Então escuta lá mas não há mesmo nada?» «Já te disse que não chata, deixa-me a cabeça» é assim...

Igualdade de gerações

L- Quer dizer fala como se fosse da sua idade.

M – É, «Agora vais de castigo para o teu quarto que é para não estares a falar assim comigo, que eu não sou da tua idade» e ele vai «Ó mãe desculpa, desculpa que eu ando um bocado nervoso» «Andas nervoso tens que te controlar, porque então agora dás em berrar, dás em mandar-te para o chão outra vez» depois faz espectáculo, depois grita, olhe coisas assim esquisitas.

Castigo

Nervoso

Firmeza; Gritar; A. cólera

L – Em casa?

M – Sim, eu disse-lhe assim «Olha andas aborrecido lá na escola e depois chegas aqui tentas despejar para cima de, de...quem tu queres, agora tu tens que pensar bem que não podes andar a fazer isto todos os dias». Eu

Contexto

Firmeza;
Repreensão
Castigo;
Actividades

começo...quer dizer, já lhe tirei o computador, já lhe tirei um monte de coisas, os DVDs, os vídeos, não vê nada, também já não sei o que é que hei-de fazer mais.

L – Mude de estratégia. Pronto quando ele faz asneira mete-o de castigo...se ele se porta bem tudo bem, se ele se porta mal castigue-o, mas não dê castigos por mais de um dia.

Estratégia
Mal-comportado;
Bom
comportamento

M – Pois, porque o computador ele nunca mais mexeu nele.

L – Ele pensa «Ontem mandei-me para o chão estou três dias sem ver televisão, se eu hoje fizer o mesmo não faz mal, já não posso ver televisão na mesma». Dê-lhe castigos de uma hora sem sair do quarto, não vê televisão, mas sem passar de um dia.

M – Mas o curioso é que ele melhorou na escola por causa de...

Melhoria

L – De não ir ao computador? Então não o deixe ir ao computador.

M – E até o ver televisão, se ele não fizer os trabalhos não há televisão, não há isto, não há aquilo «Enquanto tu não mudares, enquanto nós não tivermos a certeza que tu vais passar, tu tiras as mãozinhas de certas e determinadas coisas» e ele tem estado a melhorar na escola.

Castigo

L – A professora disse isso?

Firmeza

M – Não sei como com muito trambolhão, muito turbulento, mas pelo menos pelas notas que nós recebemos, que eu fui lá buscar naquele dia a ...quer dizer depois disse à Sra. Professora que depois ia lá falar com ela, tenho de marcar um dia, ela diz que tem os dias destinados...e depois eu sinto-me mal, porquê? Porque com o outro andei sempre em cima do acontecimento, é o que me diziam «Não seja assim tanto é demais, deixe eles respirarem», eu estou a tentar fazer com o Eduardo, deixar ser ele a fazer, ter a iniciativa, e o rapaz...

Incompreensão;
Agitado

Interesse materno

Comparação

Autónomo

L – Ele precisa de indicações, precisa de direcções, porque não é capaz de fazer as coisas sozinho...

M – Mas porquê? Porque é que ele não consegue? Porque ele não quer só pode ser...

Incompreensão

L – Sabe que às vezes dá mais jeito que os outros façam as coisas por nós.

M – Ah !! Pois. «Faz a tua cama Eduardo» e depois grita, e depois barafusta. De manhã não estou para estar com essas coisas. E então ele...mas houve um dia que ele entalou o dedo e partiu o dedo...nesse

Gritar;Manipulação
Criança; Refilão;
Cedência

Queda

dia...na quarta-feira passada ele meteu-se dentro do carro, bem... eu ia descontroladíssima, e ele quando me vê assim fica cheio de medo «Ô mãe tu tem calma, ó mãe pronto eu prometo que me vou portar bem» e eu digo	Promessa
«Ó pá, mas só quando me vês assim já mesmo virada para o outro lado é que tu tentas fazer bem e aí é que te vais portar bem, tens que pensar sempre...» na outra 2ª feira logo a seguir, mal chegou a casa foi logo vestir o fato, foi lavar os pés, porque eu só lhe dou banho depois de ele vir do Karaté, mas quero que ele vá lavar os pés, pois anda todo o dia e fica a cheirar a cholé, depois eles andam descalços, tenho vergonha não é, tenho medo que ele cheire mal, ele vai lavar os pés e calça logo outro parzinho de meias, para ir com os pés limpinhos. Tem ido para o Karaté. Mas fomos os dois lindamente, ele chegou à estrada disse assim «Ai mãe...» antes de sair do carro «...estás a ver hoje portei-me bem, vês nem te enervaste, porque tu não te podes enervar por causa do mano» e eu assim «Olha não quero conversas nenhuma Eduardo, este já passou, e agora só tens é que fazer o que tens de fazer certo, não é agora dizer que fizeste bem e daqui a bocadinho borras a pintura toda, portanto não vale pena...» saiu amandou com a porta ficou lá com o dedito «Ó mãe Deus castigou-me...» «Tu estás parvo...(risos) deixa lá Deus sossegado que ele não tem a culpa, tu é que deixaste lá o dedo, pronto agora o que é que queres...»	Ralhar
L – Quando ele se porta bem elogie-o.	Vergonha
M – Mas é que eu ando sempre a elogiá-lo, pois aí é que é eu já não sei como é que hei-de lidar com o Eduardo, é porque eu ando sempre a elogiá-lo, e já estou a ver que também estar sempre a elogiá-lo de mais o estou a prejudicar, porque eu digo «Ai estás a ver muito bem...» passando um bocadinho pronto...	Asseio
L – Descontrole.	Bom-comportamento; Nervosa; Ralhar
M – Tá logo tudo estragado, mas é logo, começa logo a fazer parvoíces e coiso...» Então mas afinal como é que é? É pá na (<i>Instituição</i>) é que eu tenho meninos desequilibrados... é pá tu estás-me a enervar...quer dizer isto não tem lógica nenhuma Eduardo» «Ah...não sei sinto uma coisa dentro de mim...» «Ó pá mas tens de controlar isso então como é que é, mas estavas tão bem, a aspirar, a limpar o pó, já és um homem e gostas de ajudar a mãe...será que é de eu te estar a elogiar? Não elogio pá, será que	A. Cólera
	Castigo
	Elogio
	Incapacidade
	Nervosa
	Prestativo
	Elogio

Incapacidade

queres que eu te dê espaço e deixe-te andar à vontade...» eu acho que o miúdo...olhe eu às vezes até digo para o miúdo «Eu já não sei como é que hei-de lidar contigo...» depois vou-me embora muito aborrecida, depois começa a andar às voltas vem ter comigo outra vez «Ó mãe desculpa...ó mãe não torno a fazer» quer dizer...

L – Os dois são um bocado parecidos, explodem os dois com facilidade.

M – Respondemos?

Cedência

L – Explodem...

M - Explodem... não eu já tenho que estar mesmo, mesmo muito cheia para explodir, tenho que estar memo...porque vou sempre deixando, sempre deixando, o (*companheiro*) diz que não, que eu não devo ser assim, quando ele fizer a primeira asneira, uma chapadita e ele dia «Ah...» «Olha viste o que é que fizeste? Foi por isso, pronto» e segues sempre em frente.

Palmada

L – O (*companheiro*) coloca-o de castigo?

M – Ah...não o coloca muito também, porque vê que eu fico muito...então não me...a mim não...pois não quer...mas com este que vem aí vai ser diferente, ele disse «Então põe as barbas de molho porque não vai ser...» e eu disse «Olha que não vai ser tanto (*companheiro*)».

L – Depois ele vai participar porque é pai.

Ambiente familiar

M – Pois, mas eu já lhe disse «Olha que não vai ser tanto (*companheiro*)» porque de qualquer das formas há coisas que eu também não gosto e ele às vezes é assim um bocado mais coiso com ele e eu... faço assim, e ele olha para mim, deixa o Eduardo no sítio em que está e vai-se embora.

L – Mas não faça isso em frente do Eduardo, fale com ele depois, fale com o seu marido depois.

M – Não, nós não falamos, nem comentamos nada, é só olhares, não entramos em conversas, «Não quero que faças...» não, nunca disse, mas basta só ele olhar para mim, ele olha para mim, pronto, vê logo que a coisa já não está lá muito famosa, agarra e vai embora. Portanto com este...e muitas das vezes sou que vejo que ele tem razão, e que ele tem que impor e sou eu que me vou embora, mas sou eu que me vou embora e depois já não...e...«Ó pá alguém tem que pôr mão nisto», mas sou que vou, vou toda roidinha, toda mordidinha mas não digo nada, não digo nada senão

então não se faz nada do Eduardo, mas sabe Deus o que é que não me custa, mas tem que ser, porque é para o bem dele.

L – Exacto.

M – Às vezes quando já não aguento mais e já está mesmo mau e já não consigo controlar a situação, ele vai agarra-o por um bracito e leva-o no ar espeta-o no quarto e diz «Agora ficas aí até quando nós dissermos, só quando tu tiveres como deve ser e vieres ter connosco e digas... e fales como deve ser de igual para igual» e então é isso que ele faz às vezes, eu nem sequer digo nada, a minha boca fica ali...

Controlar; Ambiente familiar

Castigo

L – Nem olha...

M – Não nem olho para ninguém, mas ele diz «Olha lá não achas que assim, que assado...» «Não estou a dizer nada, estou a dizer alguma coisa?», mas eu também não olho para ele.

L – Mas ele se calhar vê pela sua cara...

M – Exacto, «Mas tu estás com essa cara e tal...» e com os filhos dele é a mesma coisa, se eu vir que ele está assim a ralar mais com os filhos dele, eu também... não é só comigo eu também com os filho dele é o mesmo.

Ralar

L – É muito branda.

M – É natural que seja, é natural que seja...

Cedência

L – Com os seus filhos e com os filhos do outro...

M – Talvez seja porque os miúdos, os filhos do (*companheiro*), têm uma educação, mas eu acho que aqueles miúdos vivem muito apreensivos, tão sempre assim... acho que as crianças não devem viver assim, acho que as crianças devem viver naturalmente, dizer qualquer coisa e não é tarem assim... aí acho isso muito esquisito, pronto, nem tanto ao mar nem tanto à terra, olhe não sei... mas agora também já sei ser mais brusca e quando é preciso dar uma palmada dou e pronto, e vamos ver. Agora pelo menos na escola...

Educação

Firmeza
Palmada

L – A professora disse que ele está a melhorar, e não vai ficar retido, no início do ano era...

Melhoria

M – Aquilo foi mesmo uma coisa que não tem explicação, eu até me fazia mal, porque eu todos os dias ia ver a mala do Eduardo, todos os dias ia arrumar tudo, só que houve um dia, a partir daí disse «Pronto, acabou ele é que tem que ir ver».

Controlar;
Desorganização

L – Diz «Então vá tira cá para fora...»

M – Foi o que eu comecei a fazer, eu tenho tentado de todas as maneiras e de todos os caminhos, até com ele... «Vá vamos lá arrumar a mala e coisa...» ele anda ali um bocado entusiasmado, mas aquilo também é por pouco tempo, ainda ontem à noite...

Experimentação

L – Ah, não o deixe fugir...

M – Não porque entretanto também vou fazer outra coisa e...

Inconstante

L – Não, não pode ir fazer nada.

M – Pronto os livros, as coisinhas dele ficou tudo lá em cima da mesa não é, eu pus a mala a lavar na máquina, eu queria que ele fosse dar uma volta aos livros, eu andava a arrumar o quarto dele e vi um livro antigo, fomos os dois para o quarto, ele a tirar as coisas que foram do 1º ano, do 2º e até do ATL, que ele tinha tudo em pastazinhas, nas prateleiras e lá em cima no armário, mas eu vi que aquilo estava tudo tão cheio, que ele tem muitos livros, porque ele gosta muito de ler, e eu disse «Olha a mãe tem ali uns saquinhos com fechinho e pomos lá os teus livros todos arranjadinhos que é para um dia mais tarde os teus filhos...» e ele foi muito bem, fomos lá os dois, muito contente da vida a ver lá as coisinhas dele, que ele fez quando era pequenino e ficou lá tudo muito bem guardadinho. No outro dia quando vou ao quarto, ai Jesus, os livros já andavam tudo ali num desatino.

ATL

Relação materna

L – Aqueles que esteve a guardar?

M – Não os outros que estavam lá, tudo guardado. «Quer dizer andámos aqui os dois no quarto a arrumar tudo, tão arrumadinho, os brinquedos que já não querias pôs-se tudo dentro de um saco...» que é para ele brincar cá em baixo em casa da minha sogra, às vezes já é carros e brinquedos que é uma trapalhada, mas ele tem pena de os deitar fora, às vezes digo «Ó pá tens pena de deitar fora, mas também para dar a outras pessoas aquilo que já não está em condições, que está tudo espatifado», e para ele brincar cá em baixo ainda dá para se entreter. É despistado, aéreo...

Brincar

Distraído

L – Não pode deixá-lo, não pode sair de ao pé dele...

M – Pois se calhar é o que eu tenho que fazer mesmo.

L – Porque ele não é capaz de fazer isso sozinho.

Relação materna

M – Ai mas eu queria que ele fosse, já tem 8 anos...

L - Mas vá com calma.

M – Mas porque é que ele é assim, quando é para ir para qualquer lado está vestidinho e logo pronto.

Autónomo

L – Pronto é uma questão de hábito.

M – Quando é para ir a algum lado, até ultimamente até tenho estranhado, é que ele anda tão desmotivado, que até eles foram ao Oceanário, que ele adorava ir, e ele não foi ao passeio.

Desmotivado

L – Não quis ir?

M – Ele queria ir, só que ele não me disse a que horas é que lá tinha de estar...ele deu-me o papel e eu assinei, mandei-o para a escola a dizer que realmente ele ia, só que ele... O papel, eu tenho lá na cozinha uma casinha, e lá dentro tem uns banquinhos para pormos lá os recados, não sei que sumiço o papel levou, o papel desapareceu-me de lá. Eu de vez em quando vou lá ver se não me estou a esquecer de nada, e vou sempre ver ali. E ele disse-me que tinha que estar às 9 horas na escola e eu acreditei nele. Sei que às 9...também não deve de ser...daqui para Lisboa não é muito longe, eu até acreditei, ora quando ele lá chegou...não foi. Mas julga que ele ficou muito preocupado...eu pensei «Ai agora quando eu lá chegar ao ATL como é que ele não vai estar, aborrecido comigo», mas por acaso não.

Desorganização

L – Esteve bem?

M – Ela diz que esteve bem todo o dia, esteve bem porque o erro foi dele, pronto, encantado da vida, mas soube-me dizer «Não fui por tua causa», mal me viu, porque com o Sr. que está agora aqui no ATL (*coordenador*), acho que ele... agora têm sido tantos... mas ele disse-me logo «por tua causa» «Não, não, foi por tua causa, tu é que tens que tomar conta dos recados, não sou eu sempre que tenho que andar a ver e a ler, porque eu tenho tanta coisa a fazer que não posso ter cabeça para tudo pá, não posso já viste como a mãe anda, é pá não pode ser» e ele «Pois não se fala mais nisso» e não se falou mesmo, parou por ali, mas se fosse noutra altura, há, há, o que é que ele fazia. Quando queria ir para qualquer lado, estava logo sentado lá no sofá todo vestidinho, todo preparado, e ultimamente não quer saber, será de eu dar os castigos e ele já estar a ficar um bocadinho assim desinteressado. Agora um castigo que eu vejo mesmo que pega e

Culpa

Inconstante

Autónomo; Mudança
comportamento;
Castigos;
Desinteresse

que eu vejo que ele fica mesmo coiso, é não o deixar ficar lá em baixo, em casa da minha sogra. «Não ficas cá mais», ela quando diz não ficas é não ficas mesmo, não é como eu (*risos*)...

Firmeza

L – Ela cumpre.

Cumprir

M – Ela diz, cumpre, e ele já viu que ela não é de brincadeiras, porque ela gosta muito dele, mas de vez em quando manda-lhe ali cada uma. Directas que ele fica logo ali «Ó tia eu prometo que...» e pronto é assim essas coisas. Agora eu fico com pena de o ver desestabilizado e agressivo e essas coisas todas, mas eu às vezes não consigo compreender que... mas o irmão também era assim, eles têm um estilo de nervos que dá ideia à outra pessoa que elas estão a gozar com a outra pessoa, porque fica nervoso e não consegue ficar... assim...já o pai era tal, já é homem e se houver uma coisa que estejam a ralar com ele, pronto que estejam em discussão, ele está a olhar para a pessoa, ele está com aquele coiso de gozo, parece que é de gozo mas no fundo não é, e com o irmão do Eduardo, eu fui à escola e tive uma conversa com as professoras e expliquei o que se passava na minha casa, e tive montes de problemas com o irmão do Eduardo, porque as pessoas julgavam que ele estava a gozar, ele vivia ali naquela cascazinha, ali tudo tão tapadinho, que depois eu também tentei ultrapassar isso e falar com as professoras e dizer o que é que se estava a passar, e pedi às professoras para não dizerem nada a ninguém e elas nunca disseram. E ainda hoje ele já é um homem e elas ainda se lembram de mim por causa daquelas coisas e não sei quê...como é que eu ia agora...e aquelas coisas todas que a gente sabe, e foi uma coisa que eu tive que fazer para ajudar o meu filho, e agora com o Eduardo entrei logo mais por outro lado porque vi que o tentar esconder, e tentar não sei quê, não...

Destabilizar;
Agressivo

Comparação;
Nervoso

Ralar

Interesse materno

Esconder

Relação materna
Esconder

L- No caso do seu outro filho ajudava a compreender o que se passava e no do Eduardo também.

M – Pois hoje o meu filho mais velho é muito calminho, muito sossegado, pacato, não é de discotecas nem... também com a vida que nós tivemos era só trabalho e casa, eu não o deixava andar com os outros, com medo...depois o pai vinha, e depois ele é que pagava e aquelas coisas todas, depois surgiu o que surgiu, era só eu, ele e o irmão os três em casa

Calmo
Ambiente familiar

Violência doméstica

fechados porque ele ameaçava a gente e não sei quê... quer dizer vivemos uma vida tão parva, tão parva, que o miúdo ainda hoje «Ó João estás em casa, então não vais sair?» «Ó estou aqui em casa, estou deitado a ver televisão» pronto e tem namorada, ela vai lá ter com ele.

L – Então agora tem uma vida calma? Ou continua uma agitação?

M – Eu agora não sei se é da gravidez ando assim um bocadinho mais nervosa, ando, deve ser também da gravidez. Mas fiquei, fiquei assim mais calma, e agora também ando porque foi outra vez esta coisa de ele ir lá a minha casa e todas essas situações muito complicadas, e depois é com a minha sogra, com medo que lhe dê alguma coisa porque ela está ali numa ansiedade, por causa do marido, também não posso perder o trabalho. E depois tivemos um acidente muito grande no Natal, foi só um susto muito grande, não aconteceu coisa nenhuma aos três.

Gravidez; Nervosa

Receio

Acidente de Viação

(entra o Eduardo a chamar a mãe)

M- E é o comer, come, come, se não lhe dou o comer começa logo a chorar a dizer que o mato à fome.

L – Não digas uma coisa dessas, então a mãe quer te matar à fome?

M – mas não pode ser... tem que fazer dieta.

L – É comer fruta.

M – Ele come, mas não é aquele miúdo de andar com chupa-chupas, nem chocolate é mais comida no prato.

L – É a seguir ao jantar pô-lo a correr à volta da casa.

M- O meu mais velho é que não, o meu mais velho era um castigo para comer.

Comparação

C – Quando eu era pequenino era assim para comer, estavam a dar papa à (bebé) e eu dizia «Ó mãe olha que eu gosto disto... gosto disto» e depois ela ia comprar e quando eu ia comer não gostava.

M – Era só gastar dinheiro, não havia papas nenhuma, farinhas que visse na televisão que ele não dissesse «Ó mãe daquelas eu gosto... ó mãe tu compras...» «Vamos ver». No outro dia ia à loja, lá vinha a caixa, ele nem esperava ia logo «Olha, vês já tenho» «vamos lá a ver se tu comes», olha

era para uns miúditos que vivam lá perto, esses é que encheram a barriga de papas (*risos*), não é?

L – Hoje foi um dia grande para ti, não é.

M – Eu expliquei-lhe que hoje vínhamos para a Dr^a Liliana, e ele tinha que ficar na sala sossegadinho, eu conversei com ele...

L – Então e ele esteve, portou-se bem, mas também está na hora de irmos jantar.

C – Fixe (*risos*)

M – Mas ele só se preocupa é com o comer, às vezes estamos a combinar ir passear aqui ou acolá, ele chega não pé de mim e pergunta «Então e o que é que a gente vai comer?» não se preocupa com mais nada.

C – Ó mãe noutro dia disse assim «Ó mãe onde é que a gente vai?» e vocês não me disseram nada, e eu «Então onde é que a gente vai comer?»

M – Pois, ai meu Deus...

L – Então deixam-te passar fome?

C – Não.

L – Então para quê essa preocupação com a comida?

M – E depois está a comer, a comer como se fosse... Vá vamos lá embora que a Dr^a também tem de jantar.

FIM

Anexo C

Entrevista 10

Entrevista António (10)

Nome: António.

Idade: 7 anos.

Escolaridade: 2.º ano.

Mãe: 31 anos, empregada fabril.

Pai: 32 anos, empregado fabril.

Irmãos: Bernardo, 4 anos

L – Então vamos começar; a professora diz aqui que ele tem problemas de comportamento no recreio.

Mal-comportado

M = Na sala ele obedece às regras, faz os trabalhos, está motivado, porque nós vamos o incentivando para fazer os trabalhos, tem dificuldade no Português, mas na rua... continua na mesma pelos vistos, na semana da Páscoa pôs os meninos a sangrar do nariz, ele diz sempre que não é ele que se mete, eu também não posso dizer se é ele se não, eles andam à porrada uns com os outros, e depois... ele é um bocadinho mais agressivo... ela diz que o pôs de castigo e que o pôs assim, na rua, no corredor e que ele começou a mandar muitas cabeçadas na parede, diz que nunca tinha visto uma criança a fazer aquilo e ela perguntou-lhe o que é que ele tinha e ele disse que não tinha nada e continuou a bater com a cabeça na parede, e ela diz que não é um comportamento normal, nem para ele, porque o que ela tem dele, é que ele é muito sossegado na sala, pronto às vezes anda um bocadinho mais agitado umas vezes do que outras...

Obediente; Motivar;
Dificuldades
escolares; Contexto
Agressivo

Desculpabilização

Castigo
Auto-agressão

Calmo
Agitado; Inconstante

L É por fases?

M – É, é. Diz que há alturas em que está mais organizado, outras vezes está menos organizado, agora diz que está com uma letra feia, que nem sempre se percebe o que ele escreve e está muito desorganizado, se está sujo deixa ficar sujo, pronto, anda mesmo assim. Em casa, em casa não tenho razão de queixa, ele senta-se no sofá fica a ver televisão não faz mal a ninguém.

Desorganização

Caligrafia

Contexto

L – Portanto fica sossegado

M – É, ele ficou as férias da Páscoa sozinho em casa, porque não quis ir para o ATL, não quis ir para o ATL, tudo bem, eu não o obriguei, estava era constantemente a telefonar para ele. Deixei o caso arrumado, quando cheguei a casa arrumada está, aqueceu o almocinho dele no micro-ondas, fazia tudo sozinho, ele sente-se bem assim, o que é que eu vou fazer, não vou obrigá-lo a ir para um sítio que ele não quer ir.	Sozinho ATL Controlar; Arrumado Autónomo Obrigar
L – Ele não gosta do ATL?	
M – Ele não gosta do ATL, só que eu tenho que lá o meter durante a semana, que eu estou a trabalhar, ele está na escola, alguém tem que o ir pôr à escola, que eu pego às oito e ele só entra às nove, então pronto, na escola está ali, quando não há escola fica ali, «Ai ele é pequenino, não sei quê...» quando eu tinha a idade dele já ficava sozinha em casa, também que agora estamos numa época diferente e tudo mais, mas...	Dificuldades de Adaptação Rotina Comparação
L – Ele fica bem?	
M – Ficou bem, a minha vizinha de baixo diz que não o ouve, não abre a porta a ninguém, está ali, ele quer estar ali, está é todo o dia a ver desenhos animados, pronto...	Brincar
L – Ele está o dia inteiro sozinho, vai buscar as coisas...	
M – Sim, faz as coisas sozinho, vai buscar, arruma no sítio, não deixa nada espalhado, põe a louça dentro do lava-loiça, pronto deixa tudo arrumadinho, acho que não posso exigir mais dele em casa, agora na escola.... Pronto é como eu digo tem um comportamento mais agressivo, acho que...	Autónomo; Arrumado Contexto Agressivo
L – Então e quando sai com ele?	
M – Ah! É assim, quando vou às compras com ele, ele pede-me isto e eu explico-lhe..., nem sempre se lhe pode dar o que eles querem, então explico-lhe «Este mês não dá, ... agora não posso comprar, tenho que comprar antes o comer, em vez de estar-te a dar brinquedos, ou não sei quê», não faz birra, nem nada «Pronto, 'tá bem mãe», fica bem, e não tem problema, pronto, tenho que o chamar duas ou três vezes para vir para ao pé de mim, porque ele não me ouve, ou faz ouvidos de mercador, mas pronto, em relação... sai comigo, porta-se como deve de ser, vai às compras, só com o irmão é que já é um bocadinho mais agitado, o irmão é mais pequenino, ele faz o irmão também quer fazer.	Regras Firmeza Aceitação Distraído; C. Oposição Agitado Comparação

L - Que idade tem o irmão?

M - Tem 4, pronto, então é assim, tudo o que ele faz o irmão quer fazer

C - Vai fazer 5, tem 4 anos agora.

L - Ah, espera, tu fazes anos este mês...

M - Faz anos este mês e o irmão também faz anos este mês.

L - São os dois de Abril.

M - São um do fim, outro do princípio, ele pensa que pode fazer o mesmo que o irmão, mas não é por isso que ele é mais agitado ou coiso, não, «António anda cá à mãe, achas que estás a fazer bem, não sei quê...» «Não mãe, 'tá bem mãe» pronto, lá se assenta, o irmão bate-lhe morde-lhe, ele nem ao irmão bate...

L - Portanto o mais novo faz-lhe alguma coisa

M - Não responde, ele como não responde ao irmão provavelmente pensa «Eu não vou responder ao meu irmão porque ele é pequenino, então lá na escola posso responder a todos», eu acho que ele deve pensar assim, mas eu estou farta de ouvir, de lhe dizer a ele que não se pode andar à porrada sempre, chama-se um adulto e diz-se-lhe, mas ele não «Ó mãe, ele bateu-me eu bati-lhe» Não posso estar sempre «António, António, António...» porque eu não posso tê-lo sempre de castigo como a outra psicóloga disse, eu às vezes punha-o 2, 3 dias de castigo, e ela disse que não, basta 1 hora ou 2. Por exemplo, hoje está de castigo só 1 ou 2 horas, que é para eles, pelo menos foi o que ela me explicou, como eles são crianças, 1 hora ou 2 parece...

L - Uma eternidade.

M - É, então eu aprendi, portanto vou aprendendo alguma coisa também, eu sou nova ainda tenho os bofes todos, não é, e vou aprendendo, e assim hoje ponho-o de castigo um bocadinho «Ah, já não estou de castigo» todo contente, que vai ver os desenhos animados, e eu digo «Não», pronto, fica bem...

L - Aceita bem os castigos?

M - É, aceita. Ele agora está de castigo, não pode jogar Gameboy.

L - O que é que aconteceu?

M - Aconteceu que ele bateu a dois meninos, pôs os meninos a sangrar do nariz e a mãe disse logo que enquanto a mãe não tivesse uma resposta

Comparação
Agitado

Ralhar; Aceitação

Causa

Regras

Agressivo

Castigo; Psicóloga

Inexperiência

Castigo
Firmeza;
Aceitação

Aceitação; Castigo.

Agressivo

da professora que ele estava-se a portar melhor, não jogava Gameboy, não joga Gameboy, vai jogar no telemóvel do pai, mas pronto.

Mal-comportado
Regras

L – Então e na escola ele tem... há turmas que têm um quadro de comportamento com bolinhas...

M – Tem, no ano passado tinha, este ano acho que não, não tem.

L – Isso é pena.

M – Acho que eles ficavam muito revoltados com esse quadro porque... quer dizer, de manhã portavam-se mal, ele tem a turma da manhã e de tarde...

Turma; Revoltado

C – De manhã portam-se bem depois à tarde...

L – À tarde já está tudo cansado

M – Ou vice-versa, de manhã portam-se mal e à tarde portam-se bem, e a professora dá-lhe a marca de presença do comportamento conforme o dia todo, não é só daquela... então eles não levam aquilo muito a sério, porque ficam muito revoltados, porque se se portarem bem de tarde querem que a professora ponha um verde, porque se portaram bem. Ela explica que só pode pôr um amarelo porque portaram-se mais ou menos e eles não concordam com isso, então ela deixou de trabalhar com esse sistema, porque eles revoltavam-se um bocadinho, se quase ao fim do dia eles se portavam bem... eles têm esse sistema nas aulas de ginástica aqui no ATL, porque o que nos veio demonstrar que o António estava com problemas foi logo aqui que entrou no ATL, foi logo assim que ele entrou ali no ATL, não há nada a fazer o António é uma criança mais ou menos...

Turma

ATL

Mal-comportado;
Dificuldades
adaptação

C – Não, não, quando entrei no ATL portava-me bem, mas depois quando entrou o (*colega*) portava-me mal.

Bom comportamento
Mal-comportado;
Causa

M – Pronto, eu acho que tudo tem a ver é com a pessoa que estava à frente, mas é assim eu...

Culpa

L – Ele destabilizou um bocadinho na altura?

M – Foi, porque é assim eu tenho falado com o (*coordenador do ATL*), ele é o responsável agora pelo ATL e diz que não tem razão de queixa do António, quem tem razão de queixa é o novo (*coordenador*), a novidade para o António é que é mau. É assim, hoje pode lá ter 5 educadoras, amanhã já tem 6. Aquela educadora nova, ele fica assim de ponta uns dias

Destabilizar

Causa

com ela, mas depois passa. Mas dois ou três dias anda-se a portar ali com ela, que é só com essa pessoa, não é com tudo mas com essa pessoa porta-se mal, eu acho que é a novidade, o ser novo para ele, que o... o conhecer a pessoa e ver o que é que pode fazer com essa pessoa e a pessoa com ele e então chocam um bocadinho, mas depois entram num acordo os dois não é, entre aspas, uma das pessoas que me disse realmente que o António era mal-educado e tinha mau comportamento e isso assim, há uns meses atrás, quando eu recebi este papel, ontem estive a falar comigo e disse-me «O António mudou imenso» e eu disse «Não lhe fiz nada, nem sequer à psicóloga o levei» mudou imenso o quê, foram eles que entraram dentro de um acordo...

L – Conseguiram-se entender...

M – Entender... porque claro, ele tem o comportamento dele, ela é adulta tem o comportamento dela, é normalíssimo e quem tem que mudar, entre aspas, é a criança, que vai evoluindo de comportamento, não é, e ela disse «Ai ele cresceu imenso, não sei quê...» ao fim ao cabo o António tem o mesmo comportamento que tinha antes, que tem agora, é a mesma coisa

L – E na sala de aula?

M – Na sala de aulas... é assim eu tenho lá no relatório que eu li, acho que ele está um bocadinho desorganizado e...

L – É este relatório ?

M – Não, isto é o relatório para aqui, nós temos uma avaliação de três em três meses.

L – Ah, a do final de período.

M – E diz que ele em certas actividades é um bocadinho mais destabilizador, quando está a fazer uma prova, faz uma coisa, levanta-se vai dar uma volta e volta a sentar-se não está muito concentrado, agora nesta avaliação... e assim pode ser alguma coisa a ver com o eu também não andar bem e o pai, não digo que não seja isso, e que possa provocar isso, nós não andamos bem e não sei quê, possa desestabilizar um bocado, mas também...

L – Mas isso não acontecia nos outros períodos?

M – Não, não, agora neste... está um bocadinho mais... mas é assim quando ele fez a avaliação, eu e o pai não estávamos... não estávamos em

Mal-comportado
Inconstante

Causa

Conflito

Mal-educado; Mal-comportado

Mudança

Psicóloga

Desorganização

Destabilizar

Falta de
concentração

Causa;
Dificuldades
conjugais

Mudança

conflito um com o outro, não sei...é daquelas coisas que os casamentos de hoje em dia têm, não estamos bem assim, não estamos bem assado, e quando ele fez a prova não estava muito... nós não tínhamos nada, dávamos bem e não sei quê, agora é que tem sido mais picados um com o outro. É numa fase mais complicada e provavelmente é por isso se calhar que ele anda um bocadinho desorganizado, mas de resto o comportamento é como está aqui... é assim em casa.

Dificuldades
conjugais

L- Como é a avaliação a Português, Matemática e Estudo do Meio?

M – Estudo do Meio foi suficiente ou foi excelente... ai um foi suficiente outro foi excelente, satisfaz mais e outro foi bom, pronto, Matemática ele tem sempre bom, Estudo do Meio teve satisfaz mais ou satisfaz, pronto. É assim as provas dele mais ou menos são assim, a outra tinha sido um bom pequeno a Português, um bom a não sei quê, pronto é tudo assim, ela estava-lhe a dizer a ele...

Confusa

C Acabei.

L – É aquele que está no caderno.

C – É.

L Tens jeito.

M – Ela acho que disse a eles agora no início da escola que se continuarem assim, que passam, portanto não tem assim...

L – Em princípio pode ter mais dificuldade no Português mas não é assim para ficar retido.

Dificuldades
escolares

M – Não. É assim o que ele tem é que dá muito erro, confunde as letras uma com as outras prontos, mas isso é normal que a mãe também era assim, isto já é...

Comparação

L Já na 2ª classe?

M – Pois. Mas é assim dá imensos erros, teve um ditado deu 9 erros, mas pronto também não se pode... há crianças que não dão nada, mas também vai da criança. Ela diz que ele se atrapalha um bocadinho com as letras, tanto que eu obrigo-o a fazer muitas cópias. Isso é plasticina filho (*fala com o filho*)...

Dificuldades
escolares

L – Não é tinta.

C Posso pintar?

Obrigar

M – Não. Tu depois sujas-te todo, ó amor brinca, faz lá mais uma coisinha com a plasticina.

C – Eu sei pintar...

M – Tá bém mas depois sujas-te todinho... Não vejo assim mais...

L – Ele andou no Jardim-de-infância?

M – Andou, na Santa Casa, andou uns tempos nas aulas de kickboxing, depois quando começaram a dizer que é que o fazia ter este comportamento eu tirei-o até ver o que é que os psicólogos dizem, a psicóloga diz que não tem a ver, que devia mesmo andar, pode ser o ele responder quando o magoam com mais força, com violência, porque ele tem aquelas aulas de kickboxing e sabe amandar um murro...

L – Tem uma certa técnica.

M – Tem uma técnica mais apurada pronto, e pode aleijar mais facilmente, mesmo sem ele sentir que aleija, geralmente o... é assim ele não pode fazer natação, ele não pode... ele correr pode correr, mas não dá aqui assim muito jeito por causa da estrada, e eu achei... e mesmo o pediatra dele, que ele podia ir para o kickboxing que é uma aula que tem regras, porque não está a fazer kickboxing só por fazer kickboxing, têm regras e ele tem que cumprir as regras ali... e eu não vi assim inconveniente, e além disso se eu o podia lá ter era porque... e se o tinha lá era porque tinha indicações para isso. Aqui começaram achar que ele não podia andar lá e eu tirei-o e pu-lo no teatro, a psicóloga disse que não tinha nada a ver que eu podia pô-lo, mas eu deixei estar a ver se realmente era...

L – Já no Jardim de Infância?

M – Já andava, no Jardim de Infância quando passou aqui para cima para o ATL é que eles começaram a implicar por ele andar no kickboxing, porque nós preenchemos um questionário, temos que dizer se eles praticam desporto, se não praticam. O que é que eles fazem, e no questionário pus que ele fazia kickboxing, não estava a dizer nenhuma mentira não é, e ao mesmo tempo estava a dizer... logo assim que entrou fizeram logo um bicho, que o kickboxing era uma actividade muito agressiva... mas há crianças no karaté, há crianças no boxe, há crianças no juhitsu ou o que é aquilo, tudo isso são modalidades com regras.

Firmeza

Jardim-de-Infância;
Actividades

Psicólogo

Agressivo; Causa

Técnicos

Regras

Causa; Actividades;
Psicóloga

Jardim-de-Infância

Actividades

Complicado

Comparação; Regras

L – Exacto, que ajudam a concentração...

M – E para mais ajuda a gastar um bocado da energia que eles têm, porque eles têm muita energia, e foi por isso que o metemos lá. Não, o kickboxing, é o kickboxing, pronto tirámo-lo de lá, o comportamento do António ainda ficou pior nessa altura, quer dizer eu achei que não fosse...

L – ele faz actividade agora?

M – Agora não está a fazer nada porquê, porque está naquela coisa do kickboxing é que provocava... mas eu acho que não, gastou-se o dinheiro no equipamento, gastou-se o dinheiro em tudo e agora não me está a fazer a actividade que gosta, porque ele gosta muito do kickboxing, porque o ATL achou que ele estava a fazer uma actividade muito agressiva, podia prejudicar os outros, mas têm crianças a fazer actividades idênticas.

L – Devem ter mais a fazer karaté...

M – Tem, tem, tem crianças a fazer karaté, tem crianças a fazer boxe, eu acho que não tem problema nenhum, eu estou à espera de... por exemplo isto, eu já sabia que mais dia, menos dia vinha aqui a uma consulta, com o relatório daqui e conjugando com tudo, provavelmente vou voltar a pô-lo no kickboxing.

L – Ai sim no kickboxing ou no karaté?

M – Eu achei que ele estava a fazer uma actividade que o ensinava a ter regras e tudo o mais. Quando cheguei aqui e ele disse que não, bom, eu fiquei mesmo, bom será que eu sou mesmo... é que eu cheguei ao ponto de achar que era uma má mãe, que estava... é assim eles duvidaram de mim, que por eu ter um menino com problemas de saúde negligenciasse este, que não desse tanta atenção ao António como dou ao outro, antes pelo contrário, eu dou mais atenção a este, que eu não posso andar com eles ao colo, e ando por vezes com eles ao colo... é assim puseram-me quase em causa, tipo «a senhora não é uma boa mãe para o António...» eu fiquei... em estado de choque, realmente a saber que faço tudo por ele, por ele e pelo irmão não é, e dizerem-me quase com todas as letras que eu não era boa mãe, fiquei um bocadinho chocada, mas pronto, passou deixei coiso... fui para (localidade) com ele para uma psicóloga em (localidade), não se pode andar com ele...

L – É um bocadinho...

Actividades;

Mudança

Causa

ATL; Agressivo

Técnicos

Actividades

Regras

Questionamento

Comparação

Mimos

Relação Maternal

Psicóloga

M – (*Risos*) É muito dispendioso e tudo, era um dia sem escola, era um dia sem eu trabalhar, era um dia... só o que eu gastava para ele lá estar, e era só uma horinha... Depois a Dr^a (*médica*) disse-me «Aqui já há, vamos ver se gosta...» e realmente era da Caixa não pagava nada, a Dr^a era muito boa gostei imenso dela, mas depois de dar alta ao António e não nos mandar o relatório... é que eu fiquei assim... não percebo nada disso também não sei como é... agora passado este tempo é que a professora me disse «Então o relatório da psicóloga do António?» ninguém me deu nada, não sei nada disso, ninguém me disse nada não podia entregar.

Dificuldades
financeiras

Psicóloga

Incapacidade

L – Com certeza

M - «Tem que trazer um relatório, não sei quê...» «Tá bem, agora quando for a esta Dr^a para avaliação e não sei quê, depois eu trago o relatório». Tem que ser mesmo assim?

L – Eu não sei como trabalha a psicóloga da Caixa, aqui como nós trabalhamos com os professores vai sempre um relatório para a escola.

M É assim a ela, a única coisa que eu pedi a ela, foi eles... pôr o António, o António e não só, mais crianças, com o coordenador que lá estava, punha os miúdos na cozinha horas a fio, na cozinha entre aspas, aquilo era mais uma copa, ali horas fechado, ali sozinho, acho que isto não é... é castigo que se dê a uma criança com 6 anos, se dizem que tem problemas, não se põe uma criança sozinha. E eu pedi-lhe a ela pronto, se podia mandar algum recadinho, entre aspas, para o coordenador, porque não era ético pôr uma criança assim pronto, disse que sim que eu estava a dizer certo, lá escreveu uma cartinha, ele leu a carta e teve o desplante de tirar uma fotocópia e entregar à psicóloga do infantário da (*Instituição*), e ela disse-me que sim «Que isto não é correcto» e ele virou-se para mim e disse-me «Ah isto é um caso a pensar». E eu fiquei ali a olhar, pronto, se ele estava a pensar eu não tinha nada com isso «Só tenho a dizer que o meu filho está a ser prejudicado pela sua maneira de ver as coisas, eu sou mãe e sei o que é melhor para o meu filho, em princípio acho que isto está mal, tanto para o meu como para qualquer um» e ele disse-me «Ai não sei quê, eu é que sou o coordenador e tenho estudos e não sei quê...» «Também eu sei que sou uma ignorante ao pé de si, mas acho que não está correcto, não está correcto, que isto não volte a acontecer» «Ah vou

Castigo

Psicóloga

Relação materna

Incapacidade
Firmeza;
Ignorância;
Confronto

pensar». Não é assim quem se responde a uma mãe que acha que ele está a agir mal.

C – Mãe ele disse que era o coordenador.

Regras

M – Olha depois tens que lavar isso tudo.

L – Ah mas ele arrumou tudo...

M – Arruma sempre, ele lá em casa arruma sempre tudo, «Ô António vai arrumar o teu quarto» o quarto, entre aspas, os brinquedos, e ele lá vai, refila um bocadinho mas depois vai, «Quer dizer o mano desarruma e eu arrumo».

Arrumado

Refilão; Autónimo

C – Pois ele é que desarruma tudo...

M – Prontos, mas olha tens muita tinta neste pincel filho.

C – Então porque eu fiz muitos...

M – Tá bem.

L – Então como é que era o António em pequenino?

M – O António em bebé era uma criança que... bebé mesmo?

L – Era um bebé calmo? Chorava para dormir?

M – Não, era assim um bebé que comia e dormia, era comer e dormir, é assim eu senti que o António era muito calmo mesmo na gravidez, porque o António nunca se mexeu, e houve uma vez que eu disse assim à minha médica, era uma Dr^a de 50 e tal anos e eu era uma garota com vinte, eu disse assim à Dr^a «Ó Dr^a o meu filho não mexe, não tem problema nenhum?» «Estas mães quando é a primeira vez ficam logo todas preocupadas, porquê» «Então eu em 9 meses nunca senti o meu filho mexer» e ela «Isso não se preocupe, depois amanhã há-de cá vir para me dizer que tinha razão». Realmente ele era comer e dormir, aí até ao ano e meio ele era comer e dormir, depois começou a ser uma criança normal não é, mexia aqui, mexia ali, mas não partia nada em casa, bem mas partiu na casa da avó, era assim ia a casa da avó não sei quê...partia...mas é assim não quer dizer que não fosse um bebé...uma criança normalíssima, mexia, tirava, punha...

Calmo;

Técnico

Gravidez ansiosa;
Medo;
Inexperiente

Avó

L – Quando dizia para não mexer...

M – Não mexia, pronto às vezes lá ia tocar outra vez, mas isso acho que são todos assim

L – É o que todos fazem

M – Mas eu «António!» e ele lá ia pôr, não fazia...pronto pegar nas coisas e amandar de propósito para o chão para partir, não fazia nada assim. Teve no Infan... na ama, é assim o António chegava a casa mordido, e ele era bebé, tinha 2 aninhos, chegava a casa todo mordido da amiga, e eu «Ô António se a menina te morde, mordes também»

L – Ele foi para a ama com que idade?

M – Ele foi com 4 meses, tive licença de parto, tive mais um mês, e depois foi logo para a ama. É assim aos 2 anos apareceu-me com uma dentada no olho. «Ô António...» «Ô mãe foi a Ana», e pronto lá ele dizia que tinha sido a amiga, outra vez foi numa perna, é assim passadas 2 ou 3 vezes de ela lhe morder eu disse-lhe a ele «Então agora dás-lhe tu uma a ela». Realmente passados uns dias ele disse-me «Ô mãe a Ana nunca mais me mordeu» porquê, porque ele mordeu-a a ela também, ficamos por ali. Depois começou, um batia-lhe ele batia também, outro batia-lhe ele batia, mas é...crianças não é, se um faz o outro faz também. Depois aos 3 anos e meio entrou no Infantário, lá em baixo, realmente as senhoras que estavam lá, as educadoras, diziam que ele levantava a mão para os amigos, berrava para os amigos, mas é assim ele fazia, mas quando lho faziam a ele não diziam, porque ele chegava a casa mordido, ele chegava a casa com uma nódoa negra, chegou a casa com a sobrancealhazinha aqui cortada, com dois pontos, quer dizer ele fazia, mas os outros também fazem, eu cheguei à conclusão que é assim, eles estão vinte crianças numa sala, ninguém é santinho, e um faz o outro faz também.

L – É da idade.

M – Um faz o outro faz também. É assim fiquei grávida depois de ele entrar no Infantário e o irmão lá nasceu, eu nunca notei que ele tivesse ciúmes, nós dávamos tanto miminho a um como ao outro, entretanto o irmão ficou doente, ficou internado no hospital, aí admito deixámos o António um bocadinho de parte, é normal porque ao fim de 45 dias no hospital com o irmão, eu sei que ele sentiu a nossa falta, é assim não deixámos de dar atenção ao António por querermos, foi por necessidade e sei que isso se sente no António agora, porque realmente uma das...a outra psicóloga disse que o que o António tem é relacionado com o

Firmeza

Ama

Relacionamento
entre pares

Relacionamento
entre pares

Agressivo

Jardim-de-Infância

Agressivo; Gritar

Queda

Comparação

Gravidez

Ciúmes
Mimos

Sozinho

Indisponibilidade
Causa
Psicóloga

irmão, o não querer crescer porque tem medo de perder o miminho, a... pronto, mas nós não fazemos do António... por ele ser mais velho que o irmão não fazemos distinção, não sei... dou isto a um, dou aquilo a outro, pelo contrário ele recebe mais do que o irmão, mas é por uma questão de que ele precisa mais do que o irmão precisa, mas não vejo assim que eu faça diferença de um para o outro, ou dou isto àquele, ao pequenino, e não dou ao António, não. Olha agora deixas secar um bocadinho (*dirigido à criança*).

Causa; Mimos;
Infantil

Comparação

Relação materna

L – Aquelas doenças dos miúdos, ouvidos garganta, papeira...

M – O António só teve ainda varicela, de resto os ouvidos teve uma ou duas vezes uma otitezinha, garganta não teve nada, graças a Deus tem sido uma criança saudável, o único problema que ele teve foi respiratório, mas isso foi quando era bebé, andou a fazer ginástica respiratória e não sei quê, mas de resto agora não tem tido assim problema nenhum.

Doença

L – Ele teve o quê?

M – É assim ao princípio o médico pensava que ele tinha bronquite asmática, na família há, como ele teve sempre com os pulmões muito atacados, ele mandou fazer aqueles exames todos e não sei o quê, e depois andava na ginástica respiratória, que é fazer aerossóis e lá aquelas palmadinhas que elas fazem, pronto fez isso durante um ano e tal.

Técnico

L – Com que idade?

M – Tinha para aí um ano e meio, foi a partir de um ano até aos dois anos e meio quando ele andou a fazer, e as coisas dele eram mais no verão que no Inverno, mas pronto....

C – Ó já me sujei.

M – Tá bem, e depois eu lavo.

L – Sai com água.

M – Mas de resto foi sempre uma criança...

L – Saudável.

M – Sim saudável graças a Deus, já me basta apanhar os sustos que apanho com o outro para não apanhar com este. Ficou com uma ferida no joelho, que ele fez.... foi ele estava a brincar com o primo, tem mais 3 ou 4 anos que ele, e resolveram desmanchar uma cadeira daquelas de alumínio e desmancharam a cadeira, daí a pouco só oiço assim «Ô mãe tenho os

Quedas

calções presos» quando lá chego tinha um grande corte na perna, ele nem se queixou que tinha uma ferida era mesmo os calções (risos), quando eu fui a ver, fui com ele para o Centro de saúde levou 6 pontos, não foi assim tão pequenininho, ele tinha 4 anos, ficou preso e conforme ficou preso cortou, mas ele nem chorou por causa de ter aquilo, chorou foi depois no Centro de Saúde; ia deitando o Centro de Saúde abaixo não foi filho? E depois foi na escolinha aquela do olho, mas foi assim o engraçado é que foi a própria educadora que o cortou, com uma caixa de lápis, ia assim o António fala com ela, ela vira-se de repente e bate-lhe mesmo com aquilo na sobancelha, quer dizer só me avisou depois de aquilo estar cosido e tudo o mais; «Ai mãe não é nada de preocupante mas o António cortou-se» e eu «Cortou-se?» «Sim numa sobancelha» e depois passados uns dias é que me disseram como, eu fiquei assim então mas isto...

Chorar

Queda

L - Não a avisaram quando ele foi para o hospital?

M - Não nada, avisaram-me depois já ele tinha sido cosido, estava tudo bem ele já estava no Infantário outra vez quando se dignaram a dizer à mãe que ele se tinha aleijado, agora não, agora já têm um bocadinho mais de...

L - De atenção.

M - ...de atenção nestas coisas, porque assim que vêm que eles estão murchinhos telefonam logo, mas naquela altura estava mais desorganizado, mas é assim um Infantário que já tem 30 anos não é para estar...

L - Já deve ter algum calo.

M - É, é, vieram para aqui, pronto tudo bem, mas depois não teve assim nada de especial, claro uma constipaçãozinha mas isso...

Doenças

L - Mas isso nós também não é?

Ciúmes

M - Agora pelo Natal teve ciúmes do irmão. Foi no dia da Natal, foi a prenda dele, a varicela, mesmo no dia da Natal, o irmão tinha ficado antes com Varicela, depois fomos para Coimbra, quando lá chegamos estava tudo doente.

L - Já iam doentes?

M – Não, não, nós fomos no dia 23, no dia 25 aparece-me o António todo cheio de piquinhos «Ó mãe, olha para isto» e eu «Então filho agora estás com varicela também», no dia 26 tive que ir com ele às urgências lá, nós reclamamos daqui mas lá é ainda pior, é assim, o único hospital que tem urgências para crianças tem que se pagar, eu fiquei a olhar, mas não é por causa disso, mas eu tive que, tivemos que fazer 30 km para ir com ele às urgências.

Doença

C – E tivemos que lá estar duas horas à espera.

L – Ainda bem que não era uma urgência muito grande.

C – O meu amigo teve no sangue.

L – No sangue?

M – Teve muito mal no hospital, com varicela, diz que temos tanto... varicela no interior como no exterior, o que dá por fora às vezes recolhe e é mais interior do que exterior, quer dizer o amigo deles teve uma semana e tal no hospital ...

C – Uma semana não, duas. Não foi à escola.

M – Ah pois.

L – Então ainda bem que tu não tiveste por dentro, foi só por fora.

C – Foi até aqui (*aponta*).

L – Até à garganta... as maiores dificuldades que sente com o António é a nível da escola?

Contexto;
Dificuldades
escolares

M – Sim.

L – É o português?

M – Sim.

L – E é o recreio?

M – Sim, o comportamento dele no recreio, que é um bocadinho mais agressivo que o que deve ser e é realmente ele ter um bocadinho mais de dificuldade a ler e a escrever, quer dizer, não é o a ler, é mais a escrever que ele até lê mais ou menos, só que o escrever...

Mal-comportado
Agressivo

L – Salta palavras?

M – Não ele até por acaso lê bem. Agora não é porque eu tenho puxado muito por ele e ele lê bem. Simplesmente é mesmo o escrever. Às vezes mesmo a copiar assim dá erros.

L – Então os trabalhos de casa?

M – Ah, isso é lento «Ó António faz os trabalhos» «Ó mãe já estou a fazer» faz uma letra pára, 5 minutos depois... todos os dias é assim, enquanto faço o jantar, às vezes faço o jantar, dou banho ao irmão, vejo os desenhos animados com o irmão e o António a fazer os trabalhos da escola, só faz... se não for muito. É assim, às vezes traz 4 ou 5 contas pra fazer, isso ele faz depressa, mas quando tem uma cópia, as cópias... as cópias são assim para fazer em 2 ou 3 horas.

Trabalhos de casa;
Lento

Rotina

L – Mas não reclama de fazer os trabalhos de casa?

M – Só reclama quando a mãe o põe de castigo e faz mais um bocadinho, eu como acho que ele tem um bocadinho de dificuldade a escrever, faço-o fazer umas palavras difíceis, ele fazia o abecedário todo e agora está um bocadinho... esquecido, faço-o fazer o abecedário, umas palavras difíceis, a professora manda as palavras difíceis, faz 3 vezes cada uma, eu faço-o fazer 4 ou 5...

Refilão; Castigo
Dificuldades
escolares; Obrigar

C - 5, é.

M – Se a professora manda fazer 10 eu faço 15, pronto, faço-lhe um bocadinho mais, porque sei que ele precisa, e ela diz que sim, que acha muito bem, que quanto mais ele for trabalhado melhor para ele «Ele que faça só mais um bocadinho». Ele reclama quando eu chego lá e vejo tudo borrado, ponho uma folha nova e torna a fazer de novo, isso ele reclama um bocadinho, reclama e chora e não sei quê, ou se falo um bocadinho mais alto com ele, tem que ser assim um volumezinho normal para se falar com ele, é assim, se estou a falar muito alto ele chora, se falar baixo ele não ouve, tem que ser assim um volumezinho...

Firmeza

Refilão

Manipulação
Criança

L – Tem que descobrir o volume certo.

M – É, é, pois é assim «António, vamos trabalhá... António...» nunca faz os trabalhos todos de seguida é «Tenho que ir à casa de banho, tenho fome, tenho que beber água», pronto tem sempre alguma coisa para fazer extra, antes de fazer os trabalhos, é ele com isso e o irmão com o jantar, não gosta nada de jantar e então é assim «Ó mãe tenho que ir à casa de banho» «Come tudo», é assim um com os trabalhos e outro com o comer.

Manipulação
Criança

Trabalhos de casa

L – O António com o comer não tem....

Comparação
Dificuldades
alimentação

M – Não, se for tudo como ele gosta, por exemplo, ontem estava tão doente, tinha uma dor de cabeça que não me podia baixar, e eu perguntei

porque ia fazer carne picada, perguntei o que ele queria, se queria lasanha ou se queria carne picadinha com molhinho e esparguete. Ele foi logo pedir o mais difícil, foi pedir lasagna...

C – Não falasses.

M – Pronto, foi pedir logo o mais trabalhoso, mas comeu, porque há dias em que diz que não gosta de lasagna outras de bacalhau, é assim, quando não lhe apetece ele diz que não gosta, de resto não tenho assim dificuldades com ele, é mesmo a professora... e ali agora no ATL...

Inconstante

Contexto

(marcação da próxima consulta)

FIM

Anexo C

Entrevista 11

Entrevista Guilherme (11)

Nome: Guilherme.

Idade: 9 anos.

Escolaridade: 3.º ano.

Mãe: 32 anos, doméstica, novo companheiro.

Pai: 42 anos, desempregado.

Irmãos: Rui, 3 anos, João, 9 meses.

L- Vamos lá então falar um bocadinho sobre o Guilherme

M – O Guilherme foi ao Instituto de Medicina Legal dia 15, primeiro foi à Polícia Judiciária, esteve lá quase 2 horas, foi complicado, foi uma situação, fartei-me de chorar...esteve 2 horas lá dentro, sempre ele sozinho, e depois o inspector pediu-me para entrar para falar um bocadinho. Eu entrei e o inspector disse-me «Olhe confirma-se que a senhora não está a mentir, confirmou tudo aquilo que está aqui escrito, o seu depoimento, a queixa, pronto confirma-se tudo». E o Guilherme ainda por cima falou numa data de coisas que eu nem sabia, como ele dizer que...ele disse ao inspector que dizia à (*ex-companheira do pai*) que não queria ir tomar banho, e a (*ex-companheira do pai*) batia-lhe (descrição das queixas de abuso) ... e o inspector perguntou-me se falava com o Guilherme sobre isso. (*descrição das queixas de abuso*) ... e ele chorava. Ela voltava a fazer aquelas coisas todas e que depois dizia «Guilherme se tu contares alguma coisa a alguém eu ainda te bato mais». Não é nada, que eu se calhar não esperasse, mas não sabia...

L – Não sabia até que ponto...

M – Agora isto já vem antes dos 5 anos, eu começo a ter a noção do que aquele miúdo sofreu até hoje, e continua porque é uma coisa que não está passada. Leu o depoimento (o inspector), falou com o Guilherme, e disse-me logo que o Guilherme não estava a mentir, contou-me o que eu não sabia, e pediu-me que não mencionasse nada com o Guilherme, só quis mesmo falar com ele sobre isso, e disse-me também que a (*ex-companheira do pai*) já tinha sido chamada para também ir lá, porque isto

Órgãos Judiciais
Chorar (mãe)

Queixa

Abuso infantil

Chorar

Esconder
Desconhecimento

Consciência

foi em (*localidade*). E pronto ele esteve quase 2 horas ali, e saímos dali fomos para o Instituto de Medicina Legal, estava marcado também pela Polícia Judiciária, para fazer os tais exames. Entrei, falei com a Dr^a, estivemos um bocadinho a falar, e depois a Dr^a. perguntou-lhe, porque ele estava muito cansado, a Dr^a. perguntou-lhe «Queres falar comigo?» e ele disse que sim, então eu saí, e ele esteve a falar com a Dr^a uma horinha mais ou menos, a Dr^a. fez algumas perguntas a mim também, se... ele em casa com o (*companheiro da mãe*), se estava tudo bem, qual era o emprego dele. Depois esteve a falar com o Guilherme, e entretanto pediu-me que quando fosse fazer o exame ao Guilherme, era melhor se eu estivesse presente, e ele disse que sim que queria a mãe ali, e eu fui e comprovou-se, e a Dr^a disse-me que nenhum juiz pode provar o contrário, ela examinou-o de baixo a cima, perguntou-lhe até «Como é que a (*ex-companheira do pai*) fazia» ele mencionou uma coisa que eu nem sequer... fiquei de tal maneira chocada, ele muito nervoso, todo ele tremia, não parava de tremer, muito assustado, depois foi lá para cima, e a Dr^a disse-me «Não, comprova-se é verdade, e pronto é um trauma enorme» e eu disse «Dr^a isto é muito complicado, porque realmente ele continua a fazer cocó, não há maneira de melhorar, não há maneira de eu ver o Guilherme...pronto...». E a Dr^a. disse «Pois sinceramente não sei dizer, mas que isto vai ser muito difícil, vai, mas que juiz nenhum pode provar o contrário, isso não, a criança passou mesmo por isto». E pronto explicou exactamente como é que as coisas aconteciam, e a Dr^a olhou assim para mim, ele estava de costas, e abanou a cabeça, e fez assim realmente e mesmo... O relatório foi enviado para a Polícia Judiciária e ficou mesmo comprovado.

L – Portanto vai seguir para Tribunal

M- Vai. A Dr^a disse mesmo...eu estava muito nervosa, e ela disse «Não pode vir Juiz nenhum que diga que aquela criança não passou por isto». Com os exames que ela fez, viu tudo, e perguntou-lhe à minha frente como é... quer dizer...

L – Para ele explicar como foi...

M – Quer dizer, uma situação de adulto, e perguntou-lhe inclusive quantas vezes é que ela fazia isso (...), perguntou tudo, e ele disse que sim que

Órgãos Judiciais

Cansado

Técnicos

Chocada; Nervoso
Medo

Abuso infantil
Encoprese

Queixa

Nervosa

ficava, que era muitas vezes que isso acontecia, quer dizer, não era nada que eu... sabia que isso acontecia, mas foi... custou...

Difícil

L – Ouvi-lo contar é diferente

M- É. E foi ali que ouvi, não é que não me tivessem dito, disseram-me na altura, pronto, havia aquelas pomadas, aquelas coisas... pronto, mas que apresentaram queixa porque viram realmente que alguma coisa tinha acontecido. Mas no Instituto foi quando eu tive aquela... foi quando a Dr^a disse mesmo é verdade e pronto...e isso aconteceu, e a situação do Guilherme é complicada, muito complicada.

Queixa

Difícil

L – E como é que vai ser daqui para a frente?

M – O Guilherme vai voltar ao Instituto, dia 8 e dia 22 vai voltar novamente.

L – De Maio?

M – Não, de Junho. Em Junho volta ao Instituto de Medicina Legal, a Dr^a faz questão de voltar a vê-lo, ela gostou muito dele, e entretanto ela disse-me «Olhe eu entretanto vou estar ausente, mas no dia 8 vou estar presente, quero voltar a vê-lo e falar consigo». Ele vai para Pedopsiquiatria, esses dois dias, vai para consultas de Pedopsiquiatria, e a Dr^a explicou-me que... pronto é como se fosse uma máquina. Eles agora vão ver até que ponto é que ele está danificado, que ele estar, está, mas vão ver como é que vão conseguir ajudá-lo. Porque em (*localidade*) na altura, disseram-me que provavelmente a criança precisava de internamento para...

Órgãos Judiciais

Pedopsiquiatria

Internamento

L – Internamento não era...

M – Naquela altura não... a Dr^a. disse mesmo quando o examinaram e aquelas coisas todas, a Dr^a disse «Esta criança precisava de internamento para se tratar mesmo» foi quando eu disse «Ó Dr^a. ele já está a sofrer tanto que eu acho que tirá-lo agora de casa ia ser pior», foi então que a Dr^a. perguntou como é que era o ambiente em casa, e eu disse «É bom, é bom não quer dizer que a gente não lhe chame a atenção por isto ou por aquilo ou aquele outro, mas é um ambiente bom» foi então que a Dr^a disse «Então talvez seja melhor assim» e até agora não se falou mais nisso. E essas duas consultas são mesmo para ver de que maneira é que vai ser agora... pronto. Mas foi muito complicado, e nesse dia quando ele chegou a casa, foi para o quarto, jogar computador, e meu Deus, ele nem sequer

Sofrimento

Ambiente familiar

Ralhar

Difícil

Brincar

sujou as cuecas, mas o chão estava todo sujo, todo sujo e depois ele pisou, nessa altura, pronto eu sei que não posso dizer nada, não posso ralar, fico chateada e digo «Guilherme não sei quê...» mas...e foi completamente...foi tudo, foi tapete, foi chão, foi tudo. Foi aquela pressão toda a manhã, foi na Policia, foi no Instituto...foi...e hoje ia com vergonha, porque ele levava a justificação da Policia para entregar na escola e isto...eu até era para ter falado com a professora, mas hoje foi complicado tratar disso tudo, são também muitas coisas para tratar, não sei se a professora, se ela sabe o que é que se passa, porque com aquela justificação...a professora ficou a olhar para aquilo, quer dizer, Policia Judiciária, o que é se passa? Eu fiquei...não sei se a professora está mesmo a par do que se passa.

L – Não tenho a certeza, se souber alguma coisa é muito por alto, quando a queixa seguiu para tribunal, pediram-me um relatório, não sei se pediram à professora também.

M – Eu penso amanhã ir falar com ela sobre esta justificação, porque ele já é assim, quanto mais mostrar isto que diz Policia Judiciária, pronto...e era para ter ido lá falar, se calhar amanhã vou lá para...justificar um bocadinho o que é que se passa, o que é que se passou com o Guilherme para ter esta justificação. Lá também me perguntaram, no Instituto, se ele era acompanhado, perguntaram-me o nome da Drª, ficou escrito lá, e depois a Drª falou comigo lá, mandou o Guilherme ir andando, e disse-me «Olhe custa, mas é verdade, não haja dúvidas nenhuma» diz ela «Foi mesmo, pode...claro que vai passar, vamos fazer os possíveis para isso, mas é um trauma que vai ser complicado» e eu disse «Ó Drª eu entro em desespero, porque este cocó todos os dias, é o Guilherme muito agitado e essas coisas todas, isto é muito complicado, é complicado para ele mas também para mim» e depois eu sei que ao mesmo tempo ele vive o dia a dia, mas aquela coisa, é o que eu penso, está sempre ali, sempre. Tem sempre aquilo presente, eu vejo, eu sinto. E depois toda a gente diz «O Guilherme é tão triste, o Guilherme é uma criança triste», quer dizer eu fico a pensar que muitas coisas foram escondidas de mim, e foram, ele comprovou isso, ela dizia que se ele contasse a alguém pronto...

L – É claro que ele tinha medo.

Encoprese
Ralar; Cedência
Chateada

Vergonha

Órgãos Judiciais

Interesse materno

Psicóloga
Abuso Infantil

Desespero; Encoprese;
Irrequieto; Dificil

Triste
Esconder
Medo

M – Eu já sei, cheguei a essa conclusão mesmo quando ele ia lá, sem dormir lá, esses banhos aconteciam, porque ele contou, era na mesma, eu proibi os fins-de-semana já precisamente por essas coisas, para ela não voltar a dar banho ao menino e para que ela não voltasse a fazer...

Proibir

L – Para não ter oportunidade...

M – Na altura não tinha aquela coisa, que fosse uma situação... ao ponto que era, e agora, hoje vejo que realmente foi desde os 5 anos e o Guilherme tem 9, quer dizer eu fiquei a olhar para o meu filho e a dizer «Meu Deus, eu aqui tão perto e não consegui fazer nada, não consegui porque não sabia» e realmente isto acabou um pouco com a infância do Guilherme, ele está com 9 anos e viveu com isto até agora...

Desconhecimento

L – Foi um período complicado

M – E perguntou-lhe sobre o pai... e ele disse que o pai não sabia de nada, o pai nunca soube, que era sempre quando o pai saía, quando ia ao café, que o pai não sabia, nunca soube, e falou coisas boas sobre o pai. Menos mal, já depois disto, já depois do que a criança passou, ao menos que haja um relacionamento e que o pai... falei também com o inspector sobre a separação do pai. Que ele também falou sobre isso, eu falei em relação a isso que foi o próprio pai que lhe disse agora da última vez que esteve com ele, que acredita nele, e que a (*ex-companheira do pai*), que não é... que ela é maluca, foi o que ele disse ao filho, que agora acredita nele. Talvez porque ele já foi chamado, já alguém lhe tenha dito...

Relação paterna

Separação

L – Também é importante que o pai...

M – Pois quer dizer «O meu pai pensa que eu estou a mentir e avó a mesma coisa», e assim é bom o Guilherme sentir que o pai agora compreendeu.

Mentira

L – E assim ele já vai mais descansado, quando vai visitar o pai.

M – Ele chegou a mencionar que ela o tentou afogar na piscina também, ele contou isto à minha mãe. Realmente ele morria de medo quando o pai dizia «Traz o fato de banho, vais para a piscina», todo ele tremia, eu dizia «O menino não quer ir não vai». Ele contou também que a (*ex-companheira do pai*) lhe enfiou a cabeça debaixo de água e que o deixou ali ficar muito tempo, quer dizer... e outras coisas, como quando ele foi mordido pelo cão e ela o obrigou a ir outra vez para o pé do cão. Quando

Medo

Abuso

ela o levou para a floresta de noite, eles moram num sítio que é só árvores, só tem a casa mesmo ali, e do jipe furara o pneu e ela com o miúdo pequenino «ficas aqui que eu vou chamar o teu pai, ficas aqui a tomar conta do jipe», de noite escura.

L – Com ele cheio de medo...

M – Portanto para além dessas coisas ela ainda fazia muito mais, mas pronto agora vamos ver nos dias 8 e 20, também vou à Dra. (*pedopsiquiatra*) ...

L – Quando é que lá vai?

M – Dia 22, eu falei com a Dra. porque ele queria ir à piscina nesse dia e ela disse «Não senhor, faça a vontade ao miúdo, deixe-o ir» então ficou marcado para dia 22 em vez de 24.

L – Ela tinha receitado medicação...

M – A Dra. falou-me nisso pelo telefone e disse «A Dra. Liliana disse para mudar...».

L – Pois tem que mudar a medicação senão...porque tem um efeito completamente...

M – A Dra. disse que realmente, se calhar não estava a fazer aquilo que esperávamos que fizesse, era uma reacção completamente diferente, e agora quando for lá falar com a Dra. vamos... não sei se será outro tipo de medicação. Provavelmente, e depois é claro que o Guilherme está assim, mas ao mesmo tempo eu sei que não posso deixar que o Guilherme...quer dizer eu acho que é, que deve ser assim pelo menos na altura a Dra. (*pedopsiquiatra*) disse, eu não posso ver o Guilherme como um coitadinho, isso ainda o vai prejudicar mais, porque ele vai-se ver então como uma criança diferente das outras. Então tem que ser tratado como uma criança que não passou por nada, que não é coitadinho e qualquer coisa «Está bem então grita, faz o que tu quiseres à vontade, chateia-me, faz isto, aquilo e aqueloutro». E eu acho, custa-me, mas acho que tem que ser assim, não é? Não sei mais o que hei-de fazer para...o ver o sofrimento dele e o vê-lo sempre assim nesta coisa, eu custa-me, mas eu sei que se lhe fizer sempre as vontades e o deixar...se calhar também o estou a prejudicar, e então...

L – Como é que tem estado o comportamento dele?

Pedopsiquiatra

Cedência

Medicação

Cedência

Vitimização

Difícil

Sufrimento

Culpa

M – O Guilherme, eu acho que ele está melhor, melhorou um bocadinho a...continua é sempre com aquela coisa para mim, não percebo porquê, talvez, não sei, porque não sei se como ele passou por aquilo tudo, não entendo...se ele achou que eu devia saber isso, que devia ter estado sempre ali ao pé dele, que não o devia ter deixado nem um bocadinho...não percebo porquê, por exemplo, ele está com a minha mãe, passou o fim-de-semana com ela, quis ir para lá, quis jantar com a tia, foi para lá o fim-de-semana. E porta-se bem, não está sempre a pedir tudo, lá tem aquelas coisas dele, mas também é normal, assim que eu apareço, o Guilherme começa «Eu quero isto, eu quero isto, eu quero isto», é capaz de estar ali uma hora naquilo, e começa no corre para um lado, corre para outro. Na altura que eu apareço é que ele quer tudo e mais alguma coisa.

L – Mas ele era assim? Há quanto tempo é que nota que ele está assim?

M – Tinha 3, 4 anos, não...eu sempre achei que ele era uma criança assim...não era tão alegre, era mais, mais...mas assim com estas coisas não. É muito chegado a mim, ainda dá beijinhos, ainda dá carinhos e «Vou para ao pé de ti, e agora abana, faz como fazes ao bebé», pronto ele é assim...

L – Quer ser tratado como o bebé...

M – Mas quando, talvez, talvez também tenha sido porque eu sempre lhe dei tudo.

L – Era isso que eu lhe ia perguntar...

M – Talvez seja porque eu sempre lhe dei tudo e isso fez um bocadinho de mal ao Guilherme, porque toda a gente nota que isso é verdade «Mãe quero isto» «Toma», «Mãe quero aquilo» «Toma».

L – Não foi da situação que teve em casa do pai, não é culpa sua, ele não está a castigá-la, se calhar como ele sempre teve tudo aquilo que queria de si, continua a insistir.

M – Por exemplo quando ele está aflito, não é a avó, não é a tia, é a mãe. Quando ele tem qualquer coisa assim que correu mal é a mãe que procura, ou mesmo na escola, ou não sei quê, é «A minha mãe», porquê? Porque ele quase que teve sempre ali tudo e às vezes sou eu que vou resolver pequenos assuntos da escola, que ele é que devia resolver, é entre amigos, mas a mãe é que vai lá, pronto protegê-lo demais, eu acho que por isso é

Melhoria
Relação materna;
Incompreensão
Abuso Infantil;
Culpa

Bom
comportamento;
Insistente
Contexto

Triste
Afectuoso

Imaturo
Cedência; Causa

Relação Materna
Cedência

Relação Materna
Protecção

que quando ele está perto de mim, faz essas coisas, que ele já sabe que agora as coisas mudaram, por exemplo agora no Domingo, da (<i>localidade</i>) para cá levou o caminho todo «E quero um pássaro, e quero um pássaro» e eu disse «Guilherme por favor não me peças mais pássaro nenhum, a mãe quando puder, e quando entender, compra, não precisas de estar a massacrar-me com isso», mas pronto com a minha mãe não pede. A minha mãe compra e está aqui, mas o Guilherme não pede, não pede, quando está comigo pede tudo e mais alguma coisa.	Insistente
L – Se ele insistir um bocadinho mais, a mãe...	
M – Agora comecei a dizer que não e não, não e não, e dói.	Firmeza; Difícil
L – Agora é mais complicado.	
M – Pois é. E depois ele disse-me «Mãe preciso de um comando para a playstation» e eu ia-lhe comprar, mas depois pensei assim «Espera ele tinha que estudar as coisas de escola e não estudou, então também não lhe vou dar uma coisa que ele sabe que não mereceu» porque ele chegou a casa e disse que tinha que ler um livro dos cinco e não sei quê, não sei que mais, mas não leu, quer dizer... e outra coisa também, ele de há uns tempos para cá na escola, fez uma ficha teve tudo certo, e disse-me que a professora disse que ele estás muito melhor a... não chega, a professora disse que ele tinha melhorado um bocadinho mas não era o suficiente, e disse que na reunião que tiveram ela mencionou o nome do Guilherme como... ele vai ficar retido, «Não lhe estou a dizer que vou reprová-lo mas, há essa hipótese». Entretanto eu falei com uma explicadora, eu tinha pensado assim, não se sei seria melhor deixá-lo repetir o ano, mas depois eu fico assim e depois se calhar também é um trauma, porque ele vê a família toda, toda a gente lhe pede «Guilherme estuda, passa, não sei quê, é uma alegria e não sei quê». Foi como no ano passado, queria a trotinete, o avô disse-lhe «Passa, estuda, passas e eu dou-te», ele...	Castigo
L – Transitou.	
M - ...E o avô deu-lhe a trotinete. E depois também fico a pensar assim, se não será de ter uma explicadora para lhe dar um empurrãozinho já que ele está a melhorar um bocadinho sozinho. Depois também fico a pensar se ele não fica traumatizado porque chumba o ano, os outros vão e ele fica. Mas estou a pensar mesmo, a escola acaba dia 4 de Junho...	Melhoria
	Melhoria

L – A 24.

M – A 4 de Junho.

L – Vai acabar a 4 de Junho?

M – É, a professora diz que vai casar, e não querem pôr mais ninguém, quer dizer só as outras crianças que estão muito bem... e depois há também o problema dos pais que não têm férias, quer dizer as aulas vão acabar no dia 4...para o Guilherme que precisava de mais...coiso...vai ser um bocado complicado.

L – Não vão substituí-la, mas eles são obrigados a substituir pelo menos na primeira semana.

M – É assim, inclusive vou até falar sobre isso porque a professora diz que dia 4 de Junho acabou, não querem arranjar outra professora, diz que não vale a pena, é pouco, é pouco mas para estas crianças como o Guilherme é muito.

L – Eles durante 5 dias úteis têm que, nem que seja distribuí-los por outras turmas.

M – O que a professora mencionou foi que há alturas em que o Guilherme bloqueou, parou, ela está a falar com ele e ele...ela está a falar com ele e vê que ele parou, bloqueou, não vale a pena perguntar mais nada porque ela diz «Ele fica ali parado e não sai nada dali pronto, é uma coisa estranha, pronto» e ela falou outra coisa, que ele é muito agressivo cá fora no recreio, que batia nos miúdos, e entrava em defesa dos outros e tudo, uma coisa que eu acho estranho, não sei de onde é que vem esse comportamento do Guilherme, porque ele o ano passado, o Guilherme apanhava dos outros miúdos, chegava a casa com uma nódoa negra e não sei quantos...que eu tinha que ir lá falar com o Director, e ele não batia em ninguém, não sei porquê o comportamento dele este ano. Eu não digo assim «Guilherme tens que bater quando te batem» mas por amor de Deus ele não pode estar constantemente a apanhar na escola, as contínuas são poucas e a própria professora disse que sim. Mas também tenho que deixar o Guilherme começar a resolver certos assuntos dele, ele tem que aprender a defender-se, os outros miúdos também fazem isso, e a professora diz que ele nesse aspecto melhorou um pouco, que era malcriado, coisa que eu também me custa muito a...e depois o que ele chora em casa e diz «Mãe

Dificuldades
escolares; Agressivo
Contexto
Incompreensão

Mudança
comportamento

Responsabilidade
Mal-educado
Chorar

as coisas não são assim, os outros é que me batem e não sei quê, não sei que mais, e eu é que levo com as culpas todas. Ainda ontem estávamos aqui na sala e o não sei quantos espetou-me o bico do coiso...»

Manipulação
Criança

L – Do compasso

M - «E não sei quê e eu é que levo as culpas» e agora já não quer almoçar mais na escola, porque cada vez que os talheres vêm para a mesa vêm todos sujos agora é outro problema que eu tenho, porque ele não quer almoçar na escola, já lhe disse «Guilherme eu não posso ir buscar-te à hora do almoço, tens que almoçar na escola», porque os talheres vêm sujos e elas dizem que ele tem que comer com os talheres sujos na mesma, porque já foi ele que os sujou, e ele diz «Mãe não sujei» e até isso... ele não come com os talheres de ninguém, ele é muito mesquinho nessas coisas, portanto, se o meu filho diz que não sujou os talheres, alguém sujou os talheres, porque ele é uma criança que come bem, sempre comeu, nunca teve razões de queixa, não é por uma razão de deixar de comer, e então é assim...

Asseio

L – Não será que está a querer fugir aos recreios e vir almoçar a casa? Ele tem o recreio a quê 11 e 45.

Fuga

M – Até às 13 e 30.

L – Não será que ele quer fugir do recreio?

M – E disse «Mãe deixei de comer sopa na escola» «Mas tu comias sempre» «Mas deixei de comer, já não estou a gostar nada, e quero o ATL, e quero o ATL...»

ATL

L – Ele está aqui no ATL?

M – Não, não está, mas quer ir «Porque o (colega) e o não sei quantos estão no ATL e eu quero ir para lá, eu quero almoçar lá» «Agora é tarde demais para tu ires para o ATL». E depois tem outra coisa, nós temos de pagar para a criança ir ao ATL e na altura eu não podia, não podia mesmo, e eu disse «Guilherme vamos ver para o ano, já que tu queres tanto ir para o ATL, vamos ver o que se pode fazer» «Ai e no ATL ajudam a fazer os trabalhos de casa», e eu estou a pensar nisso, «Vamos lá a ver para o ano, a mãe vai tratar disso» e depois diz que também no autocarro os outros fazem e ele é que leva sempre com as culpas, agora já disse «Não quero

Trabalhos de casa

Vitimização

mais ir no autocarro» «Guilherme a mãe não te pode levar todos os dias à escola».

L – Mas ele estava tão bem...

M – Agora não quer ir no autocarro «Porque o não sei quantos grita e a contínua olha logo é para mim, não sei quê não sei que mais». E pronto é o refeitório e é o autocarro.

C. Oposição

L – E lá em casa, agora quando lhe diz que não, que não pode dar?

M – Ai, ele chora, fica ali um bocadinho, mas depois agarra-se a mim e diz «Mãe desculpa, mãe já não vou pedir mais».

Chorar; Manipulação
criança

L – Então aí está bem.

M – Quando ele faz o cocó eu vou... outra coisa que eu cheguei a mencionar com a Dra..., não sei se mencionei, se não, que eu falei nisso no Instituto, é que é muito complicado para mim tocar no Guilherme, ele não quer, e a Dra. ...

Encoprese

L – Ele só deixa quando é ele que a procura.

M – Por mais que eu diga «Guilherme sou eu, é a tua mãe» ele não, e faz...eu tenho que lavá-lo, ele lava-se, mas não é como deve ser, eu tenho que o lavar não é, e ele...tem que ser tudo muito rápido, e começa logo «Não estejas a tocar aí, vá tira as mãos já está bom, se queres melhor não sei quantos, eu vou buscar o toalhete. E vês já está limpo, não sei quê». Ele sempre teve esta coisa comigo, este ui...ninguém lhe tocar ali, ele pronto não deixa, a Dra. disse «Tem que compreender, isto se calhar ninguém pode fazer nada, é um trauma dele»

Relação materna

L – É ensiná-lo a limpar...

Abuso Infantil

M – Ele faz, só que muitas das vezes não adianta, porque é tudo muito...pronto muito à pressa e não sei quê não sei quantos, e quando vou dar com ele na sala não está lavado como deve ser, e então agora optei pelos toalhetes. Quando ele vai... são poucas as vezes que ele faz na sanita, mas quando faz nas cuecas ele a seguir acaba de fazer o resto na sanita, ele não faz totalmente nas cuecas, ele faz um bocado eu digo «Guilherme vamos para a sanita» e ele acaba de fazer, já nessa altura uso os toalhetes, também...

Apressado

L – É melhor, ele faz sozinho, usa vários se for preciso.

Asseio

M – Ele não deixa, e depois outra coisa que eu noto é a super protecção que ele tem com os irmãos, um apoio sem explicação, ele está constantemente preocupado, quando vai ao café comigo «Mãe o (irmão) está aí?» ele está sempre preocupado, um medo que aconteça alguma coisa ao irmão, mesmo com o pequenino «Ó mãe estás a ver não estás?» e não sei quantos, nunca vi é uma preocupação com os irmãos que é uma coisa sem explicação, talvez se calhar por ele ter passado por isto todo ou ter sofrido, então tem medo e está sempre com aquela preocupação, «Ó mãe, mãe olha não sei quantos» é sempre assim, o irmão chora um bocadinho ele vai logo, «Deixa lá ver, ó mãe vê lá se não é melhor levá-lo ao hospital». É uma preocupação constante com os irmãos, nunca teve aqueles ciúmes nem aquelas coisas, pronto tem aquelas coisas, o normal, «Ah pegaste nele ao colo e a mim não», mas ciúmes, ciúmes não, por exemplo ele tem uma coisa nova e sou eu que digo «Guilherme não dês ao teu irmão porque senão... dás ao teu irmão, ele daqui a bocado...» «Ó mãe coitadinho».

L – E como é que é o Guilherme para dormir, como é que ele...

M – Uma maravilha. Para dormir teve aquela fase que ele não dormia... aqueles sonhos que ele contava, de um homem vestido de preto, depois deixou de ter essa fase assim de contar os sonhos, dizia que tinha um homem vestido de preto que o chamava e havia outra criança que estava lá presa, tinha muitos brinquedos, mas estava presa, não o deixavam sair, ele sonhava isso noites e noites seguidas. Que era num quintal grande, tinha um muro grande e uma vez o menino puxou-o e ajudou-o, era esse o tipo de sonhos que ele tinha sempre e agora não. O Guilherme se eu disser, quando forem 8 e 30 da noite «Vai para a cama», ele vai e adormece logo.

L – É uma maravilha...

M – Aquela fase, «Eu durmo com a minha mãe», foi... pronto, também fui eu, pronto, «Guilherme não podes dormir com a mãe, o (companheiro) também tem que se deitar, não podemos ficar todos juntos, tu tens a tua cama, tens o teu quarto». Então eu ponho a televisão, ele diz «Mãe eu quero ver o Nemo» ou outra coisa qualquer, o irmão nem precisa de estar lá. Ele fica sozinho na cama dele, fica a ver televisão. Entretanto acorda, e

Relação fraterna

Medo

Incompreensão

Causa

Sofrimento

Ciúmes

Dormir

Durmo

Relação materna

às vezes vai ao quarto porque «Mãe tive um mau sonho» e não sei o quê, eu entretanto levanto-me vou à cama dele, tapo-o e digo-lhe «Ó filho já passou, foi só um sonho», pronto fica bem.

L – Ele andava muito entusiasmado com o quarto dele...

M – Pois e agora vamos mudar de casa outra vez, porque é assim eu moro num 1º andar e é muito complicado para mim descer as escadas com o carrinho e o bebé, é complicadíssimo, e então para a casa para onde nós vamos é ao pé da minha mãe, tem um quintal que é o que o Guilherme sempre quis, um quintal só para ele, anda todo entusiasmado com a casa nova. Vai ter um quarto só para os brinquedos, ele já disse que depois naquele quarto quer um sofá cama porque quando quiser dormir sozinho vai para aquele quarto e dorme. Portanto anda muito entusiasmado, ainda hoje de manhã queria levar as botas calçadas, porque depois vamos ver a casa, está tudo a ser arranjado, porque entretanto pode estar um prego e ele já queria levar as botas calçadas e tudo porque vai ver a casa.

Feliz

Dormir

L – Ia directo...

M – Está todo entusiasmado com a mudança pronto, muito contente «Vou já levar a minha trotinete para lá, vou levar a bicicleta» e não sei quê..

L – Ele tem um cão não é?

M – Eu tive que dá-lo...

L – Ah, durante a gravidez.

M – Durante a gravidez, aquilo dava cabo de mim, o cão sempre a fazer xixi. Ele tem pedido «Olha Guilherme agora que vamos mudar de casa, já não é um andar, já pode ser o cão de vez em quando a vir ao quintal e ensinar o cão à rua fazer as necessidades», que a minha mãe tem um igual e o cão foi ensinado a vir fazer as necessidades à rua, portanto assim já é mais fácil, então já anda todo entusiasmado e diz «Ó mãe agora com um quintal se calhar...»...

Gravidez

Feliz

L – Ele tem que ficar responsável pelo cão.

M – Eu disse que lhe ia oferecer agora um pássaro, é que ele tem um, mas quer outro, ofereceram-lhe um passarinho muito bonito, o pássaro, e então eu disse «Tens que pôr comida e água» e o meu cunhado disse-lhe «Então estás a tratar bem do pássaro? Tens posto a comida e a aguinha e isso?», e depois a minha irmã, longe dele, até disse «Ele está a tratar bem do

Responsabilidade

pássaro, tem razão», eu até lhe posso dar outro pássaro, mas não é assim quando o Guilherme diz, não pode ser porque há tempo para tudo e nós não podemos gastar o dinheiro em todas as coisas que o Guilherme...

L – Exactamente.

M – Ele é cuidadoso com as coisas dele, por exemplo tem um coelho, quis um coelho e a mãe comprou, também trata do coelho, chega da escola «Ó mãe o coelho não tem água» «Olha Guilherme já bebeu», põe água ou então comer, quer dizer já começou a ...

L – Ser mais responsável.

M – Mais responsável, tanto que ele já sabe quando chegar a casa, o trabalho que tem: é ir tirar o cócózinho do coelho e do pássaro. E pronto nesse aspecto ele está mais... e a fazer os trabalhos de casa também, já não está naquela de... grita e desapareçam, também está melhor, pronto também nós estamos todos muito com ele e «Isto vai passar, vamos resolver isto e não sei quê» e ele diz «Ó mãe realmente...» acho que ele está... só que o Guilherme é assim quando se aproxima mais...

L – Do fim é que ele decide trabalhar mais.

M – A Dra. também disse não se pode exigir demais dele, que ele tem problemas tem, estão com ele, e quer dizer vêm-se na escola, não consegue... pronto, mas ele quando chega ao fim é que ele começa... O ano passado, foi quando ele contou a verdade toda, eu acho que o professor sentiu-o seguro nessa altura, mesmo o professor diz que notou, completamente, mesmo o comportamento dele e tudo...

L – O ano passado ele passou por causa disso, como conseguiu atingir o mínimo, teve a recompensa.

M – Ele teve ali uma maturidade, chegou a uma altura em que ele crescia um pouco em todos os aspectos, e acho que talvez, foi nessa fase em que ele contou tudo e talvez se sentisse naquela segurança, mais seguro, tanto que ele perguntou em casa «Ó mãe então e agora?» «Agora, nós não temos que fazer nada, agora tudo o que aconteceu Guilherme, é com a Dra., é com os senhores...» «Ó mãe então e em tribunal» e eu disse «Guilherme está tudo a ser tratado, agora não te preocupes com nada, deixa» e ele disse «Ai pronto, está bem, está bem».

Responsabilidade

Trabalhos de casa;
Melhoria

Abuso infantil

Órgãos Judiciais

L – Eu acho que é bom o Guilherme ter uma rotina, vir para a escola... dá-lhe segurança saber que tem o que fazer.	Rotina
M – Ele chega e diz «Vou andar de bicicleta» e eu digo «Não, eu acho que tens que fazer...» «Ah, está bem eu faço os trabalhos e vou andar de bicicleta». E agora diz que já não quer a minha ajuda com os trabalhos de casa.	Firmeza
L – Já não precisa?	
M – Não, diz que não. Não quer que eu veja os trabalhos de casa «Ó mãe tu podes ver, só para tu veres se eu os fiz, mas não quero que emendes. O que eu combinei com a professora foi, eu faço os trabalhos de casa sozinho, o que tiver mal, eu não sei, ela depois ensina». Então outro dia disse «Ai vou andar de bicicleta» «Não, vais buscar a mochila e vais fazer os trabalhos de casa» «Então olha mãe vou fazer dentro do carro, pode ser?» e eu disse «Guilherme desde que faças os trabalhos de casa» «Mas é assim mãe tu podes ver que eu fiz, não podes é emendar nada». A professora disse-lhe para fazer os trabalhos sozinho sem ajuda para poder ver onde...	Trabalhos de casa
L – Onde é que ele tem dificuldade...	Firmeza
M – Onde é que ele tem dificuldade, onde é que ele precisa de ajuda.	Manipulação
L – Tenho estado a fazer a avaliação com ele, e ele está com mais vontade se trabalhar, no início chegava a levar as fichas para casa e dizia «Não quero fazer mais», agora não, agora tem feito...	Criança
M – Não, ele entretanto está com mais vontade. O pior é essa coisa que agora tem com o refeitório e o autocarro, mas eu já falei com ele «Guilherme tem que ser filho, a escola também está a acabar e não é agora que vais desistir» e eu disse «Em relação aos talheres, deixa estar que eu vou à escola», também é assim, ele almoça lá como todas as crianças almoçam, nós pagamos o almoço, pronto também não é certo, se ele diz que é assim «Ó mãe os talheres vêm é a (colega) que me vai limpar os talheres, porque elas dizem isto está assim, foste tu», de maneira que vou lá saber o que é... porque ele diz que assim não come, enquanto não limparem os talheres ele não come. Ele não come com os talheres sujos, até aí tem a razão dele, não é obrigado a comer com os talheres sujos. Pronto ele diz que não é sempre, mas de vez em quando os talheres têm	Dificuldades escolares
	C. Oposição
	Asseio
	Dificuldades alimentação

vindo sujos, e ele não consegue comer com os talheres sujos, elas começam a dizer «Tens que comer, tens que comer, foste tu que os sujaste», mas como eu já disse «Vais continuar a comer na mesma porque já falta pouquinho para a escola terminar» e pronto não sei se será maneira de ele querer passar mais tempo em casa.

L – E o comportamento na escola. A professora continua a mandar para casa...

M – Ele já há um tempo que não trás, o plano, que é aquilo que eles fazem, já há um tempo que não trás, mas no último a professora dizia «Parabéns estás a melhorar» mas já há um tempo que não trás, e depois era a coisa com o (colega), porque cada vez que trazia o plano, ou que ele tinha que fazer o plano, o (colega) está sempre a dizer mal, ou porque o Guilherme fez isto, o que é mentira, ou porque o Guilherme é mau, e ele disse que não foi isso, «Mas deixa estar, deixa quando for eu a fazer o plano o (colega) há-de ter tudo mau».

Melhoria

Vingativo

L – Mas eles é que fazem o plano deles?

M – Fazem. Segundo o que ele diz, pelo menos é o que ele diz, há uma altura em que têm que ler os textos todos, então é o Guilherme que vai para a frente do quadro, e coiso... ou então diz quem se portou mal e quem se portou bem.

L – Ah...

M – Tem essa... que é bom também para eles crescerem pronto, também para os ajudar a ... e ele então disse «Pois o (colega) tem sempre a mania que ele é que sabe...»

L – A professora diz que quando ele pega nos trabalhos para ir ler em frente à turma, ele lê como não lê quando está com ela, lê muito bem, é uma maravilha.

M – E então diz que o (colega) é assim «Nham, nham, diz sempre mal» «Ó filho tu não vês que tu és criança e o (colega) é criança, isso é normal, pronto cada um quer ser melhor que o outro» «Mas deixa estar, quando for a minha altura vou dizer que ele é muito mau, que bateu em não sei quem...», são coisas...

Vingativo

L – Isso são problemas lá entre eles, eles têm a mesma idade.

M – Mas depois a professora também diz que o Guilherme é ...está na mesa aqui, vai tá, tá tá, e o Guilherme já está encostado à mesa da professora, diz que é uma coisa que não consegue estar quieto, quando ele não era assim, é mais uma coisa que noto no Guilherme, que o Guilherme não era assim, é uma criança mexida, sempre foi, mas quer dizer...

Irrequieto

L – Ele o ano passado era assim?

Mudança de
comportamento

M – Não, o ano passado nunca houve razões de queixa, nem em relação ao comportamento do Guilherme na sala agora a professora diz que é uma coisa, que o Guilherme está sempre a mexer, a mexer, quando dá por ele, ele já está encostado à mesa, «Guilherme vai para o teu lugar» realmente não... realmente também nota que o Guilherme está bem se estiver junto de alguém, mas sozinho já se complica mais, até no ano passado o professor dizia que nota que o Guilherme era muito inseguro, ia para o quadro estava constantemente a olhar se o colega do lado ainda estava, assim que saía, pronto o Guilherme já não fazia mais nada, ficava parado, perdia...era aquela insegurança que ele sentia, ali aquele medo de se ver sozinho, não sei, e a professora diz que ainda este ano, é o mesmo tanto com a professora como com os colegas. É uma coisa, que o Guilherme não era assim.

Irrequieto

Inseguro

Medo

L – Tínhamos falado em ele fazer aquele exame, acho que era uma boa ideia, ver se aquelas ausências que ele tem na escola têm alguma coisa a ver...

M – Eu pedi ao médico de família e pronto, tanto que quando eu for lá dia 8, eles perguntam se tem algum tipo de exames que possa, se tiver...se não tiver...porque é assim os exames que existem não sou eu que os tenho, o tribunal na altura terá que os pedir a (*localidade*).

Técnicos

L – O hospital ficou com eles?

Órgãos Judiciais

M – Os do Instituto é o Instituto que os envia para a Polícia Judiciária, porque foram pedidos por eles. E depois no tribunal, terão que ser eles a pedir, que a Comissão ficou com eles em (*localidade*), eles disseram «Foi apresentada queixa, a partir daqui tudo o que for preciso terão que pedir aqui». Outra coisa é o xixi que ele também não fazia, só que agora... «Guilherme queres xixi?» «Não», e depois faz.

Queixa

Enurese

L – À noite também? O cocó é durante o dia?

Encoprese

M – É durante o dia, à noite não.

L – E por exemplo durante as férias...

M – Melhora a 100%, não sei...melhora a 100%, ele faz, mas não tem nada a ver com...3, 4 vezes por dia...mas melhora a 100%. É capaz de ...«Mãe, mãe tenho que ir à casa de banho» mas eu acho que é talvez por isso...sei lá, vai à praia está mais longe, mais distante... não quer dizer que ele não faz, faz na mesma, mas melhora um pouco, mesmo aquele nervosismo dele e tudo.

L – Fora de casa ele vai à casa de banho, no café...na escola

M – Não. Tanto que ele agora ultimamente quando chega a casa, a maior parte das vezes...Realmente...digo assim «Ó Guilherme fizeste na escola?» «Não»

L – É melhor habituá-lo a fazer de manhã

M – Nunca faz, tantas vezes que eu digo «Guilherme» «Não, não quero» e depois eu vejo e digo «Guilherme tu tens» e ele teima comigo que não tem, se calhar ele pensa mesmo que não tem.

L- É dizer-lhe «Agora vamos um bocadinho para a casa de banho, ficas lá 10 minutos»

M – Mas diz que não tem, às vezes fica a bater a pés juntos que não tem. E ele diz «Ó mãe não dei conta» mas pronto faz e não dá conta mesmo.

L – Arranja uma hora em que seja possível, ou de manhã ou quando ele chega da escola «Então agora vamos comer, e depois vais 10 minutos para a casa de banho, levas um livro e esperas lá um bocadinho» tente habituá-lo a fazer essa...

M – E quando vai para a avó às vezes vem de lá chateado, porque a avó não é como era dantes...

L – A avó do pai?

M – Sim. E que a avó é porque «Ai não sei quê, ai não me apetece fazer almoço hoje», e ele disse-me «Sabes a avó ficou muito chateada com isto tudo, porque a avó não queria que o pai tivesse deixado a (*ex-companheira do pai*)». Depois a situação entre ele e a avó, que era boa, não tem nada a ver, não tem nada a ver, mas importante para mim é...pai e filho, mais nada, até porque ele vai a casa da avó é para ver o pai, não é para ver a avó, ele fica todo contente, porque esteve com o pai a ver um filme «O

Contexto

Nervoso

C. Oposição;
Teimoso

Chatear

Avó
Relação paterna

meu pai esteve de pijama e depois disse, Guilherme anda cá vamos ver um filme, o pai esteve constipado e não sei quê, não sei que mais». Pronto eu acho que... sempre soube que ele não tinha nada contra o pai, e sei que o pai gosta dele, e gosto quando ele chega e diz «Ó mãe foi muito engraçado, e o pai isto e o pai aquilo» ele sempre disse a toda a gente que o pai não sabia de nada. Quando ele soube da situação com a (*ex-companheira do pai*), o pai discutiu e gritou com a (*ex-companheira do pai*), e mandou com uma garrafa à (*ex-companheira do pai*), e que disse «Ó (*ex-companheira do pai*) nunca mais voltas a fazer isso ao Guilherme». Foi da situação que ele bateu, que ele foi andar no gelo e ela por trás empurrou-o, ele ficou com muitas dores no peito durante uns dias, e ele dia que nesse dia quando foi para casa, ela não estava, contou ao pai, e aí se vê que se o pai realmente soubesse, teria feito alguma coisa.

L – Normalmente nestes casos ninguém sabe.

M – Porque o pai na altura...o que o pai disse na altura foi que não acreditava» Como é que é possível, não acredito que a (*ex-companheira do pai*) fosse capaz de fazer isso», e agora chegou à conclusão que realmente...o Guilherme tinha 5 anos, quer dizer, acho que uma criança com 5 anos, o que passou, passou, e passou porque o Guilherme é isto que a gente vê, que o Guilherme é uma criança...que a gente vê...até a Dra. lá no Instituto disse «Com grande pena minha tenho que lhe dizer que sim senhora, que isto aconteceu mesmo» e disse mesmo «No tribunal, não há juiz nenhum que possa provar o contrário». Basta olharmos para o Guilherme e vemos que realmente se passa alguma coisa, toda aquela tristeza, a gente vai a qualquer lado e toda gente diz «Ai mas isto nunca se viu, que criança tão triste», ele tem as razões dele para não se sentir...

L – Eu acho que é também, quando ele não se sente à vontade... quando eu comecei a ver o Guilherme ele nem sequer dizia absolutamente nada, só mais tarde é que...

M – Mas eu não me esqueço até hoje de trabalhar no (local de trabalho) e o Guilherme ter ido lá. Já não me recordo com quem, se com a minha mãe ou com a minha irmã, a (*ex-companheira do pai*) apareceu e o Guilherme fugiu, como uma coisa sem explicação, já nessa altura senti que alguma coisa não... não...

Relação paterna

Abuso infantil

Mentira

Abuso infantil
Órgãos Judiciais

Triste

Fuga

L – Não estava bem.

M – Eu tinha as escadas do sótão, que aquilo era um perigo, o Guilherme era pequenino e ele fugia, ele entrava em pânico, em estado de choque, quer dizer, era só dizer olha a *(ex-companheira do pai)* está ali, ele fugia, fugia imediatamente, logo mais pequenino ele fugia... quer dizer aí... só que pronto era o que eu dizia, ela ameaçava «Se disseres alguém eu dou-te mais tarefa ainda». Quer dizer ele já apanhava dela, ele já apanhava... quer dizer «Se eu vou contar, vou apanhar ainda mais» e então... mas que ele cada vez que a via era como se visse o diabo, ele fugia constantemente, ele entrava num estado terrível.

Fuga

Ameaçar

Palmada

Esconder

Fuga

L – O problema nisto é que os miúdos têm medo, acreditam em qualquer coisa que lhe digam. Primeiro que alguém da família dê pelo que se passa, é muito difícil.

M – Todas as coisas que ele disse lá, e ele nunca me contou, nunca me contou. E ele disse «Sim ela batia-me, batia-me muito e disse se tu contares alguma coisa a alguém não era à tua mãe, era a alguém, vais levar muito mais». E então ele não contava, por isso eu digo muitas vezes que ele lá foi, e foram muitas, essas situações foram acontecendo sempre, sempre, e mais grave ainda é que não era uma vez só, não era uma vez só, eram 2 vezes, portanto é muito complicado...

Esconder

Palmada

Ameaçar

Difícil

L – Importante é que já acabou e ele já se sente muito apoiado e em segurança.

M – É isso que eu sei, e farto-me de dizer, e a Dra. disse «Eu sei, compreendo o que está a passar, é mãe e tudo mais» eu falei com a Dra. e disse «É pessoa que eu espero nunca cruzar na rua». Não sei, eu sei que não devo fazer nada porque a justiça está a fazer, mas é uma dor tão grande, um sofrimento tão grande que eu fico com medo...

Sofrimento;

L – Tem receio de quando a encontrar fazer alguma coisa?

Receio

M – É fazer alguma coisa, e a minha irmã, a mesma coisa, eu digo espero que isso não aconteça, e a Dra. diz «Tem que ter calma, a justiça...»

L – É pensar no Guilherme...

M – E pensar no Guilherme precisamente, porque isto está a andar, e muito rápido até, a situação do Guilherme está a andar muito rápido até e é

uma coisa...*(fala com o bebê)*. Pronto Dra. ele vem então dia...*(marcação da próxima consulta)*

FIM

Anexo C

Entrevista 12

Entrevista Miguel (12)

Nome: Miguel.

Idade: 6 anos.

Escolaridade: 1.^a classe.

Mãe: 25 anos, desempregada.

Pai: 33 anos, pedreiro.

Notas: A avó paterna estava presente na consulta.

L – A professora diz que as dificuldades são em Português, precisa de um adulto para fazer os trabalhos e o comportamento na sala também é difícil.

Dificuldades escolares
Mal-comportado

M – Agora está um bocadinho melhor, estes últimos tempos ela tem dito que ele está melhor, mais calmo, parece outra criança, tem acalmado um bocadinho. Porque é assim eu trabalhava e o trabalho não me estava a coincidir...

Melhoria
Calmo
Causa

L – Com os horários dele.

M – Não me dava para estar com ele quase tempo nenhum. É assim entrava às 10 e 30 da manhã, saía depois para almoçar ele estava na escola, e depois entrava já não podia estar com ele e só saía às 20 e 30, 21. Então nunca dava para estar muito tempo com ele, por isso é que eu deixei o trabalho, já por causa disso, e ele está um bocadinho melhor desde que eu saí. Ele às vezes torna-se um bocadinho agressivo.

Ausência materna

Rotina

Causa
Melhoria; Agressivo

L – Em casa ou só na escola?

M – Em casa, porque ele é um bocadinho nervoso, tenho que pedir ao médico para lhe dar uns calmantes, porque não sei ele enerva-se e... fica muito nervoso, muito mesmo.

Contexto; Nervoso;
Medicação

L – Como é que ele fica, chora?

M – Chora muito, é assim se lhe bato e pronto se for... se o aleijar, ele quer fazer o mesmo que eu lhe fiz a ele, enquanto não conseguir, ele fica tão nervoso, tão nervoso e chora tanto, que até fica todo vermelho de tanto chorar, dos nervos que ele tem, principalmente quando...e lá na escola deve ser o mesmo com os colegas, quando não lhe deixam fazer o

Chorar; Palmada;
Vingativo; Igualdade
de Gerações; Nervoso

Relacionamento entre
pares

que ele quer, ou pronto...É mais por causa disso, mas agora ele está mais calmo. A professora disse que ele está bastante calmo.

Melhoria; Calmo

L – Ele agora sossegou um bocadinho...

M – Sossegou, e em casa também está mais calmo, lá faz as traquinices dele, mas isso...

Contexto

L – Ele andou no Jardim-de-infância?

M – Andou.

L – E ele também era assim no Jardim-de-infância ou...

M – Era. Já desde muito pequenino que ele é assim, já desde muito pequenino, os nervos, os nervos dele não sei, são derivados a quê, porque ele enerva-se com tudo e com nada...

Jardim-de-infância;
Nervoso;
Incompreensão

L – Mas já desde bebé, desde...

M – Sim desde pequenino. Desde que ele entrou... ele era muito agressivo, depois ficou um bocadinho melhor com os colegas, ele batia muito neles e tudo, só que elas depois lá, explicavam-lhe a ele que não podia ser assim. Ele ficou um bocadinho melhor, mais calmo, mas de vez em quando lá batia nos colegas, e é muito vingativo.

Agressivo; Melhoria;
Relacionamento entre pares; Regras; Calmo
Vingativo

L – E faz alguma coisa?

M – Uma vez um deu-lhe uma dentada no braço. Ele quando o apanhou deu-lhe uma dentada na bochecha pronto, um exemplo do que ele fazia, às vezes ainda faz isso.

Relacionamento entre pares

L – Como é que foi a gravidez, correu bem, estava ansiosa?

M – Sim estava, foi um bocadinho difícil porque eu vomitava muito e isso assim, não foi muito fácil, mas nervos e isso assim nunca apanhei muitos, por isso é que eu não sei porque é que ele ficou assim tão nervoso.

Gravidez ansiosa

L – Há alguém na família que seja assim nervoso como ele?

M – Assim nervoso...ninguém.

Nervoso;
Incompreensão

C – Ah não, há não.

M – Só se for a minha mãe que é um bocado mais nervosa...

Comparação

C – E o meu primo?

L – O teu primo, e que idade tem o teu primo?

C – Olha não sei.

M – Não sabes que idade tem o primo, qual primo, tens tantos filho, qual é o primo?

C – O João.

M – Quantos anos tem o João?

C – Não sei.

M – Não sabes, vai fazer 16.

L – Portanto a gravidez correu bem tirando os enjoos dos primeiros tempos...

M – Correu, de resto correu tudo bem.

L – Então e o parto?

M – Foi normal.

Parto normal

L – 9 meses?

M – Sim.

L – Como é que era o C em bebé, era calmo, era chorão...

Calmo

M – Era bastante calminho.

L – Comia e dormia...

M – Sempre, não chorava quase nunca, nem quando lhe romperam os dentes nem nada, não teve nada assim de coiso...por isso é que...

Incompreensão

L – É que não percebe.

M – Sim, porque ele sempre foi muito calminho, não tinha doenças... nunca teve doenças assim.

Calmo

L – Nem otites?

M – Não. Nem por causa dos dentes, agora ultimamente tem tido um bocado de azar, desde entrou na escolinha não tem tido muita sorte.

L – Então?

M – Começou logo com escarlatina, teve de faltar a...

Doenças

L – E varicela? Na sala também houve meninos com varicela.

M – Já tinha tido uma vez, quando era mais pequenino teve uma doença dessas, foi a varicela foi, de resto tem tido...esta fase é que tem sido mais...

L – Então e quando é que começou a notar que ele estava mais agitado? Porque ele era um bebé calmo...

Irrequieto

Agressivo

M – Era, é assim ele ficou mais agitado...deixe-me cá ver...com 2 anos e meio, foi quando ele começou a ficar...brigava muito, ele e o primo dele...

L – São da mesma idade?

M – Não. Ele é um ano mais novo, eles brigavam muito os dois, só que nós pensávamos «Olha é da idade, querem uma coisa um do outro», mas foi aí que a gente começou a ver que ele era assim um bocadinho...nervoso, não pára quieto nem nada, é que nem a dormir ele pára quieto.

Nervoso; Irrequieto;
Dormir

L – E a comer?

M – Quase não come nada, e depois fica sempre de um lado para o outro, nunca pára, na hora do almoço ele fica numa agitação com medo que os colegas vão primeiro que ele lá. Porque nós moramos mesmo... a minha sogra mora em frente à escola, e então a gente estamos lá sempre, e então ele só de pensar que eles vão lá chegar, ele não come da agitação...

Dificuldades
alimentação;
Irrequieto; Ansioso

L – Ele tem horário de manhã e tarde?

M – Sim, é. E então nunca pára, nunca, é raro ele parar, só uma vez é que o vi parado mesmo, foi quando ele teve muita febre, com a escarlatina ele tinha muita febre, foi a única vez que a gente o viu parado, porque de resto, há muito tempo...Mas a dificuldade dele da leitura também podia ser da falta de óculos, era o que eu estava a dizer à professora, porque ele também precisava de óculos. Ele tinha andado com eles e o Dr. estava a ver qual era a graduação melhor, porque ele já devia usar óculos à mais tempo. Pronto também eu descobri porque ele começou a ver televisão muito chegado à frente, quando ele se chegou mais perto da televisão para ver foi quando nós demos por isso.

Irrequieto
Doença

Dificuldades escolares
Causa

L – Estava a dizer que ele até para dormir é agitado...

M – É. A dormir ele não pára, está sempre a mexer, grita e tudo de vez em quando...

Dormir; Gritar

L – E não se levanta?

M – Levanta-se, ele levanta-se, porque é assim ele foi acostumado a dormir...é porque é assim, ele quando era pequenino, eu precisava de levantar-me para lhe dar mama, só que ele foi-se habituando, foi-se habituando e até agora tem dormido comigo, porque não mudámos de

Dormir

casa, e era muito fria, então ele dormia comigo. Agora há uma semana é que eu o pus no quarto dele, e tem sido difícil, porque ele tem um medo muito esquisito. É assim ele pode estar na mesma casa, se ele está no quarto e eu na casa de banho, já me está a chamar «Ó mãe onde é que estás?». Se eu não respondo ele fica aflito e tem que ir ver onde é que eu estou.

Difícil; Medo
Relação Materna

L – Mas quando está no quarto dele?

M – Quando está no quarto, no meu quarto em qualquer parte da casa é a mesma coisa. É mais um medo que eu nem sabia que ele tinha... ultimamente é que ele tem estado assim, é que eu tenho visto mais que ele não consegue estar sozinho, e à noite para adormecer tenho que lá estar ao pé dele na cama, que é para ele adormecer, se não, não fica. Tem luz de presença, tem tudo lá que é para ver se ele se sente bem, eu já lhe comprei esta televisão nova e tudo para ver se ele ficava bem mesmo, se sentia bem lá. Ao meio da noite ele vai para lá para o meu quarto...

Medo
Sozinho
Dormir

L – A meio da noite?

M – Ao meio da noite vai, é um medo um bocado esquisito...

L – Mas isso não acontecia na outra casa?

M – Ai, não.

C – Não sei a data.

M – É um 1 e um 5.

C – 1 e 5 e mais?

M – Estamos no mês quê?

C – No mês quê?

M – Olha Janeiro, Fevereiro, Março...

C – Abril.

M – Então quantos?

C – 4.

M – Sim filho, do ano... então vá põe lá... 200 e mais um 5.

C – É assim?

M – 2.

C – É um 2

M – Ah então faz assim.

L – Conseguiu fazer a data, então abre essa caixa vermelha tens lá canetas...

M – Então agora faz um desenho bonito, vá.

L – Quando é que ele fica mais nervoso, é quando não pode fazer o que quer?

M – É quando não pode fazer o que quer, quando acontece essa situação de eu estar na cozinha e ele estar coiso...porque fico tão cansada de ele estar «Ó mãe, ó mãe». Se ele não está ao pé de mim, está a brincar com os bonequinhos no quarto dele e eu na cozinha a fazer o jantar, ou a limpar a casa, e ele está...é a toda a hora «Ó mãe, ó mãe». Se eu não respondo ele já fica nervoso, a pensar, chega ao pé de mim «Eu pensava que tu já não estavas cá, estava-te a chamar e tu não respondeste» e eu disse «Ó Miguel a mãe já disse para não me estares sempre a chamar, senão a mãe fica cansada, tu estás sempre ó mãe, ó mãe a toda a hora». Mas fica mais, quando ele quer fazer aquilo que quer, e a gente não deixa. O que ele também não consegue é ouvir é a palavra não, é um bocado difícil para ele a gente lhe dizer que não, mas agora está um bocadinho melhor.

L – Como é que ele reagia dantes quando lhe dizia que não?

M – Mal, muito mal, às vezes dizia uns palavrões feios, depois eu batia-lhe para ele não dizer e ele dizia mais. Agora está um bocadinho mais calminho, agora compreende melhor se eu lhe disser que ele não ganha aquilo porque ele portou-se mal.

L – Fica por ali?

M – Fica por ali.

L – Ele é refilão?

M – Muito, muito refilão, muito mesmo.

Avó – Até é mau para a avó

L – O que é que ele faz?

Avó – Não obedece.

L – Não obedece a ninguém?

Avó – Quando andava na escola, quando a mãe trabalhava, ficava na minha casa, e então quando eu o repreendia ele dizia «Tu não és minha mãe, tu não mandas em mim».

C. Oposição

Cansaço (mãe)

Brincar

Insistente

Nervoso

Cansaço (mãe)

Firmeza

C. Oposição

Melhoria

Palavrões; Palmada;

C. Oposição

Calmo; Aceitação

Mal-comportado

Refilão

Mau

C. Oposição

Repreensão;

Autoridade; Igualdade de gerações

M – É assim, essas reacções que ele tinha assim...

Jardim-de-Infância

L - Ele entrou para o jardim de infância com que idade?

M – Foi...ele ia fazer 3...não me lembro bem...

Avó – Com 4 não?

M – Não me lembro se... eu não tenho bem a certeza se ele entrou com 3 anos ou 3 anos e meio.

L – Ele faz anos em Novembro, entrou em Setembro.

C – Já fiz o desenho.

L – Queres fazer outro?

M – Quem é esses filho?

C – Não sei.

M – Não sabes? Fizeste um desenho e não sabes quem é?

C – É. Vou fazer outro.

L – Então força.

M – Eu não tenho bem a certeza, mas ele pelo menos 3 anos esteve com a Maria...

L – Com a Maria?

M – Ele esteve na escolinha da (*localidade*), num centro daqueles das (*localidade*) lá na (*localidade*).

L – E com quem é que ele esteve antes?

Avó

M – Esteve comigo, ficava comigo e com a avó.

L – E como é que foi a adaptação dele ao jardim-de-infância. Ele adaptou-se bem, foi difícil?

Chorar; Manipulação
criança; Dificuldades
adaptação

M – Ainda chorou bastante ao princípio, ao princípio foi um bocadinho complicado, que ele não queria lá ficar, não conhecia, não queria mesmo, mas depois de começar a conhecer os coleguinhos adorava ir para lá. Sempre...

L – E a mudança do jardim-de-infância para a escola?

M – A mudança...eu pensava que ele ia reagir um bocado mal, por causa dos colegas não serem os mesmos e isso, mas não, ele até ficou bem.

L – Ele está com os mesmos colegas de...

M – Nenhum. Não ficou com nenhuns de lá, eu pensava que ele não podia andar, na (*localidade*) só entram com 5 anos, pensava que ele não

podia entrar, então inscrevi-o aqui na (localidade), eu pensava que eles não o iam deixar entrar.

L – Quais são as maiores dificuldades que sente com o Miguel?

M- É assim...em relação à escola, ou em relação a tudo?

L – Em relação a tudo.

M – As dificuldades que eu sinto em relação a coiso...é ele me compreender um bocadinho melhor, porque é assim, eu explico-me, mas às vezes ele não me quer ouvir, pronto, não me quer mesmo ouvir aquilo que eu tenho a dizer. E em relação à escola, é a leitura que ele tem mais dificuldade, porque ele troca muito as letras, e depois ele deve estar...porque ele é muito cabeça no ar, ele em vez de estar a olhar para as palavras, não, está a olhar para mim, em casa, eu falo por em casa, porque ele tem que ser ajudado em tudo.

L – Nos trabalhos de casa?

M – Nos trabalhos de casa ele tem de ser ajudado, em todas as fichas ele teve que ser ajudado. Porque eu fui lá...e é sempre assim. Agora ele está um bocadinho melhor, a professora disse que ele estava um bocadinho melhor. A matemática não é preciso lhe ajudar porque ele sabe, sabe bem, agora o problema é mesmo a leitura, na escola. E o problema connosco em casa, é ele ser um bocadinho mais compreensivo, compreender melhor aquilo que se lhe diz e saber ouvir, porque ele...

Avó – Não compreende...

M – É complicado ele saber ouvir

L – Ele não liga aquilo que lhe dizem?

M – Às vezes até liga, faz o que a gente lhe coiso...mas de repente, vira, assim muito de repentinamente. Às vezes é o contrário daquilo que se lhe diz, e muitas vezes mesmo.

L – Portanto há alturas em que ele está bem e outras em que não, muda completamente.

M – Muda mesmo, já na creche, eu lembro-me que ela tinha dito que ele também era assim...

C – Eu tenho um gato persa.

L – Tu tens um gato, eu também, e como é que é o teu gato, tem muito pêlo não é?

C. Oposição

Dificuldades escolares

Distraído

Relação materna

Trabalhos de casa

Interesse materno

Melhoria; Capacidades

Contexto; Aceitação

Inconstante

C. Oposição

C – Não.

M – Não agora ficou sem pêlo.

L – Ai coitado.

M – Caiu-lhe o pêlo todo. Comeu qualquer coisa que não devia, e então ficou sem pêlo.

L – Fez-lhe mal.

M – Fez.

C – Comeu qualquer coisa, pronto ficou sem pêlo.

L – E é de que cor?

M- Diz lá tu de que cor é o Murilo?

C – É...

M – De que cor é o Murilo? É preto?

C – Não.

M- É sim, é preto, só que não é aquele preto muito escuro.

L – É preto de chocolate.

C – Sim.

M – É.

C – É, não é.

M – Quem é que gosta muito do Murilo?

C – Eu.

M – E quem é que faz maldades ao Murilo? Quem é Miguel?

Mau

C – (canta)

L – Fazes maldades ao gato?

M – Já não interessa, não é, já não interessa. Mas ele faz com cada maldade ao gato, coitadinho...

C – Ele arranhou-me aqui.

L – Quem é que arranhou primeiro foi ele ou foste tu?

C – Não eu não o arranhei, estava a brincar com ele e ele arranhou-me.

M- Aleijaste-o.

C – Ai não, não foi.

L – Sabes que os gatos às vezes são assim um bocadinho...

Igualdade de Gerações

C – Marotos

L – Gostam de fazer o que querem, dá-lhes assim na cabeça e eles fazem.

Eu tenho uma preta com os olhos verdes, rafeira.

C – Já teve filhotes?

L – De vez em quando lá aparecem, depois temos de arranjar sítio para eles.

M – Eu tenho uma caixinha.

L – Tens uma caixinha para eles?

C – Sim, não tenho mãe, não tenho?

M – Nós não temos tido muita sorte com os bichinhos, mas pode ser que agora, mudámos... nós tivemos dois cachorrinhos, um morreu, teve uma virose. Depois o outro tivemos que o mandar abater porque ele apanhou uma infecção aqui na coluna...

L – Coitado. Como é que é o dia a dia do Miguel, a que horas é que ele se levanta para ir para a escola?

M – 8 e 30.

C – 8 e 30, e depois ainda brinco.

Rotina

M – É assim quando ele andava na escola primária, não na escolinha do infantário, chegava às 9, 9 e 30, ele adormecia, agora depende...

L – Então?

M – Quando ele está mais cansado chega à cama e adormece, quando não está muito cansado, 10 e 30, 11 horas ele ainda está acordado.

Dormir

L – A escola é das 9 às 15 e 30.

C – Já fiz.

M – Mostra lá, então não tem nome o senhor?

C – Hã?

M – Tens que pôr o nome.

C – Não sei.

M – Então inventas um para ele.

L – E o que é que ele está a fazer?

C – É um menino e um homem

L – Ai é um homem, esse, então tens que lhes pôr nomes.

C – Sim este é um homem e este uma mulher.

L – E sabes algum nome para lhe pôr?

C – Não. Se calhar sei.

L – Sabes? Qual?

C – Este é rapariga

L – E então?

M – Qual é o nome?

C -

M – Como?

L – Então que nome é que eu ponho aqui? Miguel... vou escrever...

Agora já estão todos. Ele sai às 15 e 30, vai para casa fazer os trabalhos ou vai para o ATL?

M – Não. Às vezes está a brincar com os colegas, ele agora não está no ATL, deixou de estar...nunca esteve no ATL porque... só estava no ATL lá da (*localidade*). Não o pus, como depois vim para casa eu ajudo-o. Fica a brincar um bocadinho com os colegas e depois vamos para casa. E depois é outra confusão para fazer os trabalhos de casa, nunca quer fazer os trabalhos de casa. Mas depois quando começa... aquilo que ele sabe faz sozinho, aquilo que ele não sabe...

ATL

Brincar

Trabalhos de casa

L – Mas ele é distraído durante os trabalhos de casa?

C – Não.

L –Portanto estás com atenção enquanto fazes os trabalhos?

C – Não.

L – Então não estou a perceber, como é que é, não te apetece fazer os trabalhos de casa? O difícil é começar...

C – Não.

M – É. Difícil é começar. O que ele sabe faz, o que ele não sabe, fica à espera que eu lhe ensine, enquanto eu não chegar ao pé dele, não faz.

Relação materna

L – E não arranja desculpas para não fazer os trabalhos de casa?

M – Às vezes diz que vai comer, depois outras vezes diz que vai à casa de banho, é assim.

Manipulação Criança

L – E depois dos trabalhos de casa prontos, o que é que ele faz a seguir, vai brincar, vai jantar...

M – Vai brincar. Depois de brincar vai tomar banhinho, depois janta, depois eu lavo a louça e ele vai para a caminha. Às vezes dorme, outras fica a ver a novela ou o que tiver a dar até adormecer.

Rotina

L – Nos fins-de-semana levanta-se cedo à mesma?

M – Levanta. Às vezes levanta cedo, depende, se ele se deitar um bocadinho mais tarde, porque esteve a brincar ou isso, levanta-se um bocadinho mais tarde.

L – Então e qual é o nome deste ?

(fala com o Miguel sobre os desenhos)

C – Ah, esqueceu-me...

M- Põe nomes bonitos filho... um nome...

C – Então Ricardo, Ricardo é do Sporting.

L – Tu és do Sporting?

C – Sou. o Sporting ganhou.

L – Eu sei, eu vi.

C – Ganhou 2 a 1... e agora o que é que eu faço?

M – O que quiseres.

L – Estava a dizer-me, fins de semana...

M – Sim. É assim quando se deita um bocadinho mais tarde levanta-se mais tarde, quando não é cedo, à mesma hora ou um bocadinho mais cedo.

Dormir

L – Como é que ele ocupa os fins-de-semana, brinca passeia...

M – Ele gosta mais de jogar à bola, aos sábados está sempre a jogar à bola, adora, com o primo, que é o tal primo que eu lhe disse que ele não larga nem por nada. Agora até o pus um bocadinho de castigo a ver se ele dormia no quarto dele. Se dormisse lá uma semana na caminha dele, o *(primo)* ia lá para nossa casa, e ele fez...

Relacionamento entre pares; Castigo

L – Cumpriu.

M – Cumpriu. Ao meio da noite vai lá para a cama, mas pronto, cumpriu dormiu lá. Agora vai para lá...que ele gosta muito dele. E ao domingo passeamos, vamos ao café, vamos ver o mar, às vezes vamos ao shopping.

L – Ele tem assim alguma actividade, catequese, ginástica...

M – Não. Porque ele andou na catequese, ele ainda andou um bocadinho, só que em vez de ir à catequese dele... ele não queria, queria ir à do primo que é maior, então não podia ser deixou de ir. Porque os meninos lá também se portavam mal com ele, deixou de ir mesmo.

Actividades

C. Oposição

Mal-comportado

C – Oh... isto era assim...

M – Pois, mas não se faz está bem? Deixou mesmo de ir lá por causa de...o meu sobrinho disse...então ele deixou de ir à Igreja e tudo. Não tem nenhuma actividade.

L – Então o que é que gostaria que fosse diferente em relação ao Miguel?

M – Que ele compreendesse melhor as coisas, só que ele compreendesse um bocado melhor...

Desejo

L – E como é que foi a avaliação dele no 2º período?

M – Não muito boa. Porque ele fez tudo com ajuda, porque ele na altura dos testes que ele tinha que fazer, ele fez aquilo tudo muito à pressa, porque é assim, na altura que ele tinha que fazer os testes com os colegas, ele estava com escarlatina, pronto, foi uma semana depois, enquanto os outros saíam para o recreio ele ficava lá a fazer, e não fez nada de jeito. Então não foi lá muito boa.

Apressado

L – Não foi lá muito boa altura para fazer a avaliação.

M – A professora achou que não.

L – Ficar dentro da sala a ver os outros no recreio, não deve dar lá muita vontade de trabalhar.

Doença

Dificuldades escolares

M – Não deu mesmo, ficou mesmo metade das coisas para fazer e o que fez foi com ajuda, está lá escrito mesmo.

L – Ó Miguel posso fazer-te umas perguntas agora?

C – Sim.

L – Já sabes o que é que queres ser quando fores grande?

C – Já.

L – O que é, é só uma coisa ou são muitas?

C – 4.

L – Quatro coisas? E então o que são?

C – 1º andar de bicicleta, jogar à bola e fazer karaté.

L – O que tu gostas é andar de bicicleta, jogar à bola e fazer Karaté.

C – É.

L – E o que é que gostavas de fazer quando fores grande, que profissão é que gostavas de ter já sabes?

C – Não.

L – Ainda é muito cedo para ires trabalhar...

C – Ainda.

L – É. Acho melhor ficar pela escola. E como é que se chamam os teus melhores amigos?

C – (*amigo*).

L – Não apareceu aqui no desenho? Então é o (*amigo*) e mais...

C – O (*amigo 2*).

L – E tens mais algum?

C – Sim.

L – Como é que se chama?

C – (*amigo 3*).

L – E há mais? Há, são muitos, e no recreio o que é que tu mais gostas na escola?

C – Fazer desenhos.

L – E o que é que tu gostas menos?

C – Isso é que eu não sei.

M – Não há nada que tu gostes menos?

L – É assim se tu pudesses dizer «Se eu pudesse tirava isto da escola»

M – Era o quê Miguel?

L – Estas perguntas são muito complicadas é?

C – É

L – Então faz um desenho, nós depois vamos falando. Eu acho que já perguntei tudo à mãe, portanto vamos marcar o próximo dia.

(marcação de próxima consulta)

L – Precisa de justificação para a escola?

M – Preciso, preciso.

L – Eu vou buscar.

M – E quanto aos desenhos dele, o que é que acha? São um bocadinho ainda...

L – Nós no fim quando estiver tudo terminado falamos.

Ansiosa

C – Já está, já acabei.

M – Arruma tudo como deve ser, está bem filho

C – Ó mãe já está.

FIM

Anexo C

Entrevista 13

Entrevista Ricardo (13)

Nome: Ricardo.

Idade: 7 anos.

Escolaridade: 2.º ano.

Mãe: 32 anos, doméstica.

Pai: 32 anos, pescador.

Irmãos: Elsa, 13 anos; Maria, 9 meses.

L – Eu vou falar com a tua mãe, se quiseres fazer um desenho, dizes-me que eu vou buscar papel está bem? Está combinado?

M – Fala Ricardo.

L – Não faz mal é a primeira vez, tu também não me conheces, para a semana já estás falador. Vou falar um bocadinho com a tua mãe, quando tu achares que, ou te lembrares de alguma coisa, podes dizer, está bem? Vou falar mais com ela porque ela é que sabe como tu eras em pequenino. Então quais são as maiores dificuldades que sente com o Ricardo?

M – O Ricardo tem um problema nos intestinos que é, faz um bocadinho nas cuecas, não tem tempo de ir à casa de banho. Às vezes faz um bocadinho. Aqui há tempos disseram-me que ele estava a precisar de um bocadinho de ajuda dum psicólogo, andou mas depois...e depois é assim as dificuldades é...ele é um bocado teimoso, a gente manda fazer isto, e ele é que sabe, é assim não somos nós. É um bocado complicado, pronto, é assim um bocado difícil.

L – Quando o manda fazer alguma coisa, ele faz?

M – Não. Ele não faz, é escusado.

L – Como é que reage quando ele não obedece?

M – Às vezes tenho que lhe bater, mas é mais as vezes que não lhe bato, ralho com ele «Vai lá...» e ele não faz nada. Pronto é uma criança que não come quase nada, pronto é um bocado complicado. Então derivado ao problema dos intestinos ainda pior. É um bocado complicado.

L – Há quanto tempo é que ele em esse problema?

Doença

Encoprese

Psicólogo;

Dificuldades

financeiras;Teimoso;

Autoridade; Difícil

C. Oposição

Palmada; Cedência

Ralhar; C. Oposição

Dificuldades

alimentação; Difícil;

Causa

M – Eu acho que ele já nasceu com esse problema, nós julgávamos que ele era preso, púnhamos-lhe o clister, mas aqui à coisa de 2 anos, ele andava constantemente a fazer, levámos-o ao médico particular...

Doença

C – A uma médica.

M – Isso foi depois, primeiro foste ao médico. E ele mandou-o a uma médica dos intestinos e aí descobriram que ele tinha um problema nos intestinos. Agora já está um bocado melhor, mas não sei se é isso também, os colegas gozam com ele...

Igualdade de gerações

L – Mas é durante o dia e durante a noite?

M – Sim, mas mais durante o dia.

L – Principalmente durante o dia.

M – Durante o dia. Depois os colegas gozam com ele, e ele não quer ir à escola, e no pátio depois chamam-lhe nomes e ele foge. Também não gosta, não é.

Fuga;
Desculpabilização

L – Claro.

Agressivo

C – Temos que andar à porrada.

L – Com os da tua idade ou com os mais velhos?

C – Mais velhos.

L – E tu não tens medo?

C – Não.

L – Ah, és corajoso...

C – Eles têm 8 anos.

L – 8 anos?

C – Sim, eu tenho 7.

M – Com a outra irmã mais velha, ela é mais velha, mas também bate à irmã, destrói tudo...

Agressivo;
Estragar

L – Que idade tem a irmã?

M – Tem 13.

C – Também andamos à porrada. Às vezes vou buscar uma faca...

Inconstante

M – Às vezes...Aí há uns tempos, diz que queria matar-se, foi buscar uma faca. Agora no domingo fui aos meus pais, e então aparece a minha filha mais velha a chorar, que ele queria matá-la.

Relação fraterna

L – Este domingo, agora?

M – Sim, este domingo. E eu disse «Mas fugiste porquê (*irmã*)?» «Ah, porque ele disse que me ia cortar aos bocadinhos».

C – (*risos*).

L – A tua mana ficou com medo.

M – Claro. Ficou com medo, as reacções que ele tem...não é assim...às vezes a explicar, pronto...embora faça assim umas maldadezinhas...

Mau

L – Quando ele faz maldades fica de castigo?

M – Agora tem ficado.

L – E como é que ele reage aos castigos?

M – Ah, reage doutra maneira, vai...porque é assim ele gosta muito de ver os bonecos, e então eu bloqueei os canais todos...e enquanto ele não fizer os trabalhos não vê bonecos. E ele responde assim «Não vejo bonecos, vou brincar».

Castigo

Firmeza; C.
Oposição

C – (*risos*).

L – E acaba por ir brincar...

M – ...Acaba por ir brincar, e pronto é sempre assim. Às vezes de manhã...não lhe vou estar sempre a bater, é uma coisa que eu fico chateada, por estar sempre a ralhar com ele, estar-lhe sempre a bater acho que não leva a nada...

Palmada; Chateada

Ralhar

C – E tu ficas a chorar.

M – Pois.

L – A tua mãe fica triste.

C – Fica, fica com a “burra”.

Igualdade de
Gerações

L – A mãe é que fica com a “burra”, ou és tu?

Chorar (mãe)

C – Às vezes sou eu, às vezes é ela, quando está a chorar.

C. Oposição

M – Depois se eu lhe quero ensinar alguma coisa da escola, diz que não é assim. E porque a gente diz que da escola, sabemos mais que ele, ele diz que não é assim, a professora também diz que ele lá é a mesma coisa.

L – Como é que era o Ricardo em bebé, era um bebé calmo?

M – Era um bebé um bocado chorão, não sei se já era aquele problema nos intestinos, era um bebé pronto...era um bebé muito mexido. Não brincava com brinquedos quase nenhuns, não era uma criança que se distraísse com nada, não era assim muito...tanto que quando tive esta agora. Esta é muito diferente, muito calma, diferente dele, ele não queria

Doença; Irrequieto

Comparação

comer, chorava muito, não se distraía com nada, pronto era um castigo para comer, não comia...

L – Ainda hoje é?

M – É. Se bebermos pelo copo dele, já não bebe, porque tem nojo de nós.

L – É esquisito.

M – É esquisito numas coisa e não é noutras, mas pronto era um bebé um bocado, pronto difícil de aturar.

L – E para dormir, dormia bem em bebé?

M – Não.

L – Também era chorão?

M – Era chorão. Era a mama, só queria era mamar, não queria mais nada, depois era um castigo para adormecer, pronto...

C – Não sabia o que fazia.

M – Era...*(risos)* o que fazias.

L – Pois claro eras pequenino.

C – Pois até tava com os olhos assim...não conseguia ver nada.

L – E aquelas doenças, como ouvidos, garganta...

C – Ai.

M – Não. Só teve uma vez, ui tinha dois meses e meio teve uma bronqueolite, acho que foi de uma constipação, ao fim de dois meses e meio, e teve que ficar internado, desde aí... Aí há quê 2, 3 anos, fui passar férias ao Algarve, apanhou a varicela tive que me vir embora *(risos)*, não sei...

C – O que é o Algarve?

M – Nessa altura, depois da escola...eu sei que apanharam todos, ele e a irmã. Mas ele até é uma criança saudável, embora tenha aquele problema dos intestinos, é saudável, é traquina, muito traquina...

C – À vezes tenho roubado umas chaves.

L – Umas chaves? O que é tu roubaste?

M – Eu andava a trabalhar e ele ficava com a minha mãe e a minha irmã. Então os vizinhos tinham as chaves lá nas garagens, e ele naquele dia deu-lhe para tirar as chaves todas e esconder...

C – E no outro dia abri a torneira.

M – Pois...

Chorar;
Dificuldades
alimentação

Asseio

Difícil

Chorar
Dormir

Doenças

Internamento

Reguila

C– Ficou tudo cheio de água.

M – É assim ele às vezes é obediente, mas é mais as vezes que é desobediente que obediente.

Obediente;
Inconstante

L – Tem fases?

M – Tem fases. Mas é desobediente mais vezes do que é obediente, e durante a noite dorme e...fala alto.

Dormir

L – Já chegou a levantar-se?

M –Sim. Esta semana acho que faz sábado oito dias, ele parece que se levantou, e eu levantei-me da cama já ele estava deitado outra vez. Mas fala muitas vezes de noite, alto, e dá-lhe para fugir...

Fuga

L – Dá-lhe para fugir como?

M – É verdade, eu já me estava a esquecer disso, ele tinha o quê, 4 ou 5 anos, e eu morava numa terra longe da minha mãe, e eu estava em casa...

C – Na (*localidade*).

M – Na (*localidade*). E eu estava deitada, ele saiu de casa sem eu dar por isso, e saiu pela porta dos fundos. As pessoas até lhe davam a impressão que eu não estava em casa, porque ele disse que ia ter com a avó ao (*localidade*), a minha mãe morava no (*localidade*). E ele aí vai.

Avó

L – Tão longe.

M – Exactamente. Agora há pouquinho tempo, foi no dia da Consoada, no Natal...

Ricardo – Um dia na casa da minha avó, o meu avô foi ao café, depois eu fui atrás dele, gritei para ele, mas ele não me ouviu, depois fui atrás dele até ao café...

Gritar; Fuga

L – Isso é que foi fazer exercício.

M – A policia apanhou-o e foi levá-lo ao meu pai, já fez isso 2 vezes.

C– Não é policia, é GNR.

L – E tu não tiveste medo dos policias?

C – Não.

L – E não tiveste medo de te perder?

C – Não.

L – De que é que tu tens medo?

C– Tenho medo de animais.

Medo

L – Por exemplo...

C – Dos pequeninos.

L – Olha vou-te dizer qual é o animal que eu gosto menos, são as aranhas, são tão pequeninas, mas eu não gosto nada delas.

M – Ele também acho que não..

L – Olha já somos 2, não gosto nada de aranhas.

C – Às vezes eu até as mato, as aranhas.

L – Olha isso já não sou capaz de fazer, deixo-as andar para longe de mim.

Ricardo – Às vezes piso com o pé, as lesmas.

L – Ah, dessas não tenho medo.

C – As lesmas são peganhentas (risos). Eu não me importava de ser comido por uma baleia, depois a baleia fazia aquela coisa e eu saía.

L – Saías pelo repuxo. Como é que foi a gravidez do Ricardo, correu tudo bem?

M – É assim, eu andava muito nervosa, andava um bocado agitada. Depois tive o problema, que ele teve que ser...já passava do tempo, foi um bocado complicado, para ele nascer tiveram que provocar o parto, então foi um bocado difícil e a gravidez embora fosse normal, mas eu andava um bocado enervada, pronto a vida também nos permite isso. De resto foi normal.

Gravidez ansiosa

Parto provocado

C – Olha esta baleia é gigante.

L – Já vi que és fã de baleias, gostas de baleias. E como é que foi o Ricardo para andar, para falar?

M- Foi bom. Pronto para andar, começou a andar com um ano e duas semanas, é assim a sentar já não me lembro, mas foi logo, a falar é que ele era um bocadinho mais trapalhão. A falar era assim mais espanholito, ele ainda hoje há palavras que ele não diz bem, e tem alturas que gagueja um bocadinho.

Dificuldade fala

Quedas

C – Um dia caí da bicicleta e fiz uma ferida.

L – Caíste da bicicleta?

C – Sim. O (colega), que anda na minha escola, tirou os pés de trás e eu caí prá frente.

L – Uma grande queda, deves ter ficado magoado...

C – Estava a olhar para cima e a ir para a frente.

L – Gostas de andar de bicicleta?

C – Gosto. Uma vez dei uma cambalhota com a bicicleta.

Queda

L- Estou a ver, essas quedas de bicicleta...

C - Foi a primeira vez que eu caí. Um dia estava a andar de bicicleta e quas fui atropelado por um carro, também ia depressa.

L – Então olha como eu tenho aqui a mãe vou aproveitar para falar com ela, e para a semana a mãe fica lá fora e falamos os dois. Eu ia perguntar como é que é um dia normal do Ricardo, a que horas é que ele se levanta, a que horas é que tem aulas?

M- É assim, ele levanta-se às 8 e 30, entra às 9, depois sai ao meio dia, vem comer. Comer de talheres porque ele não é uma criança que coma assim.... Depois vai para a escola. Vem, às vezes não vai logo para casa.

Rotina

L – Fica a brincar um bocadinho...

M - ...E depois é que vem. Pronto e é assim a vida dele, quando não vai para a escola, é a ver bonecos. No dia dele passa muita vez assim a ver bonecos...

C – Quando não vou à escola...quando fico doente.

M – Pois.

L – Então e para fazer os trabalhos de casa?

M – Ai é um castigo.

L – Como é que é?

M – É assim: «Ricardo vem fazer os trabalhos de casa» «Já vou, tenho tempo, faço logo» e eu digo «Não é logo é agora». Depois quando vai fazer ou eu ou a irmã estamos a querer ensinar, ele diz que não é preciso, que não é assim. Depois a irmã chateia-se e já não quer ajudar, ajudo eu, ele diz que não é assim, que é como ele diz. Está ali que tempos, e depois chateia-nos também, porque ele começa a dizer que não é assim e começa a chorar. É complicado para fazer os trabalhos.

Trabalhos de casa
Firmeza
C.Oposição

Chatear

Chorar; Dificil

L – A hora dos trabalhos é um bocado complicada...

M – É. Só com ordem do pai, ele é que impõe um bocadinho mais de respeito.

Desrespeito

L – Sabe que os pais...

M – Pois. As mães somos um bocadinho...castigamos mas depois quebramos o castigo...(risos)

Castigos; Cedência

L – E depois vai brincar um bocadinho...

Brincar

M – Exacto.

L – Depois janta. E a hora de ir para a cama, é complicado?

M – É. É complicado, porque é assim, ele é uma criança que mesmo que se levante muito cedo, ele não vai para a cama cedo, tem muita energia ele. Ontem disse-lhe «Agora cais para a cama que amanhã tens que te levantar cedo», mas ele ainda foi buscar uma cassette de vídeo.

Dormir

C – Era o patinho feio.

M – Adormeceu e hoje eram 7 e tal da manhã já estava acordado.

C – Era o patinho feio, mas o patinho feio era um ganso...

L - ...Depois no fim.

C - ...Era bonito, o patinho feio.

L – E no fim-de-semana, não tem aulas, como é que é?

Brincar

M – É assim ou está em casa a ver os bonecos e a jogar playstation, ou vai brincar. É assim os fins-de-semana dele.

L – E tem alguma actividade, catequese, futebol...

M- Não, no fim de semana, ou vê televisão ou vai brincar com os amigos.

Relacionamento
entre pares

C – Agora vou ter uma moto.

L – E na escola, ele tem natação, futebol ou...

M- Natação. Ele tem natação à quarta-feira, e acho e acho que também têm ginástica...

Actividades

C – No outro dia tive música.

L – Tiveste? E tu gostas de música?

C – Gosto mais de ginástica.

L – Ah, é uma coisa mais mexida.

C – Gosto de natação, e de música também, mas gosto mais de ginástica. Não gosto de pôr a cabeça dentro de água.

L – Não gostas dos mergulhos, mas a outra parte, andares dentro de água a brincar, não gostas?

C – Sim.

L – Desde que não metas a cabeça dentro de água...

C – Um dia abri os olhos debaixo de água, mas depois fechei-os logo.

L – É complicado abrir os olhos debaixo de água, aí concordo. Diz-me uma coisa, o que é que tu gostas mais na escola?

C – Matemática, recreio, escrever no quadro, contas.

L – Matemática e recreio.

C – É.

L – E o que é que gostas menos?

C- Língua portuguesa, estudo do meio...

L – Pronto português é mesmo aquela coisa que tu não gostas. Entraste para a escola com 6 anos. Ele andou em jardim-de-infância? Com que idade?

Jardim-de-Infância

M – Ele foi...

C - ...Aos 5 anos

M – Não aos 5 não, entraste para a escola com 5 ainda, foi entre os 3 e os 4.

L – E como é que foi a adaptação ao jardim-de-infância?

M – Não...nos primeiros dias não gostou, depois lá se habituou, mas nos primeiros dias não gostava.

Dificuldades de adaptação

C – Quanto tempo falta para acabar a escola?

M – Falta pouco.

L – Faltam 2 meses.

C – 2 meses? Quinze dias.

L – É um bocadinho mais, são sessenta...

M – Pois. É assim, lá na escola ainda conseguia que ele comesse, ele podia lanchar, podia fazer o que fizesse, ele tinha que comer...

C- A mãe do ...(colega) disse que eram 15 dias.

M – Disse que eram 15 dias, mas não é. Então é assim, pronto, mas de resto, só de manhã é que ficava a chorar, nos primeiros meses, mas depois já ficava bem.

L – E depois a entrada para a escola, foi outra vez...

M – Não estive em casa, foi esse ano em que ele, esses meses, que ele estive em casa, antes de ir para a escola. Ele no primeiro ano, os primeiros meses gostou, mas depois começou a detestar a escola, e este ano então está pior ainda.

Dificuldades adaptação

L – Mas aconteceu alguma coisa para o desmotivar?

Desmotivado

M – Não.

L – A professora é a mesma?

M – Não. A professora que ele tem agora... ele era assim para mim «Eu gostava que para o ano a professora fosse outra».

C – A outra professora era melhor, dava-me sempre presentes no fim do ano.

L – Dava o quê?

M – Dava sempre no fim das aulas, quando era no Natal, quando era na Páscoa, dava sempre uma lembranczinha, eles habituaram-se pelos vistos.

C – Ontem caiu-me um dente.

M – Está na altura de começarem a cair para virem os novos.

C – Já tinha ido ao médico, ele disse que estes pretos iam cair, não podia arrancar...

L – Tens que ter paciência, eles vão cair, e depois ficas com novos.

M – Não sei, ele tem dias que não quer ir à escola, não sei o que se passa, não sei o que se passa, não sei explicar porque é que ele não quer ir à escola, não sei explicar porque ele também não se abre muito.

Incompreensão

Reservado

L – Ele guarda as coisas para ele.

M – Há coisas que ele guarda, e algumas, que é uma mentirazita também, pronto não sei...

Mentira

L – Como é que foi a avaliação dele este período?

M – Ele na matemática está razoável, pronto ela diz que ele não tem atenção no português. Ele não lê, ele é um bocado preguiçoso, como não gosta nem se esforça, tanto que ele no dia a seguir trouxe umas fichas e fez, mas pronto faz naquele dia, no dia a seguir não faz os trabalhos... é um bocado...

Preguiçoso

Inconstante;
Trabalhos de casa

L – Desmotivado.

M – Exacto.

L – Não está muito interessado...

Desmotivado

M – Não.

L – Ele estava, no início, não era?

M – Não. No ano passado. Este ano parece que...

L – Portanto quando ele entrou para a escola, estava a gostar...

M – Estava a gostar

L – Então e ele ajuda nas tarefas em casa?

Desorganização

M – Não. (risos) ajuda a desarrumar.

L – Desarruma, mas depois não ajuda a arrumar.

M – Às vezes é assim, às vezes arruma, mas não ajuda assim muito.

L – Nem se oferece para pôr a mesa, nem para fazer nada?

M – Às vezes, às vezes ajuda a irmã. Às vezes ajuda-me a arrumar as compras, mas... às vezes faz a cama dele...

Prestativo;
Inconstante

L – Mas é todos os dias ou só de vez em quando?

M – É de vez em quando.

L – E quando lhe pede para ele fazer alguma coisa, fazer a cama, arrumar alguma coisa, ele faz?

M – Às vezes vai outras vezes começa a dizer «Porque é que não vais tu?», mas quer dizer ele para ir tem que ser assim com calma «Vai lá fazer isto à mãe», e ele vai.

Igualdade de
Gerações

L – É refilão? Tem birras?

Birras

M – É. Agora está um bocadinho melhor, mas quando era pequenino deitava-se ao chão, chorava, ainda hoje se tiver sono, chora, chora, sem ninguém lhe fazer nada, está para ali a chorar, a chorar, até irrita, não se cala. Ah, a irmã está na aranha, tira-a da aranha, anda com ela ao colo...

A. Cólera; Chorar

L – Ela tem ... 9 meses.

M – 9 meses.

L – Ela qualquer dia começa a andar...

C – Ela já anda mas é de gatas.

L – Ah mas começa a andar de pé.

Birras

M – Isso as birras dele são a chorar, a chorar que é uma coisa... Ontem estava assim com o rabito na cama, quase a adormecer, chorava, chorava e batia com os pés no chão para fazer barulho, ele gosta muito de fazer barulho, saltar na cama. Mas chorava, eu não ligava nenhuma, e ele adormecia outra vez.

Chorar

A. Cólera
Ignorar

C – Eu parava, eu parava.

M – Põe-se ali a chorar...

L – Só em casa, ou se forem na rua...

Contexto

M – Não, em qualquer lado.

L – E depois como é que acalma?

M – É não ligar que ele acaba por acalmar, às vezes ralho com ele para estar calado, mas não está, até mete raiva, depois, olha, cala-se. Mas está ali um grande tempo. Às vezes sou capaz de lhe bater, não chora, ralho com ele põe-se para ali a chorar que é uma coisa...

C – Às vezes é diferente.

L – É diferente?

C- Às vezes quando me bates choro.

L – O que é que a preocupa mais no Ricardo? O que é que gostava que fosse diferente?

M – É assim, gostava que ele fosse mais obediente, um bocadinho mais calmo, não fosse tão irrequieto, fosse mais amigo para a irmã e mesmo para mim. Aquelas diabruras que ele faz... fosse mais calmo e mais obediente, sei lá, é isso. Qualquer dia sou eu quem precisa da sua ajuda...

Ignorar; Acalmar;
Ralar; Palmada;
Inconstante

Desejo
Irrequieto
Calmo
Apoio

(Marcação da nova consulta)

L – É verdade, disse-me que ele tinha ido a um psicóloga, com que idade?

M – Com 4 anos.

L – E ela fez um relatório?

M – Não me deu nada.

L – Eu ia-lhe pedir que se tivesse algum relatório, para me trazer.

L – Então já sabes o que queres ser quando fores grande?

C – Bombeiro.

L – Então vamos combinar para a semana

Psicólogo

FIM

Anexo C

Entrevista 14

Anexo C

Entrevista 14

Entrevista Diogo (14)

Nome: Diogo.

D.N.: 9 anos.

Escolaridade: 3.º ano.

Mãe: 37 anos, doméstica, casada.

Pai: 39 anos, motorista, casado.

Irmã: 12 meses.

L – Portanto aqui na ficha que a professor fez...

M – Já não me lembro. Que eu por acaso não li antes de vir para cá, eu...

L – O Diogo escreve e lê com grandes dificuldades, o problema reside na compreensão e expressão verbal. Exercita o cálculo mental, não tem dificuldade em problemas. Portanto em matemática não tem problemas nenhuns.

Dificuldades
escolares

M – Agora a professora também quer falar com a senhora.

L – Eu telefonei-lhe a marcar.

M – Disse-lhe mais ou menos como é que ele estava?

L – Disse. Portanto acho que as dificuldades principais são no português...

M – É porque ele é preguiçoso, não quer ler, não quer ler a cópia, quer fazer as respostas e não ler a cópia, está sempre naquela, à espera, pronto que eu diga ou a professora. Está sempre a levantar-se para perguntar, acho que é isso que ele continua, para perguntar como é que é, como é que não é, para fazer as coisas sem...

Preguiçoso

Manipulação
Criança

L – Sem ter o trabalho...

M – ...de ler.

L – Portanto ele quer ver se alguém faz o trabalho por ele para ser mais rápido.

M – É. Pelo menos no ano passado era assim, queria fazer as coisas sem ler.

L – De resto a matemática não tem problemas.

M – Às vezes, pronto...ele agora está a ter nova matéria, está assim ainda um bocadinho...

L – Pois isso é normal enquanto não está ali consolidado, está sempre a colocar dúvidas. Diz aqui que ele é uma criança que bate nos colegas.

Agressivo
Palavrões; Ralhar

M – O que ele está agora é a dizer muitas asneiras, farto-me de ralar com ele, mas está sempre...não é daquelas complicadas, pronto é cocó. Pronto é a palavra, eu estou farta de ralar com ele, e ele continua...

L – Quando é que ele começou a dizer asneiras?

M – Há pouco tempo, dantes dizia «Ó mãe os meus amigos disseram isto, disseram aquilo» agora qualquer coisa...

L – Aqui vai disto.

M – Sim.

L – Nos recreios ...

M – Todos dizem e ele também quer dizer.

Culpa

L – E ele acaba por ouvir, pois...

M – E há lá dois colegas que andam sempre a implicar com ele, se ele leva uma bola, tiram-lhe a bola, depois ele fica muito triste e vai dizer à professora. Mas é dois que estão sempre lha chamar nomes e a embirrar com ele, se eu estou ao pé eles começam «Ó Diogo dá-me um murro, dá-me um murro» e eu disse-lhe «Olha queres que o Diogo te dê um murro, anda cá que eu dou-te, chega-te aqui que eu dou-te». E estou farta e cheia de ver aquilo, às vezes ele está muito sossegado, eles vão por trás e fazem-lhe mal, quando não olhe chamam nomes. E às vezes à saída, ainda ontem eu estava no jardim e passou um de bicicleta e começou «Ó Diogão», isso tudo bem, e depois é assim «Ó Diogão, ó menina», e eu disse para o Diogo «Olha vê lá, vê lá se ele continua a chamar-te menina, eu tenho que chamar a atenção à professora, porque eu não quero nada disto». Porque depois começam a chamar menina, menina eu não estou interessada nisso não é? Mas é uma coisa de chamar nome, e sempre...pronto aqueles dois, eu até já chamei a atenção à professora e ela disse que tem lá mais...acho que um deles anda cá também, é do 4. ano...

Relacionamento
entre pares; Triste

Calmo

Relação materna

Confronto

L – Talvez, mas não é comigo.

M – Se não andou este ano, o ano passado andou, e é outro que é o (*nome*), andam sempre a embirrar com ele, sempre, sempre.

L – E como é que o Diogo reage quando eles de metem com ele?

M – Ó, começa também, se calhar a empurrar, não é, e...depois é assim, às vezes ele está ao pé de mim, e quando ele está ao pé de mim começa-se a armar em esperto também. E pronto, «Ah ele bateu-me...». Houve uma vez que ele bateu primeiro, e eu ralho com ele, seja com ele seja com os outros eu ralho logo. Se ele estiver a fazer mal também ralho. E depois ele (*o colega*), acho que estava a querer bater ao Diogo, e a professora disse-lhe «Porque é que estás a querer bater no Diogo?» «Ah, porque ele ao pé da mãe dele bateu-me» «Então mas tu tens que reagir logo, ao pé da mãe, não é agora». Eu farto-me de ralar com eles, tanto quando o vejo a ele a fazer, como quando vejo o meu. Nessa altura, no 2º ano, havia lá uma menina que andava sempre a empurrá-lo, eu via mais à saída, ela ia atrás dele e empurrava-o ou batia-lhe. Uma coisa que ele tem hábito é ir atrás dos miúdos e dar um estalo (*risos*), eu estou sempre a ralar com ele, pronto tem a mania... Eu digo sempre «Não faças isso, não faças isso», eu sei que ele não é nenhum santo, é como os outros, não é...

Agressivo

Ralar

Agressivo; Ralar

Regras
Comparação

L – Entrou com esta turma para o 1º ano?

M – Foi, desde o 1º ano, e até alguns já estiveram na pré escola com ele.

Jardim-de-Infância

L – Ai ele estava num jardim-de-infância?

M – Esteve, um ano no (*localidade*).

L – Entrou para o jardim-de-infância com 4, 5?

M – 5. Fui lá para ele entrar mais cedo, mas a professora disse...isto foi assim, ele quando era bebé, quando estava na minha barriga, perdi o meu pai pronto, tive montes de nervos, chorava muito.

Falecimento;
Gravidez ansiosa;
Chorar (mãe)

L – Foi uma gravidez complicada.

M – Sim, muitos choros e tudo, por causa da morte do meu pai. Aos 4 anos morreu a minha mãe, e ele passou a infância toda até com ela, que a minha mãe é que tomou conta dele até aos 3 anos, 3 anos e meio, e depois adoeceu e eu tive que sair do emprego para tomar conta da minha mãe e dele. Porque ao fim ele não conseguia fazer as coisas e eu como filha única tive que ajudar. E ele viu a avó adoecer, ficar de cama e passou por aquilo tudo. Eu ainda evitei quando foi o funeral e tudo, mas ele quando foi a altura do carro passar levantou os estores e perguntou o que era aquele carro, pronto, não sei se isto o tenha afectado também. Eu estive a falar com ele na altura e ele disse «Onde é que está a minha avozinha, a

Falecimento
Avó

Ambiente familiar

Causa

minha avozinha?» «A avozinha foi para o céu», porque há uma coisa que...há pessoas que gostam de levar os filhos ao cemitério, eu evitei sempre. Quando o meu pai morreu, a minha mãe ficava com ele no carro e eu ia lá dentro, nunca lá entrei com ele. Ele chegou-me a dizer que queria lá ir ver a avó, mas eu não vou. Houve uma altura no ano passado que a professora, houve um bebé que morreu, e mãe do bebé que era professora, mas não era cá, pediu se podia levar os miúdos, pronto, e as professoras levaram. E acho que a professora disse «Vamos ao cemitério» e ele disse «Não que a minha mãe não quer que eu vá» «A tua mãe não se vai importar» «Ai a minha mãe não gosta, porque a minha mãe nunca vai». E acho que ele depois disse que queria ver a avó, e eu fiquei mesmo...acho que me deviam de ter telefonado...

Falecimento

L – Era isso que eu ia perguntar, se não a tinham avisado...

M – Não! Não avisaram nada, quando eu lá cheguei ele disse-me «Ó mãe nós fomos ao cemitério» «Foram ao cemitério?» «Fomos, morreu um bebé e nós fomos ao cemitério» e eu disse «Isso não pode ser» «Fomos mãe». E eu falei com a professora e disse-lhe que a contínua sabia perfeitamente bem que eu não o levava, que ela às vezes dizia-me «Ai devias levar», mas eu acho que é um sítio muito triste para o levar, não sei se estou a errar se não, mas acho que é um sítio muito triste para...

Confronto

L – Uma criança.

M- Para uma criança. Até posso estar errada não é. Mas para mim é triste quanto mais para uma criança, tanto que ele andava lá a chorar a perguntar onde é que estava a avozinha. O avô nunca o conheceu, só por fotografia, e eu pensei nessa altura, que ele andou...vá lá que o menino é capaz de estar afectado psicologicamente por causa disso, falei até com a professora por causa disso e ela disse que não, que eles aceitavam e até superavam melhor que nós, e deve ser mesmo...Acho que ele agora está a reagir melhor com os colegas...

Tristeza

Causa

L – Portanto a gravidez foi um bocado ansiosa, e em relação ao parto, correu tudo bem?

Gravidez ansiosa
Parto Normal

M – Correu tudo bem.

L- E como é que era o Diogo em bebé, era calmo, era malandro?

M – Era mais ou menos, ele andava era muito depressa de gatas, agora de resto era um bebé calminho, não era assim...

Calmo

L – Dormia bem? Comia bem?

M – Dormia. Era um bocadinho nervoso, talvez por causa...para já, já sou nervosa e depois chorar e essas coisas, se calhar era também...mas pronto era um bebé normal.

Nervoso;
Comparação; Causa

L – Quando é que notava que ele era mais nervoso?

M – Quando nós ralhávamos com ele.

Ralhar

L – O que é que ele fazia?

M – Chorava. Agora ultimamente às vezes...faz birras eu digo que não e ele começa...houve também uma fase que ele dava murros na parede.

Chorar; Birras; C.
Oposição; A. Cólera

L – E quando lhe diz que não?

M – Quando ele...quando ralhava mesmo com ele a sério, ele batia-se com a mão, e eu agarrei-lhe na mão e disse «Queres que a mãe te bata? Ajudo-te a bater» e ele nunca mais fez isso. Pronto eu digo não, e ele «Porque é que não me deixas ver», por exemplo a televisão ou isso, «Eu não fiz nada». Para ele mesmo que ele faça mal, o que ele fez de mal ele diz que não «O que é que eu fiz?». Pronto ele quer é ver televisão.

Ralhar ; Auto-
agressão
Ameaçar

L – Claro. E quando ele faz asneiras, mete-o de castigo, dá-lhe uma palmada?

M – Às vezes dou-lhe uma palmada, outras vezes não o deixo ver televisão, ele gosta muito de ver televisão, não o deixo ver.

Palmada; Castigo

L – E como é que ele reage, fica chateado?

M – Pronto fica triste, mas depois habitua-se...«Porque é que tu fazes isso à mãe, senão a mãe deixa-te ver», depois ele «Ó mãe posso ir ver?» «Não, não sabes que estás de castigo?».

Triste; Manipulação
adulto

Firmeza

L – Ele tenta, não é?

M – Ele tenta, «Ó mãezinha...» depois chega lá diz «Ó mãezinha mas eu amo-te muito» «Está bem se tu me amas muito, não faças mal». Ele é uma criança muito meiguinha, é muito carinhoso, dá beijinhos à irmã «Eu amo-te minha pipoca», ele gosta muito dela.

Testar; Manipulação
Criança

Afectuoso

L – Quantos meses é que ela tem?

M – Tem 1 aninho.

L – Ah, já tem um ano.

M – Fez na sexta-feira

L – E como é que ele reagiu?

M - Ah, adorou.

L – Adorou a ideia de ter um irmão?

M – É. Quando fui fazer a 1ª ecografia para ver o que era, ele foi comigo, e a médica disse-lhe «Então vamos lá ver o que é» «Ai eu sei que é uma mana» e eu disse assim «Olha pode não ser uma mana, pode ser um mano» «Se for um mano, eu jogo à bola com ele, mas eu sei que é uma mana». Tanto que agora ele diz «Eu já sabia que era uma mana, não sabia mãe? Olha a minha mana, gosto tanto dela». Ele adora a mana.

Relação Fraterna

L – Como é que é o horário dele?

M – Entra às 9 e sai ao meio-dia e da 1 e 30 às 15 e 30.

Rotina

L – Ele vai almoçar a casa?

M –Vai.

L – E a seguir às 15 e 30, como é que é?

M – Vai para casa.

L – E os trabalhos de casa, como é que costuma...

M – Ele lancha, faz os trabalhos de casa, e depois se tiver tempo vai brincar, se não... se ele demorar mais tempo que a conta...é horas de jantar, janta e vai para a cama. Está a ver um bocadinho de televisão, mas depois vai dormir.

Trabalhos de casa
Brincar

Rotina

L – E como é que ele é a fazer os trabalhos de casa?

M – Ai isso. Ele quer é despachar, fazer as coisas mais depressa, que é para ficar despachado, para ir brincar. Esta professora manda muitos trabalhos, ele coitadinho às vezes nem tem tempo para brincar nem nada. «Ó mãe estou cansado, eu queria brincar um bocadinho» «Tens que fazer as coisas primeiro» e então está ali a fazer, a fazer.

Apressado

Firmeza

L –E como é ao fim de semana, ele vai brincar, tem actividades...

M – Ele é uma criança que está...pronto, convive muito é com a gente, não tem colegas nenhuns, não tem um colega para brincar. Pronto está ali mais em casa, toma conta da irmã, vê vídeos ou então a jogar snooker, que ele gosta muito. «Ó mãe anda jogar comigo um bocadinho» depois eu vou lá jogo um bocadinho, se ele perde fica todo zangado «Tu nunca perdes...» «Então...»...

Relacionamento
entre pares

Relação Materna;
Zangado

L – Não gosta de perder.

M – Não. Quando eu perco ele fica todo contente...

L – Ele tem alguma actividade, natação, desporto...?

M – Na escola tem natação, que ele só fez duas vezes porque está sempre com tosse e eu não gostava que ele fosse assim, e então agora há duas vezes que já foi, e ficou todo contente.

Actividades;
Doenças

L – Ah, ele gosta.

M - «Ó professora é tão bom» ela diz que nunca viu uma criança tão contente como ele por ir à natação. Lá na escola também tem educação física, agora tem música também. E acho que começou agora dança.

Actividades

L – Bem! Tem muitas actividades na escola.

M – Começou agora. E anda na catequese, às vezes quer brincar um bocadinho, mas é hora de dar o comer, tenho que ir para casa para fazer o comer. Ele às vezes «Não me deixas brincar», mas eu tenho medo, que ele não é assim uma criança que ande sozinha, por causa da estrada eu tenho um pouco de receio, porque ele não pode andar assim na estrada.

Brincar

Medo
Sozinha; Relação
Materna

L – Ele tem 8 anos...

M – 9.

L – Fez 9 agora.

M – Mas ele é uma criança muito carinhosa, muito meiguinha, pronto não é aquela criança assim agressiva. Por exemplo uma coisa que eu noto, e que não sei se é por ele estar muito em casa. Eu tenho um quintal só para mim, mas ouço tantas coisas, roubos e coisas, e então só quando eu estou na rua é que ele vem para a rua, porque de resto está mais em casa. Então quando vai à rua, corre para um lado, corre para o outro, às vezes até lhe digo assim «Pareces um cavalinho a correr para um lado, a correr para o outro», nunca pára quieto.

Afectuoso

Medo

Irrequieto

L – Não consegue andar a passear.

M – É assim se eu vou ao (*supermercado*), ele corre para um lado e corre para o outro, eu digo-lhe assim «Porta-te como deve ser», ainda agora fomos às estufas... das flores, ele andava lá a correr, e era assim a senhora «Ai ele já estava com saudades de vir cá». Correu aquilo tudo, andava a correr, a correr, ai faz uma confusão. Noutro dia entalou um dedo à irmã, ai chorava tanto...

Ralhar

Irrequieto
Chorar; Queda

L – Ele ou a irmã?

M – Ele e a irmã...porque ela vira-se no carro. E ela virou-se e eu ouvi um barulho «Ai meu Deus que ela já me caiu da cadeira» «Ó mãe, ó mãe» «O que foi?» «A mana entalou o dedo». Ele abriu a gaveta porque ela queria ver a roupa dele, e ela enfiou lá o dedo. «Ai queres ver que cortaste o dedo à mana», porque ela tinha o dedo muito inchado. Ele amandou-se para o chão «Ai minha rica mana» «Ó rapaz cala-te», até me estava a fazer confusão, parece que lhe estavam a fazer mal, «Ai a minha rica mana, ai ela entalou o dedo, temos que ir para o hospital».

Ralhar

L – A preocupação dele é a irmã?

M – É. Ele adora a irmã.

L – E à noite para ir para a cama, ele vai bem, quer ver televisão?

M – Às vezes quer ver um bocadinho mais de televisão, outras vezes «Ó mãe estou cheio de sono» «Então vai dormir». Ele às vezes, até o pai vai trabalhar de madrugada e abala cedo, e então ele «Ó mãe posso ir para a tua cama?» «Podes, podes um bocadinho», então ele está ali, ele gosta muito de estar ali na minha cama. Às vezes quando acorda, acorda bem para ir para a escola, outras vezes «Ai estou cheinho de sono» «Deitasses-te mais cedo. Ah tens sono vai dormir» «Não quero ir para a escola». Ele gosta muito de andar na escola.

Dormir

L – Ah.

M – Não. Ele gosta muito de andar na escola, fala a dizer que tem sono, mas gosta muito de ir à escola.

L – Quer ir na mesma.

M – É. Eu até às vezes por causa dela vou ao pão, e ele diz «Já vou chegar tarde, eu quero ir». Ele gosta, gosta da escola. Só que às vezes vem-se queixar que os outros lhe estão a fazer mal, «O que é que lhes fizeste?» «Ó mãe eu também às vezes faço» «Ah!».

L – São crianças.

M – Exacto. Só que aqueles dois andam sempre a implicar, e agora a chamar-lhe menina, e eu não...

L – Não está a gostar.

M – Pois, quem é que gosta.

L – Quais são as maiores dificuldades que sente com o Diogo?

M – Em quê, na escola?

L – Em geral, a professora diz que ele tem mais dificuldades a português

M – Eu acho que ele tem mais dificuldades em português porque ele não lê. Ele tinha uma história para contar, mas tinha que ler primeiro a cópia, «Ó mãe não estou a perceber nada disto» «Mas não estás porquê?» «Ó mãe lê lá cópia» «Lê lá a cópia não, tu é que tens que ler não sou eu». Então começou a ler e depois «Ò mãe já sei como é que se faz, quem é o...», era um nome muito esquisito «Estás a ver, leste já sabes». E depois era fazer uma redacção da história, e ele não estava a conseguir, aquilo era um bocado complicado. E então depois também tenho que lhe explicar alguma coisa, lá lhe expliquei, e ele «Ah já estou a perceber, já vou fazer a história».

Dificuldades
escolares

Trabalhos de casa

L – Com uma pequena ajuda, depois consegue.

M – Porque ele é assim, às vezes põe-se «Ó mãe...» por exemplo, «...Quanto é 3 vezes 7» «Ai não sabes? Olha eu também não» «Ó mãe são 21» «Tu sabes, para que é que tu estás a perguntar?». Porque ele sabe as coisas, mas faz-se... para ver se eu digo «Não, tens de puxar pela cabeça». Mesmo a professora diz que ele tem capacidades, só que é...pronto...

Preguiçoso;
Capacidades

L – Se calhar ele precisa que seja um adulto a confirmar.

M – Pois ele até, a professora chegou uma altura meteu-o mesmo ao pé dela para ele...pronto ele precisa que lhe digam o que é, que ele sabe, mas tem medo de fazer mal.

L – Então precisa que lhe digam que está certo.

M – É. Só que não pode ser, ele a vida toda não pode ser assim, sempre uma pessoa ali a ajudar, ele sabe, só que está naquela coisa, «Será que isto está mal», em tudo, não tem aquela segurança de

Auto-Estima

L – Fazer as coisas...

M – Exacto. Depois é uma criança que é assim, eu também estive doente, quando a minha mãe morreu, depois fiquei com uma ciática, depois passado um tempo tive uma pneumonia, depois ele coitadinho é que me aquecia o leite e levava o comer. Com 4 anos é muito complicado para uma criança, também não sei se isso o terá afectado.

Depressão

Causa

L – Ele sabe fazer as coisas, vestir-se, fazer as coisas dele?

M – Sabe, sabe fazer sandes, eu às vezes é que faço, pronto também...mas sabe aquecer o leite, ao lanche ele é que faz, faz as sandes, se for preciso aquece o comer no microondas, no fogão não deixo, mas no microondas ele sabe fazer. Ele às vezes quer dar também o leite à irmã, no biberão.	Autónomo
L – Ele ajuda nas tarefas lá de casa, a pôr a mesa?	
M – Faz sim, sim, eu às vezes digo «Olha a mãe vai estender a roupa», quando chego, já tenho a mesa posta.	Prestativo
L – Ele lembra-se de fazer, não é preciso pedir...	
M – Sim. Não é preciso, às vezes quer dar pão à irmã, «Não faças isso» «Ó mãe ela quer pão». Não isso ele faz.	
L – Acho que já fiquei com uma ideia do Diogo.	
M – Pronto ele é um preguiçoso, não quer ler a cópia e quer responder às coisas, mas a professora diz que ele agora está um bocadinho melhor, é um malandro.	Preguiçoso Melhoria
L – (<i>marcação da próxima consulta</i>)	
M – Não pode ser à tarde? Era para ver se ele não faltava, que ele já faltou...eu também tive que ir ao médico e a professora já me mandou dizer «Olhe que ele quando falta, não apanha logo as coisas. Já está a faltar muito», se puder ser depois das 15 e 30, mas se não der...	Dificuldades escolares
L – Eu vou ver a agenda.	
M – Há uma coisa que eu queria dizer.	
L – Diga.	
M – Ele com o pai, o pai diz as coisas e ele obedece logo, a mim...ainda agora ele foi a um passeio, ficou todo chateado, porque os outros compraram um gelado ele não levava dinheiro, porque eu não sabia que era para levar, ninguém me disse nada. E então eu falava para ele e ele ia andar e não me ligava nenhuma.	Obediente Zangado C. Oposição
L – Estava chateado...	
M – Todo danado. E eu assim «Então mas chegavas ao pé da mãe e dizias, ó mãe os outros levaram eu não levei, não era assim». Eu «Ó Diogo, Diogo...» e ele...	
L – Nada.	

M- Era a andar, e eu assim «Diogo olha para mim se faz favor». Estava tão danada com ele, porque não é assim não é, uma pessoa está todo o dia cheia de saudades dele... e depois estava a dizer a ele. Porque eu como não tenho mais ninguém, é claro que me ligo muito a eles, agarro-me muito, eles estão sempre comigo, eu até estava a dizer «É pá o dia nunca mais acaba, sinto a falta dele ao almoço». Estava cheinha de saudades e queria que ele viesse ter comigo, que era para eu lhe dar um abraço. Não. Saiu da camioneta com uma cara, aí eu estava tão danada com ele que disse assim «Para a próxima não vais ao passeio». Outro dia foi à (*localidade*), levou o comer, mandei-lhe um saco, que era assim...que ele não conseguiu desatar os nós, às vezes para apertar os atacadores, não consegue. Eu ponho-o a atar e ele não consegue, não se ajeita, a culpada sou eu, eu é que sou a culpada, que eu devia de o pôr...

L – Treiná-lo...

M – É. Ele ficou todo danado porque era horas de comer, à pressa, e ele não conseguia abrir o saco. «Ó Diogo por amor de Deus, pedias à professora ou rompias o saco». Mas ele não...pronto não pensou nisso, então estava todo danado comigo porque eu tinha dado um nó e ele não tinha conseguido desatar. E depois lá comeu à mesma. Mas comeu ao pé de mim, e depois comeu ao almoço à mesma. Às vezes ele come...eu estou farta de dizer «Eu quero que tu comas o teu comer». Porque ele é uma criança que, uma vez não comeu, andou a brincar, lá em casa e sentiu-se mal, e eu disse à professora «Ele tem que comer o lanche». Ele bebe leite em casa, mas tem e comer, e ele disse «Ó professora posso ir lá dentro buscar a minha sandes?» «O bolo que comeste não te chegou?». Porque ele como eu lhe disse que comer ficou todo coiso. «Ó mãe a professora não me deixou comer o meu comer». Assim que saiu da aula foi logo comer. Digo assim «Então estás a comer agora?» «A professora não me deixou comer, comi o bolo do...» «Então comeste já não tinhas fome» «Há mas eu queria comer tudo», mas chega ao almoço e come à mesma.

L – Ele estava com medo de não comer tudo.

Ralhar
Zangado

Relação Materna

Zangado
Manipulação Adulto

Culpa

Zangado

Brincar
Doenças

Dificuldades
Alimentação

M – De não comer tudo. Vamos embora? Bom estou a dizer vamos embora mas não sei se é para ir. Não sei se o que eu disse tem algum valor, eu até falei coisas que não...

L – Tudo ajuda para compreender um bocadinho, para ver quais são os testes de avaliação.

M - Aqueles papéis que eu tenho lá em casa, não sei se lhe mandaram, que a professora mandou da outra Doutora.

L – Não, não mandou nada.

M – Não sei se quer...

L – Se puder trazer na próxima vez, agradecia.

FIM